

Fernanda Borges Ferreira de Araújo

**ANÁLISE DOS PROCEDIMENTOS ENUNCIATIVOS,
ARGUMENTATIVOS E INTERACIONAIS
EM *BLOGS* JORNALÍSTICOS**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2011

Fernanda Borges Ferreira de Araújo

**ANÁLISE DOS PROCEDIMENTOS ENUNCIATIVOS,
ARGUMENTATIVOS E INTERACIONAIS
EM *BLOGS* JORNALÍSTICOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção de título de Doutora em Linguística do Texto e do Discurso.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso
Linha de Pesquisa: Análise de Discurso
Orientador: Prof. Dr. Wander Emediato de Souza

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2011

Tese intitulada *Análise dos procedimentos enunciativos, argumentativos e interacionais em blogs jornalísticos*, defendida por Fernanda Borges Ferreira de Araújo e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores relacionados a seguir:

Prof. Dr. Wander Emediato de Souza – UFMG
Orientador

Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes – UFOP

Prof. Dr. William Augusto Menezes – UFOP

Profa. Dra. Ida Lucia Machado – UFMG

Profa. Dra. Helcira Maria Rodrigues de Lima – UFMG

*Dedico este trabalho ao Rafael,
meu amor, meu porto seguro.*

AGRADECIMENTOS

Desde o início do meu doutorado, contei com o apoio e confiança de inúmeras pessoas, sem as quais esta pesquisa não teria sido possível.

Em primeiro lugar, agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Wander Emediato, pela oportunidade da orientação; por compreender minhas hesitações, que não foram poucas, me incentivando quando demonstrei desânimo, apontando sempre os caminhos certos para seguir em frente; pela competência, dedicação e paciência que conduziu este trabalho;

Ao meu esposo, Rafael, pelo amor, carinho e dedicação; por compreender as horas ausentes dedicadas à tese; pelo apoio e incentivo em todos os momentos desta caminhada;

Aos meus pais, Lúcia e Adelino, pelo amor incondicional; pelo suporte que sempre me deram ao longo de toda a minha vida acadêmica e pela confiança que depositaram em mim;

Aos meus irmãos, Juliana e Mauro Neto, pela amizade verdadeira e companheirismo. E aos meus cunhados, Alexandre e Vanessa, por sempre torcerem por mim;

Aos meus sobrinhos, Eduardo e Natália, que mesmo não compreendendo ainda a relevância de um trabalho acadêmico, foram os que mais me proporcionaram alegria nos momentos de desânimo;

Aos Professores Doutores Helcira Maria Rodrigues de Lima e Cássio Eduardo Soares Miranda, membros da minha Banca de Qualificação, pelas valiosas sugestões que muito contribuíram para a construção de um novo olhar desta tese; por terem mais uma vez aceitado o convite em fazer parte desta Banca;

Aos Professores Doutores Gláucia Muniz e Paulo Henrique Aguiar Mendes, por gentilmente aceitarem o convite para participar da avaliação deste trabalho; em especial, à Professora Doutora Ida Lucia Machado, pelos ensinamentos e gentileza prestados a mim desde o primeiro dia em que cheguei ao POSLIN; e ao meu amigo, Professor Doutor William Menezes, pela atenção, amizade e prontidão com que sempre me ajudou, desde a época em que convivemos e trabalhamos juntos na UFOP, em Mariana;

Aos professores do programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, que abriram espaço, em suas disciplinas, para a discussão de questões relevantes aqui desenvolvidas;

Aos funcionários da FALE/POSLIN, pela eficiência e presteza nas questões burocráticas envolvidas em um curso de pós-graduação;

Aos amigos e colegas da Pós, em especial, à Cláudia, Gilmar, Rosi, Simone, Melissa, Carol e Yumi, por compartilharem comigo minhas angústias, anseios, sonhos... e risadas, proporcionadas em nosso refúgio do estudo, o “Jardim de Minas”.

À Jane Valadares, pela revisão deste trabalho, bem como a colaboração de Rosângela Seba, Ariane Souza e Edite Dias.

À CAPES, pelo suporte financeiro, o que possibilitou o desenvolvimento e realização desta pesquisa;

A todos que contribuíram de diferentes maneiras para a realização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

“Nossa face é esta parte de nós mesmos que colocamos em circulação, ao mesmo tempo em que é destacada de nós pelo olhar dos outros.”

Maurice Mouillaud

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o discurso de três *blogs* jornalísticos, pertencentes a Mino Carta, Reinaldo Azevedo e Luís Nassif, tendo como tema central a sucessão presidencial de 2011, mais especificamente, a disputa entre o candidato José Serra, do PSDB e a candidata do PT, Dilma Rousseff. A tese busca compreender o funcionamento discursivo desses *blogs* a partir da análise das técnicas argumentativas, enunciativas e do funcionamento interacional construído pelos sujeitos, locutor-jornalista e interlocutores-leitores, envolvidos nessa nova prática social de comunicação. O *corpus* deste trabalho engloba dois tipos de textos: os textos centrais, dos locutores-jornalistas, que são o ponto de partida para a discussão promovida nos *blogs*, e os textos de suporte, dos quais participam os leitores, que assumem o papel de interlocutores. Assim, o conjunto de textos analisados compreende 3 (três) notícias centrais e aproximadamente 60 (sessenta) mensagens produzidas pelos leitores pertencentes a esses três *blogs* jornalísticos. Os *blogs* possuem um caráter dialogal diferenciado, uma vez que comportam situações em que é possível a verificação da reação de seus leitores, construindo uma situação mista, entre a situação monolocutiva e a interlocutiva. Para conduzir esta pesquisa, adota-se o instrumental teórico elaborado, principalmente, por Charaudeau, com a Teoria Semiolinguística; Perelman e Tyteca, a partir do Tratado da Argumentação; e Amossy, levando em consideração a sua perspectiva teórica sobre o *Ethos*. Em relação à interação argumentativa nos *blogs*, evidencia-se que a finalidade central nesse tipo de *blog* é opinar. Por outro lado, em meio a uma situação de controvérsia, própria a toda situação argumentativa, nota-se a predominância de interações concordantes orbitando a opinião do jornalista, pois é ele quem de fato coordena essas interações. Assim, a partir da análise dos procedimentos argumentativos, enunciativos e interacionais, busca-se compreender a organização e a estrutura dos *blogs* jornalísticos, as técnicas argumentativas mais recorrentes, como se organiza e se constrói a opinião, os modos de investimento dos Locutores entre si em seus planos de enunciação e a maneira como cada jornalista busca construir a sua própria imagem, ou seja, o seu *ethos*.

RÉSUMÉ

Ce travail a pour objectif d'analyser le discours de trois *blogs* journalistiques appartenant à Mino Carta, Reinaldo Azevedo et Luís Nassif, ayant comme thème central la succession présidentielle de 2011, et plus spécifiquement la dispute entre le candidat José Serra du PSDB et la candidate du PT Dilma Rousseff. La thèse cherche à comprendre le fonctionnement discursif de ces *blogs* à partir de l'analyse des techniques argumentatives, énonciatives et du fonctionnement interactionnel construit par les sujets locuteur-journaliste et interlocuteurs-lecteurs impliqués dans cette nouvelle pratique sociale de communication. Le *corpus* de ce travail englobe deux types de textes: les textes centraux, des locuteurs-journalistes, qui sont le point de départ vers la discussion promue dans les *blogs*, et les textes de support, dans lesquels les lecteurs participent et qui assument le rôle d'"interlocuteurs". Ainsi, l'ensemble de textes analysés contient 3 (trois) nouvelles centrales et approximativement 60 (soixante) messages produits par les lecteurs qui appartiennent à ces trois *blogs* journalistiques. Les *blogs* possèdent un caractère dialogique différencié, une fois qu'ils contiennent des situations où il est possible de vérifier la réaction de ses lecteurs, construisant une situation mixte entre la situation monolocutive et interlocutive. Pour conduire cette recherche, on adopte l'instrument théorique élaboré principalement par Charaudeau, avec la Théorie Sémiolinguistique; Parelman et Tyteca, à partir du Traité de l'Argumentation; et Amossy en considérant sa perspective théorique sur le *Ethos*. Par rapport à l'interaction argumentative dans les *blogs*, il est évident que le but central dans ce genre de *blog*, c'est d'opiner. Par ailleurs, dans une situation de controverse, propre à toute situation d'argumentation, on peut observer la prédominance des interactions qui s'accordent influençant l'opinion du journaliste, car c'est lui qui en fait coordonne ces interactions. Donc, à partir de l'analyse des procédés d'argumentation, énonciatifs et interactionnels, on cherche à comprendre l'organisation et la structure des *blogs* journalistiques, les techniques d'argumentation plus récurrentes, comment on organise et on construit l'opinion, la façon dont les locuteurs s'investissent entre eux dans leurs plans d'énonciation et la manière selon laquelle chaque journaliste cherche à construire sa propre image, c'est à dire, son *ethos*.

ABSTRACT

The present thesis aims to investigate the discourse of three journalism blogs written by Mino Carta, Reinaldo Azevedo and Luis Nassif, having as the central theme of research the race for Brazil's presidential elections for 2011 between the candidates José Serra, of the Social Democratic Party, and Dilma Rousseff, of the governing Workers' Party. The study managed to understand the discursive functioning of these blogs by analyzing argumentative and enunciative techniques, and the interactional dynamics created by the subjects (speakers/journalists and interlocutors/readers) involved in this new social practice of communication. Two types of texts formed the corpus of this research: the main texts written by the speaker-journalists which were the starting points for discussion in the blogs, and the readers'-interlocutors' commentaries or supporting texts. Thus, the total set of texts investigated consisted of 3 (three) main pieces of news and approximately 60 (sixty) readers' commentaries to these three journalism blogs. Blogs have a differentiated dialogical nature as they comprise situations in which readers' reactions can be verified, generating a mixed condition between the monolutive and the interlocutive situations. In order to conduct this investigation, the theoretical background was based on Charaudeau's Semiolinguistics Theory, Perelmam and Tyteca's Treaty of Argumentation, and Amossy's theoretical perspective on *Ethos*. Results indicated that, taking into account the argumentative interaction in the blogs, the main goal of participants was to express their opinions. On the other hand, it was evidenced that, in a controversial circumstance, typical of argumentative situations, there was a predominance of interactions of agreement with the journalists' point of view, because he/she was the one who coordinated these processes. Thus, by analyzing argumentative, enunciative and interactional proceedings, this thesis aimed to understand the journalism weblog organization and structure, the most recurrent argumentative techniques, how individuals construct and structure their opinions, the ways speakers interact with each other in their enunciation plans, and the way each journalist manages to build his/her own image, that is, his/her *ethos*.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 1:	Modalidades enunciativas alocutivas	41
Tabela 2:	Modalidades enunciativas elocutivas	43
Tabela 3:	Modalidades enunciativas delocutivas	45
Tabela 4:	Representação da estrutura argumentativa do texto do Locutor-jornalista	131
Tabela 5:	Representação da modalização enunciativa	133
Tabela 6:	Representação das formas de tratamento interacionais versus expressivas	134
Tabela 7:	Estrutura argumentativa do texto do Locutor-jornalista Mino Carta	138
Tabela 8:	Argumentos do texto do Locutor-jornalista Mino Carta	139
Tabela 9:	Estrutura argumentativa do texto do Locutor-jornalista Reinaldo Azevedo	145
Tabela 10:	Estrutura argumentativa do texto do Locutor-jornalista Luís Nassif	151
Tabela 11:	Argumentos pós e contras do texto do jornalista Luís Nassif	152
Tabela 12:	Modalidades enunciativas do texto do Locutor-jornalista Mino Carta	186
Tabela 13:	Modalidades enunciativas do texto do locutor-jornalista Reinaldo Azevedo	195
Tabela 14:	Modalidades enunciativas do texto do locutor-jornalista Luís Nassif	205
Tabela 15:	Exemplos Formas de tratamento interacionais Blog A	232
Tabela 16:	Exemplos Formas de tratamento expressivas Blog A	233
Tabela 17:	Exemplos Formas de tratamento interacionais Blog B	234
Tabela 18:	Exemplos Formas de tratamento expressivas Blog B	235
Tabela 19:	Exemplos Formas de tratamento interacionais Blog C	237
Tabela 20:	Exemplos Formas de tratamento expressivas Blog C	238
Tabela 21:	Intervenções concordantes e discordantes Blog A	267
Tabela 22:	Intervenções concordantes e discordantes Blog B	268
Tabela 23:	Intervenções concordantes e discordantes Blog C	269
Tabela 24:	Formas de tratamento interacionais e expressivas/Anonimato dos interlocutores Blog A	270
Tabela 25:	Formas de tratamento interacionais e expressivas/Anonimato dos interlocutores Blog B	274
Tabela 26:	Formas de tratamento interacionais e expressivas/Anonimato dos interlocutores Blog C	278

Quadro 1:	Demonstração do processo de interação do blog	102
Quadro 2:	Discurso do jornalista Mino Carta	118
Quadro 3:	Discurso do jornalista Reinaldo Azevedo	121
Quadro 4:	Discurso do jornalista Luís Nassif	124

LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 1:	Blog Reinaldo Azevedo	100
Ilustração 1:	Representação das interações do blog	134
Ilustração 2:	Interações concordantes e discordantes do Blog A	222
Ilustração 3:	Interações concordantes e discordantes das réplicas e trélicas do Blog A ...	223
Ilustração 4:	Interações concordantes e discordantes do Blog B	226
Ilustração 5:	Interações concordantes e discordantes do Blog C.....	230

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
------------------	----

PARTE I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CAPÍTULO 1 SEMIOLINGUÍSTICA: ALGUMAS NOÇÕES TEÓRICAS	24
1.1 O CONTRATO DE COMUNICAÇÃO DO <i>BLOG</i> JORNALÍSTICO	26
1.2 OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO	33
1.2.1 O MODO DE ORGANIZAÇÃO ENUNCIATIVO	37
1.2.1.1 As Modalidades Enunciativas	39
1.2.2 O MODO DE ORGANIZAÇÃO ARGUMENTATIVO	46
1.2.2.1 A argumentação sob a óptica da racionalização.....	53
1.3 O DISCURSO ARGUMENTATIVO SOB A PERSPECTIVA POLÍTICA	55
CAPÍTULO 2 ALGUNS ASPECTOS DO TRATADO DA ARGUMENTAÇÃO	60
2.1 LÓGICA <i>VERSUS</i> RETÓRICA	60
2.2 ARGUMENTAÇÃO PERSUASIVA <i>VERSUS</i> CONVINCENTE	63
2.3 AUDITÓRIO PARTICULAR <i>VERSUS</i> UNIVERSAL	64
2.4 REAL <i>VERSUS</i> PREFERÍVEL	66
2.5 ARGUMENTAÇÃO <i>VERSUS</i> DEMONSTRAÇÃO	70
CAPÍTULO 3 O <i>ETHOS</i> SOB DIFERENTES ABORDAGENS	75
CAPÍTULO 4 A DIMENSÃO DIALOGAL DO <i>BLOG</i>: UMA ABORDAGEM INTERACIONISTA	86

PARTE II

CONTEXTUALIZAÇÃO DO *CORPUS* E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

CAPÍTULO 1 O UNIVERSO VIRTUAL	92
1.1 <i>BLOG</i>: DEFINIÇÃO	95
1.2 O DISCURSO MIDIÁTICO DA INFORMAÇÃO	103

1.3 O DISCURSO DOS <i>BLOGS</i> JORNALÍSTICOS COMO UMA NOVA PRÁTICA SOCIAL	105
1.4 A QUESTÃO DA IDENTIDADE DOS SUJEITOS NOS <i>BLOGS</i>	111
1.5 APRESENTAÇÃO DOS <i>BLOGS</i> JORNALÍSTICOS DA PESQUISA	114
1.5.1 <i>BLOG</i> DO JORNALISTA MINO CARTA	117
1.5.2 <i>BLOG</i> DO JORNALISTA REINALDO AZEVEDO	120
1.5.3 <i>BLOG</i> DO JORNALISTA LUÍS NASSIF	122

CAPÍTULO 2 MÉTODOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE	127
2.1 ORGANIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	127
2.2 METODOLOGIA DE DESCRIÇÃO	130

PARTE III
ANÁLISE DOS DADOS

CAPÍTULO 1 ASPECTOS ARGUMENTATIVOS	137
1.1 SOB A PERSPECTIVA DA SEMIOLINGUÍSTICA	137
1.2 SOB A PERSPECTIVA DA NOVA RETÓRICA	159

CAPÍTULO 2 A MODALIZAÇÃO ENUNCIATIVA	185
---	-----

CAPÍTULO 3 O QUADRO INTERACIONAL	216
3.1 FUNCIONAMENTO INTERACIONAL	216
3.2 FORMAS DE TRATAMENTO INTERACIONAIS E EXPRESSIVAS	230
3.3 ANONIMATO DOS INTERLOCUTORES E AS FORMAS DE AUTORREFERÊNCIA	240

CAPÍTULO 4 O <i>ETHOS</i> DOS JORNALISTAS	244
<i>Blog A</i> Mino Carta	244
<i>Blog B</i> Reinaldo Azevedo	247
<i>Blog C</i> Luís Nassif	249

CONSIDERAÇÕES FINAIS	252
-----------------------------------	-----

REFERÊNCIAS258

APÊNDICES267

INTRODUÇÃO

O século XXI vem se destacando por revolucionar os meios de comunicação, sendo o computador o principal suporte de veiculação dessas novas possibilidades de interação. Tal como o uso dos computadores, também a Internet se torna uma ferramenta indispensável em nossos dias, oferecendo um vasto conjunto de serviços, tais como, comércio eletrônico, *sites* de relacionamento, pesquisas, *chat* (conversação), *e-mail*, *blog*, *twitter*, *facebook*, dentre outros.

Em todo o mundo, estima-se que o número de usuários da Internet seja de cerca de 1,8 bilhões, sendo que, em 2010, o Brasil ocupou o 5º lugar, com cerca de 72 milhões de usuários, atrás somente da China, dos EUA, do Japão e da Índia.¹ A Internet é uma rede mundial de computadores interligados, e possui o mais vasto repertório de informação e serviços que, com apenas um clique, podemos pesquisar os mais variados assuntos. A Internet foi a invenção que mais rapidamente se popularizou no mundo, quando comparado com a televisão, telefone, rádio, etc., atingindo 50 milhões de usuários em apenas quatro anos.²

O número de usuários tende a aumentar de ano para ano, porque cada vez mais esse mundo digital – propiciado pelo acelerado desenvolvimento da informática – assume um papel fundamental em nossas vidas, uma vez que, em praticamente todos os assuntos existentes, a Internet tem informações, respostas e explicações.

Nesse âmbito dos estudos relacionados à Internet, Marcuschi (2005) afirma que:

É inegável que a tecnologia do computador, em especial com o surgimento da Internet, criou uma imensa rede social (virtual) que liga os mais diversos indivíduos pelas mais diversificadas formas numa velocidade espantosa e, na maioria dos casos, numa relação síncrona. Isso dá uma nova noção de interação social. (MARCUSCHI, 2005, p. 20)

1 Disponível em: <http://www.avellareduarte.com.br/projeto/conceituacao/conceituacao1/conceituacao14_internetBrasil2010.htm> Acesso em: 17 dez. 2010.

2 Disponível em: <<http://www.industriavirtual.com.br/default.aspx?pagegrid=pages&pagecode=18>> Acesso em: 20 set. 2009.

Partindo dessa abordagem, é com especial interesse nessas questões ligadas ao espaço cibernético que direcionamos nossa atenção para o funcionamento discursivo de uma das possíveis formas de comunicação presentes nesse universo digital, a saber: os *blogs*.³

Blog é um canal de interação na Internet, uma espécie do gênero “diário”, em que são publicadas diariamente notícias relacionadas à finalidade que se propõe o universo escolhido pelo seu criador, que varia de relatos triviais do dia a dia a relatos jornalísticos. Contudo, de uma maneira ou de outra, o que se busca com essa nova forma de comunicação é uma interação com seus interlocutores, isto é, com os leitores que acessam e se expressam por esse meio digital.

Portanto, com o olhar voltado para um discurso produzido por uma nova prática social, nosso propósito de análise é investigar as técnicas argumentativas, as modalidades enunciativas e o funcionamento interacional construído pelos participantes em suas mensagens postadas em *blogs* jornalísticos em torno da temática da sucessão presidencial referente às eleições de 2010.

Por esse viés, nosso objetivo também é compreender a construção do *ethos* pelos três autores pertencentes ao quadro contextual dos *blogs* jornalísticos, a saber: Mino Carta, Reinaldo Azevedo e Luís Nassif. Desse modo, o exame volta-se para *blogs* produzidos por jornalistas que pertencem à mídia⁴ brasileira e que estejam, de alguma maneira, em exposição no contexto atual. A fim de adquirirmos uma temática mais homogênea, selecionamos como tema norteador das notícias o debate ocorrido no ano de 2008 sobre a sucessão presidencial pós-Lula, que ocorreu nas eleições de 2010. Logo, cada *blog* pesquisado apresenta uma notícia⁵ relacionada ao tema em questão. Mais especificamente, os textos mencionam, sob pontos de vistas diferentes, uma suposta disputa à Presidência da República entre os candidatos José Serra, do PSDB e Dilma Rousseff, do PT.

3 Reservamos um capítulo para um desenvolvimento mais detalhado do conceito de blog e seu funcionamento na segunda parte desta pesquisa.

4 O termo mídia neste contexto se refere aos meios de comunicação em massa, como por exemplo: a televisão, o rádio, o jornal, a revista, a internet.

5 Apesar de o texto dos *blogs* selecionados apresentar a opinião do jornalista acerca de uma dada notícia, consideramos esse texto também como notícia por ser um acontecimento atualizado, divulgado por jornalista e publicado em um meio apropriado para tal. Ou seja, para a utilização desse termo, levamos em consideração o fato de que muitas pessoas recorrem a esse tipo de comunicação para buscar informações relacionadas ao universo jornalístico.

Ou seja, as notícias que abordam essa temática são o ponto de partida para as interações promovidas nos *blogs*, incitando o “jogo” comunicativo entre locutor e interlocutores, propiciando, assim, a investigação e análise de determinados aspectos, a fim de captar o *ethos* dos jornalistas dos *blogs*.

Para tanto, selecionamos como *corpus* de partida três notícias apresentadas nos *blogs* entre os dias 01 de outubro e 12 de dezembro de 2008, e as mensagens postadas no suporte em reação aos textos dos jornalistas. Assim, a primeira notícia analisada é de autoria do jornalista Mino Carta, postada em seu *blog*, hospedado pelo portal do IG, no dia 08 de dezembro de 2008, sob o título: *Lula e as eleições*. O segundo *blog* pertence ao jornalista Reinaldo Azevedo e sua página encontra-se hospedada pelo portal da *Revista Veja*. Sendo que a notícia selecionada foi postada no dia 12 de dezembro de 2008, intitulada: *Uma vez autoritária... Ou: ela ainda está no estágio Massinha I*. Por sua vez, a terceira e última notícia analisada pertence ao *blog* do jornalista Luís Nassif, sendo seu texto intitulado *Sobre Serra e Dilma*, postado no dia 01 de outubro de 2008, por meio do portal UOL.

Justificamos a escolha dos jornalistas por tratar-se de sujeitos considerados, em seu meio profissional, figuras polêmicas devido a declarações e revelações explícitas de suas posições partidárias ligadas à política e outros temas, sendo essa parcialidade demonstrada e percebida em seus *blogs* e outros canais midiáticos. A razão de escolhermos jornalistas “conhecidos” da mídia é que nos possibilita e proporciona investigar os procedimentos de análise propostos a partir de um conhecimento prévio do pensamento político declarado por tais jornalistas.

Em relação à escolha dos textos dos jornalistas, que passaram a compor nosso *corpus*, a mesma se justifica por nos parecerem representativos no que se refere aos procedimentos enunciativos e argumentativos desenvolvidos nesse tipo de situação comunicativa e por nos permitir uma análise contrastiva, já que cada um possui um olhar característico e diferenciado acerca da política. No que tange à escolha de um canal midiático de comunicação virtual, salientamos que os *blogs* possuem uma interação que não se esgota somente em reações imaginárias por parte dos locutores, mas em uma concreta percepção do pensamento dos interlocutores, uma vez que os *blogs* abrem espaço em sua configuração para a expressão das opiniões de sua comunidade de leitores. Nesse sentido, ressaltamos o fato de que as respostas de determinados interlocutores também fazem parte de nosso *corpus*, porém, elas funcionam,

a priori, como um suporte às análises dos textos dos jornalistas na medida em que fomos percebendo as suas contribuições para o entendimento da dinâmica interacional dos *blogs*.

Desse modo, fizemos um recorte da recepção devido à quantidade de respostas “deixadas” pelos interlocutores, o que inviabilizaria, pela sua extensão, uma análise mais apurada e merecida dessas intervenções. Assim, fizemos um recorte em razão do direcionamento do assunto tratado, selecionando os textos dos leitores que mais se aproximavam da dimensão temática abordada, visto que, encontramos respostas que nada tinham a ver com o tema central dos *blogs* pesquisados. Por esse prisma, para cada *blog* pesquisado, selecionamos aproximadamente 20 intervenções realizadas por interlocutores a partir da notícia pesquisada, bem como intervenções dos próprios jornalistas em respostas direcionadas diretamente a um ou outro interlocutor.

Portanto, para conduzir esta pesquisa, utilizamos o instrumental teórico elaborado, principalmente, por Charaudeau, Perelman e Tyteca, e Amossy. Para dar procedimento à análise dos *blogs* jornalísticos, adotamos como uma das perspectivas de conhecimento a Análise do Discurso, mais especificamente a Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau, por entender a linguagem como uma troca dinâmica entre os interlocutores de uma situação comunicativa, sendo essa situação monolocutiva ou interlocutiva. Bem como o Tratado da Argumentação, desenvolvido por Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, por tratar de questões sobre a argumentação relacionadas à linguagem, à lógica e ao conhecimento de uma maneira geral. E ainda, a concepção de *ethos* defendida por Ruth Amossy, por inserir seus estudos em um quadro argumentativo, tomando como inspiração também a análise do discurso e, portanto, levando em consideração a interação verbal existente entre os interlocutores, trabalhando, assim, o *ethos* em uma perspectiva discursiva e institucional. Também tomamos como referência alguns postulados fundamentais do estudo das interações, a partir de Kerbrat-Orecchioni, como subsídio para podermos lançar o nosso olhar próprio sobre o funcionamento dos *blogs*, já que eles possuem uma dimensão dialogal importante.

Quando destacamos as interações nos *blogs*, evidenciamos que o objetivo central desse tipo é opinar. Assim, existem, de maneira dominante, interações concordantes orbitando a opinião do locutor-jornalista, que é quem coordena, de fato, as interações. De outro lado, há também algumas interações discordantes que surgem, o que dá ao *blog* uma dimensão também heterogênea em termos da organização dos pontos de vista ali inseridos.

Desse modo, defendemos a ideia de que a argumentação, em especial, nesse tipo de *blog* é predominantemente intracomunitária. Isto é, forma-se ao curso das interações e de um conjunto de opiniões convergentes e orientadas uma espécie de comunidade de espíritos (na acepção de Perelman) à qual se vem confrontar, minoritariamente, a um ponto de vista discordante. Portanto, isso nos permitirá comparar os *blogs* entre si.

Quer dizer, defendemos o fato de que os *blogs* jornalísticos funcionam com base em uma encenação de interações discordantes e concordantes, com predominância das interações concordantes, cuja finalidade é a construção de uma comunidade de espíritos (comunidade de doxa, de opiniões convergentes, etc.). Com base nisso, e de maneira estratégica, surge a questão do *ethos*, por meio do qual o jornalista organiza melhor e constrói essa comunidade opinativa.

Privilegiando, então, nossa análise sob o ponto de vista das três tendências modernas de estudo explicitadas acima, buscamos problematizar as seguintes questões de pesquisa: como o autor do *blog* organiza e estrutura, em termos argumentativos, o texto de seu *blog* e quais as técnicas argumentativas mais recorrentes? Como se organiza e se constrói a Opinião nos *blogs* selecionados, analisando os modos de investimento dos locutores em seus planos de enunciação e seu modo de expressão modal? E quais as estratégias para a construção dessa Opinião a partir das escolhas das modalidades enunciativas? Como se constrói a relação Locutor-Interlocutor nesse tipo de *blog*? De que modo o funcionamento interativo pode interferir e influenciar na imagem que o jornalista constrói de si mesmo? Quais são os valores mobilizados na argumentação em torno da temática da sucessão presidencial? E, enfim, como se constitui o *ethos* do jornalista em cada texto do *blog* pesquisado?

Portanto, buscamos, através da análise desta pesquisa, reunir provas que justifiquem a abordagem dessa problemática e assim selecionar as questões colocadas acima. Nesse sentido, apresentaremos a teoria, dentro do possível, perpassando paralelamente pelo contexto do *corpus* a ser analisado, para iniciar o processo que busca investigar como se constitui o *ethos* dos três jornalistas selecionados.

Desenvolveremos, então, nosso estudo a partir de três pontos centrais: fundamentação teórica, descrição do *corpus* e metodologia e análise dos dados. A parte I é composta por 4 capítulos, nos quais discutiremos aspectos relacionados às teorias de base. Assim, no capítulo 1,

traçaremos algumas noções teóricas relevantes da Semiologia, de Charaudeau, destacando os modos de organização do discurso enunciativo e argumentativo, bem como uma contextualização do discurso sob uma perspectiva política. O capítulo 2 é reservado para destacarmos alguns aspectos do Tratado da Argumentação, desenvolvido por Perelman e Tyteca, apresentando os pontos importantes dessa teoria para nossa abordagem. No capítulo 3, focaremos nosso olhar na conceituação do *ethos*, tendo como principal influência os estudos de Amossy. E por fim, o capítulo 4 destina-se a abordar alguns conceitos relevantes dos estudos sobre as interações para subsidiar a nossa análise desse suporte que, como dissemos, possui uma dimensão dialogal importante.

Já a parte II divide-se em 2 capítulos e é destinada à apresentação do *corpus* e à metodologia de análise. Assim, cabe ao primeiro capítulo a contextualização do meio em que os *blogs* estão inseridos: o universo virtual, caracterizando nosso objeto de análise, o *blog*, o discurso nele produzido como uma nova prática social, a questão da identidade dos sujeitos envolvidos e finalmente a apresentação dos textos dos *blogs* selecionados como *corpus* de pesquisa, além de um breve perfil dos jornalistas analisados.

No segundo capítulo, explicitaremos os procedimentos metodológicos de análise, destacando a organização do *corpus* e a metodologia de descrição. Assim, nesse último capítulo, destacaremos os métodos utilizados para a investigação das trocas discursivas presentes nos *blogs*, bem como as categorias de análise selecionadas que buscam dar conta de todo o processo discursivo que envolve esta pesquisa.

Partimos então para a parte III da pesquisa, que corresponde às análises dos dados, divididas em 4 capítulos. No primeiro capítulo analisaremos a dimensão argumentativa dos textos. Assim, estruturamos esse capítulo de modo que focalizaremos primeiro a argumentação sob a óptica da Semiologia, investigando a questão da problematização, do quadro de questionamento e provas. Em seguida, sob a abordagem da Nova Retórica, em que trabalharemos com as técnicas argumentativas utilizadas pelos jornalistas selecionados. No capítulo 2, focaremos nossa análise na modalização enunciativa, buscando evidenciar as estratégias de enunciação utilizadas para a construção da Opinião colocadas em cena pelo locutor do *blog*, descrevendo a produção de seus efeitos em cada *blog* pesquisado.

No capítulo 3 trataremos de descrever o funcionamento interacional dos *blogs*, enfatizando o quadro das intervenções concordantes e discordantes, assim como a forma de tratamento e as reações mais recorrentes pelos interlocutores no momento de expressarem sua opinião nos *blogs*. Portanto, as interações produzidas pelos interlocutores são de suma relevância, principalmente para o contexto desse capítulo. Para finalizar, o capítulo 4 corresponde ao fechamento desses três primeiros, na medida em que formos reunindo as contribuições trazidas por essas análises, a fim de captarmos o *ethos* construído pelos jornalistas investigados, descrevendo, assim, uma por uma da problemática do questionamento levantado por nós nesta pesquisa.

PARTE I
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CAPÍTULO 1 SEMIOLINGUÍSTICA: ALGUMAS NOÇÕES TEÓRICAS

Para a análise do discurso, a linguagem deixa de ser considerada apenas como uma forma de transmitir informação e passa a ser considerada como um meio dinâmico de interação entre os sujeitos, quer seja essa interação sob a forma de uma situação monolocutiva ou interlocutiva, quer seja sob a oralidade ou a escrita.

Partindo desse prisma, o sentido da linguagem se constrói a partir do “eu” e do “outro” em uma situação comunicativa. Assim, o discurso é uma atividade social praticada pelos sujeitos da interação. Na análise do discurso é destacada a importância e a necessidade do quadro contextual, levando em consideração as características sociopsicológicas dos sujeitos envolvidos em uma determinada situação de tempo e espaço.

Assim, dentro da perspectiva da análise do discurso, destacamos a Teoria Semioliológica, de Patrick Charaudeau. Essa corrente teórica propõe a construção de um contrato de comunicação entre os interlocutores a partir de um ato de linguagem.

O termo discurso é conceituado então por Charaudeau (2008a) em função de dois sentidos: um ligado ao fenômeno da encenação do ato de linguagem, que abrange o circuito inteiro (lugar de organização do Dizer) e o outro sentido ligado aos saberes partilhados, que compreende o circuito externo (lugar do Fazer psicossocial), saberes que são construídos pelos sujeitos de um determinado grupo social. Em suma, o discurso se encontra no circuito interno.

Dessa maneira, o Dizer e o Fazer fazem parte do ato de linguagem e correspondem a uma expectativa de significação. Nesse ato de linguagem encontram-se quatro sujeitos: dois parceiros e dois protagonistas. Esses sujeitos, de acordo com Charaudeau (2008a), não são indivíduos precisos nem coletivos, eles são a sede da produção e da interpretação da significação, dependendo do papel e do lugar que ocuparem no ato de linguagem.

Entende-se como parceiros o sujeito comunicante (EUc) e o sujeito interpretante (TU_i). Esses parceiros fazem parte do circuito externo, lugar do Fazer psicossocial, na encenação do ato de

linguagem. Esses sujeitos só existem na medida em que eles se reconheçam em um estatuto imaginário por eles mesmos, daí a relação contratual.

Essa relação contratual estabelecida pelos parceiros depende de três tipos de componentes situacionais, que são o comunicacional, o psicossocial e o intencional. O comunicacional está relacionado ao quadro físico do ato de linguagem, como por exemplo, se os parceiros estão presentes na interação, se eles se veem, se são únicos ou vários e se o canal que eles utilizam para a interação é o oral ou o gráfico. O psicossocial está relacionado ao estatuto que legitima que os parceiros se reconheçam, por meio da idade, sexo, profissão, relação de parentesco, etc. E o intencional diz respeito ao conhecimento, de forma imaginária, que os parceiros possuem um dos outros, por meio dos saberes partilhados por eles.

Os protagonistas do ato de linguagem compreendem o sujeito enunciador (EUE) e o sujeito destinatário (TUD). Esses protagonistas fazem parte do circuito interno, da organização do Dizer. São denominados de seres de fala e assumem diversos papéis, dependendo da atribuição dada pelos parceiros do ato de linguagem.

Um ato de linguagem, para ser compreendido pelo sujeito interpretante da situação, é necessário que leve em consideração as “circunstâncias de discurso”, caso contrário, o interlocutor pode construir para si mesmo imagens que não condizem com o que o sujeito comunicante está de fato querendo dizer, ocorrendo, assim, uma assimetria no ato comunicativo.

Ressaltamos que Charaudeau (2008a) designa os termos de locutor/interlocutor para os parceiros quando estes pertencerem a uma situação de comunicação interlocutiva, isto é, no momento em que os parceiros se encontram face a face e utilizam a oralidade para se comunicarem. Já os termos *scriptor*/leitor são designados também para os parceiros, porém quando fizerem uso da escrita, em uma situação monolocutiva, não dialogal.

Entretanto, tomando como exemplo nosso *corpus*, entendemos que tanto uma quanto a outra designação servem para identificar os parceiros da relação contratual do *blog*, já que se trata de um canal gráfico, e embora a escrita seja sua forma de comunicação, não poderíamos dizer que ele possui uma situação somente monolocutiva, uma vez que ocorre o diálogo entre eles.

Ou seja, nesse caso, há sim a possibilidade de um diálogo, embora não aconteça de forma imediata.

Visto isso, Charaudeau (2008a), como citado anteriormente, pontua que um ato de linguagem, com seu circuito externo - relacionado ao contrato entre os parceiros, e seu circuito interno - relacionado à encenação do dizer entre os protagonistas, refere-se à totalidade da encenação da linguagem.

Nesse sentido, podemos dizer, por meio das designações propostas por Charaudeau, que o sujeito comunicante, ou sujeito produtor (EUC), é o emissor da mensagem em um determinado ato de linguagem, e o sujeito interpretante, ou sujeito-interlocutor (TUi), é o receptor dessa mensagem. Porém, esse TU só construirá a mensagem tal e qual foi emitida pelo EU se considerar todo o contexto discursivo da situação.

Entretanto, caso não ocorra a interpretação correta da mensagem, pode significar que o TU-interpretante não coincide com o TU-destinatário, isto é, o EU-comunicante emite uma determinada mensagem, imaginando ser interpretada de uma maneira pelo TU-destinatário. Porém, não ocorrendo tal compreensão, tem-se, como consequência, uma interpretação diferente da esperada pelo sujeito-comunicante.

Esse jogo de interpretação dos sujeitos participantes de um ato de linguagem demonstra que não basta apenas o sujeito emitir uma mensagem para que o outro sujeito a receba, o processo de produção/interpretação da mensagem é mais complexo quando saímos de uma visão unidirecional da comunicação. Como afirma Charaudeau (2008a, p. 45), “o ato de linguagem torna-se então um ato *inter-enunciativo* entre *quatro sujeitos* (e não 2), lugar de encontro imaginário de dois universos de discurso que não são idênticos.”

1.1 O CONTRATO DE COMUNICAÇÃO DO *BLOG* JORNALÍSTICO

Nesse âmbito, com base no quadro contextual definido por Charaudeau (2008a), construímos, de uma maneira geral, um contrato de comunicação de um *blog*, cujo autor é um jornalista, brasileiro, e, portanto, publica em seu *blog* notícias relacionadas ao universo jornalístico do

dia a dia, em especial, no caso dos *blogs* pesquisados, notícias que se referem à sucessão presidencial.

Para fins explicativos, utilizamos os próprios personagens do nosso *corpus* para facilitar o entendimento desses quatro sujeitos que fazem parte do contrato de comunicação. Assim, considerando o *blog* em uma perspectiva semiolinguística, podemos observar os quatro sujeitos da linguagem da seguinte maneira: dois responsáveis pela produção e dois responsáveis pela interpretação. O sujeito comunicante (EUC), nesta pesquisa, representa o sujeito enquanto autor e dono do *blog*, responsável por postar e produzir as notícias, obedecendo a determinadas regras impostas pelo portal; o sujeito enunciador (EUE) refere-se ao escritor/enunciador jornalista do *blog*, que assume diferentes posições e pontos de vista no fio de seu discurso. A profissão “jornalista” é necessária para especificar que o sujeito comunicante “se veste” desse personagem no momento da escrita e da seleção das notícias veiculadas em seu *blog*, uma vez que o EUE é o responsável pela enunciação.

Já os dois últimos sujeitos da linguagem estão relacionados aos leitores dos *blogs*. O sujeito destinatário (TUD) trata-se do interlocutor imaginado pelo EUC como leitor ideal do *blog* e o sujeito interpretante (TUI) relaciona-se aos leitores reais dos *blogs*, o que, como vimos anteriormente, pode ou não coincidir com o sujeito imaginado pelo EUC, uma vez que é ele o sujeito responsável, de fato, pela interpretação da mensagem emitida pelo EUE. Assim, o TUI pode se identificar ou não com o TUD imaginado pelo EUC. Além disso, ele pode ser também imaginado como possuidor de certas tendências de opinião e de certos questionamentos sobre o quadro político, social ou econômico do país. Esses quatro parceiros fazem parte de um contrato de comunicação constituído no espaço *blog* e estão ligados por um mesmo interesse: informações sobre o quadro político brasileiro e do mundo.

Como vimos, os sujeitos comunicantes e interpretantes podem interagir entre si. Quer dizer, o sujeito interpretante (TUI), a partir do momento que aceita participar da interação, postando sua mensagem e incitando o jornalista ou outros leitores, assume um novo papel, não mais de um simples leitor interpretante, mas agora de um novo sujeito comunicante (EUC) que põe em cena, portanto, seus próprios enunciadores (EUE). Com isso, instaura-se uma situação que poderíamos chamar de interlocutiva, embora os interactantes não estejam face a face. Vale ressaltar que nas interações face a face, como explica Kerbrat-Orecchioni (2000, p. 67):

(...) a pressão do destinatário é máxima, e a menor de suas reações pode vir modificar a atividade do locutor na situação [...]. Quando, por outro lado, o emissor A se dirige a um destinatário B ausente, a influência de B sobre A se reduz à imagem que A se constrói das reações de B à mensagem que ele lhe destina.”⁶

Assim, como enfatiza a autora supracitada, as diferentes situações discursivas não apresentam todas o mesmo grau de interatividade, lembrando que certas situações escritas podem apresentar um forte grau de interatividade, como é o caso dos atuais meios eletrônicos de comunicação, *chats*, *MSN*, e, no nosso caso, os *blogs*. Por outro lado, situações orais podem apresentar baixo grau de interatividade, como as conferências, por exemplo.

O problema do reconhecimento é outro elemento fundamental para a compreensão do fenômeno comunicativo. De acordo com Charaudeau (2008a), o sujeito que fala sempre deve estar legitimado para tal. Assim, em um *blog*, por exemplo, desde que os sujeitos reconheçam (e respeitem) o funcionamento de seu estatuto, e os papéis que devem e podem desempenhar, estão legitimados para se comunicarem. Em um ato comunicativo também é fundamental o reconhecimento do direito à palavra e da identidade do sujeito falante. Assim, para que a comunicação se realize, é preciso também construir um sentido na linguagem que esteja adaptada às condições da situação comunicativa.

Esse sentido da linguagem se constrói não só pelo explícito, pelo que é dito no momento do enunciado, mas também se constrói pelo implícito, pelo que aparentemente não está visível, mas que atua no processo de produção e de interpretação do sentido. A noção de contrato de comunicação constitui uma dimensão igualmente fundamental para o funcionamento da comunicação.

Buscando definir os parâmetros que regulam o contrato de comunicação, Charaudeau (2008a) propõe considerar a realização simultânea de quatro princípios, a saber: de interação, de pertinência, de influência e de regulação. São eles indispensáveis para a construção do contrato de comunicação e são, para nós, importantes para a compreensão do funcionamento dos *blogs*.

O princípio de interação diz respeito ao fenômeno de troca entre os parceiros. Esses parceiros podem se encontrar em uma relação em que não há simetria, já que um sujeito é responsável

⁶ Tradução nossa.

pela produção e emissão da palavra e o outro a recebe e a interpreta a sua maneira. Os parceiros podem estar também ligados pelo reconhecimento dos papéis que eles possuem, ou seja, cada parceiro tem sua função já legitimada no ato comunicativo: um é o parceiro locutor e o outro interlocutor, que por sua vez cabe o papel de interpretação da mensagem emitida por esse locutor, assim, resultando em um processo de coconstrução.

No contexto do *blog* jornalístico, o princípio de interação entre os parceiros está relacionado ao reconhecimento dos papéis que o parceiro-locutor-jornalista do *blog* e o parceiro-interlocutor-leitor desse *blog* possuem, isto é, está legitimado que primeiro o jornalista emite sua mensagem e cabe ao leitor interpretá-la e se achar conveniente, expressar sua opinião. Embora não seja uma regra, o locutor jornalista pode ainda argumentar sobre a opinião deixada, provando que esse princípio realmente faz parte de um processo de coconstrução dos parceiros no ato de linguagem.

O princípio de pertinência determina que, em primeiro lugar o interlocutor pressuponha que o locutor possua uma intenção de fala para que se inicie o ato de linguagem. E em segundo lugar que eles compartilhem alguns saberes, valores e normas para que haja possibilidade de efetivação do ato comunicativo.

Assim, relacionado ao ato de interação, o princípio de pertinência no *blog* está ligado ao fato de que o locutor-jornalista tem que ter sempre uma intenção de fala, como realmente o faz ao postar suas notícias, e o interlocutor-leitor aproveita dessa motivação do ato de linguagem para interpretá-la e construir seu comentário, também postado no *blog*. Porém, a intenção de fala do sujeito comunicante deve ser relevante para os participantes da troca, ou seja, o tema tratado e os saberes envolvidos devem ser de interesse para a troca comunicativa e reconhecidos, portanto, como pertinentes.

O princípio de influência está relacionado ao uso de estratégias discursivas. Cada sujeito formula e utiliza a estratégia que for conveniente para a comunicação com seu parceiro, assim poderá usar estratégias de credibilidade, sedução, convicção, etc. Esse princípio nos mostra que cada ato de comunicação vai fazer com que o sujeito busque diferentes tipos de estratégias para favorecer interesses próprios. Porém, é preciso ressaltar que a todo projeto de influência se constrói um projeto de contrainfluência da parte do interlocutor.

A partir desse princípio, podemos dizer, então, que no *blog* o sujeito locutor lança mão de estratégias discursivas no momento da postagem da notícia selecionada para que influencie seu leitor a concordar com ele. Assim, por exemplo, em uma notícia que critica negativamente o Presidente da República, o jornalista vai procurar estratégias na linguagem e em sua argumentação para que o leitor se convença do que ele está dizendo. Porém, sabemos que a interpretação da mensagem não é única e o resultado pode ser contrário ao esperado por esse locutor, o que seria demonstrado por meio de um comentário que expusesse um descontentamento em relação à mensagem, isto é, o leitor estaria correspondendo uma ação de contrainfluência, e também utilizando estratégias discursivas a seu favor, correndo o risco até da perda da identidade desses parceiros.

Por fim, o princípio de regulação também implica a questão das estratégias, porém com a finalidade de garantir que um ato comunicativo siga em frente ou que seja rompido. Desse modo, as estratégias estão relacionadas à aceitação e à rejeição da palavra do outro; valorização e desvalorização do outro; reivindicação e afirmação da identidade do locutor, que será construída ou transformada como uma estratégia para favorecer a si próprio e, ao mesmo tempo proteger, quando for importante para a manutenção do diálogo, a face do parceiro.

Esse princípio, juntamente com os outros, está presente no *blog* na medida em que o locutor jornalista faz uso de estratégias não só no momento da emissão da notícia, mas também e principalmente no momento da tréplica, quando ele responde a réplica do leitor, isto é, quando ele determina se quer dar continuidade a um determinado assunto ou se ele quer fechá-lo de vez, ou então quando o locutor jornalista valoriza ou desvaloriza o seu leitor, já que ele é, até certo ponto, o “dono” do *blog* e é ele quem “regula” até que ponto ele permite uma determinada discussão. Para que um ato de comunicação seja pertinente, é necessária a funcionalidade desses quatro princípios, para que seja construído um contrato de comunicação entre os parceiros.

Os princípios formulados por Charaudeau (2008a) parecem constituir um fundamento importante para a compreensão do ato de comunicação. Segundo Emediato (2007), a noção de contrato parece consensual na maioria das teorias sobre a linguagem em funcionamento. Segundo o autor, esse consenso se observa em torno dos seguintes aspectos:

- a) a comunicação funciona como um dispositivo de enunciação;
- b) esse dispositivo comporta traços da relação comunicativa identificáveis nas figuras de seus enunciadores e destinatários;
- c) toda enunciação é negociada a partir de um objeto de regulação entre as duas instâncias, de produção e de recepção;
- d) a observância dos parâmetros contratuais mantém a interação e a inobservância deles leva à sua ruptura. (EMEDIATO, 2007, p. 83)

No caso específico do *corpus* em questão, nos encontramos diante de uma situação peculiar. Vimos que as situações monolotivas, como o jornal impresso, caracterizam-se por produzirem texto sem a presença do interlocutor, o que impede a reescritura do texto pelo fato de o leitor não concordar com algum ponto ou não ser possível fornecer novas informações imediatas ao assunto. No entanto, nosso *corpus*, apesar de ser escrito em uma situação monolotiva, difere-se de outras situações por possuir uma esquematização própria desse canal comunicativo.

Vale aqui salientar que os *blogs* nada têm a ver com a estrutura de interação presente nas “cartas de leitores” dos editoriais impressos, uma vez que, como bem ressalta Emediato (2007, p. 86):

Poder-se-ia objetar que as cartas de leitores funcionariam como reações interlocutivas ao texto produzido em tempo diferido, cumprindo a função, portanto, de validação ou não validação. Essa objeção deveria, porém, considerar que a) as cartas de leitores, embora se refiram em geral a textos publicados no suporte, são objetos de seleção criteriosa; b) constituem praticamente um novo tipo situacional dentro do suporte e, portanto, uma nova SPC em busca de efetivação de um contrato de comunicação; c) são em muitos casos objeto de edição, com supressão de partes, mudança de termos etc. Trata-se, assim, mais propriamente, de uma simulação de interlocução num tipo de situação que se caracteriza justamente pela ausência de interlocução.

Consideramos mais uma vez, portanto, a dinâmica do diálogo nos *blogs* como uma situação interlocutiva e dialogal, mesmo por meio de um canal gráfico, embora com um grau de interatividade relativamente menor que o de uma conversação face a face. A interação pode não ser imediata ao momento da postagem da notícia, mas existe a validação efetiva por parte dos leitores no momento em que esses deixam sua opinião acerca da notícia, criticam ou elogiam o texto do jornalista e ainda interagem entre si. Ou seja, uma resposta postada por um

leitor é defendida ou debatida por outro leitor, assim o texto poderá ser refeito ou adaptado tanto pelo jornalista quanto pelos próprios leitores.

Em uma troca comunicativa, de acordo com Emediato (2008), cabe aos sujeitos uma série de acordos suscetíveis de validação ou invalidação do discurso. Para o procedimento de um ou de outro, é necessário que os sujeitos recorram às estratégias de legitimação e de credibilidade.

Desse modo, o autor propõe o estudo do processo da validação em dois modos: a validação pressuposta e a validação efetiva. A validação pressuposta, também chamada de pré-validação, diz respeito à construção da imagem que uma instância de produção ou locutor/*scriptor* faz de seus leitores ou da sociedade, o que conduzirá todo o processo de escrita desse locutor, ou seja, esse tipo de validação é uma aposta que a instância de produção ou locutor lança aos leitores. Já a validação efetiva em situações de comunicação monolocutivas só poderá ser identificada, segundo Emediato (2008), através de um trabalho de campo no qual permita, entre os leitores, a verificação da legitimação ou não sobre a informação que foi proposta à sociedade ou aos leitores, no intuito de mostrar e identificar as contradições da sociedade, se os leitores concordam ou discordam com o que chega até eles. Por outro lado, nas situações interlocutivas, como as ações são seguidas de reações imediatas, em diferentes graus, o processo de validação pode ser mais facilmente descrito.

No *corpus* em questão, observamos em um primeiro momento o modo de validação pressuposta, uma vez que o locutor do *blog* constrói para si uma imagem de seus leitores, isto é, ele imagina que quem acessa seu *blog* são, principalmente, pessoas que procuram informações relacionadas a notícias sobre o universo político brasileiro, e o que eles pretendem de fato é se inteirar mais sobre o que acontece nesse meio jornalístico. Assim, os locutores jornalísticos dos *blogs* têm um perfil traçado de seus leitores, pelo menos de seus leitores fiéis, aqueles que sempre deixam sua marca, por meio da própria assinatura nos comentários postados.

Por sua vez, poderíamos também, em um segundo momento, considerar que o *blog* também possui o modo de validação efetiva, já que é possível identificar muitos de seus leitores, não por meio de um trabalho de campo, e sim pelo fato de que esses leitores dão um retorno⁷,

⁷ O termo “retorno” é aqui interpretado no sentido de que nossa pesquisa tem como proposta também a análise dos comentários postados nos blogs pelos leitores.

quase que imediato, às notícias postadas, mostrando ao locutor do *blog* com o que concordam ou discordam. É justamente essa dinâmica de validação que faz o contrato de comunicação do *blog* funcionar, pois se ocorre a não-validação, e os leitores não reagem, há uma quebra do diálogo e a não efetivação do contrato.

A consideração dos dois modos de validação no *corpus* pesquisado se dá também por meio das definições propostas por Emediato (2008), ao destacar que a validação pressuposta está relacionada fortemente à situação de comunicação monolocutiva e a validação efetiva é notável na situação interlocutiva. Sendo assim, achamos pertinente designar o *blog*, apesar de ser um meio de comunicação escrito, como uma situação dividida em dois momentos: em um primeiro momento como uma situação monologal e após o diálogo existente entre os interlocutores, como uma situação interlocutiva dialogal. Isso faz do *blog* uma interação “mista”.

Entendemos que a teoria semiolinguística busca dar conta de situações languageiras produzidas pelos interlocutores do discurso, assim como oferece uma metodologia própria de análise. Isso posto, para analisar um ato languageiro com base na teoria semiolinguística, Charaudeau (2008a) desenvolve uma metodologia focada em quatro ações fundamentais que se relacionam à atitude comunicativa dos sujeitos: enunciar, descrever, narrar e argumentar. Nesse sentido, o autor propõe quatro modos de organização, o que abordaremos a partir de agora. Entretanto, enfatizaremos os modos enunciativo e argumentativo por constituírem nosso alicerce de análise.

1.2 OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO

Charaudeau (2008a) entende o ato de comunicar como um dispositivo no qual o sujeito falante ocupa o centro desse mecanismo em relação ao seu interlocutor. Para que esse dispositivo seja acionado, é necessária a junção de alguns fatores, a fim de que ocorra uma troca entre os parceiros, como a própria situação de comunicação, que é constituída pelos sujeitos do ato languageiro. Por sua vez, esses sujeitos são definidos por uma identidade, tanto psicológica quanto social, inseridos em uma relação contratual.

Cabe ao sujeito falante a iniciativa da escolha do texto baseada nas categorias linguísticas, delimitadas pelos modos de organização do discurso em uma determinada situação de comunicação. Como afirma Charaudeau (2008a, p. 76), “fala-se (ou escreve-se) organizando o discurso em função de *sua própria identidade, da imagem que se tem de seu interlocutor e do que já foi dito*”.

Em se tratando dos modos de organização do discurso, segundo Charaudeau (2004, p. 337), essa noção é definida como “o conjunto dos procedimentos de colocação em cena do ato de comunicação, que correspondem a algumas finalidades (*descrever, narrar, argumentar...*)”. Esses procedimentos distinguem as operações languageiras, que são postas em funcionamento no nível situacional de conhecimento das coerções psicosociodiscursivas, da situação de comunicação; no nível discursivo dos modos de organização do discurso e no nível semiolinguístico da composição textual.

Charaudeau propõe, então, quatro modos de organização do discurso: enunciativo, narrativo, descritivo e argumentativo, sendo que cada um possui uma função de base e um princípio próprio de organização.

Dentre esses quatro modos, como explicitado anteriormente, cabe um destaque especial à organização enunciativa e argumentativa. O enunciativo, além de tratar da posição do locutor em relação ao interlocutor, ao mundo e a outros discursos, interfere diretamente na encenação dos outros três modos de organização do discurso. E o argumentativo trata, em especial, dos procedimentos voltados para a persuasão e a influência. Assim, a partir do modo de organização enunciativo, nosso intuito é, grosso modo, investigar os atos e modalidades enunciativas presentes na enunciação dos textos dos jornalistas, a fim de comparar as particularidades entre seus *blogs*. Já em relação ao modo de organização argumentativo, pretendemos investigar as entrelinhas do discurso, isto é, analisar os implícitos construídos pelos jornalistas a partir das escolhas e estratégias de seus argumentos.

Por esse viés, o sujeito falante/locutor pode interpelar seu interlocutor utilizando-se da modalidade enunciativa *interrogativa*, propondo uma pergunta, de maneira alocutiva, a seus leitores. Por exemplo, após uma notícia sobre a atitude do presidente Lula em dizer que “a crise ainda não afetou o Brasil”, o locutor lança a pergunta: “o que vocês pensam a esse respeito?” e deixa em aberto para as diversas opiniões que podem ser expressas pelos

interlocutores em seu *blog*. Em contrapartida, ao mesmo tempo em que encontramos um ato alocutivo referente ao modo de organização enunciativo, observamos que, embora seja um canal de comunicação gráfico, cuja troca não é imediata, há uma discussão-debate por meio das interações trocadas com seus interlocutores, o que caracteriza, resumidamente, o modo de organização argumentativo.

A todo o tempo nesta pesquisa nos deparamos com problemas referentes à língua falada e à língua escrita. Sabemos que os *blogs*, até este momento, não dispõem de nenhum dispositivo que permita que os sujeitos interlocutores se correspondam através da fala. Por esse contexto, trabalhamos o tempo todo em nosso *corpus* por meio da língua escrita, o que nos causa um pequeno desconforto, como já citamos outras vezes, ao classificar o ato de comunicação dos *blogs* em situação dialogal ou monologal. Considerando os conceitos de uma ou de outra situação proposta por Charaudeau (2008a), que afirma que o primeiro passo é considerar se os parceiros estão presentes fisicamente, se o canal que transmite a comunicação é oral ou gráfico e se há ou não uma troca linguageira entre os parceiros, encontramos as seguintes definições:

Quando os parceiros da comunicação estão *presentes* fisicamente um ao outro, o **contrato permite a troca**⁸, o canal de transmissão é *oral* e o ambiente físico é *perceptível* pelos dois parceiros, o locutor se encontra numa situação na qual ele pode perceber imediatamente as reações do interlocutor. (CHARAUDEAU, 2008a, p. 71)

Por esse prisma, temos a ideia de que uma situação dialogal, isto é, uma situação em que há de fato um diálogo, só existe quando houver uma troca imediata entre os parceiros. Já a situação monologal é definida, assim, por Charaudeau:

Quando os parceiros *não estão presentes* fisicamente um ao outro, e quando o contrato **não permite a troca**⁹, o canal de transmissão pode ser *oral* ou *gráfico*. Nesse caso o locutor se encontra numa situação na qual ele *não pode perceber* imediatamente as reações do interlocutor (pode apenas imaginá-las). (CHARAUDEAU, 2008a, p. 72)

E ainda, diferentemente da situação dialogal, o autor afirma que nessa situação o locutor tem um tempo maior para elaborar e organizar o que vai ser dito.

8 Grifo nosso.

9 Idem 8.

Portanto, tendo em vista que o *blog* é um canal gráfico, que os parceiros não estão presentes fisicamente um ao outro, que a transmissão não se dá pela oralidade e que o locutor não percebe imediatamente o que vai ser dito pelo seu interlocutor, podemos considerar esse meio digital como sendo não-dialogal. Em contrapartida, como já dissemos na introdução deste trabalho, apesar de os parceiros não estarem presentes corpo a corpo, o contrato comunicativo permite a troca quase-imediata entre os parceiros, o que nos impede de considerar o *blog* somente como uma situação monologal. Assim, observamos características que nos permitem considerá-lo como um caso particular, no qual há uma miscelânea de fatores pertencentes às duas situações.

Considerando o ato de descrever, Charaudeau (2008a) ressalta que ele está diretamente relacionado ao ato de argumentar, uma vez que o sujeito, ao descrever os seres e objetos, não deixa de lado determinadas operações lógicas provenientes da argumentação:

Descrever consiste em ver o mundo com um ‘olhar parado’ que faz existir os seres ao nomeá-los, localizá-los e atribuir-lhes qualidades que os singularizam. Entretanto, *descrever* está estreitamente ligado a *contar*, pois as ações só têm sentido em relação às identidades e às qualificações de seus actantes. (CHARAUDEAU, 2008a, p. 111)

Portanto, o modo de organização descritivo trata da identificação dos seres e objetos, nomeando-os e atribuindo-lhes certas qualidades a partir de um sujeito observador. Há dois tipos de descrição: a objetiva e a subjetiva. A primeira diz respeito à descrição da realidade exterior tal como ela é ou parece ser, já a segunda trata da descrição como o sujeito a sente.

Por sua vez, narrar significa relatar, de forma organizada, acontecimentos (reais ou fictícios) dentro de um contexto por um narrador ou escritor, com a intenção de chegar a um leitor ou a um ouvinte. Desse modo, alguns elementos estruturais da narração são de suma importância para a construção de um enredo. Como afirma Charaudeau (2008a, p. 157), “**o sujeito que narra** desempenha essencialmente o papel de uma testemunha que está em contato direto com o vivido (mesmo que seja de uma maneira fictícia), isto é, com a experiência na qual se assiste a como os seres se transformam sob o efeito de seus atos”.

Assim, toda narrativa exige uma encenação narrativa. Dessa forma, observamos que no dispositivo narrativo encontram-se quatro tipos de sujeitos. Portanto, o autor e o leitor não são exatamente quem narra ou conta uma história e quem lê essa história também pode não ser o

mesmo sujeito imaginado pelo autor. Explicitando melhor, podemos dizer que, como no funcionamento do contrato de comunicação, a encenação narrativa procede do mesmo modo, no qual temos um espaço externo e outro interno ao texto.

A partir dessa breve introdução relacionada aos modos de organização do discurso, segue uma conceituação mais aprofundada dos modos enunciativo e argumentativo, uma vez que servirão, juntamente com outros aspectos e categorias teóricas, de fundamentação para o desenvolvimento de nossa análise.

1.2.1 O MODO DE ORGANIZAÇÃO ENUNCIATIVO

O modo de organização enunciativo diz respeito, de acordo com Charaudeau e Maingueneau (2004), à colocação em cena dos protagonistas da enunciação, isto é, o eu e o tu; e ainda, sua identidade e suas relações. Porém, para que isso ocorra, é necessário o auxílio dos procedimentos de modalização, ou seja, papéis enunciativos.

Esses procedimentos estão relacionados à atitude do sujeito falante em relação a seu próprio enunciado. Essas atitudes deixam marcas de diversos tipos, como morfemas, prosódia, mímicas, etc. Assim, afirmam Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 337):

A modalização pode ser explicitada por marcas particulares, ou manter-se no implícito do discurso, mas ela está sempre presente, indicando a atitude do sujeito falante frente ao seu interlocutor, a si mesmo e a seu próprio enunciado.

O modo de organização enunciativo refere-se aos protagonistas, seres de papel, em uma situação comunicativa. Ou seja, esse modo trata da questão interna do quadro contratual de Charaudeau, já citado neste trabalho.

Esse modo está diretamente relacionado às atitudes do sujeito falante na encenação do ato comunicativo. E, como o próprio nome já diz, pertence à categoria de discurso. Entende-se aqui como *enunciar*, “[...] o fenômeno que consiste em organizar as *categorias da língua*, ordenando-as de forma a que deem conta da posição que o sujeito falante ocupa em relação ao *interlocutor*, em relação ao *que ele diz* e em relação ao *que o outro diz*.” (CHARAUDEAU, 2008a, p. 82)

Sendo assim, esse modo possui três funções: estabelecer uma relação de influência entre o locutor, seus interlocutores e o mundo, expressar o ponto de vista do locutor e testemunhar o dizer do outro locutor. Essa relação entre locutor e seus interlocutores é expressa na língua por atos enunciativos, também chamados atos locutivos, que compreendem a construção enunciativa. São eles: alocutivo, elocutivo e delocutivo.

O ato alocutivo está relacionado à influência do locutor sobre o interlocutor. Quer dizer, o locutor enuncia seu dizer, agindo assim sobre o comportamento do interlocutor, que por sua vez, por meio dessa relação de influência, tem a reação de responder ou reagir o que lhe foi imposto. Portanto, os atos alocutivos expressam a relação do locutor com o interlocutor, isto é, o locutor interpela seu interlocutor a participar, respondendo ou reagindo, de forma direta, do ato de linguagem.

Entretanto, os atos elocutivos expressam a posição do sujeito enunciador em relação ao que ele diz sobre o mundo, sem que haja o comprometimento do interlocutor em sua tomada de posição. Já os atos delocutivos expressam a relação do locutor com um terceiro ou com o mundo. Porém, nenhum dos dois aparece no ato de enunciação. Ao contrário dos atos elocutivos, o efeito produzido é de objetividade e impessoalidade. É como se o sujeito enunciador se apagasse e o mundo falasse por si mesmo. Vale ressaltar, nesse tipo de ato, a ausência de pronome de segunda pessoa e uma preferência pelo uso da terceira pessoa ou por formas impessoais.

Essa relação do locutor com um terceiro é explicitada abaixo, através das próprias palavras de Charaudeau (2008a, p. 84):

Sabemos que todo ato de linguagem depende, de um modo ou de outro, do sujeito falante e de seus diferentes pontos de vista. Trata-se, portanto, de um “jogo” protagonizado pelo sujeito falante, como se fosse possível a ele não ter *ponto de vista*, como se pudesse desaparecer por completo do ato de enunciação e deixar o discurso falar por si.

Em suma, podemos dizer que a distinção entre os três componentes da construção enunciativa é que o componente alocutivo institui uma relação de influência entre os interlocutores; no componente elocutivo, o locutor emite seu ponto de vista; e no componente delocutivo, o locutor recupera o que foi dito por um terceiro, sem revelar seu ponto de vista.

Nesse sentido, há dois tipos de procedimentos na construção enunciativa: os linguísticos e os discursivos. Os procedimentos linguísticos estão relacionados às modalidades enunciativas, que por sua vez expressam os tipos de relação presentes no modo enunciativo. Já os procedimentos discursivos serão explicitados nas encenações descritiva, narrativa e argumentativa, haja vista, como dito anteriormente, que o modo de organização enunciativo comanda os outros três modos.

Considerando os procedimentos linguísticos da construção enunciativa, observamos inúmeras modalidades divididas entre os três comportamentos. Assim, são consideradas modalidades alocutivas: a interpelação, a injunção, a autorização, o aviso, a petição, a advertência, o julgamento, a sugestão, a proposta, as formas interrogativas, as formas pronominais da segunda pessoa e o vocativo.

As modalidades elocutivas são: a constatação, o saber, o ignorar, a opinião, a apreciação, a obrigação, a possibilidade, a capacidade, o desejo, a promessa, a aceitação, a recusa, a concordância, a discordância, a declaração, a proclamação e ainda as expressões paralinguísticas, como os pontos de exclamação. Por sua vez, as modalidades delocutivas são: a asserção e o discurso relatado. Entende-se como asserção, a afirmação. Isto é, segundo Charaudeau (2008a), uma maneira de dizer a verdade sobre um determinado propósito.

Portanto, por meio do modo enunciativo, pretende-se avaliar os atos enunciativos ou locutivos, bem como suas respectivas modalidades enunciativas nas construções discursivas dos interlocutores, a fim de identificar as regularidades e variantes significativas das especificidades encontradas nos *blogs* jornalísticos pesquisados, com o intuito de buscar elementos que auxiliem na percepção do *ethos* dos jornalistas e do funcionamento interacional do *blog* como um todo.

1.2.1.1 As Modalidades Enunciativas

A Modalização faz parte do fenômeno linguístico da Enunciação, ou seja, trata-se de uma categoria da Enunciação, sendo esta considerada um fenômeno complexo na qual testemunha a maneira em que o sujeito falante se apropria da língua para organizar seu discurso.

Nesse sentido, a modalização permite explicitar as posições do sujeito falante em relação ao seu interlocutor, a ele mesmo e ao seu propósito. Entretanto, não é uma tarefa fácil classificar as marcas modais da Enunciação, já que uma mesma marca linguística pode expressar diferentes sentidos; ou então, expressar, ao mesmo tempo, várias intenções de comunicação dentro de um mesmo contexto ou, ao contrário, uma mesma intenção de modalização pode ser expressa por marcas linguísticas que pertençam a diferentes sistemas formais; ou ainda, pode ser que a modalização não seja expressa por nenhuma marca linguística explícita, mas sim através de entonação, gestos, olhares, mímicas, pontuação, etc. Nesse casos, portanto, a modalização se encontra no implícito do discurso.

Dessa forma, como já explicitado, a modalização dispõe de atos locutivos (alocutivo, elocutivo e delocutivo), sendo que para cada um desses atos há determinadas especificações ou subcategorias, denominadas por Charaudeau (1992) de modalidades enunciativas. Logo, toda modalidade implica necessariamente um ato locutivo.

Tendo como base a descrição das modalidades e o quadro resumo da Modalização construído por Charaudeau (1992, p. 629), elaboramos as tabelas a seguir com a definição de cada modalidade enunciativa sob o ponto de vista do locutor e do interlocutor. Por sua vez, o locutor constrói marcas linguísticas que denotem a modalidade enunciativa em seu enunciado. Contudo, essas marcas podem estar representadas através de uma configuração explícita ou implícita. Sendo assim, conceituaremos as modalidades enunciativas a partir dessas configurações construídas pelo locutor em sua enunciação, relacionadas aos atos locutivos a que pertencem.

Em relação ao Ato Locutivo Allocutivo, segue a definição de suas modalidades enunciativas:

Tabela 1 - Modalidades enunciativas alocutivas

Ato Alocutivo	Modalidades Enunciativas	Locutor	Interlocutor	Configuração explícita	Configuração implícita
	Interpelação	Identidade de uma pessoa humana; discrimina a pessoa entre um conjunto de interlocutores possíveis, designando-a por um termo de identificação mais ou menos específico; espera que o interlocutor reaja a sua Interpelação; se dá um status que o autoriza a Interpelar o outro.	Deve se fazer reconhecer ao chamado que o identifica.	Identificação através de relações de conhecimento, social e afetiva.	Não há configuração implícita relacionada a esta modalidade.
	Injunção	Uma ação a realizar; Impõe essa ação ao Interlocutor de modo que o intimida a executá-la; se dá um status de poder, de autoridade absoluta.	Supõe-se ter competência para executar a Injunção; recebe uma obrigação de fazer ou dizer o que está sendo submetido; não possui alternativas, pois qualquer recusa de sua parte constitui um risco de sanção.	Formas imperativas; verbos e perífrases verbais em primeira pessoa; palavras com entonação injuntiva.	Formas interrogativas; formas declarativas em que o Interlocutor é agente de uma ação escrita no presente ou futuro.
	Autorização	Uma ação a realizar; supõe que o Interlocutor quer executar uma ação; julga que o Interlocutor está apto para executar esta ação e que as circunstâncias são adequadas; dá ao Interlocutor o direito de executar a ação; se dá um status de poder.	Supõe-se “querer fazer”; recebe o “direito de fazer”, utilizando ou não esse direito.	Verbos e perífrases verbais.	Formas imperativas, em resposta a uma pergunta; o verbo “poder” sob forma declarativa, atribuída ao Interlocutor.
	Advertência	Uma ação a realizar por ele mesmo; supõe que o Interlocutor ignora ou quer ignorar sua intenção; supõe que declarar sua intenção ao Interlocutor, o previne contra todos os riscos de degradação da situação.	Supõe-se ignorar a intenção do locutor; encontra-se em posse de uma informação que deveria lhe permitir uma prevenção contra um risco ou tomá-la como conhecimento de causa.	Verbos modais.	Todo enunciado que descreve uma ação ou uma intenção que vai realizar o locutor, e que representa uma ameaça para o interlocutor.
	Julgamento	Uma ação realizada; postula que o	Supõe-se ter realizado uma	Verbos, perífrases	Todo enunciado que descreve

		interlocutor é o responsável por este ato; julga se este ato é bom ou mau; declara sua aprovação ou reprovação qualificando o interlocutor; se dá uma autoridade moral na qual pode julgar.	ação na qual ele seria o responsável; encontra-se qualificado para o julgamento do locutor.	verbais ou nomes que especifiquem o julgamento em positivo ou negativo.	uma ação realizada pelo interlocutor e que contenha uma apreciação positiva ou negativa da parte do locutor.
	Sugestão	Uma ação a realizar, ou a não realizar; supõe que o interlocutor encontra-se em uma situação desfavorável; propõe ao interlocutor executar a ação descrita como forma de melhorar sua situação; age como se estivesse no lugar do interlocutor; se dá um status de saber.	Supõe-se encontrar-se em uma situação desfavorável; é o beneficiário de uma proposta a fazer para melhorar sua situação, sendo livre para utilizar ou não esta proposta.	Verbos semânticos; locuções ou expressões que explicitam a posição do locutor; o verbo “dever” aplicado ao interlocutor na condicional.	Não há configuração implícita relacionada a esta modalidade.
	Proposta	Uma ação a realizar; se oferece para realizar esta ação em favor do interlocutor ou para realizar esta ação em comum, a favor dos dois, sendo que tanto em um quanto no outro caso o interlocutor será beneficiado; se dá uma posição de “poder fazer”, porém o resultado depende da aceitação do interlocutor.	Recebe uma oferta em que ele deve ser o beneficiário ou o cobeneficiário; encontra-se em uma situação de ter que recusar ou aceitar essa oferta.	Verbos modais e perífrases verbais.	A Proposta tem a necessidade da aceitação do interlocutor. É, portanto, normal que um enunciado sob a forma interrogativa possa expressar essa modalidade.
	Interrogação	Uma informação a adquirir; pergunta ao interlocutor para dizer o que sabe; revela sua ignorância em relação a sua pergunta; impõe ao interlocutor um papel de “respondedor”; se dá o direito de questionar, porém, é necessário que a relação entre locutor e interlocutor o autorize.	Supõe-se ter competência para responder; se vê na obrigação de responder alguma coisa.	Formas interrogativas, marcadas por uma certa entonação oral ou pelo ponto de interrogação na escrita; perguntas de informação; e perguntas de consentimento.	Não há configuração implícita relacionada a esta modalidade.
	Solicitação	Uma ação a realizar; se vê em uma situação desfavorável; se julga impotente para melhorar sozinho sua situação; pede ao interlocutor para realizar esta ação para melhorar sua sorte.	Supõe-se ter atitude para realizar a ação colocada pelo locutor; fica estabelecido a retribuir o pedido do locutor; supõe-se poder	Verbos modais que especifiquem o grau de implicação do locutor como solicitador; expressões exclamativas.	Formas interrogativas com verbo na condicional ou para atualizar a pergunta, no presente do indicativo.

			não querer jogar este papel espontaneamente		
--	--	--	---	--	--

Fonte: elaborada pela autora, com base nas definições propostas em Charaudeau (1992)

No que tange ao Ato Locutivo Elocutivo, as modalidades enunciativas são representadas e definidas da seguinte maneira:

Tabela 2 - Modalidades enunciativas elocutivas

Ato Elocutivo	Modalidades Enunciativas	Locutor	Interlocutor	Configuração explícita	Configuração implícita
	Constatação	Reconhece um fato sobre o qual diz só poder observar sua existência de maneira mais objetiva possível.	Não está implicado; é a testemunha de uma constatação.	Verbos modais	Todo enunciado sob a forma afirmativa, descrevendo um fato objetivo, sem verbos modais.
	Saber/ Ignorância	Uma informação é pressuposta sobre a qual o locutor diz ter conhecimento ou não; em relação ao “saber”, a informação pressuposta é reconhecida em sua existência pelo locutor, já em relação à “ignorância”, a informação pressuposta não pode ser reconhecida pelo locutor.	Não está implicado; é a testemunha de um “saber” ou de uma “ignorância”.	Verbos modais.	Interrogação, uma vez que essa é a indicativa da posição do “não-saber” do locutor; e todo enunciado sob a forma afirmativa é suscetível de se subentender o que o locutor sabe.
	Opinião	Pressupõe um fato sobre o qual explicita o lugar que este ocupa em seu universo de crença; avalia a verdade de sua proposição e revela seu ponto de vista.	Não está implicado; é a testemunha da opinião do locutor.	Verbos e perífrases verbais que explicitam diferentes sentidos: convicção e suposição.	Todo enunciado emitido sobre um tom (entonação ou gestual) afirmativo ou duvidoso.
	Apreciação	Pressupõe um fato sobre o qual o locutor expressa seu sentimento; avalia não mais a verdade da proposição, mas seu valor, revelando seus próprios sentimentos, sendo que essa avaliação é de ordem afetiva.	Não está implicado; é a testemunha da Apreciação do locutor.	Verbos e perífrases verbais seguidas de subjuntivo; palavras (adjetivos, advérbios, substantivos, onomatopeias) sob forma exclamativa, que testemunhem a implicação do	Todo enunciado comportando uma apreciação positiva ou negativa, sob outras, fora a forma exclamativa.

				locutor.	
	Obrigação	Uma a�o a fazer cuja realiza�o depende somente de si (obriga�o interna ou externa).	Não está implicado; � a testemunha da Obrigac�o expressada pelo locutor.	Verbos e perífrases verbais, seguidos do infinitivo; locu�es e expressões impessoais que são relatadas ao locutor.	Não há configura�o implícita relacionada a esta modalidade.
	Possibilidade	Uma a�o a fazer cuja realiza�o depende somente de si; refere-se ao “poder de fazer” do locutor (possibilidade interna ou externa).	Não está implicado; � a testemunha da Possibilidade expressa pelo locutor.	Verbos e perífrases verbais, seguidos do infinitivo;	Não há configura�o implícita relacionada a esta modalidade.
	Querer	Uma a�o a fazer cuja realiza�o não depende somente dele; está em uma situa�o de “falta” que ele gostaria de ver preenchida, o que significa que ele conhece a a�o a realizar como benéfica para ele; revela ao mesmo tempo que ele não tem o poder de preencher essa lacuna e que precisa obter recursos de um outro agente para realizar a a�o.	Não está implicado nesta a�o de enuncia�o; � a testemunha de um Querer expressado pelo locutor.	Verbos modais e perífrases verbais.	Não há configura�o implícita relacionada a esta modalidade.
	Promessa	Uma a�o a fazer que deve ser executada por ele próprio; supõe que a realiza�o dessa a�o, em que ele � o responsável, � colocada em d�vida; se engaja para realizar este ato; se d� um “poder de fazer” que justifica este engajamento.	Não está implicado; � a testemunha da Promessa do locutor.	Verbos e perífrases verbais.	Para que haja a Promessa � necessário que esta seja declarada verbalmente (ou por um gesto).
	Aceita�o/ Recusa	Pressupõe que lhe foi endereçado um pedido de realiza�o de um ato; responde favoravelmente (Aceita�o) ou desfavoravelmente (Recusa) a este pedido; não tem necessariamente uma posi�o de autoridade institucional.	Não está implicado; � a testemunha da Aceita�o/ Recusa do locutor.	Verbos modais e perífrases verbais, além de ser expressa por um simples “sim” ou “não”.	Pode ser assegurada por uma “rea�o gestual” que significa Aceita�o ou Recusa, ou por enunciados que pressupõem que tenha havido, previamente, um pedido a fazer.
	Acordo/ Desacordo	Pressupõe que lhe foi endereçado um pedido	Não está implicado; � a	Além de “sim” e “não” e “eu	Não há configura�o

		para dizer se ele adere ou não à verdade de uma proposta feita por outro; responde se expressando se adere ou não à proposta. Ao mesmo tempo ele contribui para a validação (positiva ou negativa) da verdade desta proposta.	testemunha do Acordo/ Desacordo do locutor.	estou de acordo/não estou de acordo”, diversas palavras e locuções relacionadas à modalidade; e palavras que anunciam uma objeção.	implícita relacionada a esta modalidade.
	Declaração	Possuidor de um saber; supõe que o interlocutor ignora esse saber ou duvida da verdade desse saber; diz que esse saber existe em sua verdade, com efeitos variáveis, de acordo com a relação que o locutor e o interlocutor mantêm sobre esse saber.	Não está implicado; é a testemunha da Declaração do locutor.	Verbos e perífrases verbais.	Todo enunciado cujo contexto justifique esta modalização.
	Proclamação	Profere uma fala que descreve um determinado ato; possui uma posição institucional, que lhe dá autoridade para tornar sua fala em ato, o que confere a este um caráter de solenidade.	Não está implicado; é a testemunha da Proclamação do locutor.	Verbos modais.	Determinadas marcas linguísticas podem ser o índice dessa modalidade.

Fonte: elaborada pela autora, com base em Charaudeau (1992)

Por fim, as modalidades enunciativas concernentes ao Ato Locutivo Delocutivo apresentam as definições abaixo:

Tabela 3 - Modalidades enunciativas delocutivas

Ato Delocutivo	Modalidades Enunciativas	Locutor	Interlocutor	Configuração explícita	Configuração implícita
	Asserção	Designa seu propósito que se avança por si só, sendo que o conteúdo desse propósito pode ser descrito sob uma forma positiva ou negativa; designa também o processo de enunciação, que consiste ao sujeito falante descrever o “grau de verdade” ou o	Não depende nem do locutor nem do interlocutor.	Adjetivos e advérbios.	Marcas que denotem a intenção do locutor, como mímicas, entonações ou hesitações.

		“modo de existência” desse propósito.			
	Discurso Relatado	Trata-se da maneira de reproduzir um discurso já enunciador por outro locutor de origem.	Depende da posição dos interlocutores e da descrição dos modos de enunciação de origem.	As maneiras de reproduzir o discurso de origem são: citado; integrado; narrativizado e evocado.	Não há configuração implícita relacionada a esta modalidade.

Fonte: elaborada pela autora, com base em Charaudeau (1992)

1.2.2 O MODO DE ORGANIZAÇÃO ARGUMENTATIVO

Partiremos agora para o último modo de organização do discurso, o argumentativo. Antes de apresentarmos os componentes e procedimentos relacionados ao mecanismo da encenação argumentativa, definiremos o que é necessário para que ocorra uma argumentação.

Os aspectos argumentativos encontram-se, muitas vezes, escondidos nos implícitos do texto. Assim, para que haja a argumentação no nível mais amplo da encenação discursiva, isto é, no nível dos procedimentos performativos que criam estratégias para alcançar os efeitos desejados, é necessário, de acordo com a teoria semiolinguística, que exista:

- 1º) uma tese sobre o mundo que seja questionada por alguém quanto à sua legitimidade;
- 2º) um sujeito que se posiciona em relação a esse questionamento (convicção) e que desenvolva um raciocínio para tentar estabelecer uma verdade em relação a essa tese (seja ela própria ou universal, quer se trate de uma simples aceitabilidade ou de uma legitimidade);
- 3º) um outro sujeito que, envolvido por essa tese, por esse questionamento e por essa verdade, constitua o alvo da argumentação. Trata-se da pessoa à qual se dirige o sujeito que argumenta, na esperança de levá-lo a compartilhar a mesma verdade (persuasão), sabendo que ele pode aceitar (ficar a favor) ou recusar (ficar contra) a argumentação.¹⁰ (CHARAUDEAU, 1992, pp. 783 e 784)

Com base nessas condições, podemos afirmar, grosso modo, que a argumentação trata de um sujeito que argumenta uma determinada proposta sobre o mundo, tendo, como alvo dessa argumentação, um outro sujeito.

¹⁰ Tradução nossa.

Nesse sentido, a argumentação é uma tentativa de estabelecer uma verdade por parte do sujeito argumentante, já que ele enuncia uma tese a fim de persuadir seu sujeito-alvo. Assim, há uma busca de racionalidade e influência por parte desse sujeito argumentante. A primeira com um ideal de verdade presente em sua tese e a segunda com um ideal de persuasão, a fim de que o sujeito-alvo partilhe suas crenças e seja levado a até mesmo mudar de opinião a partir da verdade enunciada pela tese desse argumentante.

Segundo Emediato (2006), sempre que há uma argumentação, há também uma discussão de ideias, oposição, debate entre o sujeito argumentante e o sujeito-alvo, visto que toda argumentação pressupõe uma tese defendida por um sujeito e outra tese oposta a essa primeira, defendida por outro sujeito, implícita ou explícita no texto. Assim, a estrutura básica do discurso argumentativo pressupõe posições a favor e contra, também de maneira explícita e implícita, de uma tese enunciada.

Portanto, a estrutura do discurso argumentativo engloba determinadas posições praticadas pelos sujeitos, como, de acordo com Emediato (2006): afirmação (tese, proposição), posicionamento do sujeito, quadro de problematização e formulação dos argumentos. Entretanto, vale ressaltar que a argumentação busca um ideal da verdade, do verossímil, daquilo que seja mais aceitável pela maioria e não propriamente a verdade em si.

Vimos, então, que o sujeito argumentante, no momento da enunciação de sua tese, busca persuadir seu auditório. Contudo, esse sujeito que argumenta nem sempre é fiel aos seus princípios éticos rígidos capazes de mantê-los no compromisso com o ideal de verdade citado acima, já que para ele o mais importante pode ser que seja o fato de prevalecer a persuasão e a adesão do auditório, ou seja, para esse sujeito mais vale obter influência do que argumentar em favor da “verdade”, a fim de que o auditório compartilhe seus valores, crenças, ideais e opiniões.

Nesse âmbito, há dois tipos de argumentação: a demonstrativa e a retórica. A primeira está relacionada a uma corrente racional, pois busca explicar os fenômenos por meio de uma lógica de raciocínio explícito, a fim de persuadir o auditório do caráter verossímil da proposição. Esse tipo de argumentação, segundo Emediato (2006, p. 168), “parte das premissas lógicas e verdadeiras para se chegar a uma conclusão derivada, ou seja, transfere-se a verdade das premissas para a conclusão.” Aqui o conceito de verdade é fundamental, pois é

esse conceito que validará a conclusão da premissa. Essa argumentação se baseia em fatos e em verdades já aceitos, o que impede a contestação por parte do auditório, assim considerada impessoal, demonstrativa e objetiva. Sendo assim, há dois tipos de operação na construção de um argumento demonstrativo: a indução e a dedução.

De acordo com Emediato (2006, pp. 166 e 167), a indução é “um tipo de raciocínio que caminha dos fatos (dados) particulares para se chegar a uma conclusão ampliada (generalização)” e a dedução é “um tipo de raciocínio que parte de uma verdade estabelecida (geral) para provar a validade de um fato particular”. Contudo, a utilização desse tipo de argumento pode partir de premissas falsas ou questionáveis, e para validar esse argumento é necessário que se prove que a premissa seja verdadeira ou que se considere que ela está autorizada por uma *doxa* amplamente admitida.

Já a argumentação retórica está relacionada a uma corrente não necessariamente racional. Esse tipo de argumento visa persuadir o auditório sem que prevaleça a lógica do raciocínio explícito. Para isso, o sujeito argumentante faz uso de estratégias de sedução e de persuasão que podem ser construídas por meio do apelo aos valores e às crenças dos interlocutores.

Emediato (2006, p. 167) ainda ressalta que, “o objetivo da argumentação retórica não é, como na demonstração, provar a verdade da conclusão a partir da verdade das premissas, mas de transferir sobre as conclusões, a adesão acordada às premissas.”

Dessa forma, para a argumentação retórica vale mais o conceito de adesão do que de verdade, por essa maneira é definida a retórica como a arte de persuadir. Esse tipo de argumento se baseia em valores, crenças e lugares comuns. Para conseguir a adesão do auditório, a retórica argumentativa lança mão dos valores e crenças partilhados por esse auditório, já que o auditório pode julgar mais importante as suas crenças e seus valores do que propriamente os fatos.

Como afirmamos anteriormente, o sujeito argumentante tem por fim a persuasão. E para tal, ele depende da combinação de alguns componentes para sua construção textual. Portanto, o sujeito pode argumentar por meio da interlocução, isto é, quando há uma troca linguageira imediata entre os parceiros ou por meio de uma argumentação monolocutiva, quando é apresentada a argumentação pela forma escrita ou pela oratória.

Para organizar uma lógica argumentativa referente à argumentação demonstrativa, é preciso que haja uma combinação de certos componentes que permitam a formulação de modos de raciocínio, pertencentes à encenação argumentativa, a saber: dedução, explicação, associação, escolha alternativa e concessão restritiva. Na encenação argumentativa, o sujeito que argumenta ocupa o lugar central, a fim de persuadir outro sujeito destinatário em uma determinada situação de comunicação.

Portanto, para que um sujeito construa de fato uma argumentação é preciso que ele desenvolva seu raciocínio baseado em uma justificativa que seja plausível ao seu questionamento, enfatizando as provas que apontam para a verdade que o sujeito propõe, para assim persuadir seu interlocutor. É o que Charaudeau (2008a) define como dispositivo argumentativo, que é a condição maior para que haja de fato uma argumentação.

Dessa forma, Charaudeau (2008a) relaciona esse dispositivo com três processos: uma *proposta* (ou tese), que é constituída, por meio de uma relação argumentativa, de uma ou mais asserções; uma *proposição*, que é quando um sujeito toma uma decisão e se mostra contra ou a favor de uma proposta, ou ainda, quando ele pondera a proposta, não tomando uma posição imediata, e sim a colocando em questionamento quanto a sua veracidade; e uma *persuasão*, que é quando o sujeito, a partir de um raciocínio persuasivo recorre aos procedimentos discursivos, semânticos e de composição, com a finalidade de mostrar a prova da sua posição quanto à proposta em questão, refutando-a, justificando-a ou ponderando-a. Nesse sentido, o sujeito pode tomar uma posição em relação à própria proposta, ao emissor da proposta ou à própria argumentação que ele coloca em questionamento.

Contudo, para que sejam acionados os componentes desse dispositivo argumentativo, é necessário que o sujeito que argumenta participe de uma situação de comunicação cuja finalidade seja argumentativa, a partir de um projeto de fala argumentativo. Do ponto de vista situacional, há dois fatores indispensáveis para a construção da argumentação: a situação de troca linguageira, podendo ser de maneira monologal ou dialogal e o contrato de comunicação, que pode apresentar a argumentação de maneira explícita ou implícita.

Em relação à argumentação, quando há uma troca monologal, nas próprias palavras de Charaudeau (2008a, p. 226), “implica que o próprio sujeito que constrói a totalidade do texto argumentativo coloque em evidência a Proposta, a Proposição que questiona a Proposta, e

desenvolva o ato de Persuasão.” E, na maior parte das vezes, o contrato de comunicação argumentativo se realiza de maneira explícita, já que o texto por si só contém todas as etapas do dispositivo argumentativo.

Já a forma dialogal ocorre no momento em que os sujeitos desenvolvem a Proposta, a Proposição e a Persuasão a partir de réplicas formuladas em uma situação de troca linguageira. Sendo assim, seu texto não permite uma transparência do contrato de comunicação, já que a argumentação está implícita nas asserções, obrigando os sujeitos a interpretá-las a todo o momento.

Observamos na encenação argumentativa que o sujeito se encontra no centro e utiliza diferentes componentes argumentativos que busquem a realização do seu propósito comunicativo, que é persuadir seu interlocutor. Para tanto, o sujeito argumentante faz uso de diferentes procedimentos, tanto discursivos quanto semânticos e de composição, a fim de que sua argumentação seja consistente e validada pelo outro. Essa é a função fundamental dos procedimentos, validar uma argumentação.

Do ponto de vista dos procedimentos discursivos, a finalidade argumentativa é produzir efeitos de discurso, para isso é necessária a utilização de categorias linguísticas, com o objetivo de persuadir o interlocutor, como por exemplo: definição, comparação, citação, descrição narrativa, reiteração e questionamento.

Em relação a essas categorias, Charaudeau (2008a) pontua que, a *definição* tem a função de descrever os traços semânticos que dão características a uma palavra dentro de um contexto, podendo definir um ser ou um comportamento; a *comparação* tem a função de enfatizar a prova de uma conclusão, produzindo, assim, um efeito didático para facilitar sua compreensão ou produzindo um efeito de ofuscamento para despistar o interlocutor e evitar que ele julgue a validade da prova, podendo ser uma comparação por semelhança, dessemelhança, objetiva ou subjetiva; a *descrição narrativa* tem a função de desenvolver um raciocínio por analogia, também para reforçar uma prova, produzindo um efeito de exemplificação; a *citação* está relacionada às referências faladas ou escritas de um outro locutor, buscando diretamente na fonte para produzir um efeito de autenticidade, podendo ser da ordem de um dizer, de uma experiência ou de um saber; a *acumulação* refere-se à utilização de certos argumentos para dar consistência a uma única prova, podendo aparecer sob a forma de uma simples

acumulação, uma gradação ou uma tautologia; o *questionamento* tem a função de colocar em cheque uma proposta que vai depender da resposta dada pelo interlocutor.

Os procedimentos da encenação argumentativa têm o papel de tornar a argumentação válida e para que isso aconteça é preciso que provas sejam produzidas, cada qual de uma maneira peculiar. Por exemplo, os procedimentos discursivos se baseiam nas categorias linguísticas, já os procedimentos de composição tendem a organizar o conjunto da argumentação e, enfim, os procedimentos semânticos se preocupam em se basear nos valores dos argumentos.

Os procedimentos semânticos serão por nós utilizados na análise das interações dos *blogs* jornalísticos, o que nos leva a priorizá-los em nossa teoria em detrimento dos outros dois. Assim, a função desses procedimentos é a utilização de um argumento que tem como base o consenso social, uma vez que os sujeitos de um determinado grupo sociocultural compartilham certos valores construídos em determinados domínios de avaliação.

Charaudeau (2008a), então, distingue os domínios de avaliação em cinco categorias: domínio da Verdade, domínio do Estético, domínio do Ético, domínio do Hedônico e domínio do Pragmático.

O domínio da Verdade consiste em definir, de maneira absoluta, em termos de verdadeiro e falso, o que se refere à existência do seres em relação a sua originalidade, autenticidade e unicidade e ao que pertence ao saber como princípio único de explicação de todos os fenômenos do mundo. Como, por exemplo: “É verdadeiro porque é autêntico.”¹¹

O domínio do Estético estabelece os seres da natureza e suas representações artísticas em termos de belo e feio, como mostra o exemplo: “Este objeto tem valor porque é belo.”

O domínio do Ético determina em bem e mal os comportamentos humanos, que podem ser regidos por regras estabelecidas pelo consenso social e impostas ao sujeito (moral externa) ou regras estabelecidas pelo próprio sujeito (moral interna). Assim, o argumento vem primeiro do que a ação, isto é, a ação se realiza por causa do próprio argumento. Por exemplo: “É porque eu sou X que eu ajo assim.” (e não: “Eu ajo assim para me tornar X”).

11 Em relação aos exemplos citados neste capítulo, cf. Charaudeau, (2008a, pp. 232-235).

O domínio do Hedônico, muito utilizado nas publicidades, refere-se ao âmbito dos sentidos que procura o prazer em situações que satisfaçam um desejo no momento de sua realização e é definido em termos de agradável e desagradável, como o argumento utilizado em: “Eu bebo cerveja quando faz calor, porque é refrescante.”

E, por fim, o domínio do Pragmático estabelece em termos de útil e inútil tudo o que possui a necessidade de fazer um cálculo, fazendo uma relação entre projetos, resultados e necessidades dos sujeitos nas ações que eles realizam. Assim, em contraposição com o domínio do Ético, o Pragmático busca colocar o argumento como consequência de uma ação, como, por exemplo, o argumento: “É necessário agir rápido para pegar o inimigo de surpresa”.

Com efeito, em cada um desses domínios avaliativos, são construídas normas de representação de grupos sócio-culturais que compartilham determinados valores entre si. Nesse âmbito, em relação ao domínio da verdade, temos os seguintes exemplos tirados de publicidade, que caracterizam esse valor: “Com X você encontrará seu **verdadeiro** rosto” ou “A juventude é **eterna**, beba X”.

Em relação aos valores referentes ao domínio do Estético, Charaudeau (2008a) exemplifica através de um trecho de uma música de Caetano Veloso: “Você é **linda** mais que demais...”

O que concerne ao domínio do Ético, o autor estabelece vários tipos de valores, que, segundo ele, são encontrados, principalmente, nos discursos políticos, como valores de solidariedade, fidelidade, disciplina, honestidade e lealdade, responsabilidade, esforço e superação, justiça, bondade, entre outros.

Os valores que competem ao domínio do Pragmático baseiam-se na experiência que se apoia no que é habitual, durável e frequente, que, por sua vez, estão incluídas em uma norma de comportamento e se apoiam também no que é singular, original, único e excepcional, inscritos em uma diferença concernente à norma de comportamento.

Em relação aos domínios do Pragmático e do Ético, pode haver uma combinação quando uma regra de comportamento já verificada como eficaz (Pragmático) transforma-se em um modelo de conduta (Ético). Como por exemplo, os valores relacionados à organização racional da

vida, como o trabalho, o sucesso, o mérito e, por outro lado, os valores pertencentes ao campo da imaginação, como a invenção, a criação.

Por último, os valores construídos no domínio do Hedônico são aqueles fundados, em sua maioria, nos argumentos presentes nas publicidades, que procura persuadir através dos sentidos e do prazer, seu público alvo.

Por fim, quanto aos procedimentos de composição, segundo Charaudeau (2008a), o sujeito os utiliza, quando permitido pela situação de comunicação, na construção de sua argumentação, a fim de organizar os elementos ao longo do texto. O objetivo de tal organização é facilitar o raciocínio através de uma composição linear dos argumentos, obedecendo a uma certa cronologia, que tem início com as etapas da argumentação (começo, transição e fim); o vai-e-vem relacionado à retomada e anúncio de uma parte do desenvolvimento argumentativo; e os tempos fortes, enfatizando um aspecto essencial do desenvolvimento argumentativo. E, por meio de uma composição classificatória ou taxonômica, o sujeito faz uso de resumo, quadros, esquemas, cartazes, etc., com a intenção de retomar, de forma resumida, os aspectos conclusivos de textos argumentativos.

1.2.2.1 A argumentação sob a óptica da racionalização

Em função de uma dada situação de comunicação, Charaudeau (2008c) afirma que o sujeito argumentante deve dar conta de um processo de racionalização argumentativa a partir de três atividades discursivas: problematizar (questionamentos), se posicionar (escolha) e provar sua argumentação por meio de raciocínio e argumentos. Desse modo, o sujeito busca mostrar ao seu interlocutor qual assunto é tratado, bem como a posição que ele adota e qual a força de sua argumentação, medida a partir das justificativas escolhidas para provar seus dizeres.

Nesse sentido, segundo Charaudeau (2008c), problematizar significa estabelecer um domínio temático e um quadro de questionamento, que consiste em colocar em questão asserções sobre as quais o sujeito destinatário é levado a se interrogar sobre o que permite: fazer esta asserção, trazer esta causa ou propor esta consequência. Portanto, é o sujeito argumentante que tem o poder de propor a problematização. Para tanto, ele faz uso de determinadas estratégias a fim de especificar as estratégias de influência, levando seu interlocutor a debater sob seu campo

de competência. Como exemplos mais corriqueiros dessa estratégia, encontram-se os políticos e os debates face a face.

Por sua vez, a posição do sujeito argumentante é marcada pelo termo de oposição que quer defender. Isto é, de acordo com Charaudeau (2008c), o sujeito deve se posicionar em relação à problematização proposta, dizendo qual é o seu ponto de vista frente às asserções em questão. Em suma, se posicionar significa defender uma certa posição e, conseqüentemente, se mostrar contrário a outra.

Contudo, há situações em que é permitido uma não tomada de posição do sujeito argumentante, o que ocorre quando o objetivo principal é examinar as características de cada posição para destacar as vantagens e os inconvenientes de cada uma delas. Nesse caso, Charaudeau (2008c) ressalta que o sujeito argumentante toma uma posição de neutralidade, que consiste em ponderar um ponto de vista e outro, a fim de examinar os diferentes posicionamentos existentes.

Assim, as estratégias de posicionamento do sujeito correspondem justamente à maneira pela qual o sujeito assume tal posição em relação à problematização colocada em questão. Para assegurar seu posicionamento, Charaudeau (2008c) explicita que o sujeito pode se apoiar em outras falas, seja para estabelecer alianças, seja para marcar oposições com outros participantes, com o intuito de salientar sua própria credibilidade.

Em relação às provas que fazem parte do processo de racionalização argumentativa, Charaudeau (2008c) salienta que provar é a atividade discursiva com o objetivo de justificar a escolha do posicionamento tomado pelo sujeito. Assim, a fim de constituir o ato argumentativo em sua totalidade, contando com as ações de problematizar e se posicionar, é preciso também que o sujeito argumentante assegure a validade de sua tomada de posição e que, ao mesmo tempo, ele forneça meios ao interlocutor para que ele possa reunir elementos para julgar essa validade.

Com o intuito de provar seu posicionamento, o sujeito argumentante pode recorrer a dois tipos de operação, segundo Charaudeau (2008c), são elas: de raciocínio e de argumentos de valor. A primeira operação consiste em estabelecer relações de causalidade (causa e consequência) entre duas ou mais asserções e também assegurar a força de ligação, como de

possibilidade, de probabilidade, de necessidade ou de inevitabilidade, informando e explicitando qual dessas ligações se encaixa melhor em cada situação específica.

Já a segunda operação diz respeito às escolhas entre os argumentos de valor que sejam considerados os mais adequados para desempenhar o papel de fiador do raciocínio ou que possa ter um impacto sobre o sujeito destinatário. Portanto, o sujeito argumentante, para justificar seu ponto de vista, revelará ao mesmo tempo seu posicionamento diante de um sistema de valores que circulam na sociedade na qual ele pertence.

No que tange à força dos argumentos, Charaudeau considera que a força está relacionada: ao modo de raciocínio no qual se insere o argumento empregado, ou seja, a força de ligação causal que religa o argumento em seu contexto; o tipo de saber que ele carrega, isto é, a força axiológica capaz de produzir um efeito de adesão pelo destinatário; e a modalização enunciativa sob a qual sustenta o argumento.

1.3 O DISCURSO ARGUMENTATIVO SOB A PERSPECTIVA POLÍTICA

Segundo Charaudeau (2006), todo ato de linguagem tem como ponto de partida um enunciado proferido por um sujeito em relação a outro sujeito. Nesse sentido, “todo ato de linguagem está ligado à ação mediante as relações de força que os sujeitos mantêm entre si, relações de força que constroem simultaneamente o vínculo social”. (CHARAUDEAU, 2006, p. 17)

Charaudeau (2006, p. 86), afirma que “não existe um ato de linguagem que não passe pela construção de uma imagem de si”. Entretanto, no campo político, a imagem de si não é muito fácil de ser apreendida, uma vez que a utilização de uma estratégia para se construir essa imagem pode ser válida com um certo público, em uma certa época, mas pode ser totalmente ineficaz em situações diferentes, com outro público, outro país ou qualquer outra variável que interfira na imagem que o locutor produz de si mesmo. Nesse sentido, Charaudeau (2006, p. 87) resume dizendo que “o *ethos* é como um espelho no qual se refletem os desejos uns dos outros”.

Em se tratando do discurso, Charaudeau (2006) afirma existir uma dramatização por parte do locutor para seduzir e tentar persuadir seu interlocutor. Assim, para que um discurso produza um efeito emocional em seu auditório é necessária a combinação de três fatores:

- i) a natureza do universo de crença ao qual o discurso remete (vida/morte, acidente, catástrofe, massacre, amor, paixão etc.);
- ii) a encenação discursiva que pode, ela própria, parecer dramática, trágica, humorística ou neutra;
- iii) o posicionamento do interlocutor (ou do público) em relação aos universos de crença convocados e o estado de espírito no qual ele se encontra. (CHARAUDEAU, 2006, p. 90)

O locutor, para produzir certos efeitos no interlocutor, deve seguir esses três fatores. Assim, nos *blogs* jornalísticos, o Locutor-jornalista deve proceder, com uma encenação discursiva impregnada de afeto, tematizando os universos de crenças por ele escolhido para se remeter à situação vivida pelos pré-candidatos à Presidência da República. E, desse modo, tentar persuadir os leitores de seus *blogs*, o que sabemos, nem sempre é possível, pois pode não causar emoção alguma nesses interlocutores, que, por sua vez, demonstram suas contestações por escrito. Nesse contexto, Charaudeau (2006, p. 94) completa: “o discurso político tende mais a incitar a opinião do que a argumentar.”

É nesse sentido que Charaudeau ressalta que a persuasão no discurso político não está só relacionada à paixão, mas também à razão e à imagem, como podemos observar nesta passagem:

A persuasão relaciona-se com a paixão, mas também com a razão, pois os que procuram comandar devem se tornar legítimos e fidedignos, e os que aceitam submeter-se por delegação interposta procuram controlar o poder outorgado e mesmo reivindicar o direito de questionar sua aquisição. [...] O discurso político relaciona-se com a paixão e com a razão, mas também com a imagem, pois, em última análise, não há adesão a ideias que não passe pelos homens. (CHARAUDEAU, 2006, p. 94)

Partindo desse prisma, Charaudeau (2006) lista alguns modelos de argumentos de provas que auxiliarão o político em seu discurso. Assim, pensamos ser de grande valia também para nossa pesquisa, já que nos servirá de base para tentar compreender tanto o discurso do locutor-jornalista quanto dos interlocutores-leitores dos *blogs*. São eles:

- a) argumentos pela *força das crenças partilhadas*;
- b) argumentos pelo *peso das circunstâncias* e de sua contrapartida;
- c) argumentos pela *vontade de agir* do sujeito que argumenta;
- d) argumentos pelo *risco* de não fazer a escolha certa, o que pode assumir a forma de uma ameaça;
- e) argumentos relativos à *autoridade de si*;
- f) argumentos pela *desqualificação* do adversário;
- g) argumentos por *analogia*; (CHARAUDEAU, 2006, pp. 102 e 103)

Assim, entendemos que o discurso promovido pelos sujeitos envolvidos na interação do *blog* gira em torno de um tom político, o que, a nosso ver, merece uma descrição mais detalhada acerca da expressão “discurso político” e dos procedimentos de análise utilizados por Charaudeau, a fim de nos auxiliarem no decorrer desta pesquisa.

Na ação política, Charaudeau (2006) estabelece duas instâncias: a instância política e a instância cidadã. A primeira é a que assume a realização da ação política e a segunda se refere à instância que escolhe os representantes do poder político.

Por esse viés, de acordo com Charaudeau (2006), política é a ciência responsável pela organização e administração das nações, da vida dos indivíduos, e que esses, por meio de regras e de discussões, cooperem pela harmonia da comunidade. Nesse âmbito, o espaço público é estruturado em setores da ação social que se relacionam interdependentes, tais como, principalmente, os setores jurídico, econômico, midiático e político.

Os setores jurídico e econômico têm como desafio, respectivamente, a regulamentação dos conflitos sociais – tanto no que concerne à vida econômica, ao trabalho e à organização das empresas – e a regulação do mercado, estabelecendo os valores de troca e de uso referentes ao benefício individual ou coletivo. Já o setor midiático possui o desafio de regulamentação da circulação da informação, permitindo que os cidadãos formulem sua própria opinião. Por fim, o desafio do setor político é o estabelecimento de regras, tarefas e responsabilidades para a instância política. Sendo que, os quatro setores interagem entre si, porém, cada um possui uma estrutura e um dispositivo próprios, o que mantém a peculiaridade de cada setor.

Entretanto, os parceiros do contrato de comunicação, como ressalta Charaudeau (2006, p. 55), “não são as pessoas de carne e osso, mas entidades humanas, cada qual sendo o lugar de uma intencionalidade, e categorizadas em função dos papéis que lhe são destinados”. Quer dizer, são categorias abstratas e que, por isso, Charaudeau prefere denominar de instâncias. Assim, no dispositivo comunicacional, é necessário conhecer a natureza das instâncias, uma vez que não se pode confundir a personalidade psicológica e social da vida real do autor, como por exemplo, o caso dos jornalistas dos *blogs* ou mesmo os pré-candidatos Serra e Dilma, com a ideologia que constitui seus discursos.

Em suma, a natureza da identidade dos seres de palavra é sempre dupla, uma vez que o sentido só é adquirido quando se leva em consideração o lado social, psicológico do ser, bem como o que se diz em seu discurso. Assim como o ator do ato de comunicação, também os destinatários possuem uma dupla natureza identitária, uma vez que são seres reais, empíricos, porém, são também uma imagem ideal construída pelo ator do ato, que busca influenciá-los a todo tempo sob seu discurso.

Na construção do discurso político, segundo Charaudeau (2006), encontram-se um lugar para a governança, um para a opinião e outro para a mediação, sendo que, em cada um desses lugares é constituído por uma instância: a instância política – que, por sua vez gera a instância adversária – a instância cidadã e a instância midiática, respectivamente.

A instância adversária encontra-se também no lugar de governança, porém, ao lado da oposição, o que faz com que essa instância utilize as mesmas estratégias do discurso que sua adversária. Sendo assim, Charaudeau afirma que “como a instância política, ela deve propor ao cidadão um projeto de sociedade ideal, deve tornar-se fidedigna e tentar persuadi-lo da legitimidade da sua posição.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 58)

Assim como a instância cidadã, a instância midiática também se encontra fora da governança e funciona como um vínculo entre as instâncias política e cidadã por meio de panfletos, cartazes e veículos de comunicação.

Segundo Charaudeau (2006), os atores que constituem esse tipo de instância buscam a credibilidade dos cidadãos a partir do seu papel de informante, tentando captar uma maior quantidade de adeptos, já que os órgãos de informações concorrem entre si:

o discurso da instância midiática encontra-se, portanto, [...], entre um enfoque de cooptação, que o leva a dramatizar a narrativa dos acontecimentos para ganhar a fidelidade de seu público, e um enfoque de credibilidade, que o leva a capturar o que está escondido sob as declarações dos políticos, a denunciar as malversações, a interpelar e mesmo a acusar os poderes públicos para justificar seu lugar na construção da opinião pública. (CHARAUDEAU, 2006, p. 63)

Portanto, em relação aos estudos propostos pelo modelo de Charaudeau, vimos que o autor trata da argumentação inserindo-a em um modo de organização do discurso, privilegiando o uso da linguagem a partir de certos procedimentos e princípios reguladores do discurso. Dessa maneira, a argumentação se constrói a partir de um dispositivo argumentativo que relaciona as categorias da língua em conjunto com as do discurso.

Nesse sentido, a teoria semiolinguística busca a compreensão da argumentação no contexto da Análise do Discurso, o que difere da teoria da argumentação desenvolvida por Perelman e Tyteca. Para a teoria de Charaudeau, o sujeito que argumenta precisa desenvolver atividades ligadas à cognição, como problematizar, elucidar e provar. Essas ações cognitivas ocorrem em um determinado contexto situacional correspondente a um contrato de comunicação particular. Sendo assim, o sujeito argumentante lança mão de estratégias argumentativas sob três diferentes perspectivas, dependendo do objetivo que se pretende alcançar, a saber: a legitimação, a credibilidade e a captação.

A estratégia de argumentação sob a perspectiva da legitimação busca determinar a posição de autoridade do sujeito que argumenta. A credibilidade busca determinar a posição de verdade e a captação busca fazer com que o interlocutor do sujeito argumentante participe do seu quadro argumentativo.

Um outro aspecto da argumentação sob o ponto de vista semiolinguístico é, assim, ressaltado por Menezes (2001, p. 196) quando afirma que “certas argumentações podem ser consideradas manipulatórias para uns e não ser para outros. Depende, portanto, do lugar sociodiscursivo em que o próprio sujeito do conhecimento se encontra.”

Desse modo, observamos que a análise da argumentação, por um viés semiolinguístico, diferencia de outras correntes por levar em consideração a dimensão psicossocial dos sujeitos presentes no ato linguageiro e por buscar a compreensão do fenômeno argumentativo dentro do contexto da Análise do Discurso.

CAPÍTULO 2 ALGUNS ASPECTOS DO TRATADO DA ARGUMENTAÇÃO

Para tratar das questões relacionadas à argumentação, optamos também pelos estudos desenvolvidos por Perelman e Tyteca (2005), a partir do *Tratado da Argumentação: a Nova Retórica*, por entendermos que a maneira que os autores abordam o assunto seja suficiente e válida para a proposta de trabalho a que pretendemos desenvolver, embora não descartemos outras contribuições de autores que forem surgindo ao longo desta pesquisa.

Com efeito, pretendemos neste capítulo esboçar teoricamente e de maneira sucinta o caminho que Perelman e Tyteca traçaram acerca da Retórica e da Lógica, para, enfim, enfatizar os estudos do tratado da argumentação, bem como seus procedimentos argumentativos utilizados pelo sujeito, a fim de obter a adesão de outros.

2.1 LÓGICA *VERSUS* RETÓRICA

A noção de Retórica é trazida à tona por Perelman (1997), principalmente com base nos estudos de Aristóteles. Porém, o autor afirma que Aristóteles peca ao dizer que o objeto da retórica é o verdadeiro e que o próprio “confunde, aliás, com o verossímil.” (PERELMAN, 1997, p. 66). Porém, segundo Perelman (1997), o objeto da retórica é o opinável. Assim, justifica que uma das razões do declínio de um conceito fundamentado na retórica é que esse não prioriza o juízo de valor. Quer dizer, mais vale conhecer o verdadeiro, o certo, com bases filosóficas, do que se preocupar com a retórica e opiniões enganadoras.

Considerando as reflexões de Perelman (1997), observamos que elas permeiam por várias disciplinas, em especial, a Psicologia e a Lógica, e têm como objeto, segundo as próprias palavras do autor, “o estudo dos meios de argumentação, não pertencentes à lógica formal, que permitem obter ou aumentar a adesão de outrem às teses que se lhe propõem ao seu assentimento”. (PERELMAN, 1997, p. 57).

Existe um embate entre a lógica e a retórica, o que, para Perelman quer dizer, em uma outra dimensão, uma luta entre a verdade e a opinião. Essa distinção se dá pela introdução da noção

de juízo de valor, o que modifica a relação entre a lógica e a retórica, em especial a compreensão dos gêneros oratórios (deliberativo, judiciário e epidíctico).

A noção de juízo de valor se refere às premissas nas quais os discursos deliberativo e judiciário se apoiam, o que, por sua vez, são sustentados pelo discurso epidíctico. Essa noção veio esclarecer muitas questões debatidas pelos antigos, como, por exemplo, o fato de não compreenderem totalmente o papel e a natureza do discurso epidíctico.

Nesse sentido, essas questões acabaram por influenciar uma divisão da retórica em uma tendência filosófica e outra literária. A filosófica tem por objetivo incluir as discussões à lógica, em que cada adversário quer mostrar que sua opinião tem a seu favor a verdade. E a literária tem por objetivo o desenvolvimento do aspecto artístico.

É a partir dessa divisão da retórica que Perelman encontra aspectos da lógica e da sugestão em relação à argumentação. Assim, Perelman (1997) denomina de retórica o que, segundo ele, pode-se chamar também de lógica do preferível. Ressaltamos que o importante para Perelman é o estudo dos argumentos a partir da adesão de uma determinada opinião e não de outra.

Para a lógica, ao contrário da retórica, as ideias fazem parte do real, do verdadeiro. Como afirma Perelman, “[...] a nossa pessoa não intervém em nossas asserções; a proposição não é concebida como um ato da pessoa.” (PERELMAN, 1997, p. 74). O que difere da retórica, já que a pessoa a partir de sua própria adesão colabora para o valor da proposição.

Outra diferença existente entre a lógica e a retórica é o fato de que na retórica é possível se questionar sobre tudo, já que a adesão pode ser retirada e não existe uma repressão, uma vez que uma pessoa tenha sido coagida, ela pode renunciar sua proposição inicial. O que não acontece na lógica, visto que a argumentação é sim coerciva. Nesse sentido, a argumentação presente na lógica e na retórica é assim defendida por Perelman:

Já que, em lógica, a argumentação é coerciva, uma vez provada uma proposição, todas as outras provas são supérfluas. Em contrapartida, em retórica, como a argumentação não é coerciva, coloca-se um grave problema a cada interlocutor: o da amplitude da argumentação. Em princípio, não há limite para a acumulação útil dos argumentos e não se pode dizer de antemão quais provas serão suficientes para determinar a adesão. Teremos assim justificação para fazer uso de argumentos que seriam não só inúteis se um deles fosse aceito, mas se excluem de certo modo [...]. (PERELMAN, 1997, pp. 79 e 80)

Isso se explica pelo fato de que o raciocínio da lógica se desenvolve dentro de um sistema supostamente aceito e estabelecido de forma invariável, já a argumentação retórica se desenvolve em um sistema variável, que dá abertura a questionamentos.

E ainda, o autor afirma que a argumentação lógica é coerciva porque é baseada em dados mais precisos do que na argumentação retórica, o que acaba provocando uma ambiguidade por não ser pautada no raciocínio formal, diferentemente da lógica.

Como afirma Perelman (1997, p. 93), “o objeto da lógica é o estudo dos meios de prova.” Quer dizer, o estudo da prova formal é a proposta da lógica formal, que por sua vez, possui como uma de suas características a ausência da controvérsia em seus raciocínios.

Entretanto, vale ressaltar que a utilização da escolha de maus argumentos provoca diferentes consequências quando o raciocínio é baseado pela lógica ou pela retórica. Na lógica, uma premissa falsa não altera - se provada de uma outra maneira - a verdade de uma consequência. Em contrapartida, no raciocínio retórico, o dano causado pela utilização de um mau argumento pode influenciar diretamente no resultado que um orador pretendia que fosse alcançado por seu auditório, causando até um efeito contrário do esperado, uma vez que a escolha dos argumentos pode comprometer toda a argumentação.

Contudo, em determinadas áreas de estudos são necessários tipos de raciocínios diferenciados e específicos que não caberia somente à escolha do orador, uma vez que certos argumentos não se aplicam a certas situações. Dessa maneira, explicita Perelman:

Contrariamente a Platão, e mesmo a Aristóteles e a Quintiliano, que se empenham em encontrar na retórica raciocínios como os da lógica, não cremos que a retórica seja apenas um expediente menos seguro, que se dirija aos ingênuos e aos ignorantes. Há áreas, a da argumentação religiosa, a da educação moral ou artística, a da filosofia, a do direito, em que a argumentação tem de ser retórica. Os raciocínios válidos em lógica formal não podem ser aplicados quando não se trata nem de juízos puramente formais nem de proposições que têm um conteúdo tal que a experiência baste para esteá-las. (PERELMAN, 1997, p. 87)

Desse modo, Perelman diferencia mais uma vez a retórica da lógica por a primeira se preocupar com a adesão, não se valendo necessariamente da verdade. Quer dizer, o que vale realmente é aumentar a adesão do auditório a partir de uma dada tese. Porém, para que essa adesão aconteça é necessário que o orador e seu auditório façam parte de uma mesma

comunidade, a fim de que possa ser de interesse comum o problema em questão. Portanto, o auditório é a peça fundamental em uma argumentação retórica.

Assim, Perelman centraliza seus estudos na questão da lógica relacionada com o real social, enfatizando os meios de argumentação para se obter a adesão. Ou seja, sua pesquisa gira, a todo o momento, em volta da argumentação. A argumentação no que diz respeito aos procedimentos utilizados pelo sujeito, com o intuito de convencer um terceiro. São esses procedimentos, como e em que situações são usados, que fazem parte desse jogo da argumentação.

Nesse âmbito, o papel principal do orador é persuadir, por meio de técnicas argumentativas, seu auditório. Desse modo, Perelman e Tyteca (2005) diferenciam dois tipos de argumentação: a persuasiva e a convincente.

2.2 ARGUMENTAÇÃO PERSUASIVA *VERSUS* CONVINCENTE

A argumentação persuasiva é aquela que pretende a adesão de um auditório particular e a argumentação convincente é a que pretende obter a adesão de qualquer ser racional. Porém, convencer o adversário é uma tarefa árdua que necessita de certos subsídios pautados em aspectos racionais. Como acentua Perelman (1997), grosso modo, convencer se distingue de persuadir por meio da razão, já a persuasão estaria fora desse campo, sendo o entendimento e a vontade seus fatores primordiais.

Perelman e Tyteca (2005) concluem ainda que persuadir vale mais do que convencer quando o objetivo a se conquistar é de fato o resultado. Já o contrário vale para quando o objetivo da adesão está voltado para o caráter racional. Nesse sentido, Chaignet, citado por Perelman e Tyteca (2005, p. 45), ressalta: “quando somos convencidos, somos vencidos apenas por nós mesmos, pelas nossas ideias. Quando somos persuadidos, sempre o somos por outrem.”

Em qualquer discurso, sempre há um direcionamento do texto do orador para um certo auditório, mesmo que seja um texto escrito, o que, *a priori*, provoca uma sensação no orador de estar só, o que não é verdade, já que a produção de qualquer texto, de maneira consciente ou não, se destina a aqueles que o orador pretende convencer com suas palavras.

2.3 AUDITÓRIO PARTICULAR *VERSUS* UNIVERSAL

Segundo Perelman (1997), auditório é o conjunto de todos aqueles que o orador quer influenciar mediante o seu discurso. Quanto melhor se conhece o auditório, maior é o número de acordos prévios que se tem à disposição, e, portanto, melhor fundamentada será a argumentação. Sendo assim, ainda de acordo com Perelman (1997), há dois tipos de auditórios: o particular e o universal. O primeiro composto por apenas uma pessoa e o outro composto por toda a humanidade, sendo que para cada um há uma técnica própria de argumentação para se obter a adesão. Porém, vale ressaltar que os dois auditórios são criações, sendo que, nos dois casos, não é a quantidade de indivíduos que se conta, pois a atenção é para o discurso, para a retórica. Ser particular ou universal diz respeito aos critérios para a persuasão.

A técnica utilizada para obter um assentimento de uma só pessoa, designada de auditório particular, consiste em elaborar perguntas ao interlocutor, que, por sua vez, responde às contestações que surgirem, transformando, assim, o discurso em um diálogo. Contudo, uma vez que o interlocutor admite cada etapa da argumentação, Perelman ressalta estar no domínio da verdade, e não mais da opinião, o que, segundo o autor, “fica-se convencido de que as proposições enunciadas estão muito mais solidamente fundamentadas do que na argumentação retórica, na qual não se pode fazer a prova de cada argumento”. (PERELMAN, 1997, p. 73)

Em contrapartida, o auditório composto por toda a humanidade, denominado de universal, consiste em não ser real e sim ideal, imaginado pelo autor/orador. Dessa forma, para obter a adesão de um auditório desse tipo, é necessário valer de premissas que sejam aceitas por todos, incluindo o orador, a partir de uma argumentação objetiva, com base na verdade e em valores que sejam aceitos por toda a humanidade. Assim, destaca Perelman, “[...] cada época, cada cultura, cada ciência, e mesmo cada indivíduo, tem seu auditório universal”. (PERELMAN, 1997, p. 74)

Nesse sentido, o autor destaca que o caráter do auditório é essencial na argumentação retórica, o que vale também para a opinião que o auditório possui de seu orador. Como afirma Perelman (1997, p. 74) “é impossível à argumentação retórica escapar à interação entre a

opinião que o auditório tem da pessoa do orador e aquela que tem dos juízos e argumentos deste.”

Nem todas as pessoas admitem as mesmas coisas, podendo entrar em desacordo. Porém, a ideia de auditório universal vem de um auditório ideal, de uma construção mental, uma idealização do orador e do auditório ao qual ele se dirige. Como afirma Perelman, todo auditório reconhece determinados dados constituintes de fatos, verdades, presunções ou valores.

A primeira condição para o desenvolvimento de uma argumentação, de acordo com Perelman e Tyteca (2005), é fundamental que o auditório esteja prestando alguma atenção no que diz o orador, uma vez que seu objetivo é obter a adesão desse auditório. Portanto, como notamos, o auditório pode ser constituído por uma única pessoa, aquela que o orador chama pelo nome ou constituído por um conjunto de pessoas, mesmo quando se trata de um texto escrito, como no caso dos *blogs*, cujo auditório é formado pelos leitores, o que não pode ser determinado ao certo pelo orador de quem e de quantos se trata. Porém, “cada orador pensa, de uma forma mais ou menos consciente, naqueles que procura persuadir e que constituem o auditório ao qual se dirigem seus discursos.” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 22)

No entanto, os mesmos autores ressaltam o fato de que para construir uma argumentação de fato efetiva é preciso que o orador conceba um auditório presumido que se aproxime ao máximo da realidade, isto é, quanto mais se tem conhecimento daqueles que o orador pretende influenciar mais eficiente é sua argumentação. Por outro lado, uma imagem não correspondente do auditório pode provocar um efeito totalmente contrário do esperado pelo orador. Nesse sentido, Perelman e Tyteca (2005, p. 23) afirmam que “[...] todo orador que quer persuadir um auditório particular tem que se adaptar a ele. Por isso, a cultura própria de cada auditório transparece através dos discursos que lhe são destinados”.

Desse modo, muitas vezes o orador se encontra frente a um auditório heterogêneo em vários aspectos, como caráter, social, crenças, etnia, etc., o que dificulta sua argumentação. Isso faz com que ele recorra a diversos tipos de argumentos para tentar influenciar seu auditório, cujo resultado positivo, isto é, a persuasão o faz ser considerado um grande orador, isso se dá porque na arte de argumentar mais vale o parecer favorável do auditório do que saber o que o próprio orador considera ser verdadeiro. Isto é, cabe ao auditório, conforme afirmam

Perelman e Tyteca (2005), o papel de controlar a qualidade de argumentação, bem como a conduta do orador.

Entretanto, a argumentação que o orador utilizará em seu discurso pressupõe sempre um acordo por parte do auditório, isto é, o que vai ser ou não admitido por ele. Portanto, o orador, ao formular sua argumentação, imagina que seu auditório irá aderir a sua proposição, o que, como vimos pela heterogeneidade do auditório, pode não acontecer. Logo, um mesmo enunciado pode situar em três tipos de acordos definidos de modos diferentes, dependendo da situação em que se encontra o auditório, como categorizam Perelman e Tyteca (2005): acordo que se refere às premissas, à escolha e à apresentação, a fim de mostrar até que ponto o orador se empenha para influenciar seu auditório.

Como citamos acima, no processo argumentativo, cada tipo de acordo desempenha uma função diferente. Para tanto, os autores dividem os objetos dos acordos que se referem às premissas em duas categorias: real e preferível.

2.4 REAL VERSUS PREFERÍVEL

A categoria referente ao Real é constituída pelos fatos, as verdades e as presunções, cujo ponto de vista é determinado por um auditório universal. Por outro lado, a categoria referente ao Preferível comporta os valores, as hierarquias e os lugares do preferível, que por sua vez, mesmo sendo amplo, identifica-se com um auditório particular. Logo, cada auditório aceita apenas um determinado tipo de objetos referentes a cada tipo de acordo.

Em se tratando dos objetos de acordo pertencentes à categoria do real, de acordo com Perelman e Tyteca (2005), os fatos e as verdades pertencem a uma classificação e as presunções a outra. Assim, os fatos, grosso modo, caracterizam-se por se referirem a uma realidade mais objetiva, precisa, ou seja, o que não é passível de contestação e, por isso, comum a todos, isto é, ao acordo estabelecido pelo auditório universal.

Na argumentação, a importância do fato se deve à ideia de ser admitido por todos. Portanto, um fato, enquanto não contestado por outra pessoa, não há necessidade de justificá-lo. Como

salienta Perelman: “enquanto dura o acordo, o fato pode servir de ponto inicial para argumentações posteriores.” (PERELMAN, 1997, p. 221)

Visto isso, uma vez que não há uma contestação ao fato, também não há uma justificação da adesão, já que não tem por que ela ser intensificada ou generalizada, o que torna o fato à parte da argumentação. “A adesão ao fato não será, para o indivíduo, senão uma reação subjetiva a algo que se impõe a todos.” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 75).

Porém, vimos que um auditório universal pode não aceitar o fato colocado pelo orador, questionando-o e recusando-o, o que faz com que o fato perca seu estatuto, como, por exemplo, quando o auditório levanta dúvidas acerca da proposição enunciada, ou então, quando o auditório é ampliado por membros que não admitem a qualidade do fato, o que, contrariamente ao auditório universal, permite mostrar que “o auditório que admitia o fato é apenas um auditório particular, a cujas concepções se opõem a dos membros de um auditório ampliado.” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 76)

Em relação às verdades, Perelman e Tyteca (2005) afirmam possuir as mesmas características dos fatos, embora pertencentes a sistemas com uma maior complexidade, referentes a teorias científicas ou filosóficas, por exemplo. Segundo os autores, a distinção entre fatos e verdades vai além disso, e que muitos filósofos ainda discutem suas diferenças. Dessa maneira, “pode-se também conceber a relação deles de tal forma que o enunciado de um fato seja uma verdade e que toda verdade enuncie um fato.” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 77)

A respeito das presunções, observamos que a adesão pelo auditório universal não é total, o que faz com que a presunção conte com um reforço de determinados elementos para admitir a adesão, o que a caracteriza por não precisar ser retirada de uma argumentação prévia. Na maior parte das vezes, as presunções são o ponto de partida da argumentação, uma vez que sejam admitidas de imediato. Por exemplo, citamos uma espécie de presunção relatada dessa maneira por Perelman e Tyteca (2005, p. 79): “presunção de credulidade natural, que faz com que nosso primeiro movimento seja acolher como verdadeiro o que nos dizem e que é admitida enquanto e na medida em que não tivemos motivo para desconfiar”.

Em contrapartida, a categoria do preferível, constituída pelos valores, hierarquia e lugares do preferível, pretende conquistar a adesão somente pelo acordo do auditório particular. Assim,

em toda argumentação há, em um determinado momento, uma intervenção dos valores como base de argumentação, como, por exemplo, no campo político. Isso ocorre para motivar e incentivar o auditório a aderir certa proposição e não outra. Segundo Perelman e Tyteca (2005, p. 84), “Estar de acordo acerca de um valor é admitir que um objeto, um ser ou um ideal deve exercer sobre a ação e as disposições à ação uma influência determinada, que se pode alegar em uma argumentação, sem se considerar, porém, que esse ponto de vista se impõe a todos.”

De acordo com os autores, não podemos, em uma discussão, negar simplesmente um valor sem darmos uma justificativa ou reconhecer outros valores, pois daí entraríamos no domínio da força e sairíamos do campo da discussão.

Em se tratando da questão dos valores na argumentação, observamos uma relevante distinção entre os valores concretos e os valores abstratos. Sendo assim, segundo Perelman e Tyteca (2005), valores concretos referem-se a um objeto particular, a um ser ou grupo determinado, como, por exemplo, à França ou à Igreja. Já os valores abstratos são determinados em função dos valores concretos e têm como exemplo a justiça ou a verdade. Ou seja, “valores concretos são utilizados, o mais das vezes, para fundar os valores abstratos, e inversamente.” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 89)

Por esse viés, as noções de fidelidade, lealdade, solidariedade e disciplina são concebidas em comparação com os valores concretos, ou seja, essas noções só são percebidas nas relações interpessoais, cujos seres são constituídos de valores concretos, uns em relação aos outros.

Com efeito, é quase impossível que o sujeito não se apoie a um outro tipo de valor, uma vez que a argumentação é baseada ora pelos valores concretos ora pelos valores abstratos. Porém, vale ressaltar a dificuldade em perceber a representação de cada um e, principalmente, o que para alguns é compreendido como valor concreto pode não ser para outros, já que a sociedade, a cultura e a época variam e interferem diretamente na concepção dos valores.

Assim como os valores, a argumentação também é fundamentada pelas hierarquias, que se apresentam sob o aspecto concreto e abstrato. Assim, conforme a descrição de Perelman e Tyteca (2005), um exemplo de hierarquia concreta é a que expressa a superioridade dos homens sobre os animais e a hierarquia abstrata, por exemplo, a que expressa a superioridade do justo sobre o útil.

A importância dada às hierarquias de valores no que concerne à estrutura de uma argumentação chega a ser maior do que os próprios valores. Assim, “o que caracteriza cada auditório é menos os valores que admite do que o modo como os hierarquiza.” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 92). O que se tem a ressaltar é o fato de, apesar da primazia da hierarquia, os valores não perdem sua relativa independência.

Por fim, como o último objeto de acordo da categoria do preferível, estão os lugares, cuja designação permite a classificação dos argumentos, isto é, os lugares seriam uma espécie de reservatório, um local onde se guardam os argumentos. Assim, os lugares permitem estabelecer tanto os valores quanto as hierarquias. Portanto, “quando um acordo é constatado, podemos presumir que é fundado sobre lugares mais gerais aceitos pelos interlocutores.” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 96)

Dessa maneira, Perelman e Tyteca (2005) definem os lugares em, principalmente, lugares da quantidade e lugares da qualidade, a fim de analisar quais aspectos levam um auditório a recorrer determinados lugares em cada situação argumentativa apresentada.

Lugares da quantidade, de acordo com Perelman e Tyteca (2005), caracterizam-se por afirmarem, por aspectos quantitativos, que uma coisa é melhor do que outra, o que os autores ressaltam é que essa razão da superioridade tanto vale para valores positivos quanto para negativos. “O lugar da quantidade, a superioridade do que é admitido pelo maior número, é que fundamentam certas concepções da democracia e, também, as concepções da razão que assimilam esta ao *‘senso-comum.’*” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 98). Enfim, os lugares da quantidade procuram frequentemente apontar a eficácia de um meio, relacionando, assim, aos valores, por exemplo, de duração, de estabilidade e de objetividade; permitindo, segundo Perelman (1997, p. 189), “analisar e valorizar a justiça, avaliar o papel e a importância da lei e da convenção.”

Por outro lado, os lugares da qualidade estão na contramão dos da quantidade, contestando os números em favor da qualidade da verdade. “O verdadeiro não pode sucumbir, seja qual for o número de seus adversários: estamos em presença de um valor de ordem superior, incomparável.” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 101). Referem-se ao raro, original, heterogêneo, único e concreto. Aqui, como ressalta Perelman (1997, p. 189), “o que merece a nossa dileção não é o que dura, mas o que vai desaparecer; não o que pode

servir a todos e sempre, mas o que se deve agarrar porque a ocasião nos diz respeito e nunca mais se apresentará”. E ainda, complementa Perelman: “o único é incomparável, mas, com maior frequência ainda, o incomparável é que é qualificado de único, e adquire o valor do insubstituível.” (PERELMAN, 1997, p. 189)

Além dos lugares da quantidade e da qualidade, os autores também definem os lugares da ordem – afirmam a superioridade do anterior sobre o posterior; os lugares do existente – afirmam a superioridade do que existe, do que é real sobre o possível ou impossível; os lugares da essência – conferem um valor de superioridade aos indivíduos enquanto representante da essência sobre cada uma de suas encarnações; e os lugares da pessoa – vinculados a sua dignidade, ao seu mérito e a sua autonomia.

Partindo do ponto de vista sociológico, Perelman (1997) propõe distinguir tecnicamente a argumentação da demonstração, com o objetivo de tornar mais produtivas suas aplicações sociais.

2.5 ARGUMENTAÇÃO *VERSUS* DEMONSTRAÇÃO

A argumentação e a demonstração, na teoria de Perelman e Tyteca (2005), são postas lado a lado e confrontadas. A finalidade da demonstração é que se prove a verdade de uma tese baseando-se nas premissas. Já a argumentação tem seu fim relacionado à adesão obtida por um interlocutor ou auditório a partir da persuasão ou convencimento.

Para os autores do tratado, a argumentação se desenvolve de acordo com o auditório ao qual é dirigido e ao qual o orador, que é quem apresenta uma argumentação, deve se adaptar. Assim, o orador expressa sua argumentação, oral ou escrita, e o auditório, por sua vez, corresponde aos ouvintes ou leitores. O auditório varia conforme a situação que ele participa, sendo que a idade, o sexo, a competência, etc., influenciam na maneira que os ouvintes ou leitores chegam a uma conclusão ou constroem uma determinada opinião. É com base nessas diversidades de crenças e culturas dos auditórios que Perelman ressalta que:

Toda argumentação visa, de fato, a uma mudança na cabeça dos ouvintes, trate-se de modificar as próprias teses às quais aderem ou simplesmente a intensidade dessa adesão, medida pelas consequências posteriores que ela tende a produzir na ação. A perspectiva da argumentação não permite, como a da demonstração, separar inteiramente o pensamento da ação, e compreende-se que o exercício da

argumentação seja, ora favorecido, ora impedido, e amiúde regulamentado por aqueles que na sociedade detêm o poder ou a autoridade. (PERELMAN, 1997, p. 304)

A distinção entre argumentação e demonstração estabelecida por Perelman (1997) gira em torno do tempo, uma vez que na argumentação o tempo é fundamental, e o mesmo não se pode dizer a respeito da demonstração.

Em se tratando da argumentação, Perelman (1997) ressalta seu poder não coercivo. Quer dizer, um ouvinte/leitor tem a opção de aderir ou não a uma determinada tese, já que os efeitos de uma argumentação estão sempre sujeitos à modificação, seja em função do tempo, do comportamento, das crenças, podendo aumentar ou diminuir sua adesão. O que para a demonstração essa liberdade de escolha não faz sentido, uma vez que é definida como uma série de estruturas fixas, imutáveis, sem o poder de ser recusada pelo ouvinte, pois a partir do momento em que se forma uma conclusão, ela é única, sem o poder de mudança. Sendo assim, a verificação para saber se a demonstração alcançou sua meta é desnecessária, haja vista que sua natureza é coerciva.

Em suma, como ressalta Perelman (1997), em certo sentido a memória é o suficiente para provar uma demonstração, já que não há necessidade da repetição, da insistência, da coerção, já no caso da argumentação é preciso reviver uma determinada situação, porque nunca uma argumentação é totalmente suficiente de se declarar adesão a ela, uma vez que a escolha de determinados argumentos podem ser válidos para um certo auditório, mas insuficientes para outros.

Portanto, no que tange à argumentação, um dos fatores determinantes para se conseguir a adesão do auditório em uma determinada situação de comunicação é a escolha certa dos argumentos, uma vez que todo argumento possui, na prática, um determinado tipo de força, ora mais forte ora mais fraca e esses argumentos estão constantemente interagindo entre si, embora em condições imprecisas.

Nesse sentido, o orador escolhe para fomentar seu discurso os argumentos que, para ele, possuem uma força maior. Essa força dos argumentos está vinculada tanto em relação à intensidade de adesão do ouvinte às premissas quanto à relevância dos argumentos utilizados. Entretanto, tanto uma quanto a outra vão depender de uma outra argumentação, que será

construída a fim de derrubar a primeira. Assim, o auditório e o objetivo da argumentação são fatores indispensáveis para medir a força de um argumento. É o que salientam Perelman e Tyteca (2005, p. 525):

Não basta escolher premissas nos quais se apoiar; cumpre prestar atenção, uma vez que a força do argumento se deve em grande parte à sua possível resistência às objeções, a tudo quanto o auditório admite, mesmo ao que não se tem nenhuma intenção de usar, mas que poderia ver opor-se à argumentação.

O mesmo vale para a refutação, cuja escolha é guiada pelo próprio argumento que se combate. Contudo, a objeção continuará no âmbito proposto pelo orador, contrapondo, por exemplo, um lugar de qualidade ou de quantidade, ou ainda, o útil ao de justiça.

Todavia, o contexto tradicional influencia diretamente na força dos argumentos, fazendo com que o orador utilize todo tipo de argumento ao abordar um determinado assunto, porém sua argumentação é limitada, seja em função do hábito, seja em função de uma lei ou de uma técnica própria, o que leva a determinar o que é válido e o que não é no âmbito da argumentação.

Assim, com base na classificação de Perelman e Tyteca (2005), os tipos de argumentos podem se enquadrar em três grupos, como: os quase-lógicos (incompatibilidade, ironia, definição, regra de justiça, *ad ignorantiam*, entre outros); os que se baseiam na estrutura do real (sucessão, causalidade, pragmático, finalidade, *a fortiori*, *ad hominem*, etc.), real entendido aqui como o que o auditório crê, ou seja, o que ele considera como fato, verdade ou presunção; e os que fundamentam a estrutura do real (comparação, ilustração, metáfora, analogia e exemplo).

Para complementar a classificação descrita acima, Emediato (2006), tomando como base Perelman e Tyteca (2005), apresenta os tipos de argumentos em: argumentos empíricos ou fatuais; causalidade (argumentos causais); argumentação pragmática (*ad consequentiam*); argumentar sobre fatos atestados; os argumentos fundados em uma confrontação; o argumento *ad personam*; o argumento de autoridade; a incompatibilidade, a autofagia e a retorsão; os argumentos de identidade; a definição, os argumentos associativos e dissociativos; o dilema: o menor mal é o mal melhor?; o argumento que parte do geral para caracterizar o particular; a

transitividade; o argumento da regra de justiça; o argumento dos inseparáveis: não há A sem B; a argumentação probabilista: sondagens, estatísticas; a identificação manipuladora.

Tendo em vista a força desses argumentos, o orador ou o ouvinte pode utilizá-la de maneira explícita ou implícita, dependendo do que for mais apropriado em cada situação argumentativa. Desse modo, podemos enumerar diversos fatores que podem aumentar ou diminuir essa força.

Em virtude de tornar o argumento mais forte, o orador pode superestimar voluntariamente a força dos argumentos que ele propôs, apresentando, assim, uma conclusão mais certa do que realmente é, fazendo uso de seu prestígio perante o auditório, acrescentando um argumento suplementar. O que é considerado “um estado médio entre a má fé e a temeridade,” segundo Bentham, citado por Perelman e Tyteca (2005, p. 529). Entretanto, o orador que decide por essa atitude, deve, eventualmente, prestar contas.

Outra estratégia utilizada pelo orador para superestimar a força do argumento se dá pela supressão dos acordos particulares sem a adesão explícita por parte do interlocutor, isto é, há uma conclusão sem adesão às premissas que poderia ser contestada. Considerada por Schopenhauer, citado por Perelman e Tyteca (2005, p. 529) como “a forma grosseira de um processo inexorável.”

Por outro lado, técnicas de moderação e atenuação às pretensões da argumentação acabam por favorecer a ponderação e a sinceridade, como, por exemplo, as figuras de insinuação, reticência, litotes, diminuição, eufemismo, etc., interpretadas e expressadas como uma vontade de moderação. Assim como a hipótese e a utopia.

E ainda, além das técnicas de aumentar e atenuar a força dos argumentos, existe a possibilidade também de diminuir, em especial, a força dos argumentos do adversário. Para isso, Perelman e Tyteca (2005) ressaltam que é preciso utilizar estratégias inversas aos processos anteriores, como por exemplo, extrapolar no grau emotivo que não seja compatível com o assunto ou então minimizar o efeito de determinados argumentos, atribuindo fatores inerentes à pessoa do orador e não ao próprio valor do argumento. Ou ainda, a utilização de argumentos previstos, genéricos, banais, já que um tipo de argumento, a partir do momento que o adversário o enuncia, impede a diminuição da confiança que se tem no orador, perdendo,

assim, seu poder de crítica e contribuindo para sua desvalorização. Por esse viés, portanto, os autores chegam à conclusão que:

Toda refutação – seja ela de uma tese aceita, de um argumento do adversário, de um argumento não expresso, de uma objeção e um argumento – implica a atribuição, ao que é refutado, de certa força que convenha à aplicação útil de nosso esforço: consideraremos o que combatemos elevado o bastante para tornar a refutação importante, digna de ser levada em consideração, e isso não só com um objetivo de prestígio, mas também a fim de atrair melhor a atenção do auditório, de assegurar aos argumentos empregados uma certa força para o futuro; e o consideraremos baixo o bastante para tornar a refutação suficiente. (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 533)

Nesse sentido, diversos são os fatores que determinam a avaliação da força que se pretende combater, e muitos deles partem de como o orador reproduz certos argumentos do adversário para descrever o poder de suas afirmações, tais como seu comportamento, sua segurança ou sua falta de segurança. Ou ainda, verificar se o adversário se vê acuado na discussão, se ele questiona em vez de responder o que lhe foi proposto, etc. Com isso, o orador manipula a força dos argumentos que provocam esses tipos de reações no adversário, facilitando sua argumentação e atacando exatamente os pontos fracos demonstrados pelo adversário.

Em suma, nos estudos da Nova Retórica, Perelman retoma alguns fundamentos referentes à argumentação da antiga retórica clássica. Essa nova teoria, proposta juntamente com Tyteca, apesar de se basear na retórica antiga, busca uma reconstrução empírica da teoria da argumentação obtida pelos meios de provas constituintes dos inúmeros tipos de discursos observados em nosso universo textual. Segundo Menezes, é possível perceber a Nova Retórica sob “uma perspectiva engajada, em que a argumentação é vista como um fenômeno da linguagem relacionado à participação social e política em questões do interesse público [...]” (MENEZES, 2001, p. 185)

CAPÍTULO 3 O *ETHOS* SOB DIFERENTES ABORDAGENS

Neste capítulo abordaremos questões relacionadas ao *ethos* sob a perspectiva teórica de diversos autores, em especial a visão de *ethos* sob a óptica de Amossy (2008a, 2008b, 2008c).

Todos nós, ao preferirmos um discurso, seja ele falado ou escrito, construímos uma imagem de nós mesmos, utilizando, para isso, meios artificiais ou não, de maneira implícita ou explícita, o que importa é que criamos um *ethos* que causa consequências esperadas ou não em relação aos interlocutores, dependendo da maneira como eles recebem e interpretam essa nossa imagem. Amossy conceitua esse fato da seguinte maneira:

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. (AMOSSY, 2008a, p. 9)

Nesse sentido, a autora afirma que os artifícios utilizados para que o locutor construa uma imagem de si não se limita a uma técnica, mas que ocorre de uma maneira que não depende diretamente dos parceiros, que vão de trocas verbais triviais do dia a dia a reuniões mais formais, em que é necessário que o orador incorpore uma imagem de si que pode ou não condizer com sua imagem real, ou ainda, com a imagem que esse orador espera que seu auditório a interprete, chamada hoje de *ethos prévio*. É o que os antigos denominavam de *ethos*, termo que vem sendo difundido em estudos desde a Retórica Clássica e atualmente retomado pelos estudos das ciências da linguagem – em especial, pela análise do discurso – e pela Nova Retórica.

Em síntese, segundo Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 220), o *ethos* “designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso pra exercer uma influência sobre seu alocutário”. Para a construção de uma boa imagem de si, é necessário que o orador transmita aos seus interlocutores credibilidade, confiança, seriedade, ética, competência, sinceridade e solidariedade.

Em se tratando das ciências da linguagem, Charaudeau e Maingueneau (2004) afirmam que é com Ducrot que o termo *ethos* aparece, mais precisamente na teoria polifônica da enunciação. Em sua teoria pragmático-semântica, Ducrot se preocupa com as instâncias internas do discurso, deixando de lado o sujeito falante real e privilegiando o estudo do locutor, no qual, especificamente, o autor introduz a noção de *ethos*. Quer dizer, o *ethos* está relacionado diretamente com a imagem do sujeito da enunciação.

Na análise do discurso, o termo *ethos* foi reelaborado sobretudo por Maingueneau e Charaudeau (2004). Esses autores retomaram noções que foram debatidas em outros estudos propostos anteriormente, buscando contribuições que perpassam por teorias advindas, principalmente, de Aristóteles, de Benveniste e do próprio Ducrot.

A noção de *ethos* para Maingueneau (2008) se enquadra na análise do discurso, ultrapassando o quadro da argumentação. Assim, ele o faz analisando textos que não necessariamente se encaixam em situações argumentativas. Dessa maneira, o autor segue justificando as razões que o levaram a pensar em uma concepção de *ethos* diferenciada:

Duas razões me levaram a recorrer à noção de *ethos*: seu laço crucial com a reflexividade enunciativa e a relação entre corpo e discurso que ela implica. É insuficiente ver a instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso apenas como estatuto ou papel. Ela se manifesta também como “voz” e, além disso, como “corpo enunciante”, historicamente especificado e inserido em uma situação, que sua enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente (MAINGUENEAU, 2008, p. 70).

Dessa forma, o *ethos*, de acordo com Maingueneau (2008), está diretamente relacionado com a enunciação e, sendo assim, o auditório constrói uma imagem do *ethos* do enunciador desde o início em que este se apresenta ao público, antes até de sua fala.

Maingueneau (2008), então, desenvolve seu estudo tornando como base o *ethos* discursivo, conforme a definição proposta por Aristóteles. Com efeito, como dito anteriormente, Maingueneau reformula a concepção de *ethos* em um contexto da análise do discurso e propõe que:

[...] qualquer discurso escrito, mesmo que a negue, possui uma vocalidade específica, que permite relacioná-lo a uma fonte enunciativa, por meio de um tom que indica quem o disse: o termo “tom” apresenta a vantagem de valer tanto para o escrito quanto para o oral: pode-se falar do “tom” de um livro. (MAINGUENEAU, 2008, p. 72)

Assim, o autor ressalta que a vocalidade acarreta uma determinação do corpo, mas deixa claro que o corpo em questão não se trata do autor efetivo. Desse modo, o autor introduz em seus estudos o termo “fiador”, no qual afirma que “a leitura faz emergir uma origem enunciativa, uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de fiador”. (MAINGUENEAU, 2008, p. 72)

Essa figura do fiador deve ser construída pelo leitor, tomando como base, para isso, os indícios que os textos mostram. Dessa forma, o fiador possui um caráter que se relaciona com os traços psicológicos e com uma corporalidade ligada à constituição física, bem como o modo de se vestir e de se mover no espaço social. É o que, então, resume Maingueneau (2008, p. 72): “o *ethos* implica assim um controle tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global”.

Em relação ao texto, segundo Maingueneau, trata-se de uma enunciação direcionada para um coenunciador, que, por sua vez, deve aderir “fisicamente” ao sentido determinado pelo enunciador. Desse modo, segundo as próprias palavras de Maingueneau (2008, p. 73), “a qualidade do *ethos* remete, com efeito, à figura desse “fiador” que, mediante sua fala, se dá uma identidade compatível com o mundo que se supõe que ele faz surgir em seu enunciado.”

A concepção de *ethos* defendida por Maingueneau (2008) é o que o próprio autor relata como uma dificuldade encontrada, uma vez que essa noção pode ser denominada de escritural, o que colocaria em oposição ao *ethos* oral, tradicional. Porém, ele ressalta as diferenças de cada um, mostrando que o *ethos* tradicional impõe a fala imediata de um locutor encarnado, já o *ethos* escritural exige que o leitor tenha o trabalho de elaboração imaginária, tomando como base para tal, indícios nos textos. Desse modo, devido a sua configuração textual, nosso *corpus* se enquadraria nessa última categoria.

E ainda, dentro do contexto dessa oposição da noção de *ethos* tradicional *versus* à noção de *ethos* sob uma perspectiva da análise do discurso, Maingueneau (2008) fundamenta seu posicionamento da seguinte maneira:

Na perspectiva da análise do discurso, não podemos, pois, contentar-nos, como a retórica tradicional, em fazer do *ethos* um meio de persuasão: ele é parte constitutiva da cena de enunciação, com o mesmo estatuto que o vocabulário ou os modos de difusão que o enunciado implica por seu modo de existência. O discurso pressupõe essa cena de enunciação para poder ser enunciado, e, por seu turno, ele deve validá-

la por sua própria enunciação: qualquer discurso, por seu próprio desdobramento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente. (MAINGUENEAU, 2008, p. 75).

Isso posto, em relação ao leitor no contexto dessa concepção de *ethos* defendida por Maingueneau (2008), o autor pontua que:

Como o enunciado se dá pelo tom de um fiador associado a uma dinâmica corporal, o leitor não decodifica seu sentido, ele participa “fisicamente” do mesmo mundo do fiador. O coenunciador captado pelo *ethos*, envolvente e invisível, de um discurso, faz mais do que decifrar seus conteúdos. Ele é implicado em sua cenografia, participa de uma esfera na qual pode reencontrar um enunciador que, pela vocalidade de sua fala, é construído como fiador do mundo representado. (MAINGUENEAU, 2008, p. 90)

Para Charaudeau (2006), a argumentação é considerada uma prática social na qual o sujeito argumentante se depara com as restrições impostas pela situação comunicativa como também com uma margem de manobras que lhe permite realizar seu projeto de fala por meio de estratégias de construção textual.

Em se tratando do *ethos*, Charaudeau (2006, p. 114) coloca em debate uma questão: “(i) enquanto construção da imagem de si, o *ethos* liga-se à pessoa real que fala (o locutor) ou à pessoa como ser que fala (o enunciador)?” Ou seja, nas terminologias usadas pelo contrato comunicacional, o *ethos* está ligado ao sujeito comunicante (EUc) ou ao sujeito enunciador (EUe)? Ou ainda, há um *ethos* prévio, pré-discursivo ou apenas um *ethos* discursivo, construído na e pela enunciação?

Para responder a essas questões, observamos que há várias correntes e controvérsias que discorrem sobre o assunto. Segundo a concepção de alguns filósofos, como afirma Charaudeau (2006, p. 114), “o *ethos* é um dado ‘preexistente ao discurso’, pois, para eles, parece mais virtuoso, sincero e amável quando se é, de fato, virtuoso, sincero e amável.”

Para Aristóteles, o orador mostra seus traços de personalidade sem se preocupar em ser sincero ao seu auditório para, dessa forma, ser possível a persuasão. Desse modo, os analistas do discurso, baseando-se em Aristóteles, defendem a ideia de que o *ethos* está no campo da enunciação ou, nos termos da semiolinguística, no campo do dizer, referente ao contrato de comunicação de Charaudeau.

Assim, ressalta Charaudeau (2006), o *ethos* de um orador não é totalmente consciente, voluntário, e pode não coincidir com o que o orador espera que seu auditório vá perceber, com isso aumentando ou diminuindo sua adesão.

Dessa forma, Charaudeau (2006, p. 118) afirma que o “*ethos* é bem o resultado de uma encenação sociolinguageira que depende dos julgamentos cruzados que os indivíduos de um grupo social fazem um dos outros ao agirem e falarem.” E ainda, sobre essa questão, Maingueneau *apud* Charaudeau (2006, p. 118) destaca que “as ideias são construídas por maneiras de dizer que passam por maneiras de ser.” Sobre esse ponto de vista de Maingueneau, Charaudeau acrescenta que não se pode deixar de pensar também na recíproca: “as maneiras de ser comandam as maneiras de dizer, portanto, as ideias.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 118)

Com o objetivo de demonstrar o *ethos* de um orador, Charaudeau (2006) divide o *ethos* em duas categorias: *ethos* de credibilidade e *ethos* de identificação. Os *ethé* de credibilidade estão relacionados ao discurso da razão e os *ethé* de identificação estão relacionados ao discurso do afeto.

Assim, um orador ao utilizar uma construção discursiva pautada na credibilidade, tem como objetivo fazer com que seu auditório julgue-o digno de crédito. E, para que isso ocorra, o orador deve se “vestir” de uma imagem que passe uma credibilidade (mesmo que essa imagem não seja verdadeira), isto é, o orador deve ser transparente, sincero, eficaz no que diz, faz e promete ao seu auditório, com condições de cumprir, ou que pelo menos faça seu auditório perceber que ele possui essas características.

Portanto, o orador, para obter credibilidade de seu auditório, é preciso construir a imagem dos *ethos* de sério, de virtuoso e de competente. Assim, Charaudeau (2006, p. 137) afirma que o “*ethos* de credibilidade se constrói em uma interação entre identidade social e identidade discursiva, entre o que o sujeito quer parecer e o que ele é em seu ser psicológico e social.”

Saindo do campo do discurso da razão e entrando no campo do discurso do afeto, Charaudeau (2006) afirma que classificar as imagens desse tipo de *ethos* é delicado, haja vista que essas imagens têm como função obter uma maior adesão do auditório. Porém, um auditório é sempre heterogêneo e vago em se tratando de imaginários. Esse é o motivo de os oradores, na

maior parte das vezes, jogarem simultaneamente com valores opostos e, às vezes, até contraditórios.

Charaudeau (2006) define então um certo número de imagens que caracterizam essa categoria de *ethos* de identificação, como: potência, caráter, inteligência, humanidade, chefia e solidariedade. Cada uma dessas imagens incorporadas pelo orador é responsável por um determinado efeito, e a adesão que ele busca obter vai depender do grau de credibilidade captado por seu auditório.

Sendo assim, para a construção do *ethos*, é necessária a combinação de determinados procedimentos linguístico-discursivos. E ainda, a escolha de um único procedimento pode produzir diversos efeitos, tanto positivos quanto negativos no orador ou em seu adversário ou até mesmo produzir um efeito contrário ao que se esperava do auditório. Desse modo, Charaudeau (2006) propõe alguns procedimentos, que ele divide em expressivos e enunciativos, que são capazes de fabricar certos efeitos de *ethos*.

Os procedimentos expressivos são relacionados à caracterização da enunciação oral. Uma vez que nossa pesquisa trata de um *corpus* voltado inteiramente para a escrita, não vamos nos ater a esses procedimentos, que Charaudeau, a título de curiosidade, divide em quatro categorias para classificar a vocalidade dos políticos, isto é, a maneira de falar do locutor: o “bem falar”, o “falar forte”, o “falar tranquilo” e o “falar regional.”

Vale ressaltar mais uma vez que esses procedimentos são alguns dos recursos mais utilizados pelos políticos para construir uma imagem de *ethos* que se adéque a uma determinada situação de comunicação. E que “as mesmas técnicas de argumentação se encontram em todos os níveis, tanto no da discussão ao redor da mesa familiar como na do debate num meio muito especializado.” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 8)

Em contrapartida, os procedimentos enunciativos não são encontrados apenas na fala do orador, o que permite visualizarmos na enunciação escrita dos *blogs*, uma vez que são expressos por marcas linguísticas próprias. Desse modo, como observamos na seção 1.2.1, Charaudeau classifica a enunciação em elocutiva, alocutiva e delocutiva. Portanto, utilizaremos também esses procedimentos enunciativos no capítulo de análise, a fim de

constatarmos a contribuição dada por determinadas modalidades enunciativas para a construção de certas figuras de *ethos* presentes no discurso político dos *blogs* jornalísticos.

No entanto, Auchlin (2001, p. 201) define o *ethos* por meio das reflexões e indagações propostas por ele da seguinte maneira:

Por trás de uma aparente simplicidade – *ethos* é o ar, tom, estilo, daquele ou daquela que fala, é como o locutor se diferencia da maneira pela qual ele se vê – a noção mostra diferentes problemas quando tentamos compreender o seu conteúdo preciso: de qual ponto de vista nos pronunciamos sobre o *ethos*? O que é necessário compreender por “o ar, tom, estilo”? Em que sentido é preciso entender “aquele que fala”? Enfim, qual é, de onde vem, este poder do *ethos* que apodera-se dos casos indecisos, quando ele não rivaliza com o conteúdo em si dos argumentos, com o *logos*?

Então, o autor propõe, grosso modo, duas visões distintas do *ethos*: uma monologal - que considera o *ethos* “em si”, como conjunto de atributos do orador ou locutor do discurso que se associam a uma pessoa ou a uma coletividade - e uma dialogal - que considera o *ethos* enquanto “eu” e não “ele”. Assim, segundo Auchlin (2001, p. 203), “o *ethos* repousa sobre o conjunto de fatos tornados manifestos, de forma linguística e não linguística, pelo evento enunciativo, e se elabora sobre a dupla base de um tratamento interpretativo interno, e de um tratamento externo, do discurso.” O autor completa que:

O *ethos* tem sua origem numa internalidade do discurso; mas esta não é estritamente intra-verbal e nem poderia sê-lo. Essa internalidade é “experencial”, no sentido em que a experiência do discurso dispõe de algo de específico, que serve de articulação entre o intra e o extra-verbal linguageiros; ele é experencial no sentido em que a confiança, a convicção, a persuasão – bases do *ethos* – não são dados intra-verbais. (AUCHLIN, 2001, p. 216)

O orador ou locutor, ao proferir seu discurso, pode fazer uso de diferentes *ethé*, isto é, características relacionadas ao caráter a fim de persuadir seu auditório ou interlocutor, sem se importar com a sinceridade, pois, como afirma Auchlin (2001, p. 204): “a realidade do *ethos* está na troca e pertence ao interlocutor.”

Retomando a concepção proposta por Amossy (2008b), a noção de *ethos* deve ser explorada conjuntamente por três disciplinas: a Retórica, a Pragmática e a Sociologia. Assim, a autora pretende desenvolver uma noção contemporânea do *ethos*, para incorporá-la dentro de uma perspectiva retórica, baseada em Perelman.

Sendo assim, o *ethos*, para a Pragmática, é construído na interação verbal e se preocupa com o dispositivo da enunciação. Quer dizer, o *ethos* está relacionado diretamente ao circuito interno discursivo. De acordo com Amossy (2008b, p. 122), a pragmática se interessa em analisar “o locutor e a maneira como ele se engaja na interlocução construindo uma imagem de si.” Em contrapartida, o *ethos*, para a Sociologia, se insere em uma troca simbólica e seu interesse é pelos rituais sociais que não fazem parte da prática linguageira. Ou seja, em uma perspectiva sociológica, utilizando os termos estabelecidos por Ducrot, citado por Amossy (2008b), mais vale o interesse pelo autor empírico, o produtor do que o locutor, responsável pelo enunciado em si.

Nesse sentido, Amossy (2008b) procura retomar pontos dessas duas abordagens para provar que, apesar de distintas, podem ser complementares dentro de uma perspectiva retórica. Dessa maneira, a Nova Retórica, de Perelman, tomada como base para o estudo de Amossy, discorre sobre o orador, no qual deve obter a adesão de seu auditório, por meios verbais, com o intuito de que esse auditório concorde com a tese proferida pelo locutor.

Assim, em uma perspectiva sociológica da argumentação, Perelman (1997) afirma que o discurso do orador é orientado para seu público, o que para a Sociologia é um fato, já que a argumentação é desenvolvida em função do auditório. Essa importância dada ao auditório faz surgir, conseqüentemente, os valores e as crenças compartilhadas nas trocas verbais entre os interlocutores.

Nesse âmbito, segundo Perelman (1997), o orador constrói um auditório e a interação que existe entre eles se dá por meio da imagem que eles fazem de si. Quer dizer, o enunciador constrói uma imagem de seu auditório, com base nas ideias e reações por ele apresentadas, e é essa imagem que vai guiar esse orador para tentar persuadir seu auditório. E, para que ocorra essa persuasão, é necessário que a imagem que o auditório faz de seu orador seja correspondente com a imagem pretendida por ele, pois é por meio dessa imagem que o orador sustenta seus argumentos e constrói seu *ethos*.

Em suma, o orador constrói uma imagem de si em função da imagem que ele constrói de seu auditório. Isso quer dizer que o auditório possui um saber prévio sobre o orador, denominado de doxa, o que é fundamental para determinar o *ethos* dos interlocutores. Dessa forma, Amossy (2008b) conclui que:

No momento em que toma a palavra, o orador faz uma ideia de seu auditório e da maneira pela qual será percebido; avalia o impacto sobre seu discurso atual e trabalha para confirmar sua imagem, para reelaborá-la ou transformá-la e produzir uma impressão conforme as exigências de seu projeto argumentativo. (AMOSSY, 2008b, p. 125)

Nesse sentido, observamos que são atribuídos determinados *ethos* aos enunciadores, principalmente quando se tratam de personalidades da política, o que Amossy (2008b) denomina de noção de estereótipo. De acordo com a autora, estereotipagem “é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado.” (AMOSSY, 2008b, p. 125). Quer dizer, a sociedade considera e segue um modelo pré-construído da imagem de um sujeito. E essa imagem pode ter sido concebida pela própria mídia, o que pode ser verdadeira ou não. Assim, salientamos que a imagem pré-construída é o que se entende por *ethos* prévio ou *ethos* pré-discursivo e não propriamente o estereótipo.

Desse modo, o orador precisa adaptar uma imagem de si que ele imagina ser valorizada pelo seu auditório. Conforme salienta Amossy (2008b), pretendemos mostrar como as características relacionadas ao orador permitem a construção de sua imagem:

Assim se passa com a construção da imagem de si, que confere ao discurso uma parte importante de sua autoridade. O orador adapta sua apresentação de si aos esquemas coletivos que ele crê interiorizados e valorizados por seu público-alvo. Ele o faz não somente pelo que diz de sua própria pessoa (frequentemente, não é de bom-tom falar de si), mas também pelas modalidades de sua enunciação. É então que ele incumbe o receptor de formar uma impressão do orador relacionando-o a uma categoria conhecida. O discurso lhe oferece todos os elementos de que tem necessidade para compor um retrato do locutor, mas ele os apresenta de forma indireta, dispersa, frequentemente lacunar ou implícita. (AMOSSY, 2008b, pp. 126 e 127)

Ligando o *ethos* sob a óptica das duas disciplinas, a Pragmática e a Sociologia, Amossy (2008b, p. 136) chega à conclusão, com base nos estudos da Nova Retórica, de Perelman, que “a eficácia da palavra não é nem puramente exterior (institucional) nem puramente interna (linguagreira). Ela acontece simultaneamente em diferentes níveis.” A autora destaca que a passagem do sujeito falante empírico para o sujeito locutor enunciador se faz por diversas intervenções. Assim, afirma a autora, a imagem que esse enunciador constrói de si mesmo no discurso é formada pela troca verbal e é essa imagem que determina o quanto o locutor é capaz de persuadir seus interlocutores.

Amossy (2008b) pontua que a Retórica analisa o *ethos* como uma construção do discurso constitutivo da interação verbal, levando em consideração os estudos baseados na Pragmática – permitindo trabalhar a construção do *ethos* discursivo em relação à enunciação e ao gênero do discurso – e a Sociologia – permitindo mostrar a importância da dimensão social do *ethos* e a relação sob uma perspectiva institucional exterior. Pensando a partir do quadro de uma análise retórica, Amossy conclui que:

Para a retórica, se o dizer é um fazer, ele o é na medida em que agir sobre o auditório, leva-o a adotar teses capazes de moldar comportamentos. O orador influencia as opiniões que, no momento oportuno, traduzir-se-ão em atos, e é por isso que ele deve produzir em seu discurso uma imagem adequada de sua pessoa. A construção discursiva de uma imagem de si é suscetível de conferir ao orador sua autoridade, isto é, o poder de influir nas opiniões e de modelar atitudes. Essa ótica corrobora as perspectivas da pragmática que considera que a fala possui um poder e produz um efeito sobre o alocutário na troca verbal - em outros termos, que o discurso, permite (inter)agir. (AMOSSY, 2008b, p. 142)

Isso posto, a autora ainda destaca que desenvolve seus estudos com base em uma enunciação que leve em consideração que o sujeito locutor compreenda: a posição que o sujeito empírico assume, mesmo que essa seja uma posição implícita; o *ethos* prévio do locutor; e o *ethos* discursivo. Assim, ao trabalhar com a noção de estereótipo, pode-se considerar o *ethos* em uma perspectiva sócio-histórica.

Assim, Amossy (2008c) insere seus estudos em um quadro argumentativo, tomando como inspiração a análise do discurso e, portanto, levando em consideração a interação verbal existente entre os interlocutores, objetivando trabalhar com a noção de *ethos* em uma perspectiva discursiva e institucional. E é por considerar a argumentação como parte integrante do discurso, que a autora elabora e desenvolve a noção de modalidades argumentativas, que consistem em mostrar os diferentes modos pelos quais pode ocorrer a adesão de uma tese em uma interação verbal. Quer dizer, são as modalidades representadas na argumentação e inseridas no discurso, uma vez que cada discurso possui uma situação de enunciação e uma estrutura de troca verbal próprias.

Nesse sentido, Amossy (2008c) relaciona seis tipos de modalidades argumentativas, a saber: demonstrativa, patética, pedagógica, de coconstrução, negociada e polêmica; que são consideradas como a maneira de argumentar, tendo como modelos fundamentais a estrutura da troca argumentativa; a maneira em que é construída a persuasão ao alocutário; e o modo como é definido esse alocutário na interação.

Sendo assim, a modalidade demonstrativa consiste em uma tese defendida pelo locutor por meio de uma demonstração pautada no raciocínio apoiado nas provas, a fim de obter a adesão de seu auditório. Alguns exemplos dessa modalidade são o artigo científico e o ensaio filosófico. Por outro lado, a modalidade patética trata-se de uma tese que é apresentada pelo locutor com o objetivo de “tocar” seu auditório, isto é, utiliza-se de fatores sentimentais para obter a adesão de seu auditório. Tem como exemplos o apelo à ajuda humanitária e a defesa ante os jurados. Já a modalidade pedagógica consiste na tese apresentada pelo locutor sob a óptica da sabedoria, o que leva o auditório à reflexão, ocupando um lugar de aprendiz desse saber, gerando um conhecimento. O manual escolar e a literatura infantil são exemplos dessa modalidade.

Em relação à modalidade de coconstrução, trata-se das interações em que há uma colaboração dos participantes, coconstruindo soluções para as resoluções dos problemas levantados em conjunto. Nesse sentido, consideram-se as reuniões profissionais e familiares e o debate com o objetivo de solucionar algo, como exemplos dessa modalidade.

Embora a modalidade negociada também trate das interações, com o intuito de solucionar um problema, o que a difere da modalidade de coconstrução é o fato de os parceiros ocuparem posições contrárias e conflituosas, o que leva um esforço maior por parte deles para solucionar em comum acordo o problema, chegando a um consenso geral por meio da negociação. Assim, entendem-se como exemplos dessa modalidade as negociações comerciais e a reunião familiar que tende a resolver um conflito.

Por fim, a modalidade polêmica trata do embate entre as teses opostas defendidas e atacadas pelos locutores com o objetivo de obterem a convicção um do outro, chegando a utilizar, para esse confronto, até a violência verbal. Exemplos dessa modalidade são encontrados nos gêneros relacionados à controvérsia filosófica e aos debates entre adversários políticos.

Portanto, essas modalidades apresentadas por Amossy (2008c) estão presentes na argumentação do discurso e nos mostram as diferentes facetas pela qual um locutor pode obter a adesão de um auditório por meio da interação verbal. Diante disso, ressaltamos que a análise da investigação do *ethos* dos jornalistas terá como base os conceitos elaborados, principalmente, por Amossy.

CAPÍTULO 4 A DIMENSÃO DIALOGAL DO *BLOG*: UMA ABORDAGEM INTERACIONISTA

Embora nossa tese não seja fundamentada nos estudos interacionistas, a particularidade de nosso objeto nos impõe uma reflexão sobre essa corrente de estudos. Explicamos, mais acima em nosso trabalho, que as interações no *blog* se encontram em uma fronteira interessante entre o que Charaudeau (2008a) chama de “Situação de comunicação monolocutiva” (em que os participantes da troca não estão presentes fisicamente no mesmo espaço e no mesmo tempo, como a maioria das situações escritas) e “Situação de comunicação interlocutiva” (em que os participantes se encontram presentes, face a face, no mesmo tempo e espaço, exceto em algumas situações, como a conversa telefônica ou mesmo por meio do *MSN*, em que o tempo é o mesmo, mas o espaço é diferente).

Para Charaudeau (2008a), o conceito de interação é primário, está presente nas duas situações citadas, mas o conceito de interlocução só se aplica às interações face a face ou naquelas em que os participantes se encontram no mesmo quadro temporal e podem reagir imediatamente. Porém, para os estudos interacionistas, o conceito de interação se aplica, prioritariamente, ao caso das situações face a face, ou dialogais, embora sejam consideradas situações específicas, como as da conversação telefônica e outras relativas às novas tecnologias interativas, nas quais os participantes não se encontram face a face. As situações escritas em que a produção é anterior à recepção, ou seja, em que não há uma reação imediata, são chamadas, como citamos anteriormente, de monologais.

Para refletir sobre o problema colocado pelas correntes interacionistas, vamos nos ater a um artigo publicado por Kerbrat-Orecchioni (2000), que cumpre o papel de fornecer um quadro mais ou menos geral dos estudos da interação e seus problemas privilegiados, como o conceito de “negociação conversacional”. Adotamos essa perspectiva pelo fato de que Kerbrat-Orecchioni (2000), ao defender o lugar dos estudos interacionais nas Ciências da Linguagem, os situa como uma forma de análise do discurso, cuja especificidade consiste no fato de que se interessam exclusivamente pelos discursos dialogados, vistos como construções coletivas. Tal perspectiva não é estranha aos nossos propósitos.

A abordagem interacionista deve também muito aos estudos de Goffman, para quem:

Por interação (quer dizer a interação face a face) entende-se basicamente a influência recíproca que os participantes exercem sobre suas ações respectivas quando eles estão na presença física imediata uns dos outros: por uma interação, entende-se o conjunto da interação que se produz em uma ocasião determinada quando os membros de um conjunto dado se encontram em presença contínua uns dos outros: o termo “um encontro” é também conveniente. (GOFFMAN, 1973, p. 23, *apud* KERBRAT-ORECCHIONI, 2000, p. 66)¹²

O conceito de “interação” se refere, portanto, e ao mesmo tempo, a um processo de ação e reação verbal dos participantes de um “encontro” e um tipo de objeto, por metonímia, correspondente ao conjunto de todo o processo. No caso em análise, as ações e reações dos participantes do *blog* (jornalista e leitores que reagem) entre si são interações e o conjunto das interações selecionadas em cada *blog* de nosso *corpus* corresponde igualmente a *uma* interação (a interação no *blog* A, a interação no *blog* B, etc.) ou a um “encontro”.

Embora para Goffman o conceito de interação se restrinja basicamente aos encontros face a face, Kerbrat-Orecchioni (2000) propõe considerar diferentes graus de interatividade, podendo haver um forte ou um fraco grau de interatividade, independente de ser uma situação face a face. Ela cita justamente o caso dos fóruns de discussão na internet que, embora na forma escrita, possuem um forte grau de interatividade, enquanto situações orais como aulas e conferências podem possuir um fraco grau de interatividade (Kerbrat-Orecchioni, 2000, p. 67). A abordagem interacionista irá, porém, privilegiar as interações que apresentam um forte grau de interatividade e, sobretudo, aquelas que possuem uma dimensão “dialogal”, em oposição às que são fracamente interativas e sobretudo monológicas, dirigidas a um auditório silencioso. Vale citar aqui as oposições retomadas por Kerbrat-Orecchioni (2000, p. 69) a partir de formulação de E. Roulet e da *Escola de Genebra*:

(1) discurso **monologal** vs **dialogal**: produzido por um único vs vários *locutores* de carne e osso (dialogização “externa”);

(2) discurso **monológico** vs **dialógico**: produzido por um único vs vários *enunciadores*, instâncias mais abstratas que o locutor coloca em cena em seu discurso e que assumem o conteúdo do dizer (dialogização “interna”).

¹² Tradução nossa.

Essa perspectiva nos permite situar nosso objeto entre os discursos dialogais, na medida em que ele é produzido por vários locutores, apesar de ocorrer na forma escrita. Contudo, vale a pena ressaltar o caráter particular dessa troca: os locutores do *blog* reagem uns aos outros, o que dá uma dimensão dialogal a esse discurso; eles são supostos existir, ou seja, serem de “carne e osso”. Os jornalistas, por exemplo, possuem uma biografia conhecida. Entretanto, os seus interlocutores, que reagem as suas intervenções e às intervenções dos outros interlocutores do *blog*, podem assumir pseudônimos, mas são supostos existir. A dimensão dialogal é, portanto, evidente, mesmo que não se trate de uma interação face a face e que possamos suspeitar que um ou outro interlocutor que reage possa ser uma invenção do jornalista que coordena o *blog*.

Outra noção especialmente tratada por Kerbrat-Orecchioni (2000) em seu artigo, e que é relevante para a análise da interação, é a de “negociação conversacional”. A negociação é definida, inicialmente, como:

[...] todo processo interacional suscetível de aparecer quando ocorre uma divergência entre os interactantes concernente a algum aspecto do funcionamento da interação, e tendo por finalidade resolver a controvérsia. Essas negociações são permanentes, e indispensáveis para permitir a elaboração progressiva dessas construções coletivas que são os discursos dialogados. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2000, p. 71)¹³

As negociações “conversacionais”, de acordo com a autora, podem incidir sobre diferentes elementos da interação: desde o roteiro geral da conversação (o contrato, ou *script*, por exemplo), a troca de turnos de fala, os temas tratados, os signos manipulados, o valor semântico e pragmático dos enunciados trocados, as opiniões expressas, o momento do fechamento da interação, as identidades mútuas, a relação interpessoal, etc. Esse dado é importante para nosso trabalho no seguinte aspecto: a negociação sobre a troca de turnos de fala não é própria a esse tipo de interação, pois os interlocutores não possuem o controle do dispositivo, podem, no máximo, enviar suas reações, mas não podem sobrepor as suas falas às falas dos outros, nem impedir que um outro locutor se manifeste (apenas o jornalista pode).

Os interlocutores do *blog* podem negociar os temas a serem tratados, mas de modo geral o coordenador do *blog*, o jornalista, tematiza o que quer e aguarda as reações de seus leitores. Mas esses últimos podem divergir da tematização e iniciar uma discussão (negociação). Como

13 Tradução nossa.

se trata essencialmente de um *blog* jornalístico, em que o diálogo sobre política é central, as negociações incidem predominantemente sobre as opiniões expressas, embora haja também, inclusive na linha das próprias opiniões, um trabalho sobre as identidades mútuas e sobre a relação interpessoal. As formas de tratamento interacionais e as formas expressivas, analisadas mais à frente em nosso trabalho, são evidências de uma negociação que incide sobre as identidades e a relação interpessoal. Os posicionamentos argumentativos assumidos também são formas de negociar a identidade (ser de esquerda ou não, por exemplo, participar de um mesmo grupo de ideias, etc.).

Kerbrat-Orecchioni (2000, p. 73) propõe um esquema geral que permite analisar o processo de negociação entre os participantes ao longo de uma interação. Nós o traduzimos abaixo, para melhor compreensão de nosso leitor:

- 1 – A faz a B uma proposição (Prop);
- 2 – B contesta essa proposição, apresentando eventualmente junto a essa contestação uma contra-proposição (Contra-Prop): há então negociação potencial, que não irá necessariamente atualizar-se;
- 3 – Se A aceita imediatamente essa Contra-Prop, a negociação termina aí: diremos que há um simples ajustamento. Se B rejeita essa contra-proposição e reafirma sua proposição inicial, é o detonador de uma negociação, a qual deverá iniciar-se em um terceiro turno.

Essa definição nos permite compreender o funcionamento de certas interações que se apresentam como regulares, mesmo quando os participantes não se colocam de acordo. No nosso caso, esses princípios são interessantes, pois os *blogs* jornalísticos que analisamos se apresentam, em sua maioria, como o espaço comunitário em que as discussões tendem para o consenso, embora sejam marcadas também por divergências de opiniões que são negociadas.

Para descrever o funcionamento das interações em nosso *blog*, utilizamos as noções de interações “concordantes” e “discordantes”, propostas por Emediato (2011), por considerar que elas permitem situar nosso objeto no campo das interações argumentativas, em que a controvérsia é essencial para o seu pleno funcionamento.

As interações discordantes são especialmente relevantes e marcadas em situações argumentativas em função das opiniões expressas pelos interlocutores e dos interesses em jogo. Se elas não resultam em ruptura imediata, os interlocutores se

engajam na interação e a tornam um diálogo regular. Para que as interações discordantes possam ser consideradas regulares, é preciso considerar que, nelas, há ao mesmo tempo conflito e cooperação, e que os traços da cooperação podem ser marcados e identificados na análise como procedimentos de negociação que permitem que o diálogo prossiga, apesar do conflito de opiniões não ser solucionado e nem haver interesse dos interactantes em ceder em suas opiniões. (EMEDIATO, 2011, no prelo)

De fato, podemos conceber que um conflito de opiniões pode não ser solucionado em um diálogo regular, ou seja, é possível que um diálogo prossiga mesmo quando os participantes não negociem nada sobre as opiniões que exprimem. Isso pode ocorrer, por exemplo, quando os participantes estão interessados no prosseguimento do debate para que suas opiniões possam ser ouvidas e apreciadas por terceiros, como em debates políticos na televisão. Não é o caso de nosso objeto, pois nos *blogs* jornalísticos analisados os participantes reagem uns aos outros e não há necessariamente um público que funcione como terceiro que seja relevante para essas interações. Vale ressaltar ainda, como já dissemos anteriormente, que o *blog* parece funcionar como uma comunidade mais consensual, e as interações discordantes tendem a ser minoritárias em relação às concordantes e partem rapidamente para uma negociação sobre opiniões expressas.

Kerbrat-Orecchioni (2000) exprime um ponto de vista importante sobre esse assunto, com o qual convergimos. A autora afirma que:

“[...] mesmo que seja raro que as negociações de opiniões resultem em um acordo entre os ‘contenciosos’, elas podem ter sobre eles alguns efeitos a longo prazo, e sobre seus auditórios efeitos imediatos. A influência da conversação sobre as opiniões é portanto ‘real’”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2000, p. 112)¹⁴

Se a observação é interessante, devemos, por outro lado, ressaltar que nosso trabalho de análise dos *blogs* se limita a refletir sobre o seu funcionamento e não temos a pretensão, nem o objetivo, de analisar os seus efeitos reais sobre um público leitor ou sobre os próprios participantes. De todo modo, como pudemos mostrar por essa breve apresentação da abordagem interacionista, os problemas de nossa pesquisa não são estranhos às suas preocupações e é possível, e necessário a nosso ver, buscar integrá-las aos trabalhos em análise do discurso que tratem de situações dialogais. Em relação ao nosso trabalho, esses conceitos e reflexões poderão subsidiar o nosso olhar próprio sobre o problema, mais específico, da interação nos *blogs*.

14 Tradução nossa.

PARTE II
CONTEXTUALIZAÇÃO DO *CORPUS* E
PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

CAPÍTULO 1 O UNIVERSO VIRTUAL

O surgimento da Internet se deu na década de 70, durante a Guerra Fria. A Internet surgiu, a princípio, para proteger as informações do Departamento de Defesa dos EUA, ou seja, esse sistema interligava vários pontos, tais como a Casa Branca, o Pentágono, os quartéis-generais, os centros de pesquisa, etc. Assim, caso algum desses pontos fosse atacado e destruído, as informações estariam intactas em outros computadores.¹⁵ Isto é, uma espécie de “caixa preta” de um sistema quase infalível.

Na década de 80, com o enfraquecimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a Internet foi utilizada para interligar várias entidades, tais como, universidades, centros de pesquisas, laboratórios, etc., e mais tarde também foi crescendo em outros países.¹⁶

No ano de 1990, a Internet começou a atingir uma importância tal que o engenheiro inglês Tim Berners-Lee desenvolveu a www (world wide web¹⁷), possibilitando a utilização com interface gráfica, o que tornou esse sistema mais fácil e cativante para utilizar.¹⁸ Atualmente, essa ferramenta virtual se desenvolveu tanto que hoje em dia é praticamente impensável o mundo sem Internet.

A Internet, além de ser o meio de comunicação que mais rapidamente se desenvolveu, comporta atualmente todos os seus maiores concorrentes em relação à mídia, tais como a televisão, o telefone, o rádio e o jornal. Uma das justificativas para esse tão acelerado número de usuários se deve ao fato de a Internet ser um meio de interação fascinante, em que se pode conhecer o mundo, novas culturas, obter informações de diversas áreas e se relacionar com pessoas de todas as nacionalidades, sem sair fisicamente do lugar. Nesse âmbito, Marcuschi ressalta que:

[...] os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som. Em certo sentido, pode-se dizer que, na atual *sociedade da informação*, a Internet é uma

15 Disponível em: <<http://acak.com.br/paulinho/apostilando/WindowsXP.pdf>> e também em: <<http://www.insite.pro.br/2008/10.pdf>> Acesso em 22 jan. 2009.

16 Idem 15

17 Rede Mundial de Computadores.

18 Idem 15.

espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo. (MARCUSCHI, 2005, p. 13)

No que tange à expressão “virtual”, Levy (1996) afirma que, em termos filosóficos, o virtual se opõe ao atual e não ao real. O termo “virtual”, ainda de acordo com Levy (1999), pode ser compreendido a partir de três diferentes significados: o técnico, relacionado à informática, o de uso corrente, e o filosófico. Assim:

Na acepção filosófica, é virtual *aquilo que existe apenas em potência e não em ato*, o campo de forças e de problemas que tende a resolver-se em uma *atualização*. O virtual encontra-se antes da concretização efetiva ou formal (a árvore está *virtualmente* presente no grão). No sentido filosófico, o virtual é obviamente uma dimensão muito importante da realidade. Mas no uso da corrente, a palavra virtual é muitas vezes empregada para significar a irrealidade – enquanto a “realidade” pressupõe uma efetivação material, uma presença tangível. A expressão “realidade virtual” soa então como um oxímoro, um passe de mágica misterioso. Em geral acredita-se que uma coisa deva ser ou real ou virtual, que ela não pode, portanto, possuir as duas qualidades ao mesmo tempo. Contudo, a rigor, em filosofia o virtual não se opõe ao real mas sim ao atual: virtualidade e atualidade são apenas dois modos diferentes de realidade. Se a produção da árvore está na essência do grão, então a virtualidade da árvore é bastante real (sem que seja, ainda, atual) (LEVY, 1999, p. 47)

Desse modo, Levy define ciberespaço como “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.”¹⁹ (1999, p. 92). O autor ainda esclarece que no ciberespaço há três princípios orientadores de seu crescimento: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva.

Como aqui nosso foco está voltado para as comunidades virtuais, vamos nos ater a esse segundo princípio, que não deixa de ser um prolongamento do primeiro, uma vez que as comunidades virtuais se apoiam na interconexão. Uma comunidade virtual, ressalta Levy (1999), se constrói a partir de interesses, conhecimentos, projetos, troca, etc., que estejam no mesmo nível de afinidades entre os participantes, não importando as proximidades geográficas ou filiações institucionais. “[...] longe de serem frias, as relações on-line não excluem as emoções fortes. Além disso, nem a responsabilidade individual nem a opinião pública e seu julgamento desaparecem no ciberespaço.” (LEVY, 1999, p. 128)

O autor complementa dizendo que a comunicação via computador raramente será substituída pelos encontros cara a cara, o que pode acontecer é que esse tipo de comunicação torne-se um adicional para complementar a comunicação física.

¹⁹ Grifo do autor.

No entanto, Levy (1999) afirma que as manipulações e enganações nesse meio também são suscetíveis de acontecer, como em qualquer outro lugar.

A maioria das comunidades virtuais estrutura a expressão assinada de seus membros frente a leitores atentos e capazes de responder a outros leitores atentos. Assim, [...], longe de encorajar a irresponsabilidade ligada ao anonimato, *as comunidades virtuais exploram novas formas de opinião pública.*²⁰ (LEVY, 1999, p. 129)

Para Levy (1999), existe uma moral implícita presente nas comunidades virtuais: a reciprocidade. Ele explicita que a partir do momento em que aprendemos algo com trocas de mensagens, é necessário que passemos para frente também nosso conhecimento quando se trata de assunto de utilidade pública. Como recompensa, Levy (1999) afirma que, de modo simbólico, adquire-se a reputação de competência que se constitui na “opinião pública” das comunidades virtuais. Ele afirma ainda que ataques pessoais ou argumentações formuladas de maneira pejorativas em relação a qualquer pessoa não são toleráveis nesse meio, sendo, na maioria das vezes, excluídos da comunidade pelos administradores de sistema os que insistirem em desrespeitar essas regras.

Assim, esse meio cibernético permite uma “navegação” por diversos canais de comunicação, como o *blog*, o *twitter*, o *chat*, o *messenger*, o *orkut*, etc. Com efeito, o *blog* se diferencia dos outros meios de comunicação por se tratar de um gênero²¹ digital baseado em universos discursivos, como os jornalísticos, os autobiográficos, os culinários, os infantis, os relacionados a filmes, desenhos, educação e por aí vai, cujo espaço é aberto a discussões entre os interlocutores que procuram se expressar sobre assuntos que mais lhe interessam. Isso sem contar o fato de ser possível reunir duas formas de expressão: o texto e a imagem.

Foi pensando na originalidade e na criatividade proporcionadas pelos novos meios digitais que buscamos analisar as interações mediadas pelos *blogs*, uma vez que, como afirma Marcuschi (2005, p. 14), “o ‘discurso eletrônico’ constitui um bom momento para se analisar o efeito de novas tecnologias na linguagem e o papel da linguagem nessas tecnologias.”

20 Grifo do autor.

21 Destacamos o *blog* enquanto gênero por levarmos em consideração a definição proposta por Marcuschi (2005), no qual afirma que um gênero textual emergente na mídia virtual se contrapõe a um gênero pré-existente. Segundo o autor, o *blog* é considerado um gênero emergente precedente do gênero textual já existente, o “diário pessoal”. Porém, cada um deles com suas próprias características e especificidades.

Assim, definiremos a seguir, mais detalhadamente, o termo *blog* e como se dá a construção de seu discurso nesse universo virtual.

1.1 *BLOG*: DEFINIÇÃO

O século XXI é considerado por muitos como a Era da Internet. Amorim e Vieira (2006, p. 97) descrevem que “[...] a rede mundial promete ser um meio de que todos possam participar, onde todos possam publicar e gerar conteúdo. Promete ser um meio de comunicação não apenas de massa, mas construído pela massa – os internautas”.

A fim de provar essa realidade, Amorim e Vieira (2006) destacam justamente os *blogs*, afirmando tratar-se da Era não só da internet, mas também dos *Blogs*. Desse modo, define-se *blog* de acordo com a explicação clássica de um diário virtual mantido por qualquer pessoa na Internet. Ainda de acordo com os autores acima, em 1994 foi criado o primeiro *blog* do mundo, o *Links.net*, sendo que o termo “*blog*” surgiu em 1997, quando John Barger denominou de “weblog” (registro da web) seu diário pessoal na Internet. Dois anos depois, outro internauta resolveu fazer um trocadilho com esse termo, gerando, dessa forma, a expressão inglesa “*we blog*” (nós blogamos). A partir daí a palavra *blog* ganhou vida própria, virando sinônimo de diário virtual, isto é, de qualquer tipo de registro escrito e mantido na Internet.

Uma outra versão do surgimento do *blog* aparece em Orihuela (2007), o qual relata que possivelmente ele tenha sido o primeiro meio nativo originário da web:

De fato, considera-se que o primeiro *blog* tenha sido a página *What's new in 92*, publicada por Tim-Berners Lee a partir de janeiro de 1992 para divulgar as novidades do projeto *World Wide Web*. Embora mais tarde tenham ficado parecidos com diários pessoais, inicialmente a base dos *blogs* foi o link: links com um breve comentário, um registro (log) da navegação na web. Jorn Barger, que cunhou o termo “weblog” em 1997, mantém até hoje o estilo original do meio em seu famoso *blog Robot Wisdom*. (ORIHUELA, 2007, p. 2)

Amorim e Vieira ressaltam que “o tamanho da blogosfera é impressionante. O número de *blogs* em todos os idiomas é hoje 60 vezes maior do que há três anos e já ultrapassou a marca de 40 milhões de páginas.” (AMORIM; VIEIRA, 2006, p. 98). De acordo com o site

Technorati, que cataloga e faz buscas em *blogs* no mundo inteiro, como informam Amorim e Vieira:

São criados 75 mil *blogs* por dia. Isso dá uma média de um novo *blog* por segundo. Há um *blog* para cada 25 pessoas on-line (...) no Brasil, dos quase 20 milhões de internautas, estima-se que algo como 25% vasculhem *blogs* todo dia em busca de informações ou entretenimento. (AMORIM; VIEIRA, 2006, pp. 98 e 99)

Blog, portanto, é uma ferramenta interativa existente na Internet, é gratuito e de extrema facilidade de criação, manutenção, atualização e edição de textos, imagens, vídeos, etc. O serviço mais conhecido a nível mundial é o *blogger*. Esse sistema de criação e edição de *blogs* é muito procurado pela facilidade de manutenção, pois permite facilmente “postar” um artigo. Os *blogs* vieram, de certa forma, substituir as páginas pessoais na Internet e diários arcaicos – aqueles que possuíam chave e cadeado para que ninguém tivesse acesso – passando a ser um diário eletrônico, constantemente atualizado, que pode ser publicado para que todo o mundo possa ler e, se quiser, até comentar, embora não possamos negar que há muitas pessoas que ainda recorrem ao gênero de papel. Com efeito, vale ressaltar que para o autor do *blog*, quanto maior o número de acesso diário em sua página, maior a sua satisfação pessoal.

Os *blogs*, de acordo com Komesu (2005, pp. 115 e 116), caracterizam-se, portanto, da seguinte maneira:

numa *relação temporal síncrona*, ou seja, constituída na simultaneidade temporal entre o que é escrito e o que é veiculado na rede. As marcações do dia e da hora exata do evento textual, indicadas de modo automático pelo programa, apontam para um duplo caráter na atividade de reformulação dessa escrita. Ao mesmo tempo que o texto do *blog* é *eternizado* porque materializado pelos suportes (da escrita, da Internet), ele é, também, extremamente *fugaz*, porque é prontamente substituído ou apagado do espaço de sua circulação.

Como citado anteriormente, existem diversos tipos de *blogs*: os de humor, notícias, pedagógicos, jornalísticos, tecnológicos, de curiosidades, específicos a cada universo discursivo (ligados à medicina, ciências, engenharia) entre outros, dependendo da ideia que seu criador quer transmitir.

As expressões mais utilizadas no mundo dos *blogs* são a *blogosfera* – nome que foi dado ao universo dos *blogs*, uma espécie de comunidade aberta para que todo o mundo possa ler e até comentar os artigos publicados; o *blogueiro* ou *bloguista* – relacionado às pessoas que criam

os seus *blogs* e interagem com todos os outros; *postar* – termo utilizado para expressar a ação de publicar uma foto, um texto ou um vídeo; *comment* – comentário efetuado à publicação de determinado artigo postado; e *link* – uma hiperligação em que é possível navegar entre documentos diferentes que estão entre si interligados com outros documentos ou arquivos a partir de palavras, imagens ou outros objetos dentro dos *blogs*.

Esse mundo da blogosfera é muito amplo e interessante, mas, por vezes, quando criamos um *blog*, elaboramos uma rotina de trabalho em que passa a ser “obrigatório” a “postagem” de novos artigos diários, para que os seguidores desse determinado *blog* não desanimem e assim não desistam de visitar o nosso *blog*. Segundo Marcuschi (2005, p. 62):

A maioria dos blogueiros mantém mais de um *blog* de acordo com suas flutuações de espírito, mas há os que não mantêm nenhum e escrevem nos *blogs* dos outros ou em *blogs* públicos e abertos como livros de recados. Qualquer *blog* tem uma abertura para receber comentários, pois são interativos e participativos. Não são como *e-mails* nem como *chats*, pois cada qual pode pôr no livro do outro o seu recado ou comentário sobre algo que o outro escreveu.

Desse modo, uma das principais características dos *blogs* é que sejam atualizados diariamente, seja qual for o tipo de *blog*, para que as informações estejam sempre atuais e assim mantenham sempre a atenção e assiduidade dos seguidores que, de certa forma, se identificam com o tipo de *blog* acessado.

Outra característica dos *blogs* ou weblogs, segundo Orihuela (2007), é que eles multiplicaram as opções dos internautas de publicarem conteúdos atuais e de utilidades para pesquisadores, sem ter que passar por intermediários. Tal fato se deve à centralização no usuário e nos conteúdos, e não na programação ou no *design* gráfico.

Em relação aos elementos primordiais presentes em um *blog*, Orihuela (2007) aponta para as anotações (*posts*), ordenadas segundo a cronologia inversa (primeiro as mais recentes). O autor ressalta ainda que todo o conteúdo pode ser arquivado de modo cronológico, por meses e anos, como também por categorias temáticas, sendo possível localizar determinada palavra por meio de um buscador interno no *blog*. Os *blogs* reúnem ainda uma seleção de *sites* ou outros *blogs* recomendados pelo autor.

A fim de estabelecer um pacto de leitura do autor com seu leitor e assim consolidar sua credibilidade, o autor do *blog*, de acordo com Orihuela (2007), procura passar as informações básicas para que se possa estabelecer esse pacto, como: uma breve biografia do autor, uma vez que a identidade do autor torna-se relevante no contexto de sua escrita; uma descrição, abaixo do título do *blog*, sobre a temática; e um esclarecimento nos *posts*, se porventura houver, caso as informações acima não sejam suficientes para sua completa compreensão.

Seguindo a descrição geral de um *blog*, Orihuela (2007) afirma que nos *posts* há também, além do endereço permanente, a data e a hora de postagem, bem como um título, o texto e uma seção de comentários para que os leitores participem contribuindo com suas opiniões e sugestões.

Com o intuito de salientar a definição de *blogs*, Orihuela busca diferenciá-los dos fóruns da seguinte maneira:

[...] deve-se observar que um *blog* é um meio com autoria centralizada, enquanto o fórum tem autoria dispersa; o *blog* se estrutura cronologicamente, já o fórum se estrutura tematicamente; o *blog* gera uma comunidade para fora (blogosfera) mediante links de entrada (referers e trackbacks) e saída (links dos posts e blogroll), ao passo que o fórum gera uma comunidade para dentro. Os visitantes procuram no *blog* o ponto de vista, o estilo e a temática de seu autor; os participantes de um fórum vão em busca de uma informação concreta, a fim de contribuir em um debate aberto ou de começar um novo debate. Finalmente, o *blog* é um meio sem editores, enquanto os fóruns tendem a ser hierarquizados: há editores ou moderadores e diversos tipos de participantes em função da faixa etária, da quantidade e da qualidade de contribuições. (ORIHUELA, 2007, p. 5)

Em suma, um *blog* possui um formato, até certo ponto, fixo que permite que seu autor construa e atualize seu espaço com mais facilidade, seguindo uma estrutura básica que engloba algumas principais categorias, tais como:

- Título do *blog* (ou apenas o nome do autor);
- Biografia / Perfil do autor;
- Foto do autor do *blog*;
- Assunto característico de cada universo temático;
- Espaço para os comentários dos leitores;
- Arquivo das matérias mais antigas;
- Vídeos / fotos;
- Enquetes;

- Ferramentas próprias do provedor do *blog* (ex.: Uol);
- Patrocínios;
- Links de outros *blogs* ou sites;
- Espaço de busca (por palavra-chave);
- Outros.

A título de demonstração, tomemos como exemplo a página da notícia selecionada do jornalista Reinaldo Azevedo - *Blog B* (Figura 1), por entendermos que seu *blog* é o mais completo no quesito categorias, em vista dos outros dois pesquisados:

Figura 1: Blog Reinaldo Azevedo



BUSCA

FALE CONOSCO
 • Escreva para VEJA
 • Para anunciar
 • Abri! SAC

ASSINE veja
 ACESSO LIVRE
 • Conheça as seções e áreas de VEJA.com com acesso liberado

PÁGINA INICIAL

REVISTAS

- VEJA
- Acervo Digital
- Edições especiais
- Edições extras
- Edições anteriores
- Expediente
- Veja São Paulo
- Veja Rio
- O Melhor da Cidade

BUSCAS

- Pesquise em VEJA
- Acervo Digital 1968-2009
- Arquivo 1997-2009
- Capas 1968-2009
- O Melhor da Cidade
- Guia internet

NOTÍCIAS

- Brasil
- Economia
- Internacional
- Ciência e tecnologia
- Saúde
- Educação
- Vestibular
- Esporte
- Comer e beber
- Celebidades
- Os livros mais vendidos
- RSS

COLUMNISTAS

- Antonio Ribeiro, de Paris
- Augusto Nunes, coluna
- Betty Milan, sexualidade
- Denis Russo, sustentabilidade
- Diogo Mainardi, podcast
- Geraldo Medeiros, obesidade/nutrição
- Isabela Boscov, cinema
- Lauro Jardim, Radar on-line
- Lucia Mandel, dermatologia
- Mayana Zatz, genética
- Reinaldo Azevedo, blog
- Renato Dutra, atividade física
- Roberto Gerosa, vinhos
- Tony Bellotto, crônicas

VÍDEOS E FOTOS

- Vídeos
- Galeria de fotos e slideshows
- Infográficos

SABER +

- Conheça o país
- Cronologia
- Em dia
- Fm não financia



COLUMNISTAS

Blog

Reinaldo Azevedo

Entre em contato com o webmaster

CATEGORIAS

- Geral

SEÇÕES

- Avesto do Avesto
- Documentos

ENQUETE

O filme sobre a vida de Lula já era. Nem a distribuição de ingressos está ajudando. Vamos ajudar esse filho do Brasil? Como fazer o filme bombar?

Combo Povo Popular: cada espectador terá direito a um kit com sanduiche de mortadela, tubaina e uma dose de 51;

Sorteio de ingressos para visitar a sala onde começou a nascer o fim da heteronormatividade, conforme quer Vannuchi: a cela do Dops em que Lula e outros se acotovelavam com o "Menino do MEP";

Sorteio de uma carona num dos jatos da Presidência da República; o risco é ter de viajar com um dos "ronalinhos" de Lula e seus amiguinhos;

Exemplar autografado da autobiografia de Lula: "Nasci banguela e analfabeto, mas venci";

Distribuição de adesivos com a seguinte frase: "Depois do cara, fique com a coroa"

Ver Resultados

- Arquivo de Enquetes

MAIS RECENTES

- A pesquisa e a análise
- DATAFOLHA 11 - O voto e a escolaridade

COMPARTILHE



Publicidade

E ainda: ganhe até **50%** de desconto na 2ª assinatura



AssineAbril.com

Uma vez autoritária... Ou: ela ainda está no estágio Massinha I

sexta-feira, 12 de dezembro de 2008 | 19:48
([Leia primeiro o post abaixo](#))

O que dizer sobre a fala da pré-candidata Dilma Rousseff? Mistura a mistificação costumeira com uma boa parcela de irresponsabilidade, especialmente se considerarmos que o país terá um 2009 bastante difícil. E o momento estaria mais para pedir união do que para baixo proselitismo partidário. Observem que a velha tática do PT, ressuscitada numa reunião do comando partidário há alguns dias, está de volta: "culpar o governo anterior" pelas dificuldades. Mas esperem: o governo anterior não é o do próprio Lula? Não! Para eles, "governo anterior" será sempre o de FHC, ainda que fossem mais cem anos no poder. Eles precisam inventar o mal para que possam se apresentar como o bem.

Vejam lá a fala da ministra. Das medidas macroeconômicas adotadas por FHC ao programa social depois batizado Bolsa Família, Lula seguiu os passos do antecessor onde acertou, conseguiu repetir alguns erros e, evidentemente, cometeu outros de sua própria lavra. Convenham: até a equipe do Banco Central ele teve de colher no ninho tucano. E foi com ela que conseguiu construir a tal credibilidade.

Já sabemos qual será a peça de resistência da campanha petista, seja Dilma candidata ou não: a demonização do passado, o discurso do medo vencendo a esperança. Vai colar menos ou mais a depender de como esteja a economia em 2010. E como estará a economia em 2010? O ritmo da recuperação dos EUA é que vai dizer. Se a crise for mais ou menos abreviada, cenário menos provável, e o segundo semestre do último ano de Lula já apontar a retomada de um crescimento mais robusto, ele vai, mais uma vez, chamar para si os louros por "vitórias" que não são suas. Se o cenário não for lá muito confortável, insistirá na retórica de uma espécie de conspiração internacional contra os países emergentes. Por razões óbvias, o primeiro discurso cola com facilidade; o segundo é mais complicado.

Seja como for, há no ar um cheiro estranho. O PT começa a se mover tentando criar um caldo que oporia, de um lado, os "interesses do povo" e, de outro, os interesses de conspiradores. Mas quem são os "conspiradores"? As oposições, ora essa. Eis o entendimento que essa gente tem de democracia, de alternância de poder. Mais um pouco, e Dilma dirá que só um resultado eleitoral será legítimo em 2010: a vitória do PT.

Mas entendo! Em termos históricos, a conversão de Dilma Rousseff à democracia ainda é relativamente recente. Já que eles gostam tanto de encruar o passado, não custa lembrar que suas utopias libertárias estavam com Carlos Marighella, aquele autor de um manual para práticas terroristas. Isso, como se sabe, é fato comprovado, não ficção. O discurso feito pela ministra indica que ela, em matéria de alternância de poder, ainda não passou do estágio Massinha I. Até chegar à universidade democrática, ainda leva tempo. Se é que ela consegue passar de ano e não vai levar pau em redação...

- VEJA Na História
- Perguntas e respostas
- Quem é quem
- Testes

- SERVIÇOS**
- Newsletter VEJA
 - Fale conosco
 - Para anunciar
 - Abril SAC
 - Aponte um erro

- CELULAR**
- SMS - Últimas notícias
 - Quiz VEJA
 - Versão iPhone
 - Guia de cinemas

- DATAFOLHA 10 - O voto e a renda: na faixa até 2 mínimos, há empate; nas demais, Serra lidera
- DATAFOLHA 9 - Serra lidera entre mulheres; entre os homens, empate
- DATAFOLHA 8 - Maior vantagem de Serra está entre eleitores de 15 a 24 anos; Dilma tem pequena vantagem entre os de 45 a 59
- DATAFOLHA 7 - Dilma só lidera no Nordeste, mas cresce em todas as regiões
- DATAFOLHA 6 - Em quem os eleitores não votariam?
- DATAFOLHA 5 - ISSO É EMPATE?
- DATAFOLHA 4 - DILMA, AGORA, JÁ É MUITO CONHECIDA TAMBÉM
- DATAFOLHA 3 - E SE O CANDIDATO TUCANO FOR AÉCIO?

ARTIGOS EM VEJA

- Alternância de poder e Constituição neles! - 07/10/2009
- Que Goffredo não descanse em paz - 08/07/2009
- A bíblia da esquerda herbívora - 29/4/2009
- Um homem sem (certas) qualidades - 11/2/2009
- Que Deus é este? - 24/12/2008
- Graciliano, o grande - 10/12/2008
- O muro caiu, mas a moralidade da esquerda sobrevive - 5/11/2008
- O mal-estar dos "progressistas" - 24/9/2008
- O DIREITO SÓ PODE SER ACHADO NA LEI - 27/8/2008
- A bolacha na telinha e a nossa liberdade - 30/7/2008
- As ONGs do fim do mundo - 18/6/2008
- O que eles querem é imprensa nenhuma - 7/5/2008
- Que falta faz um Voltaire - 2/4/2008
- Fidel e o golpe da revolução operada por outros meios - 27/2/2008
- O Foro de São Paulo não é uma fantasia - 30/1/2008
- O pastor e o pensador - 12/12/2007
- A crença na "cultura da periferia" é coisa de gente com miolo mole - 5/12/2007
- Capitão Nascimento bate no Bonde do Foucault - 10/10/2007
- Restaurar é preciso; reformar não é preciso - 12/9/2007
- O Movimento dos Sem-Bolsa - 8/8/2007
- A Al Qaeda eletrônica - 20/6/2007
- Gramsci, o parasita do amarelo ideológico - 16/5/2007
- Crime e castigo dentro de nós - 28/03/2007
- O politismo de um Deus só - 28/02/2007
- A seita anticapitalista e a tristeza do Jeca - 07/02/2007
- Sou "doente" mas sou feliz - 27/12/2006
- É preciso civilizar os bárbaros do PT - 1º/11/2006
- Governante bom é governante chato - 11/10/2006
- E o feio se tornou bonito... - 13/09/2006
- Urna não é tribunal. Não absolve ninguém - 06/09/2006

RSS

- Acompanhe os posts de Reinaldo Azevedo. Saiba como.



ARQUIVO

fevereiro 2010

S T Q Q S S D
 1 2 3 4 5 6 7
 8 9 10 11 12 13 14
 15 16 17 18 19 20 21
 22 23 24 25 26 27 28

[«](#) [|](#) [»](#)

TAGS

[«](#) [Volte para a página principal do Blog](#)

42 comentários em "Uma vez autoritária... Ou: ela ainda está no estágio Massinha I"

O Oftalmologista disse:

dezembro 13, 2008 às 6:50 pm



Os marqueteiros do pt tem mania com óculos feminino: quando marta era candidata a prefeita colocaram óculos para dar ar de intelectual, não conseguiram óbvio, e com dilma tiraram os óculos para dar mais suavidade a chefona. Como conteúdo elas não tem, o jeito é tirar e colocar óculos.

Anônimo disse:

dezembro 13, 2008 às 6:02 pm



É preocupante a total ausência de uma oposição competente e atuante. Se houvesse, e se respondesse com a tempestividade desejável, certamente os petralhas modificariam os seus comportamentos e parariam de mentir tão deslavadamente. Me refiro às falas da Sra Dilma Rousseff que, para colher os aplausos e os votos daquele 74% da população, mente sem o menor pudor. Continua com as comparação dos feitos do "governo anterior" (que sempre tem que ser o de FHC). Porém, e aqui a falta de caráter, se exime de informar a verdade. Se não, deveria admitir que de 1994 a 2002 o PIB brasileiro cresceu com uma taxa anual média de 2,68% apesar de FHC ter recebido o País nas condições internas e externas que Ela, Dilma, finge esquecer. E também finge esquecer que no primeiro mandato do Lula, sem as funestas greves que o próprio Lula antes organizava e com tudo certo e a favor - inclusive mercados externos - o crescimento do PIB se deu com uma taxa média anual de 3,43% (incluindo a "ajudazinha" do IBGE). E, quanto ao "social", Lula usurpou o programa "bolsa escola" aumentando-lhe o alcance por distribuir a ociosos o superavit resultante dos aumentos dos impostos.

Por que a nossa oposição é tão covarde? Por que não desmascara tantas imposturas?

Em tempo: nos primeiros cinco anos do governo Lula o PIB teve um aumento médio de 3,82%. [fonte: IBGE, boletim do Banco Central - 2008]

Fernando

Anônimo disse:

dezembro 13, 2008 às 5:03 pm



Tio Rei! Dilma levar pau, só pode ser mesmo em redação pq no outro particular, nem com viagra.

Mário Fernando disse:

dezembro 13, 2008 às 3:22 pm



Reinaldo.

Friedman afirmou que o incensado New Deal atrasou a recuperação econômica dos EUA. Tanto isso é verdade que ela se deu ao final do primeiro mandato de Roosevelt, após três anos no ar. As medidas que vêm sendo anunciadas cheiram muito a Keynes. Coitados de nós e dos nossos filhos, que pagarão a conta. Esta crise será longa, os subprime foram apenas os detonadores, a raiz está no endividamento de 346% do PIB que governo, empresas e famílias norte-americanos acumulavam ao final do ano passado, ante 163%, em 1980 ("Wolf: por que o plano de Paulson não foi uma verdadeira solução para a crise, Martin Wolf, Financial Times, 24/09/2008, no portal UOL, <http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/fintimes/2008/09/24/ult5>). Parece que chegou a hora de pagar ao menos um pouco dessa grana, dinheiro que terá que sair do consumo. A crise não será curta. Ademais, quando ela passar, vai levar uns seis meses para que as pessoas percebam isto.

Outra coisa, democráticos eles não são, se dizem. Logo, dilma jamais passará de massinha I, na verdade, duvido que esteja.

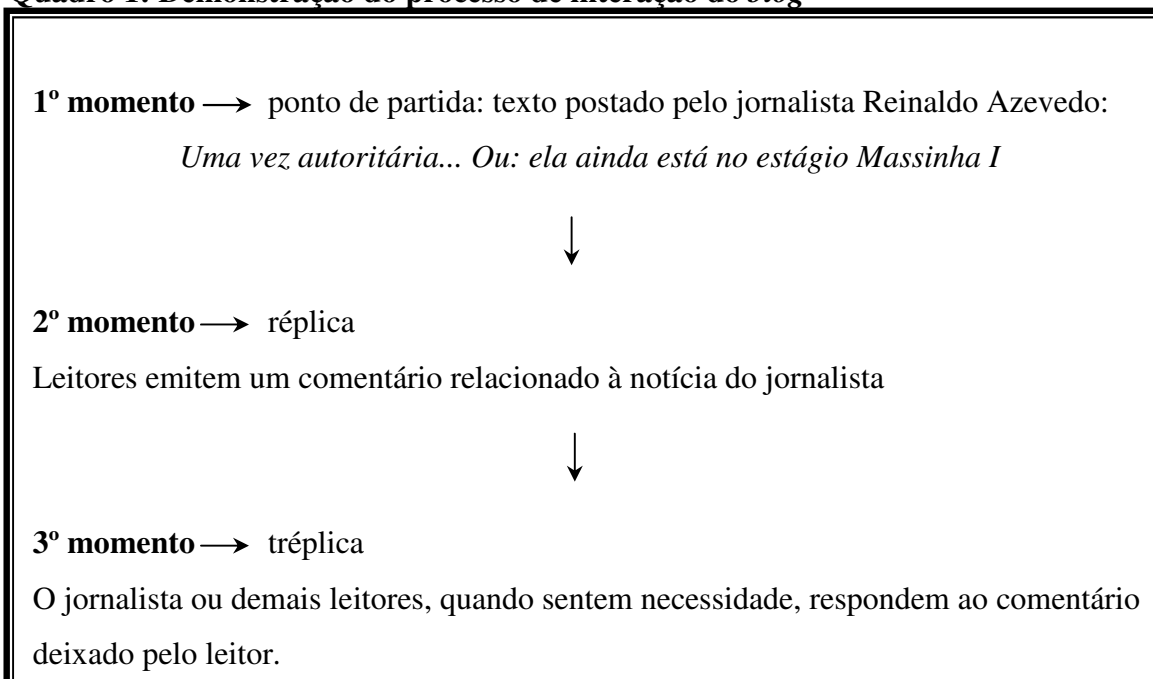
Abraços, Mário Fernando

Dentro dessa *blogosfera*, como salientado anteriormente, existem variados tipos, cujo *blog* jornalístico vem tendo um crescimento e importância principalmente na área jornalística. Esse tipo de *blog* tem sido alvo de críticas positivas e negativas no que diz respeito ao jornalismo, pois, por um lado, é uma alternativa mais dinâmica à imprensa tradicional, mas por outro, a veracidade dos artigos pode ser colocada em cheque pelos leitores.

Entretanto, o fato de ser um *blog* com características jornalísticas não tem que ser obrigatoriamente elaborado por jornalistas, pode ser um *blog* criado por qualquer pessoa, seja anônimo ou pseudônimo, no qual reúne variados assuntos provenientes de outros meios em um só e que a informação venha direto da fonte, em que originalmente foi escrita por jornalistas. O importante é que seja um *blog* majoritariamente referente ao universo jornalístico, para, dessa forma, enquadrá-lo nessa denominação.

Assim, a partir da ilustração do *blog* B, vimos que seu funcionamento é simples e dinâmico. Sua estrutura proporciona uma interação do criador com seus leitores, permitindo uma troca de informações por meio das notícias postadas. A estrutura dos *blogs* selecionados para esta pesquisa, ditos jornalísticos, permitem um sistema interativo que gera uma nova prática social entre seus interlocutores. Então, tomemos como exemplo novamente as informações presentes no *blog* B para representarmos a estrutura da interação ocorrida entre os participantes em ordem de sequência de procedimento:

Quadro 1: Demonstração do processo de interação do *blog*



Fonte: elaborada pela autora

Explicitando melhor o quadro acima, o autor jornalista do *blog* posta a notícia referente ao discurso proferido pela pré-candidata à presidência da república nas eleições de 2010, Dilma Rousseff, como mostraremos no capítulo seguinte. Esse primeiro ato equivale ao 1º momento do quadro apresentado. Por sua vez, os leitores que participam desse *blog* têm a oportunidade de manifestar sua opinião, posicionando-se contra ou a favor da notícia, correspondendo à réplica referente ao 2º momento do quadro. Entretanto, a interação pode não acabar aqui, isto é, o Locutor-jornalista ou mesmo os outros interlocutores podem ainda responder o comentário acima, o que denominamos aqui de tréplica, relacionado, assim, ao 3º momento, daí o caráter dialogal dos *blogs*.

1.2 O DISCURSO MIDIÁTICO DA INFORMAÇÃO

Ao trabalharmos com *blogs*, não podemos deixar de lado a definição do suporte midiático, uma vez que é a partir daí que eles são veiculados. Dessa forma, as mídias, segundo Charaudeau (2009), se apossam das noções de informação e comunicação, integrando-as em três grandes lógicas: a econômica, a tecnológica e a simbólica.

No entanto, o universo político torna-se dependente dessas mídias, já que ele as necessita “para sua própria ‘visibilidade social’ e as utiliza com desenvoltura (e mesmo com certa dose de perversidade) para gerir o espaço público – apesar da desconfiança que as mídias suscitam, por serem um potente produtor de imagens deformantes.” (CHARAUDEAU, 2009, pp. 15 e 16)

Contudo, há um paradoxo em relação ao discurso político e ao universo das mídias em geral, pois como afirma Charaudeau (2009), o primeiro está estritamente ligado ao poder e a manipulação; por outro lado, o mundo das mídias caminha na contramão, ou seja, de modo geral, elas agem contra esse poder e essa manipulação. Por sua vez, os políticos fazem uso dessa mesma mídia, a fim de manipular a opinião pública, tornando, assim, os cidadãos reféns dela.

Para tal manipulação, utiliza-se a informação. E informar é a transmissão de um determinado saber a alguém que ainda não o tem. Desse modo, para Charaudeau (2009), a intensidade da força de uma informação depende do nível de ignorância do sujeito ou público alvo, isto é, do

manipulado. Por esse motivo, o autor afirma existir uma contradição a respeito da informação midiática:

Se escolhe dirigir-se a um alvo constituído pelo maior número de receptores possível, deve basear-se no que se chama de “hipótese fraca” sobre o grau de saber desse alvo e, logo, considerar que ele é pouco esclarecido. Mas como o que caracteriza “o maior número” é uma heterogeneidade qualitativa, sendo constituído de pessoas diversamente esclarecidas (entre o mais e o menos, a maioria se encontra num nível médio), a informação será talvez “forte” para alguns, que poderão considerar-se satisfeitos, mas será fraca para os demais. Como fazer então para atingir a maioria? Se a instância midiática escolhesse fornecer uma informação com alto teor de saber, partiria de uma hipótese forte sobre o grau de saber do alvo. Este, já sendo bastante esclarecido, seria quantitativamente reduzido. Se agisse assim, a mídia estaria às voltas com um problema de ordem econômica: sustentar-se com um número reduzido de receptores. (CHARAUDEAU, 2009, p. 19)

No que tange à comunicação midiática, Charaudeau (2009) distingue três grandes suportes de mídia em função de determinados componentes característicos de cada um: o rádio, a televisão e a imprensa escrita. Sobre este último, Charaudeau (2009) afirma tratar-se do suporte papel, uma vez que é uma área escritural, compreendida por palavras, gráficos, desenhos e imagens.

Entretanto, nosso objeto de estudo não se enquadra perfeitamente em nenhum dos suportes acima selecionados por Charaudeau, visto que os *blogs* são um canal midiático que transmitem informação por meio do suporte computador. Por outro lado, fizemos questão de pontuar as especificidades do suporte imprensa por nos basearmos em outras características desse suporte que julgamos serem válidas para a construção de uma outra classificação de suporte midiático: o computador:

uma relação distanciada entre aquele que escreve e aquele que lê, a ausência física da instância de emissão para com a instância de recepção; uma atividade de conceitualização da parte das duas instâncias para representar o mundo, o que produz lógicas de produção e de compreensão específicas; um percurso ocular multiorientado do espaço de escritura que faz com que o que foi escrito permaneça como um traço para o qual se pode sempre retornar: aquele que escreve, para retificar ou apagar, aquele que lê, para rememorar ou recompor sua leitura. (CHARAUDEAU, 2009, p. 113)

Podemos ainda completar, dentro do contexto de nosso *corpus*, uma outra característica: o poder de ambos, quem escreve e quem lê, de dar continuidade à escrita, emitindo opiniões e gerando, assim, um debate via internet, através do suporte computador, caracterizando um dinamismo não presente no jornal impresso.

E ainda, diferentemente da imprensa escrita, que, como ressalta Charaudeau (2009), leva um certo tempo entre a produção da informação, o transporte e a distribuição do jornal, e a leitura de fato, as informações veiculadas através da Internet saem na frente por pular a segunda etapa descrita acima, bastando apenas que o internauta dê um “clique” por onde queira buscar conhecimento. Com a vantagem ainda de poder, no caso dos *blogs*, fazer parte, de alguma maneira, do jogo interativo a partir da notícia publicada.

Assim, em relação à construção da notícia, Charaudeau (2009) define um tipo de discurso ali presente, o da informação propriamente dita. É o que ele denomina de Modo de Organização do Discurso da Informação. Nesse sentido, o autor ressalta que o acontecimento midiático é construído a partir de três critérios: atualidade, expectativa e socialidade. Dessa forma, a instância midiática formula seu “propósito” de acordo com cada situação de comunicação, como relatar, comentar ou provocar.

Segundo Charaudeau (2009, p. 150), entende-se por “relatar” o “que acontece ou aconteceu no espaço público”; em relação a “comentar”, o autor define como comentários a partir de diversos pontos de vista, com justificativas plausíveis que denotem o posicionamento do sujeito; já “provocar” se resume em confrontar ideias opostas, como, por exemplo, os debates políticos.

Por fim, Charaudeau (2009) afirma que o universo midiático da informação é o produto de uma construção dos atores que dele fazem parte. “A instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo”. E conclui: “Nela, a instância de recepção encontrará pontos de referência, e desse encontro emergirá o espaço público.” (CHARAUDEAU, 2009, p. 151)

1.3 O DISCURSO DOS *BLOGS* JORNALÍSTICOS COMO UMA NOVA PRÁTICA SOCIAL

De acordo com Amorim e Vieira (2006), os *blogs* transformaram duas promessas da Internet em realidade: a liberdade de expressão, uma vez que qualquer pessoa pode escrever o que bem entender em seu *blog*, e a interatividade, já que o que um blogueiro escreve pode ser lido por pessoas de qualquer lugar do mundo, permitindo também que elas enviem comentários a esse *blog*. “Hoje, os *blogs* deixaram de ser meros ‘diários on-line.’ Eles dão notícias, contam

piadas, fazem política, criam arte e podem ser considerados até literatura.” (AMORIM; VIEIRA, 2006, p. 101)

E é essa interatividade a principal responsável pela credibilidade dos *blogs*, ou seja, por eles permitirem essa interação é que a notícia veiculada pode ser corrigida ou acrescentada por milhares de internautas, a partir do momento em que ela é exposta no *blog*.

Nesse ínterim, do impacto que os *blogs* provocam, Amorim e Vieira (2006, p. 105) questionam “até que ponto eles ameaçam a primazia e o poder dos jornais como veículo de noticiário e informação?”, uma vez que vem crescendo cada vez mais o número de *blogs* voltados para a política. Entretanto, é justamente o espaço que os *blogs* cedem para os debates que os tornam atraentes, já que assim é possível polarizar uma discussão quase em tempo real.

Como exemplo de um *blog* jornalístico, Amorim e Vieira (2006) citam o jornalista Ricardo Noblat como um dos pioneiros em fazer jornalismo político através de *blogs*. Sobre o assunto, Noblat publicou a seguinte reflexão acerca do que significa ser um jornalista-blogueiro:

É bem mais arriscado ser jornalista-blogueiro que simplesmente jornalista. Porque, em um jornal, o erro tem vários pais – o repórter, o editor, o chefe de redação (...) Aqui, não. O erro só tem um pai. E, quando ocorre, o mundo desaba na cabeça do responsável. (...) Nada ou pouca coisa separa o blogueiro dos leitores. Do médico, se diz que ele pensa que é Deus. Do jornalista, que tem certeza. Ao fazer um *blog*, o jornalista descobre que não é Deus. Se não descobrir, deixará de ser blogueiro em pouco tempo. (NOBLAT *apud* AMORIM; VIEIRA, 2006, p. 105)

Pois, ao postar uma notícia, o jornalista escreve a informação como quiser e dá a importância e até a opinião da forma que bem entender, sem, necessariamente, respeitar a ética da profissão jornalística, ou seja, a credibilidade das notícias depende apenas da forma que cada um lê. Dessa forma, os *blogs* jornalísticos perdem vantagem para o jornalismo tradicional e profissional, que tem uma conduta e uma ética obrigatória na profissão.

É certo que existem *blogs* que estão devidamente referenciados e identificados pelos órgãos de comunicação social confiáveis, e que estão cada vez mais presentes na *blogosfera* por parte de jornais e revistas altamente conceituados no mundo da informação. É o caso dos *blogs* jornalísticos selecionados para esta pesquisa, visto que as personalidades jornalísticas provêm, profissionalmente, de órgãos de comunicação considerados fidedignos, como, por exemplo, Ig, Veja e UOL, relacionados aos portais dos *blogs* dos jornalistas Mino Carta, Reinaldo

Azevedo e Luís Nassif, respectivamente. Esses *blogs* jornalísticos levam vantagem sobre o jornalismo tradicional, porque a facilidade de publicação é elevada e precisa, com a possibilidade ainda de selecionar comentários por parte dos leitores e assim ter uma maior interação com o seu público.

A informação jornalística, segundo Emediato (2005), é constituída por um complexo de enunciados, em que há uma polifonia de vozes que se entrelaçam até se configurarem em uma notícia. A seleção dos acontecimentos que serão divulgados é baseada em três princípios: de pertinência, de regulação e de coinfluência. Assim, nas palavras de Emediato (2005, pp. 110 e 111):

A pertinência de um acontecimento midiático deve estar, antes de tudo, associado à existência de um domínio temático de interesse. O universo de referência determina uma categoria de acontecimentos que lhe estão associados e, desse modo, a pertinência mais ou menos forte das ocorrências. A ideologia e o nível sociocultural dos leitores é igualmente determinante, pois, como ressalta Francis Balle (1980), a escolha dos conteúdos e o tratamento da informação estão relacionados com a identidade dos leitores.

No universo jornalístico, o jornalista precisa atender, de acordo com Emediato (2005), alguns princípios condizentes a sua atividade, as chamadas leis de proximidade. A primeira lei diz respeito à cronologia da notícia, que busca sempre as novidades mais atuais possíveis. A segunda lei é da ordem geográfica, isto é, a busca de notícias mais próximas no espaço que se relacionam com a comunidade do leitor. A terceira lei é a psicoafetiva, que trata da notícia sobre o ponto de vista da emoção, para sensibilizar o leitor. E a quarta lei está relacionada à especificidade da notícia, o que leva em conta, de uma maneira geral, o perfil dos leitores, no que eles são diferentes, gostos, formas de julgar, etc. Percebe-se, assim, principalmente pela última lei de proximidade, a influência exercida sobre o leitor da notícia, o que interfere diretamente na sua produção discursiva.

Porém, é importante destacar que nos *blogs* jornalísticos pesquisados, apesar de serem produzidos por jornalistas e manterem o intuito de fornecer informação aos leitores, há uma certa flexibilidade quanto ao cumprimento dessas leis, uma vez que o *blog* é uma ferramenta da Internet, a princípio de responsabilidade do sujeito enquanto produtor de seu próprio *blog*, não sendo ele obrigado, a não ser por determinação de uma instância superior, como o portal que hospeda o *blog*, postar notícias pré-selecionadas, ou seja, o autor do *blog* tem autonomia para esquematizá-lo a sua maneira.

Nesse sentido, a diferença entre jornalismo de massa e a Internet, segundo Alzamora (2006), é que o jornalismo busca a transmissão de informações a partir de uma padronização pela linguagem jornalística advinda de uma central de emissão. Ou seja, os recursos de linguagem desse meio de comunicação de massa não permitem uma interlocução direta entre os participantes, nem que eles alterem as informações presentes. Por outro lado, os recursos de linguagem hipermidiática se destacam por serem dialogais e processuais. Já as informações transitadas na Internet possuem uma maior diversificação, uma vez que é produzida e consumida por interlocutores que dela fazem parte.

Como exemplo de comunicação na Internet, a autora cita exatamente os *weblogs*, configurados como uma forma autônoma, nos quais se produzem informações. Alzamora (2006) ainda ressalta que o *weblog* caracteriza-se por ser um gênero híbrido de comunicação, perpassando pela escrita íntima, jornalismo e literatura, o que o diferencia dos parâmetros editoriais do jornalismo impresso.

Outra característica dos *weblogs*, segundo Alzamora (2006), é que as informações neles contidas misturam aspectos de formas de comunicação diferentes e por utilizarem os recursos da linguagem hipermídia, o que acaba contaminando outros tipos de formatos na Internet. “É o caso de *websites* jornalísticos que disponibilizam também *weblogs* e comunidades virtuais, ou mesmo que se caracterizam por serem modos híbridos de comunicação: não apenas *website* noticioso, não apenas comunidade virtual, não apenas *weblog*.” (ALZAMORA, 2006, p. 164) Como exemplo do que relata a autora, temos o *website* da Revista Veja, no qual hospeda o *blog* do jornalista analisado nesta pesquisa, Reinaldo Azevedo.

No que tange a essa realidade jornalística, Orihuela (2007) conclui que o *blog* possui uma resposta de forma mais rápida em comparação com os meios de comunicação tradicionais. Além disso, o *blog* permite que o processo de publicação seja quase simultâneo ao momento da escrita pelo seu autor.

Ele afirma ainda que são inúmeras as razões que levam uma pessoa a escrever em um *blog*: necessidade de se expressar, compartilhar saberes, defender interesses, se expor, fazer dele uma terapia, participar politicamente, etc.

Orihuela (2007) ressalta ainda que existem muitos jornalistas que escrevem *blogs* e nem sempre são voltados para política. Sua assinatura pode não coincidir com sua real identidade, fazendo com que muitos criem um pseudônimo para identificá-lo. “Os estudantes de jornalismo e os recém-formados aproveitam os *blogs* para criar um portfólio, aprimorar o estilo, criar um nome e fazer que seu talento ou sua especialidade se tornem conhecidos.” (ORIHUELA, 2007, p. 7)

Entretanto, segundo o autor, a maioria dos autores de *blog* ou blogueiros é compreendida por pessoas que escrevem sobre o que mais se identificam. É o que ratifica Orduña (2007), ao afirmar que a porcentagem de jornalistas profissionais que escrevem *blogs* ainda é pequena em relação aos outros que mantêm um *blog*. O autor ressalta ainda que:

Os *blogs*, como canais de comunicação, são meios, mas não possuem a infraestrutura, as necessidades nem a dinâmica de um jornal impresso, uma rádio ou uma rede de televisão. O que os *blogs* compartilham com a mídia tradicional é seu “poder de influência”, que tanto pode ser limitado a um punhado de fãs incondicionais quanto atingir milhares de pessoas todos os dias. Há casos em que os *blogs* especializados têm mais leitores do que, por exemplo, algumas revistas setoriais impressas. (ORDUÑA, 2007, p. 145)

“Muitas pessoas acreditam que já não é possível fazer jornalismo sem a colaboração dos leitores. É o jornalismo participativo ou jornalismo 3.0.” (VARELA, 2007, p. 67) Segundo este autor espanhol, entende-se como Jornalismo 3.0 a terceira versão do jornalismo digital, uma vez que esse tipo de jornalismo socializa as informações com os próprios meios.

Varela (2007) ainda ressalta que, para muitos, o jornalismo deve deixar de lado o envio unidirecional de mensagens e investir no diálogo com o público, visto que, hoje, há a possibilidade de enviar uma mesma mensagem a pessoas do mundo todo. Entretanto, o mesmo levanta uma questão: essa nova forma de se comunicar trata-se realmente de jornalismo?

Publicar e informar não se reúnem no mesmo significado, como destaca Varela (2007). Ele completa afirmando que é preciso de tempo, recursos e ética na profissão para que se realize o jornalismo, a investigação, a elaboração da notícia e a difusão das informações. Em face disso, Varela (2007, p. 67) pontua algumas características importantes sobre a relação entre jornalismo e *blogs*. Reproduzimos, portanto, os mais relevantes para nossa pesquisa:

1. Há *blogs* que fazem jornalismo e outros que não fazem, de fato, muitos o fazem de vez em quando;
2. Não é o jornalismo o que define os *blogs*, mas a comunicação interpessoal em forma de diário intertextual;
3. Os meios não são tradicionais porque são jornais impressos, televisões, rádios ou meios digitais, mas, sim, por seus valores e pelo jornalismo que praticam, independentemente do meio em que são difundidos [...];
4. O bom jornalismo necessita de conteúdo próprio: informação única, exclusiva e diferenciada. Quanto aos *blogs*, não. É de grande valor nutrir-se da informação dos meios e conversar sobre ela. O que não vale é plagiar e usurpar. Utilizar a informação dos outros com fins comerciais ou não citar a fonte.

Contudo, Varela (2007) destaca que muitos jornalistas profissionais e defensores do jornalismo tradicional não estão de acordo com as comparações feitas entre os *blogs*. Para eles, os *blogs* só serão considerados de fato jornalismo quando seus autores estiverem aptos a informar profissionalmente.

Entretanto, o autor informa que muitos blogueiros não buscam a informação jornalística, pois, o que importa, para eles, é se expressar e opinar sobre os assuntos que mais lhe interessam. Sendo que, “a primeira obrigação do jornalismo é a verdade”. (VARELA, 2007, p. 70). Segundo o próprio autor, “a diferença entre a informação e a opinião está na possibilidade de sua verificação.” (VARELA, 2007, p. 70). Para a realização dessa verificação, Varela cita o teórico Walter Lippmann, praticante-modelo do jornalismo clássico, no qual afirma que “o jornalismo não deve ser praticado por ‘testemunhas acidentais não treinados’. As boas intenções e os ‘esforços honestos’ não são suficientes para a verdade jornalística, e por isso requer disciplina científica para o jornalista.” (VARELA, 2007, p. 70)

Desse modo, de acordo com Varela (2007), poucos *blogs* alcançariam a categoria jornalística. E vai além, afirmando que a maioria dos meios tradicionais também não alcançaria essa categoria, uma vez que não há uma verificação adequada, bem como existe um descaso para garantir, entre outros aspectos, a veracidade da notícia. Isso tudo, segundo ele, sem contar a falta de profissionalismo no meio jornalístico.

Por fim, Varela (2007) defende que os *blogs* deram lugar à conversação, transformando-se em informações adicionais para o público que busca consumi-las por meio da Internet:

Sua participação na elaboração das notícias dilui a velha fronteira entre jornalistas e audiência, entre produtores e consumidores da informação. O auge das relações públicas e desse mundo da chamada comunicação, com seus múltiplos adjetivos (corporativa, de marketing, institucional, solidária etc.), anunciava a revolução. (VARELA, 2007, p. 75)

1.4 A QUESTÃO DA IDENTIDADE DOS SUJEITOS NOS *BLOGS*

Nesse contexto jornalístico, ao falar dos sujeitos, devemos nos ater à noção de identidade. Sabemos quem são os sujeitos comunicantes dos *blogs*, já que se trata de uma pesquisa cujos autores dos *blogs* são jornalistas conhecidos da mídia brasileira. Entretanto, nossa pesquisa trabalha também com alguns comentários de sujeitos anônimos, em resposta aos relatos postados pelos jornalistas, fazendo com que seja necessário um aprofundamento na questão dessas práticas identitárias dos sujeitos.

No mundo virtual, segundo Kleiman e Vieira (2006, p. 122), “o sujeito liberta-se do físico, adquirindo certa incorporeidade, também manifestada no evitamento de contato pessoal e na separação promovida pela tecnologia”. As autoras afirmam que, o fato de o sujeito não necessitar da presença física, acaba construindo uma nova identidade emancipada, e, ao mesmo tempo, diminui a responsabilidade social em relação ao grupo local que ele pertence.

Essa isenção da responsabilidade e a construção de novas identidades, em virtude do anonimato propiciado pelo meio virtual, fazem com que o sujeito expresse mais livremente sua opinião, sem censuras, sem se preocupar com a exposição. Isto é, para todos os efeitos quem está escrevendo um comentário pode não ser o próprio “eu” e sim um “eu” “vestido” de coragem em razão da criação da sua nova identidade.

Ainda sobre a questão do sujeito, Kleiman e Vieira (2006) afirmam que o sujeito torna-se linear no discurso cibernético, devido ao contexto não situado em que se mostra. E é esse

espaço cibernético que permite que o sujeito maquie e transforme seu discurso na intenção de preservar sua face.²²

Em contrapartida, nesse mundo cibernético, os sujeitos da interação perdem a possibilidade de utilizar certos artifícios, como, por exemplo, gestos e expressões faciais, tão recorrentes na interação face a face. Então, no contexto dos *blogs*, se de um lado os sujeitos ganham por terem tempo de elaborar com mais clareza suas mensagens (pois não estão em uma interação imediata) e se manterem até certo ponto no anonimato, em contrapartida eles perdem por ser a escrita um meio de comunicação que não conta totalmente com as manobras existentes na oralidade, embora nesse meio seja possível a reprodução, até certo ponto, da fala por meio de *emoticons* ou estratégias da escrita, como, por exemplo, a caixa alta para reproduzir um tom mais exaltado, por exemplo. E ainda, por dar “brechas” de ser interpretada de outra maneira que não tenha sido a intenção real do sujeito, sem chance imediata de uma contrarresposta.

Ressaltamos aqui o imediatismo da contrarresposta, porque o *blog*, apesar de não ser um canal em que as pessoas trocam mensagens em tempo real, permite que o sujeito comunicante, no caso, o autor jornalista do *blog*, responda a uma mensagem postada por um leitor como resposta da notícia inicial desse autor do *blog*. Ou seja, uma espécie de réplica e tréplica ou quantas mais forem necessárias para que se encerre um determinado assunto.

É importante destacar também que a comunicação via Internet vem crescendo cada vez mais, e hoje é possível fazer quase tudo sem sair de casa e as possibilidades vão de fazer compras a namorar, passando por infinitas atividades. Essa comodidade estabelece uma relação à distância com o outro, pois como afirma Coracini (2006), o distanciamento facilita as relações por eliminar os sentimentos e as emoções, mas também isola o indivíduo, que vive só com seu computador. O que a autora quer dizer é que essa imobilidade do sujeito, que o acomoda e o transforma, está trazendo uma mudança para a constituição de sua identidade.

A autora ainda discorre sobre o que ela chama de ficção do “eu”, que seria o autor, por exemplo, de um *blog*. Para ela, um *blog*, que está cada vez mais acessível na Internet, possui uma linguagem com tom ora mais confidencial, ora menos. E ainda, escrito em uma linguagem que transgride as regras gramaticais. Os autores dos *blogs* - também chamados de

22 De acordo com Goffman, citado por Kleiman e Vieira (2006, p. 127), “face é a imagem do self delineada em função de atributos positivos, socialmente aprovados e partilhada com os outros”.

bloguistas, blogueiros – relatam, de uma forma geral, acontecimentos banais do seu dia a dia. A autora ressalta que toda essa banalidade, a princípio aparente, está relacionada ao momento histórico-social em que se vive hoje. Nesse sentido, essa banalidade não se torna assustadora, já que o que os autores escrevem em seus *blogs* são relatos comuns compartilhados também com a vida de muitos, despertando uma curiosidade nos leitores por meio da instauração de um processo identitário.

As banalidades do cotidiano pertenceriam aos *blogs* pessoais, em sua maioria de jovens que pretendem apenas expor sua vida e compartilhar de seus anseios com outros leitores que fazem parte de seu universo particular. Contudo, há *blogs* mais engajados, que procuram de alguma forma uma reflexão, uma troca de ideias, como, por exemplo, podemos citar os próprios *blogs* jornalísticos de nossa pesquisa, que tratam dos acontecimentos do mundo, em especial, da política nacional, e são abertos às discussões.

Apesar de esses *blogs* possuírem um tom mais comprometido, Coracini (2006) ressalta que estamos sempre construindo uma imagem ficcional de nós mesmos, à medida que construímos nossa história e essa história vai sendo interpretada de diversas maneiras e gradativamente vai se constituindo e transformando nossa identidade. E essa ficção do “eu” vai se tornando mais latente na Internet, devido à possibilidade de permanecer anônimo, e da invenção de nomes, ou seja, da possibilidade de criar personagens.

Ainda na perspectiva da ficção do “eu”, Coracini (2006) aborda esse assunto em um quadro contextual dos *blogs*, afirmando que é por meio da linguagem que o sujeito se revela ou se esconde:

De qualquer forma, o diário virtual é mais um “espaço” criado pela sociedade do espetáculo para sua encenação e, desta vez, o protagonista do espetáculo é o “eu” que se exhibe ao público, ao se (re)velar pela e na linguagem escrita. E aí o sujeito do inconsciente, o sujeito que se submete à linguagem se (re)vela nas brechas dos significantes em rede que, ao mesmo tempo, o protege e o esconde. (CORACINI, 2006, p. 148)

Observamos, então, que o meio digital é um ambiente propício para a construção de novas identidades, e dizemos no plural por ser possível não só mais uma, e sim várias, dependendo do que se pretende no momento. Nesse sentido, Carmagnani (2006) afirma que nesse meio não há a possibilidade de se manter uma identidade fixa e estável, questionando a noção de

sujeito uno e indivisível. A autora afirma que a cultura digital propicia a criação de uma identidade multifacetada e conflituosa.

1.5 APRESENTAÇÃO DOS *BLOGS* JORNALÍSTICOS DA PESQUISA

Os *blogs* selecionados possuem em sua essência um viés jornalístico devido ao seu conteúdo informativo, daí a classificação e denominação dada por nós de “*blogs* jornalísticos.” Como explicitado, a temática central dos textos diz respeito à sucessão presidencial, mais especificamente, uma provável disputa entre Serra e Dilma pela presidência em 2011. Entretanto, a temática é abordada sob ângulos diferentes, mas todos os três *blogs*, em algum momento, referem-se a esses dois políticos. Entretanto, apesar de os *blogs* possuírem basicamente uma mesma estrutura e terem em comum o fato de fazer um jornalismo diferenciado, o que difere esses jornalistas é exatamente a maneira peculiar como eles tratam desse universo.

Para um melhor entendimento acerca das opiniões emitidas pelos interlocutores, segue uma breve biografia a respeito da trajetória profissional dos pré-candidatos à presidência da república: Serra, pelo PSDB e Dilma, pelo PT. Pois, uma vez que a temática da sucessão presidencial funciona como um ponto de partida para as interações nos *blogs*, entendemos que a filosofia política dos pré-candidatos, a popularidade e a trajetória profissional dos políticos em questão influenciam e interferem diretamente na opinião dos leitores, gerando, assim, a construção de opiniões convergentes e divergentes. Assim, considerando o perfil dos pré-candidatos à presidência, segue uma breve trajetória da carreira política de cada um:

1º) José Serra²³ nasceu em São Paulo, capital, no dia 19 de março de 1942, é economista e político filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Em 2006 foi eleito governador de São Paulo, sendo até hoje o único eleito já em primeiro turno. Ocupou o cargo de governo no mandato 2006-2010. Antes disso já havia se candidatado à presidência da república pela coligação PSDB-PMDB em 2002, tendo sido derrotado no 2º turno por Luís Inácio Lula da Silva.

23 Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Serra> e também em: <<http://ihaa.com.br/biografia-de-jose-serra>> Acesso em: 09 nov. 2010.

Serra Exerceu os mandatos de deputado federal constituinte (1987-1991), deputado federal (1991-1995) e senador (1995-2003), os cargos de secretário de Planejamento de São Paulo (1983/1986), ministro do Planejamento e Orçamento (1995-1996), ministro da Saúde (1998-2002) e ainda prefeito de São Paulo (2005-2006). Em 2003, assumiu a presidência nacional do PSDB, partido do qual é um dos fundadores. No dia 1º de janeiro de 2005, tomou posse do cargo de prefeito da cidade de São Paulo, com mandato para até 1º de janeiro de 2009. Um ano e três meses depois, em 31 de março de 2006, deixou o cargo para concorrer às eleições para governador. Em 1º de outubro de 2006, José Serra foi eleito governador de São Paulo, no primeiro turno das eleições. Tomou posse em 1º de janeiro de 2007, permanecendo no cargo até o dia 1º de abril de 2010²⁴ para concorrer às eleições a Presidente da República, em outubro de 2010.

Durante seu governo, José Serra sempre tentou evitar que rumores sobre sua candidatura prejudicassem a performance do governo. Seu grupo político atuou nos bastidores para garantir a candidatura do partido. Serra (PSDB-SP) tornou-se o único pré-candidato à presidência da república pelo PSDB para as eleições brasileiras de 2010, diante da desistência oficial de Aécio Neves (PSDB-MG), anunciada em 17 de dezembro de 2009. E em 12 de junho de 2010, oficializou sua candidatura à presidência, tendo como seu vice, o deputado federal Indio da Costa (DEM-RJ). Em 31 de outubro de 2010, com mais de 43 milhões de votos, José Serra foi derrotado no segundo turno das eleições por Dilma Rousseff.

2º) Dilma Vana Rousseff²⁵ nasceu em Belo Horizonte, no dia 14 de dezembro de 1947. É economista e política filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT). Foi ministra-chefe da Casa Civil (2005 a 03/2010) e ministra de Minas e Energia do governo Lula (2003-2005).

Dilma interessou-se pelos ideais socialistas durante a juventude, logo após o Golpe Militar de 1964. Iniciando na militância de esquerda, logo passou a integrar organizações clandestinas, que executavam ações contra a ditadura militar. É controverso o seu grau de participação nas ações das organizações clandestinas, como o Comando de Libertação Nacional (COLINA) e a

24 A trajetória política dos pré-candidatos a partir da data da publicação da notícia postada nos blogs, não será considerada para a realização das análises - uma vez que as notícias selecionadas são referentes a 2008 - constando em nossa pesquisa apenas a título de curiosidade.

25 Disponível em: <<http://ihaa.com.br/biografia-de-dilma-rousseff/>>

e também em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dilma_Rousseff> Acesso em: 09 nov. 2010.

Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR Palmares), tendo esta última protagonizado um célebre assalto em meados de 1969, considerada a ação mais espetacular e rendosa de toda a luta armada. Passou quase três anos presa, entre 1970 e 1972, onde passou por sessões de tortura.

Exerceu o cargo de secretária municipal da Fazenda de Porto Alegre e mais tarde foi secretária estadual de Minas e Energia. Participou da equipe que formulou o plano de governo na área energética na eleição de Lula à presidência da república em 2002, na qual foi indicada para titular do Ministério de Minas e Energia. Depois foi nomeada ministra-chefe da Casa Civil, durante o Governo Lula, em junho de 2005. Dilma Rousseff é considerada pelo governo a gerente do Programa de Aceleração de Crescimento (PAC), apelidada pelo presidente Lula de "mãe" do PAC, designando-a responsável pelo programa em todo o país.

Em abril de 2007, Dilma já era apontada como possível candidata à presidência da república. Lula passou a fazer uma superexposição de Dilma para testar seu potencial como candidata. Em dezembro de 2008, o presidente Lula disse que jamais conversara com Dilma Rousseff sobre sua possível candidatura para as eleições presidenciais de 2010, dizendo ter apenas insinuado. Contudo, sua candidatura foi oficializada em 13 de junho de 2010²⁶, apresentando como vice o nome do atual presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer (PMDB-SP). No dia 31 de outubro de 2010, Dilma Rousseff foi eleita presidenta do Brasil, cargo a ser ocupado pela primeira vez na história do país por uma mulher.

Posto isso, partimos do princípio de que esses conhecimentos, ainda que de maneira superficial, da carreira e da filosofia política desses, que na época da veiculação das notícias selecionadas dos *blogs* eram considerados apenas como prováveis pré-candidatos à presidência, são relevantes para entender melhor o processo dinâmico e interativo desses *blogs*. Ou seja, a partir da troca de informações e opiniões existentes entre os parceiros, essas informações podem interferir diretamente nas avaliações dos comentários postados, e conseqüentemente, na constatação do *ethos* dos jornalistas. Por exemplo, os jornalistas, ao demonstrarem, às vezes de forma mais explícita, outras de maneira implícita, suas preferências partidárias, podem acarretar uma contrarresposta por parte do leitor, concordando ou refutando sua declaração, o que constrói ou desconstrói um laço entre os interlocutores, já

26 Idem 24.

que o *ethos* construído e demonstrado pelo jornalista interfere diretamente nas relações com seus interlocutores.

O mesmo acontece com a imagem que é passada através do perfil dos jornalistas dos *blogs* pesquisados. Assim, tendo em vista os *blogs* jornalísticos, percebemos que a carreira profissional seguida pelos jornalistas possui uma ligação direta com a criação de seu *blog*. Assim, pensamos ser interessante compreender também a trajetória empírica do autor dos *blogs*, uma vez que sua identidade é revelada, já que pertencem a um time de personalidades conhecidas pela mídia, seja através da televisão, jornal, revista, rádio ou internet. Ressaltamos aqui mais uma vez que não cabe a nós captarmos o *ethos* do locutor empírico – que pode coincidir ou não com o *ethos* do enunciador – e sim de seu locutor enquanto jornalista e autor de um *blog*. A seguir, então, descreveremos cada um dos três *blogs* pesquisados, a fim de apresentarmos o perfil do jornalista e a notícia²⁷ por ele postada.

1.5.1 BLOG DO JORNALISTA MINO CARTA

Demetrio "Mino" Giuliano Gianni Carta²⁸ é um jornalista italiano naturalizado brasileiro. Nasceu em Gênova, no dia 6 de setembro de 1933. Aos 12 anos, mudou-se para o Brasil com a família, após o pai ser contratado para dirigir a *Folha de São Paulo*. Carta dirigiu também as equipes de criação de publicações que fizeram história na imprensa brasileira, como *Quatro Rodas*, *o Jornal da Tarde*, *Veja*, *Isto É*, e *Carta Capital*, da qual ainda é diretor de redação.

Dedicado também à pintura, fez exposições em Milão, em 1957, e no Museu de Arte de São Paulo, em 1994. Em 2000, lançou o livro *Castelo de Âmbar*, e em 2003 sua continuação, *A Sombra do Silêncio*, nos quais, misturando ficção e elementos autobiográficos cifrados, trata das relações entre o poder e a mídia. Em novembro de 2006, Mino recebeu o prêmio de *Jornalista Brasileiro de Maior Destaque no Ano* da Associação dos Correspondentes da Imprensa Estrangeira no Brasil (ACIE).

27 Todos os textos dos blogs aqui apresentados foram mantidos na íntegra, sem qualquer tipo de correção de nossa parte.

28 Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mino_Carta> e também em: <<http://www-mendhell.blogspot.com/2008/02/mino-carta.html>> Acesso em: 09 nov. 2010.

Descrição da notícia

O *blog* do jornalista Mino Carta (doravante *blog A*) é o primeiro a ser analisado. Seu *blog* estava vinculado ao portal IG (<http://blogdomino.blig.ig.com.br/>) até o dia 08 de outubro de 2008, quando o próprio jornalista se despediu, em solidariedade ao também jornalista Paulo Henrique Amorim, demitido do portal IG. Assim, passou a possuir um domínio próprio (<http://www.blogdomino.com.br/>), cuja extinção ocorreu por conta própria no dia 04 de fevereiro de 2009, em que relatou sua despedida do *blog* e sua saída temporária da *Revista Carta Capital*. Seu *blog* tratava de assuntos relacionados à política e à economia do país e do mundo. Portanto, para um melhor entendimento do funcionamento desse *blog*, segue uma breve descrição a respeito do mesmo.

Para a análise do *blog A*, selecionamos a notícia postada no dia 02 de dezembro de 2008, às 13 horas e 52 minutos, intitulada *Lula e as eleições*. Entretanto, essa notícia foi construída em função de uma outra, postada no dia anterior, o que podemos observar abaixo pelo início do relato do jornalista. Portanto, o autor do *blog* expõe sua opinião a respeito do efeito produzido pela frase “Sei de boa fonte que Lula simpatiza com Serra” dita na notícia postada em seu *blog* no dia 01 de dezembro de 2008, às 12 horas e 50 minutos:

Quadro 2: Discurso do jornalista Mino Carta

<i>terça, 02 de dezembro de 2008 às 13:52</i>
Lula e as eleições
Ao considerar a repercussão do meu <i>post</i> ²⁹ sobre a simpatia que Lula subitamente nutria por José Serra, sinto a necessidade de alguns esclarecimentos: Primeiro: sou amigo de Lula, tenho por ele admiração, respeito e simpatia. Nem por isso deixo de perceber que o Lula presidente difere bastante do Lula sindicalista e do Lula fundador do PT. Segundo: o PT pintou como partido autêntico, mas no poder igualou-se aos demais. É a minha opinião, corroborada de resto por algumas verdades factuais.

29 Lula e a eleição: Que Lula já mire em 2014 não ofende a democracia. A Constituição, todos sabem, não permite duas reeleições não nega a eleição de um ex-presidente, decorrido pelo menos um mandato de quem lhe sucedeu. Resta ver quem será o sucessor de Lula e como se portará no governo. Caso tenha sucesso, talvez a mira tenha que ser deslocada para 2018. Sei de boa fonte que Lula simpatiza com Serra. É, pelo menos, o que tem dito a amigos. E até afirma que algumas idéias do governador de São Paulo coincidem com as suas. (01/12/2008). Disponível em: <<http://www.blogdomino.com.br/blog/lula-e-a-eleicao>> Acesso em: 10 fev. 2010.

Terceiro: tenho certeza de que Lula gostaria de colocar Dilma Roussef na presidência e como já disse aqui neste espaço excluiu a possibilidade de qualquer tentativa de lançar a candidatura com antecedência para queimá-la rápida e fatalmente,

Quarto: ao falar da simpatia que Lula experimenta por Serra refiro-me a certa fonte por ser boa, embora não possa citá-la. Nada disso significa que Lula estaria disposto a apoiar a candidatura à presidência do governador de São Paulo e muito menos descortinaria a perspectiva de uma aliança entre petistas e tucanos.

Quinto: em uma longa entrevista que fiz com Lula em 2005, lá pelas tantas ele disse textualmente: “Você sabe que eu nunca fui de esquerda”. Retruquei de imediato: não concordo, como líder operário e como fundador do PT, você foi de esquerda sim, e para ser de esquerda não é preciso ler Marx e ter passado uma temporada em Moscou. Citei Norberto Bobbio, para quem, depois da queda do Muro de Berlim, a ideologia de esquerda ficou por conta de quem não se contenta com a afirmação da liberdade e se empenha e favor da igualdade. Aí Lula disse: “Se for assim, claro que sou de esquerda”.

De verdade, a personagem é controversa. Recordo um dia de 1978, casamento de Bárbara, uma das duas filhas de Cláudio Abramo. Compareceram intelectuais e artistas e a liderança nascente do metalúrgico presidente do sindicato de São Bernardo e Diadema de repente virou assunto. Havia ali gente do peso de Mario Pedrosa e Flavio Rangel. Estava também um jovem Eduardo Suplicy. As opiniões a respeito de Lula eram discordantes. Não faltou quem afirmasse que ele era agente duplo, trabalhava para a CIA. No fundo, o debate continua. Para mim, está claro que Lula gostou muito do poder e fez concessões profundas à direita. No entanto, no Brasil de hoje, está à esquerda do tucanato e da mídia nativa. E eu continuaria a votar nele.

Fonte: <http://www.blogdomino.com.br/blog/lula-e-as-eleicoes-216>

Observando a estrutura da notícia acima, notamos que Mino enumera sua enunciação em cinco partes, para defender e explicar seu ponto de vista, a fim de prestar conta aos seus leitores. Após enumerar sua enunciação, o jornalista dá continuidade relatando sobre o contexto histórico em que se encontrava o Presidente desde a época em que era um metalúrgico e dava os primeiros passos rumo à carreira política em que o transformaria em Presidente da República. O jornalista termina seu texto voltando à polêmica frase que acabou gerando a produção desse *post*, ao dizer que o Presidente já fez concessões profundas aos

partidos de direita. E por fim, Mino emite sua opinião e deixa ainda mais claro sua simpatia e sua opção partidária em relação ao Presidente Lula, afirmando que, apesar dessas declarações referentes ao Presidente, que a princípio seriam, segundo ele, contraditórias à história política do PT, ele continuaria a votar no Lula.

Em se tratando das intervenções que compõem esse *blog*, selecionamos 20 comentários gerados a partir do momento em que o jornalista postou seu comentário, incluindo sua própria tréplica construída em forma de um novo *post*, a fim de responder diretamente a um de seus interlocutores. Essas intervenções compreendem um intervalo de tempo que varia do dia 02 de dezembro de 2008, às 14 horas e 20 minutos, até as 19h05min do dia 08 de dezembro de 2008, data referente ao último recado postado sobre esse assunto.

Selecionamos, para nossa análise, as intervenções (APÊNDICE IIIa) do *blog* A a partir do recado mais antigo selecionado, cuja postagem ocorreu a menos de uma hora após a publicação do *post* do jornalista, realizada, portanto, pelo Locutor A ao Locutor R2, incluindo a réplica do Locutor-jornalista.

1.5.2 BLOG DO JORNALISTA REINALDO AZEVEDO

José Reinaldo Azevedo e Silva³⁰ nasceu em Dois Córregos-SP, no dia 19 de agosto de 1961. Atualmente mantém um artigo na *Revista Veja*, além de manter um *blog* no site da mesma revista, em que faz análises gerais sobre política, cultura, etc. Trabalhou como redator-chefe das revistas *Primeira Leitura*, *Bravo* e do jornal *Diário do Grande ABC*, de Santo André. Também trabalhou como editor-adjunto de política da *Folha de São Paulo* e coordenador de política da sucursal de Brasília.

Reinaldo é um jornalista conservador e um crítico feroz assumido do comunismo e das ideias socialistas, bem como declara abertamente sua antipatia pelo presidente Lula e seus partidários. A frase "Tudo o que é bom para o PT é ruim para o Brasil" é de sua autoria. É autor do livro intitulado *Contra o Consenso – Ensaios e Resenhas*, e *O país dos Petralhas*, lançados em 2005 e 2008, respectivamente. É considerado por ele próprio um individualista, e

30 Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Reinaldo_Azevedo> e também em: <http://www.123people.com.br/ext/firm?ti=personensuche%20telefonbuch&search_term=reinaldo%20azevedo&search_country=BR&st=suche%20nach%20personen&target_url=http%3A%2F%2Ffamosos.culturamix.com%2Fjornalistas%2Freinaldo-azevedo§ion=weblink&wrt_id=683> Acesso em: 09 nov. 2010.

defende acima de tudo a bandeira da individualidade. É apelidado por seus opositores de filhote do Bush, porta-voz do imperialismo, agente da CIA, tucano enrustido, etc.

Descrição da notícia

O *blog* a seguir refere-se ao jornalista Reinaldo Azevedo (doravante *Blog B*). Esse *blog* pertence ao *site* da *Revista Veja*, na qual Reinaldo é colunista. Seu *blog* trata de análises políticas e está vinculado ao *site* da própria revista, em <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo>.

A notícia selecionada do *Blog B* foi postada no dia 12 de dezembro de 2008, às 19 horas e 48 minutos. O conteúdo dessa notícia trata do comentário do jornalista sobre a pré-candidata à presidência da república, Dilma Rousseff. O título do *post* analisado é: *Uma vez autoritária... Ou: ela ainda está no estágio Massinha I*.

Quadro 3: Discurso do jornalista Reinaldo Azevedo

Uma vez autoritária... Ou: ela ainda está no estágio Massinha I

sexta-feira, 12 de dezembro de 2008 | 19:48

(Leia primeiro o post abaixo)

O que dizer sobre a fala da pré-candidata Dilma Rousseff? Mistura a mistificação costumeira com uma boa parcela de irresponsabilidade, especialmente se considerarmos que o país terá um 2009 bastante difícil. E o momento estaria mais para pedir união do que para baixo proselitismo partidário. Observem que a velha tática do PT, ressuscitada numa reunião do comando partidário há alguns dias, está de volta: “culpar o governo anterior” pelas dificuldades. Mas esperem: o governo anterior não é o do próprio Lula? Não! Para eles, “governo anterior” será sempre o de FHC, ainda que ficassem mais cem anos no poder. Eles precisam inventar o mal para que possam se apresentar como o bem.

Vejam lá a fala da ministra. Das medidas macroeconômicas adotadas por FHC ao programa social depois batizado Bolsa Família, Lula seguiu os passos do antecessor onde acertou, conseguiu repetir alguns erros e, evidentemente, cometeu outros de sua própria lavra. Convenham: até a equipe do Banco Central ele teve de colher no ninho tucano. E foi com ela que conseguiu construir a tal credibilidade.

Já sabemos qual será a peça de resistência da campanha petista, seja Dilma candidata ou não: a demonização do passado, o discurso do medo vencendo a esperança. Vai colar menos ou mais a depender de como esteja a economia em 2010. E como estará a economia em 2010? O ritmo da recuperação dos EUA é que vai dizer. Se a crise for mais ou menos abreviada, cenário menos provável, e o segundo semestre do último ano de Lula já apontar a retomada de um crescimento mais robusto, ele vai, mais uma vez, chamar para si os louros por “vitórias” que não são suas. Se o cenário não for lá muito confortável, insistirá na retórica de uma espécie de conspiração internacional contra os países emergentes. Por razões óbvias, o primeiro discurso cola com facilidade; o segundo è mais complicado.

Seja como for, há no ar um cheiro estranho. O PT começa a se mover tentando criar um caldo que oporia, de um lado, os “interesses do povo” e, de outro, os interesses de conspiradores. Mas quem são os “conspiradores”? As oposições, ora essa. Eis o entendimento que essa gente tem de democracia, de alternância de poder. Mais um pouco, e Dilma dirá que só um resultado eleitoral será legítimo em 2010: a vitória do PT.

Mas entendo! Em termos históricos, a conversão de Dilma Rousseff à democracia ainda é relativamente recente. Já que eles gostam tanto de encruar o passado, não custa lembrar que suas utopias libertárias estavam com Carlos Marighella, aquele autor de um manual para práticas terroristas. Isso, como se sabe, é fato comprovado, não ficção. O discurso feito pela ministra indica que ela, em matéria de alternância de poder, ainda não passou do estágio Massinha I. Até chegar à universidade democrática, ainda leva tempo. Se é que ela consegue passar de ano e não vai levar pau em redação...

Fonte:<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/uma-vez-autoritaria-ou-ela-ainda-esta-no-estagio-massinha-i/>

No texto acima, o jornalista deixa claro sua discordância em relação ao PT e a sua pré-candidata, Dilma Rousseff. Assim, podemos perceber, já a partir do título, que o jornalista Reinaldo Azevedo comenta o fato de a ex-ministra da Casa Civil ser a pré-candidata do PT e ter dito que as dificuldades encontradas no governo atual se devem a má gestão do governo anterior, que seria do PSDB, na fala de Dilma, mas que o jornalista lembra que, de fato, é do próprio partido dela, o PT. De modo geral, o texto de Reinaldo gira em torno de uma suposta campanha de Dilma à presidência, relatando o contexto histórico vivido pela pré-candidata do PT, relatando fatos que denotam indícios de práticas terroristas, que vão de encontro com um ideal democrático. Daí a explicação do título desse *post*.

Para a análise das intervenções no *blog* B, selecionamos 19 comentários dos leitores. (APÊNDICE IIIb). As intervenções construídas serão apresentadas a partir do Locutor A até o Locutor S, ocorridas entre às 20h10min do dia 12 de dezembro de 2008, às 17h03min do dia 13 de dezembro de 2008.

1.5.3 BLOG DO JORNALISTA LUÍS NASSIF

Luís Nassif³¹ é um jornalista brasileiro. Nasceu em Poços de Caldas-MG, em 24 de maio de 1950. Foi colunista e membro do conselho editorial da *Folha de São Paulo*, escrevendo, por

31 Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Nassif>; <<http://luisnassifonline.blog.uol.com.br/>> e também em: <<http://www.advivo.com.br/luisnassif/>> Acesso em: 15 nov. 2010.

muitos anos, sobre economia. Luis Nassif é também o introdutor do jornalismo de serviços e do jornalismo eletrônico no país. Seu primeiro trabalho como profissional foi em 1970, como estagiário da *Revista Veja*. E, quatro anos mais tarde, era repórter de economia da revista. No ano seguinte, ficou responsável pelo caderno de finanças. Em 1979 transferiu-se para o *Jornal da Tarde*, na qualidade de pauteiro e chefe de reportagem de economia. No ano de 1983, mudou-se para a *Folha de São Paulo* e participou do projeto de criação do *Datafolha*. Já em 1985 criou o programa na TV Gazeta de São Paulo chamado *Dinheiro Vivo*. Dois anos depois, a partir do programa, nasceu a *Agência Dinheiro Vivo*, de informações de economia e negócios. Em 1986, ganhou o *Prêmio Esso*, categoria principal, com a série de reportagens sobre o Plano Cruzado.

Em 1987 saiu da *Folha*, retornando em 1991 como colunista de economia, permanecendo até 2006. Iniciou em 2007 uma série de artigos sobre os bastidores da *Veja*, em que critica, sob sua óptica, o jornalismo dessa revista nos últimos anos. Por alguns desses artigos, foi processado pelo editor da revista e condenado pela justiça, em 25 de fevereiro de 2010. Nassif também foi comentarista econômico da Rede Bandeirantes de Televisão e da TV Cultura de São Paulo. Também atuou no rádio, como um dos apresentadores do *Jornal Gente*, na Rádio Bandeirantes de São Paulo. Atualmente trabalha em projetos próprios da *Agência Dinheiro Vivo* e apresenta o programa *Brasilianas.org* na TV Brasil, rede que faz parte da estatal Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), criada em 2007, pelo governo Lula e comandada pela pasta de Franklin Martins. Vencedor do prêmio de *Melhor Jornalista de Economia da Imprensa Escrita* do site *Comunique-se*, em 2003 e 2005. Membro do Conselho do Instituto de Estudos Avançados da USP e do Conselho de Economia da FIESP. Autor de *O Jornalismo dos anos 90*, e *Menino de São Benedito*.

Descrição da notícia

Segue a apresentação do terceiro e último *blog* (doravante *blog C*). Trata-se do *blog* do jornalista Luís Nassif, cujo endereço encontra-se atualmente em <http://www.advivo.com.br/luisnassif>. Dentro desse provedor, Nassif mantém um *blog* (Luis Nassif Online) e um portal com suas principais publicações (Portal Luís Nassif). Porém, a notícia abaixo foi retirada do portal *projeto.br*, que hoje se encontra “fora do ar.” O texto de Nassif possui o título *Sobre Serra e Dilma*, postado em seu *blog* no dia 1º de Outubro de 2008, às 11:05, produzindo a reação de 133 comentadores, porém, somente 20 fazem parte de nosso *corpus*:

Quadro 4: Discurso do jornalista Luís Nassif

01/10/08 11:05

Sobre Serra e Dilma

Dizia o velho Magalhães Pinto que a política é como as nuvens do céu. A cada olhada, ela se move.

Digo isso a respeito das análises do Carlos Augusto Montenegro sobre as eleições de 2010. Elas foram feitas em um almoço no iG, muito interessante, com avaliações do maior especialista em pesquisas sobre as eleições de hoje.

Mas daqui a 2010, mesmo para um especialista é quase impossível prever com exatidão o que irá ocorrer.

Ponto central é a questão do currículo, da competência administrativa. Ele parte do pressuposto que Serra tem e Dilma não tem. Serra fez seu nome em poucos anos como Ministro da Saúde. Antes, montou nome em cima de atuação eminentemente legislativa. Dilma está à frente do maior programa de obras das últimas décadas.

Há as seguintes incógnitas pelo caminho:

1. Dilma tem uma vitrine ampla para demonstrar o pique gerencial: o PAC e o ritmo que ajudou a dar ao governo Lula. Não é pouca coisa. Se o PAC for bem sucedido e a crise não pegar o Brasil tão intensamente, faz o nome.
2. Serra ainda não demonstrou, na prefeitura e no estado, o mesmo pique gerencial que na Saúde. Aí se entra em uma particularidade da sua formação: ele não acredita nos modernos modelos de gestão. Acha que, pelo fato de conseguir fazer, não necessita das ferramentas gerenciais. Esse estilo funciona em realidades mais simples, como o próprio Ministério da Saúde. Lá, as estruturas estavam ao alcance dos seus olhos. Bastava colocar uma pessoa de confiança em cada perna do Ministério e cobrar resultados.

Quando passou para realidades mais complexas (como a prefeitura de São Paulo e, mais ainda, com o governo do Estado) esse estilo revelou-se obviamente insuficiente.

Serra colocou quadros melhores que Alckmin mas não conseguiu ainda dizer a que veio. Não conseguiu articular as forças de São Paulo em torno de um projeto de desenvolvimento, não conseguiu montar ações inter-setoriais.

Tem dois pilares – os Secretários da Fazenda e do Planejamento – que respondem pela coordenação entre as áreas, mas é muito pouco. Em termos gerenciais, é uma gestão

mais competente que a de Alckmin, mas ainda à moda antiga.

3. Outras incógnitas residem no plano das grandes alianças. Ambos – Serra e Dilma – são considerados intransigentes na defesa de alguns princípios administrativos. Isso é virtude, mas também provoca resistências. Mas Dilma está comandando o processo de recuperação do investimento nacional, articulando atores que, até pouco tempo atrás, estavam em segundo plano – como a ABDIB, as grandes empresas industriais, os novos atores, como estaleiros e tudo o mais. Dependendo da crise, poderá abraçar a bandeira desenvolvimentista com uma folha de serviços maior que a de Serra – em parte devido à conjuntura mais favorável que herdou, em parte devido ao modelo de gerenciamento do PAC.

Há outra diferença importante entre ambos. Serra sempre foi o contraponto ao neoliberalismo exacerbado de FHC; mas nunca conseguiu impor suas idéias. Já Dilma é a pessoa que conseguiu livrar o governo Lula da inércia produzida pelo estilo Palocci.

4. No campo das alianças políticas, o caminho é para a centro-esquerda. Serra tardiamente esqueceu suas raízes e passou a cultivar um público classe média conservador. Seu aliado preferencial, hoje em dia, é Roberto Civita. Tenho a impressão de que, em algum momento do futuro, o discurso de Serra se tornará mais ambíguo.

Hoje em dia se percebe nitidamente um político com o discurso manietado por essa ambiguidade.

5. Seja qual for o vitorioso, entra em um momento em que o ciclo de financeirização de esgota. A partir de agora, ambos terão que explicitar melhor seus projetos para o país, cercar-se de think tanks, recuperar a capacidade de pensar o futuro. De qualquer modo, entre os dois o país estará bem servido.

Fonte: <http://www.projeto.br.com.br/web/blog?entryId=>

No *post* acima, observamos que o jornalista faz uma comparação entre os dois pré-candidatos à presidência da república. Podemos notar também que o texto é apresentado em duas partes: a primeira fica a cargo do próprio jornalista, comentando as análises feitas por Montenegro – presidente do IBOPE – sobre as eleições de 2010. Já a segunda parte é numerada em cinco pontos e é iniciada sob a óptica de Montenegro. Porém, a reprodução da voz do autor das análises vai se convergindo para a própria voz do jornalista. Entretanto, o fato de Nassif ser o autor do *blog* o coloca sob o crivo das diversas interpretações de seus leitores. A última frase contida em seu *post*: “De qualquer modo, entre os dois o país estará bem servido”, gera, por

exemplo, uma polêmica discussão entre os leitores de seu *blog*, uns favoráveis e outros desfavoráveis ao seu comentário.

No que concerne às intervenções, selecionamos 24 comentários (APÊNDICE IIIc) pertencentes a esse *blog*, inclusive as quatro trélicas do próprio jornalista e autor do *blog*. Apresentamos as intervenções do Locutor A, ocorrida às 10h31min do dia 01 de outubro de 2008, ao Locutor R2, ocorrida às 14h52min do dia seguinte, com suas respectivas respostas, incluindo a do jornalista.

CAPÍTULO 2 MÉTODOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE

Neste capítulo, detalharemos passo a passo a metodologia que optamos empregar na análise do nosso *corpus*, bem como a sua organização. Como explicitado na parte I deste trabalho, optamos por selecionar aspectos pertencentes a três concepções teóricas, com o objetivo de sustentar nossas análises, como a Semiolinguística, de Charaudeau, a Argumentação, por Perelman e Tyteca e a noção de *Ethos*, em especial, a apresentada por Amossy. O modo como foi feita a seleção dos textos e como aplicaremos as respectivas teorias no *corpus* é o que abordaremos a seguir.

2.1 ORGANIZAÇÃO DO CORPUS

Em razão do crescimento desenfreado das novas tecnologias, e com elas o aparecimento de uma nova prática social, realizada através da Internet, é com interesse nesse meio virtual que optamos em trabalhar com os *blogs*, em especial, com os que abordam uma temática jornalística. Devido à grande quantidade de textos produzidos pelo locutor, de intervenções dos leitores e outros temas que os *blogs* abordam e pensando em analisar de forma mais aprofundada esse universo, optamos por trabalhar com um número reduzido de três *blogs* jornalísticos. Mais especificamente, com 3 textos escritos e publicados por jornalistas. O *corpus* conta ainda com uma parte das intervenções dos interlocutores de cada *blog* – aproximadamente 60 mensagens – bem como as próprias intervenções dos jornalistas em resposta a um ou outro interlocutor. Portanto, escolhido o objeto, o próximo passo foi a sua constituição. Assim, para delimitar nosso *corpus*, a seleção desses *blogs* contou com a realização de três recortes relacionados:

- 1º) aos jornalistas dos *blogs*;
- 2º) à dimensão temática dos textos e das respostas dos interlocutores;
- 3º) ao tempo.

Definidos os critérios de delimitação do *corpus*, passamos para a etapa seguinte, descrever como se procedeu o recorte no que tange aos três aspectos acima. Assim, nosso primeiro passo para essa seleção foi a identificação de *blogs* que abordassem o universo jornalístico e

que fossem produzidos e assinados pelo próprio jornalista, uma vez que não nos interessava selecionar *blogs* que apenas contivessem assuntos vinculados à notícia jornalística, mas que fossem autores realmente conhecidos da mídia, já que, por esse motivo, temos a oportunidade de conhecer um pouco o perfil biográfico e o trajeto profissional de cada um deles e, assim, tentar compreender melhor o teor dos recados postados pelos leitores desses *blogs*, o que, ao nosso ver, é fundamental para o processo de análise.

Resumindo, chegamos à marca de 3 *blogs*, dentre os quais todos com um viés político e de autoria de jornalistas. Portanto, chegamos à conclusão de que os jornalistas Mino Carta, Reinaldo Azevedo e Luís Nassif reuniam características fundamentais para a realização de nossa proposta de pesquisa. Ou seja, eles foram selecionados por serem representantes de um discurso explicitamente partidário, com tomadas de opinião bastante significativas, declarando uma postura mais parcial dos assuntos tratados, o que convergia com nossa abordagem. É o que acontece, em especial, com os jornalistas Mino Carta e Reinaldo Azevedo, defensores declarados dos dois políticos abordados pelo tema da sucessão presidencial, Dilma Rousseff, do PT e José Serra, do PSDB, respectivamente. O mesmo ocorre com a escolha do jornalista Luís Nassif, no qual, embora saibamos, pela mídia e pelo teor de suas declarações, de sua ideologia política, sua posição partidária, porém, não é evidenciada pelo seu discurso em seu texto em um primeiro plano, o que o diferencia dos outros dois.

Assim, trabalhar com três diferentes frentes discursivas e argumentativas nos possibilita enxergar uma pluralidade de aspectos proporcionados por uma análise de comparação entre as especificidades encontradas nesses três jornalistas.

Entretanto, devido à grande quantidade de assuntos que circulam em um *blog*, cuja finalidade principal é a informação da notícia sob o ponto de vista de quem escreve, a etapa seguinte foi estabelecer um critério de seleção temática. Fizemos então um recorte nos textos dos *blogs* pesquisados, selecionando somente os que abordassem notícias acerca da sucessão presidencial, haja vista a movimentação no setor político atual em decidir os próximos candidatos dos partidos que irão concorrer e disputar o cargo de Presidente da República. Feito esse recorte, partimos então para um segundo recorte, dessa vez referente aos recados deixados pelos leitores, já que, por vezes, uma única notícia pode gerar mais de 300 recados.

O próximo passo foi selecionar aproximadamente 20 recados de leitores com características distintas, a fim de possibilitar as diversas maneiras de compreendermos a recepção. O critério de escolha dessas intervenções foi baseado no conteúdo das respostas. Isto é, selecionamos as que mais se aproximavam do tema central de análise: a sucessão presidencial, pois verificamos que havia respostas que nada tinham a ver com o mote principal, não importando, neste momento, um exame da opinião do leitor, ou seja, se era apresentada de modo favorável ou contrário a do jornalista. Como também as que estavam relacionadas com as intervenções do próprio locutor-jornalista, em uma espécie de diálogo paralelo entre os dois.

O último recorte diz respeito ao tempo das notícias, com o intuito de manter uma constante temporal em relação ao tema central veiculado no canal midiático *blog*. Dessa forma, optamos por notícias que foram postadas nos *blogs* do dia 01 de outubro (data da primeira notícia selecionada, postada pelo jornalista Luís Nassif) ao dia 12 de dezembro de 2008 (data referente ao último recado postado por um interlocutor do *blog* de Reinaldo Azevedo em relação ao tema em questão). Salientamos que o assunto abordado pelos jornalistas não significa ter a mesma abordagem, mas sim a mesma temática.

Assim, realizado todos os recortes, partimos, portanto, para uma análise mais aprofundada, em que serão abordados os procedimentos teóricos e a identificação das categorias de análise, sendo nosso objetivo a investigação dos *blogs* sob aspectos argumentativos, enunciativos e interacionais, a fim de alcançarmos os seguintes objetivos gerais:

- Investigar como o autor do *blog* organiza e estrutura, em termos argumentativos, o texto de seu *blog* e quais as técnicas argumentativas mais recorrentes;
- Como se organiza e se constrói a Opinião nos *blogs* jornalísticos selecionados, analisando os modos de investimento dos locutores em seus planos de enunciação e seu modo de expressão modal;
- Observar e investigar as estratégias para a construção da Opinião do jornalista;
- Investigar os valores mobilizados na argumentação em torno da temática da sucessão presidencial;
- Como se constitui o *ethos* dos jornalistas.

Com base nas respostas encontradas acima, nossa intenção é obter dados para defendermos a ideia de que a argumentação nesse tipo de *blog* é predominantemente intracomunitária, em que se forma, através das interações, um conjunto de opiniões convergentes e orientadas para uma espécie de comunidade de espíritos à qual se vem confrontar, minoritariamente, um ponto de vista discordante; e funcionam com base em uma encenação de interações discordantes e concordantes, com predominância das interações concordantes, cuja finalidade é a construção de uma comunidade de espíritos. Daí surge nosso objetivo de investigar como se constitui o *ethos* do jornalista dentro do contexto dos *blogs*, a partir dessas categorias de análise.

2.2 METODOLOGIA DE DESCRIÇÃO

Tendo em vista o objetivo desta pesquisa, defender a tese explicitada acima e investigar como se constitui o *ethos* dos jornalistas Mino Carta, Reinaldo Azevedo e Luís Nassif dentro do contexto dos *blogs*, optamos por fazer um levantamento das categorias de análise divididas em três abordagens: argumentativa, enunciativa e interacional. A partir dessas categorias, nosso intuito é reunir dados que permitam uma interpretação do *ethos*. Para tanto, adotamos os seguintes procedimentos metodológicos de análise para o *corpus*, divididos abaixo pela ordem das categorias a serem analisadas:

1º) Análise dos aspectos argumentativos do texto

No âmbito da dimensão argumentativa, estruturamos esse tipo de análise em dois módulos: no primeiro, trataremos das questões relativas à argumentação estabelecidas por Charaudeau, já no segundo, por Perelman e Tyteca.

Esclarecemos que a opção em analisar os procedimentos argumentativos sob a perspectiva desses dois autores justifica-se por entendermos que suas teorias se complementam para a investigação a que nos propusemos em nossa pesquisa. Quer dizer, em relação às contribuições advindas de uma argumentação sob a óptica da semiolinguística, analisaremos um quadro com base em uma problematização, bem como técnicas referentes ao modo de raciocínio dos argumentos empregados pelos jornalistas em seus *blogs*; já em relação à análise da argumentação, segundo Perelman e Tyteca, nosso intuito é investigar as técnicas concernentes às categorias do Real e do Preferível, obtendo assim dados que tornem tal

discurso mais convincente ou mais persuasivo, como também os tipos de argumentos escolhidos pelos jornalistas.

Ressaltamos ainda que, para o procedimento dessa dimensão argumentativa, segmentaremos o texto dos jornalistas levando em consideração os fragmentos temáticos que surgirem e as relações existentes entre eles. Quer dizer, o critério adotado parte do pressuposto de que o texto nos *blogs* apresenta uma leitura mais linear, devido a sua estrutura narrativa, o que tende a configurar uma escrita no molde da oralidade.

1a) Análise argumentativa sob a ótica da Semiologia:

Metodologia: organizaremos o texto dos jornalistas em função destas quatro categorias de Charaudeau mostradas no quadro abaixo, com o intuito de obter uma visão geral do processo argumentativo utilizado pelos jornalistas:

Tabela 4 - Representação da estrutura argumentativa do texto do Locutor-jornalista

ESTRUTURA ARGUMENTATIVA DO TEXTO DO LOCUTOR-JORNALISTA	
<i>BLOG X</i>	
PROBLEMA	
QUADRO DE QUESTIONAMENTO	
POSICIONAMENTO	
PROVAS	

Fonte: elaborada pela autora

Objetivos específicos:

- Revelar as técnicas discursivas utilizadas pelo Locutor-jornalista em face de sua própria argumentação. A fim de fazermos um paralelo entre o comportamento argumentativo dos autores dos *blogs* selecionados, partimos de uma discussão proveniente de um mesmo domínio temático: a sucessão presidencial;
- Verificar até que ponto os procedimentos argumentativos do sujeito que quer argumentar torna-se válido dentro de uma situação de comunicação. Ou seja, verificar como o quadro de questionamento se justifica. Por esse motivo, é necessário investigar

de que maneira os jornalistas se posicionam e quais provas eles utilizam para validar a argumentação.

1b) Análise argumentativa sob a ótica da Nova Retórica:

Metodologia: classificaremos o texto dos jornalistas quanto às técnicas argumentativas e os tipos de argumentos escolhidos pelo orador-jornalista. Bem como observar a escolha e a força que cada argumento apresenta na estrutura argumentativa de cada um dos *blogs* pesquisados.

Objetivos específicos:

- Encontrar elementos que nos informem, sobre o ponto de vista do discurso argumentativo, as técnicas e estratégias empregadas pelos jornalistas a fim de persuadirem ou convencerem seu auditório. Portanto, cabe a esta etapa analisar as categorias do Real, representadas pelos fatos, verdades e presunções; do Preferível, como valores, hierarquias e lugares, bem como o direcionamento do texto do orador para um certo auditório, se particular ou universal;
- Com base nessas categorias, pretendemos também investigar a força dos argumentos por eles empregados, investigando a relação da escolha de determinados argumentos com a construção de um discurso ora mais convincente ora mais persuasivo.

2º) Análise da modalização enunciativa:

Metodologia: analisaremos o texto dos jornalistas com o propósito de colocarmos em evidência comportamentos enunciativos predominantes na construção da Opinião emitida pelo Locutor-jornalista. Para tanto, classificaremos os textos dos jornalistas em atos locutivos e suas respectivas modalidades, propostos por Charaudeau (1992), tendo como parâmetro a seguinte tabela:

Tabela 5 - Representação da modalização enunciativa

Modalização Enunciativa			
<i>Blog X</i>			
Atos locutivos/ Modalidades	Elocutivo	Alocutivo	Delocutivo
Modalidade enunciativa	<i>Exemplo de um fragmento do texto X</i>		

Fonte: elaborada pela autora

Objetivos específicos:

- Investigar como se dá a construção da Opinião nos *blogs* jornalísticos selecionados, analisando os modos de investimento dos locutores em seu plano de enunciação.

3º) Análise do quadro interacional dos blogs

Nossa proposta de análise desse quadro interacional é dividida em três categorias: funcionamento interacional, utilizando o esquema das interações discordantes e concordantes (Ilustração 1); formas de tratamento interacionais e expressivas³², em que é apresentada a maneira que o Locutor interage e se expressa, respectivamente, com o jornalista e outros interlocutores; e anonimato dos interlocutores, analisando até que ponto a ocultação da identidade do Locutor interfere no modo de ele interagir no *blog*. Para tanto, a metodologia de análise desta etapa proceder-se-á por meio de três categorias distintas, porém, correlatas entre si:

3a) Funcionamento interacional dos blogs:

Metodologia: primeiramente, dividiremos as intervenções dos leitores em concordantes e discordantes. No interior de cada uma dessas intervenções, subdividi-las-emos em concordância parcial/total ou discordância parcial/total, a fim de permitir uma primeira visão

32 O termo “formas de tratamento expressivas” foi utilizado por nós para representar o modo como o Locutor expressa seu pensamento na escrita. Isto é, ora de forma mais polida, ora utilizando xingamentos. Destacamos para a diferença existente entre as formas de tratamento interacional e expressiva. A primeira está estritamente ligada com a maneira que o Locutor interpela o Interlocutor para interagir, e a segunda tem a ver com a maneira que ele desenvolve sua escrita no momento da interação.

da dinâmica global das interações no *blog*. De acordo com a representação do seguinte esquema:

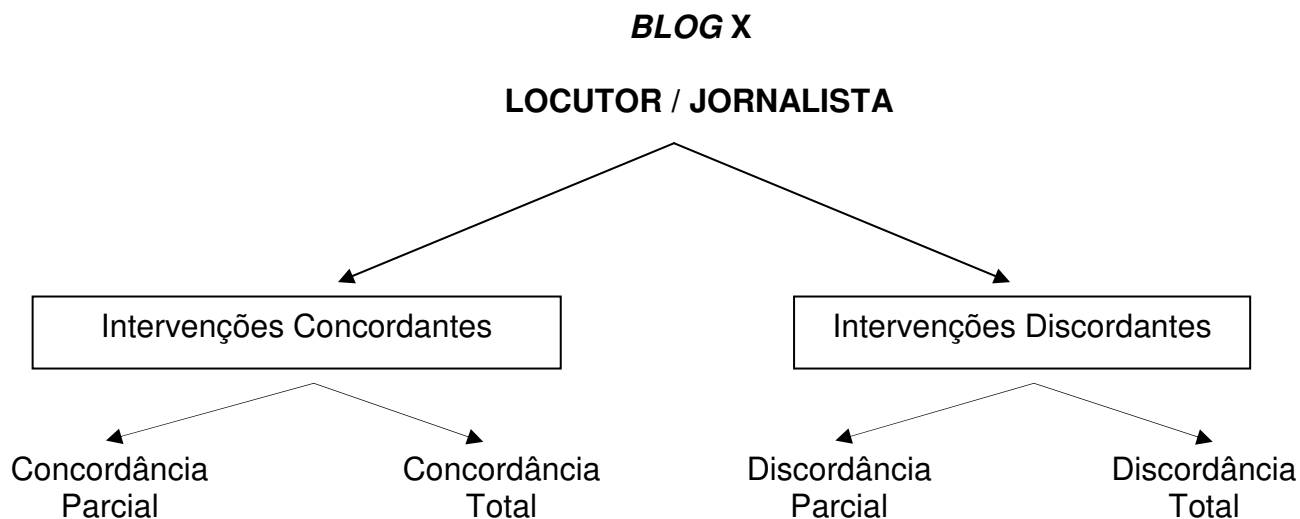


Ilustração 1: Representação das interações do *blog* (Fonte: elaborada pela autora)

Objetivos específicos:

- Investigar a regularidade das intervenções que estão em acordo ou desacordo com às dos jornalistas.

3b) Formas de tratamento interacionais e expressivas:

Metodologia: tendo em vista a interação realizada nos *blogs*, construiremos o seguinte quadro, no qual classificaremos os principais aspectos representativos das formas de tratamento interacionais e expressivas, assinalando na tabela a classificação em positiva ou negativa:

Tabela 6 - Representação das formas de tratamento interacionais *versus* expressivas

Formas de tratamento interacionais <i>versus</i> expressivas						
<i>Blog X</i>						
Interlocutores do <i>Blog X</i>	Formas de tratamento interacionais	Positiva	Negativa	Formas de tratamento expressivas	Positiva	Negativa
Locutor A	<i>exemplo do texto</i>			<i>exemplo do texto</i>		

Fonte: elaborada pela autora

Objetivos específicos:

- Descrever a relação das formas de tratamentos interacionais encontradas com as formas de tratamento expressivas, a fim de estabelecer até que ponto a maneira de o interlocutor interpelar o locutor ou até mesmo outro interlocutor influencia sua maneira de se expressar.

3c) Anonimato dos interlocutores e formas de autorreferência:

Metodologia: nesta parte, buscaremos avaliar as formas de autorreferência dos participantes dos *blogs*, como o anonimato, por exemplo, para compreender melhor a regulação que pode ocorrer no âmbito de suas identidades.

Objetivos específicos:

- Verificar até que ponto o anonimato do interlocutor interfere no modo como ele interpela ou se expressa diante dos outros interlocutores e no modo de expressar sua opinião.

4) Ethos dos jornalistas:

Metodologia: reuniremos todas as etapas de análise dos comportamentos presentes nos textos dos jornalistas no que tange a sua argumentação, modalização enunciativa e funcionamento interacional dos *blogs*.

Objetivos específicos:

- Observar todos os recursos utilizados pelos jornalistas, com o objetivo maior de chegar aos diferentes *ethé* do comportamento ético na construção de suas Opiniões.

Portanto, uma vez explicitado o procedimento metodológico de pesquisa, entraremos agora no campo de análise do *corpus*. Os dados serão analisados individualmente em cada *blog* pesquisado e divididos em três partes: os aspectos argumentativos, a modalização enunciativa e o quadro interativo. A partir dessa abordagem, o próximo passo é sintetizar todos os dados encontrados nesta etapa de análise, a fim de observar os contrastes mais relevantes entre os procedimentos estudados em cada *blog*, que permitirão, enfim, constatar o *ethos* dos jornalistas pesquisados.

PARTE III
ANÁLISE DOS DADOS

CAPÍTULO 1 ASPECTOS ARGUMENTATIVOS

A análise dos aspectos argumentativos tem como objetivo revelar as técnicas e procedimentos argumentativos utilizados pelo Locutor-jornalista em face de sua própria argumentação. A fim de fazermos um paralelo entre o comportamento argumentativo dos autores dos *blogs* selecionados, partimos de uma discussão proveniente de um mesmo domínio temático: a sucessão presidencial, cujas eleições ocorreram em outubro de 2010.

Como já dito anteriormente, a abordagem argumentativa deste capítulo se estrutura sob duas perspectivas: da Semiolinguística, investigando a questão da problematização, do quadro de questionamento e provas, bem como uma análise descritiva dos procedimentos dos modos de raciocínio; e da Nova Retórica, investigando as técnicas argumentativas provenientes das categorias do Real e do Preferível e os tipos de argumentos utilizados pelos jornalistas selecionados. Como explicitado na metodologia, tanto uma abordagem quanto a outra será analisada por meio do mesmo critério de segmentação do texto.

1.1 SOB A PERSPECTIVA DA SEMIOLINGUÍSTICA

Tomando como base a argumentação em uma perspectiva da influência, optamos por utilizar as categorias da organização da *mise en scène* discursiva do ato argumentativo, proposto por Charaudeau (2008), cujo processo de racionalização argumentativa encontra-se estruturado da seguinte maneira: problema, quadro de questionamento, posicionamento e provas. O sujeito argumentante, na situação de comunicação do *blog*, lança mão de uma problematização e apresenta argumentos (prova), a fim de justificar o porquê de assumir este ou aquele posicionamento, com o objetivo de persuadir seu leitorado.

Nosso objetivo principal é verificar até que ponto os procedimentos argumentativos do sujeito que argumenta torna-se válido dentro de uma situação de comunicação. Ou seja, verificar como o quadro de questionamento se justifica. Por esse motivo, é necessário investigar de que maneira os jornalistas se posicionam e quais provas eles utilizam para validar a argumentação. Assim, a contribuição dos aspectos argumentativos dos *blogs*, juntamente com outras dimensões de análise, pretende dar conta da constatação do *ethos* dos sujeitos enquanto autor

e Locutor de um *blog* jornalístico. Veremos agora a estrutura e análise de cada um dos *blogs* pesquisados:

Blog A

Em relação à estrutura argumentativa do *blog* A, organizamos o texto³³ do jornalista em função das quatro categorias de Charaudeau citadas acima, com o intuito de obter uma visão geral do processo argumentativo utilizado pelo jornalista Mino Carta:

Tabela 7 - Estrutura argumentativa do texto do Locutor-jornalista Mino Carta

ESTRUTURA ARGUMENTATIVA DO TEXTO DO LOCUTOR-JORNALISTA	
BLOG A	
PROBLEMA	Lula simpatiza ou não com o candidato Serra?
QUADRO DE QUESTIONAMENTO	Por ser controverso, Lula poderia simpatizar-se com grupos situados à direita, mesmo com antigos adversários.
POSICIONAMENTO	O Locutor-jornalista se posiciona a favor do Lula, embora revele que há uma diferença entre o antes e o depois de Lula presidente – o que revela um posicionamento afirmativo em relação à tese proposta.
PROVAS	As justificativas utilizadas pelo jornalista para provar a veracidade de seus argumentos giram em torno do “falar” de terceiros, apesar de não revelar, de maneira concreta, quais são essas provas.

Fonte: elaborada pela autora

Em vista do quadro acima, podemos depreender do texto do jornalista, exposto integralmente no capítulo de descrição dos *blogs*, que o problema, que gera toda a temática do *blog*, consiste na sucessão presidencial, mais especificamente, na explicação de uma provável simpatia de Lula por Serra. Ou seja, o jornalista constrói esse *post*, como já citamos, em função de um *post* anterior³⁴ para esclarecer e prestar conta a seus leitores da polêmica frase dita por ele: *Sei de boa fonte que Lula simpatiza com Serra*. Por conta de tal afirmação, entra em debate a questão da problematização – Lula simpatiza ou não com o pré-candidato José Serra? –

33 Cf. pp. 118 e 119.

34 Idem 29.

provocando um quadro de questionamento no qual o jornalista tenta provar seu posicionamento a partir de uma argumentação construída com base em fontes e dizeres de terceiros, o que veremos, nem sempre revelados.

O ponto principal da argumentação de Mino situa-se na sua própria afirmação de que Lula é controverso, citado no início do sétimo parágrafo do texto. Nesse sentido, ele reforça a tese/problema, ou seja, Lula, sendo controverso, pode simpatizar com grupos situados à direita, mesmo com antigos adversários, como o pré-candidato do PSDB.

Entretanto, antes de chegar a esse ponto, o Locutor-jornalista enumera seus argumentos em cinco tópicos, que são apresentados como provas para justificar e reforçar seu posicionamento diante da polêmica frase, causadora de toda a discussão desse *post*:

Tabela 8: Argumentos do texto do Locutor-jornalista Mino Carta

Tópico 1	Tópico 2	Tópico 3	Tópico 4	Tópico 5
<p>Primeiro: sou amigo de Lula, tenho por ele admiração, respeito e simpatia. Nem por isso deixo de perceber que o Lula presidente difere bastante do Lula sindicalista e do Lula fundador do PT.</p>	<p>Segundo: o PT pintou como partido autêntico, mas no poder igualou-se aos demais. É a minha opinião, corroborada de resto por algumas verdades factuais.</p>	<p>Terceiro: tenho certeza de que Lula gostaria de colocar Dilma Rousseff na presidência e como já disse aqui neste espaço excludo a possibilidade de qualquer tentativa de lançar a candidatura com antecedência para queimá-la rápida e fatalmente,</p>	<p>Quarto: ao falar da simpatia que Lula experimenta por Serra refiro-me a certa fonte por ser boa, embora não possa citá-la. Nada disso significa que Lula estaria disposto a apoiar a candidatura à presidência do governador de São Paulo e muito menos descortinaria a perspectiva de uma aliança entre petistas e tucanos.</p>	<p>Quinto: em uma longa entrevista que fiz com Lula em 2005, lá pelas tantas ele disse textualmente: “Você sabe que eu nunca fui de esquerda”. Retruquei de imediato: não concordo, como líder operário e como fundador do PT, você foi de esquerda sim, e para ser de esquerda não é preciso ler Marx e ter passado uma temporada em Moscou. [...]</p>

Fonte: elaborada pela autora

Nota-se que, diante do quadro de questionamento aberto, o jornalista, enquanto sujeito argumentante, apresenta-se de modo engajado em relação a sua própria argumentação. Ele defende seu ponto de vista, denotando seu investimento pessoal na argumentação.

O posicionamento do jornalista diante da afirmação de que Lula simpatiza-se com Serra é reforçado no **Tópico 1** por uma estratégia de *concessão restritiva*, ao afirmar que, apesar de ser amigo de Lula, não deixa de perceber a diferença entre o antes e o depois de Lula na presidência:

[...] Nem por isso deixo de perceber que o Lula presidente difere bastante do Lula sindicalista e do Lula fundador do PT.

O procedimento argumentativo que tem como base a *concessão restritiva* possibilita que o Locutor atribua força à sua proposição, colocando-a como mais verossímil, pelo aparente desinteresse que teria, como amigo pessoal de Lula, em defender tal posicionamento (se ele fosse oponente de Lula, ele teria interesse no posicionamento).

O mesmo ocorre no **Tópico 4**, no qual o jornalista mais uma vez destaca seu posicionamento ao reproduzir a polêmica frase:

ao falar da simpatia que Lula experimenta por Serra refiro-me a certa fonte por ser boa, embora não possa citá-la,

Entretanto, dessa vez ele utiliza uma voz terceira, não identificada, como fonte e garantia da proposição. O recurso pode ser, nesse caso, correspondente a um argumento de autoridade, embora ela seja deixada no anonimato. Mas ao qualificar a fonte como “boa”, ele lhe atribui autoridade (se a fonte é boa, deve-se acreditar nela).

Esses tópicos, portanto, buscam atender a uma demanda do leitorado do *blog* de fundamentos, ou seja, constituem o espaço das provas que justificam a proposição defendida pelo jornalista e que respondem às reservas apresentadas pelos leitores do *blog*. Vale notar que os leitores do *blog* apresentam uma certa decepção em relação ao posicionamento do jornalista. A partir do momento em que Mino Carta – considerado um jornalista simpatizante das ideias políticas do PT – toma uma posição considerada inesperada por parte de seus leitores por aproximar-se do PSDB, partido de oposição, isso acaba constituindo a base de toda a polêmica, uma vez que, segundo eles, tal afirmação não condiz nem com o já conhecido modo de pensar do jornalista, nem com a ideologia do PT, tornando seus argumentos inadmissíveis para seus interlocutores mais próximos.

Notamos aqui que o problema suscitado pela declaração, bem como as argumentações apresentadas, relacionam-se fortemente com a identidade dos participantes do *blog*. As reservas apresentadas pelos leitores à proposição do jornalista foram determinantes para instalar a situação argumentativa e obrigar o jornalista a justificar-se, provar a validade de sua tese e tentar manter a sua credibilidade diante de seus leitores.

Se a primeira prova apresentada limita-se à própria pessoa (sou amigo do Lula, portanto posso afirmar que...), a segunda justificativa, apresentada ao leitor no **Tópico 2**, surge como uma afirmação sobre a realidade, uma comparação que teria, como fundamento, verdades factuais:

o PT pintou como partido autêntico, mas no poder igualou-se aos demais. É a minha opinião, corroborada de resto por algumas verdades factuais.

Aqui o jornalista introduz a expressão “verdades factuais”, porém não revela quais verdades são essas, o que pode provocar o enfraquecimento do argumento. Se no argumento anterior, que definimos como “de autoridade”, a fonte não foi citada, aqui se trata de um argumento fundado em verdades factuais, portanto, argumento empírico, mas cujos fatos não são apresentados. Como no anterior, tal argumento é suscetível de perder sua força na medida em que a revelação feita pelo sujeito argumentante não pode ser comprovada pelo leitor.

Embora as “verdades factuais” tenham sido deixadas implícitas para que os leitores preencham as lacunas, com seu próprio conhecimento da situação política, é a *concessão restritiva*, mais uma vez utilizada pelo jornalista, que se apresenta como prova (O PT pintou como partido autêntico, mas no poder igualou-se aos demais). A afirmação reforça a tese de que Lula poderia ter simpatia pelo Serra por meio de um raciocínio implicativo: se no poder, o PT (e Lula) igualou-se aos demais partidos, ele teria se igualado também ao PSDB de Serra e, portanto, não seria inadmissível pensar em uma simpatia de Lula por Serra. Quer dizer, o emprego da *concessão restritiva* permite que o jornalista justifique certas implicações e conclusões.

O **Tópico 4**, como vimos anteriormente, mostra o posicionamento tomado pelo jornalista, mas também apresenta provas que têm como intenção justificar o polêmico enunciado:

ao falar da simpatia que Lula experimenta por Serra refiro-me a certa fonte por ser boa, embora não possa citá-la.

Entretanto, assim como no Tópico 2, esse ponto também apresenta a prova sem revelar de fato a “fonte”, o que torna o argumento também enfraquecido, apesar de ser uma justificativa construída com base em uma credibilidade e confiabilidade que o jornalista mantém com seus leitores, o que, em um primeiro momento, deveria ser considerada uma prova credível.

Porém, em seguida, ainda no **tópico 4**, o Locutor justifica a primeira frase através desta segunda:

Nada disso significa que Lula estaria disposto a apoiar a candidatura à presidência do governador de São Paulo e muito menos descortinaria a perspectiva de uma aliança entre petistas e tucanos.

Desse modo, sua argumentação se inscreve em um raciocínio que tem como base também a *concessão restritiva*, isto é, ele coloca a primeira frase como verdadeira e ao mesmo tempo retifica a relação argumentativa, negando o que seria uma conclusão inicial.

Já no **Tópico 5**, a justificativa empregada por Mino trata-se de mostrar que Lula não se sente tão preso a teses de esquerda:

em uma longa entrevista que fiz com Lula em 2005, lá pelas tantas ele disse textualmente: “Você sabe que eu nunca fui de esquerda”

Sendo assim, poderia até simpatizar-se com Serra. A escolha dessa prova pelo jornalista, diferentemente das outras duas, fortalece seu argumento, uma vez que o Locutor recorre a diferentes estratégias para validar sua argumentação. Uma das estratégias consiste em contextualizar o argumento, assim, aumentam as chances da interpretação realizada pelo leitor se aproximar da interpretação do sujeito argumentante, como no trecho em que o Locutor introduz uma parte da entrevista feita com Lula; a outra diz respeito à modalização enunciativa, sob a qual o argumento é apresentado, isto é, o fato de o jornalista justificar sua tese a partir da reprodução do discurso do Presidente, torna o argumento mais forte, apoiando-

se, portanto, em provas concretas para validar sua argumentação e, assim, tentar a adesão de seus leitores.

Contudo, tanto uma quanto outra estratégia, em um contexto geral, faz parte de um raciocínio construído pelo Locutor que se apoia na *dedução por silogismo*, ou seja, o jornalista se baseia no fato de Lula afirmar não ser de esquerda para chegar à conclusão, com base em fatos, de que o próprio Lula conclui:

“Se for assim, claro que sou de esquerda”.

Observamos aqui uma relação baseada em um encadeamento conclusivo a partir de uma argumentação que produz um efeito de silogismo implícito, construído pelo jornalista como a máxima: quem é a favor da igualdade é (portanto) de esquerda. Lula é a favor da igualdade. Portanto, Lula é de esquerda.

A partir dessa enumeração dos cinco tópicos, o jornalista dá continuidade a sua argumentação emitindo seu parecer acerca de seus esclarecimentos:

De verdade, a personagem é controversa.

Essa declaração torna-se importante na medida em que reforça a tese/problema: Lula sendo controverso, porque não poderia simpatizar-se com Serra?, o que, conseqüentemente, levanta novamente um quadro de questionamento: por ser controverso, Lula poderia simpatizar-se com grupos situados à direita, mesmo com antigos adversário.

Tal questionamento abre espaço também para a justificativa do jornalista, uma vez que o termo “controversa”, embutido na opinião do Locutor, busca provocar um certo efeito de sentido na argumentação. Porém, a força desse argumento vai depender do desenvolvimento do texto fornecido pelo autor. Daí entra a estratégia a seguir: contextualizar o argumento acima:

Recordo um dia de 1978, casamento de Bárbara, uma das duas filhas de Cláudio Abramo. Compareceram intelectuais e artistas e a liderança nascente do metalúrgico presidente do sindicato

de São Bernardo e Diadema de repente virou assunto. Havia ali gente do peso de Mario Pedrosa e Flavio Rangel. Estava também um jovem Eduardo Suplicy. As opiniões a respeito de Lula eram discordantes. Não faltou quem afirmasse que ele era agente duplo, trabalhava para a CIA.

O enunciado procura, através de fatos, fortalecer o argumento de que Lula é controverso, portanto, poderia simpatizar-se com candidatos da oposição à esquerda.

Por fim, o jornalista mais uma vez remete à polêmica frase, que acabou gerando a produção do *post* em análise, ao dizer que o Presidente já fez concessões profundas aos partidos de direita, embora o jornalista deixe claro a posição esquerdista do Presidente:

No fundo, o debate continua. Para mim, está claro que Lula gostou muito do poder e fez concessões profundas à direita. No entanto, no Brasil de hoje, está à esquerda do tucanato e da mídia nativa.

Aqui novamente ele faz uso da *concessão restritiva* como uma espécie de prova para justificar sua tese e fazer valer com que ela seja verdadeira. Finaliza, então, seu texto ditando e defendendo seu posicionamento pró-Lula:

E eu continuaria a votar nele

Buscando, assim, reforçar o elo de credibilidade e confiabilidade construído com seus leitores, uma vez que foi observado que esse elo foi enfraquecido devido à declaração que gerou toda a polêmica por parte de seu leitorado.

Síntese

A análise da estrutura argumentativa desse trecho nos mostra a sua relevância para compreensão do funcionamento desse tipo de interação. Tendo inserido um texto desencadeador da interação no *blog*, o seu Locutor-jornalista se depara com uma reação polêmica de seus frequentadores, ou seja, da comunidade do *blog*. Essa atitude é, na verdade, estratégica e positiva para o funcionamento desse tipo de *blog*, que se alimenta de uma

polêmica interna à comunidade participante. A reação da comunidade abre a controvérsia e permite ao jornalista inserir outros elementos textuais para manter a interação, em uma atitude justificadora e ao mesmo tempo reguladora, fazendo uso, em grande parte, em sua argumentação de um modo de raciocínio baseado na *concessão restritiva*.

Quer dizer, ele o faz através de uma argumentação marcada, de forma predominante, pelo discurso de justificação de sua própria fala, deixando margens para os interlocutores do *blog* reagirem. Uma vez que um enunciado transformou-se em enunciado/problema, ou seja, foi percebido pela comunidade como uma tese controversa dentro dessa comunidade, desencadeando várias reações de locutores diferentes, o Locutor-jornalista apresenta as provas que servem para justificar a referida tese de que Lula simpatiza-se com Serra. Portanto, essa tese é problemática no interior dessa comunidade, que não está disposta a aceitá-la facilmente e que se sente interpelada a reagir.

Blog B

Seguindo o mesmo esquema do texto do *blog A*, apresentamos abaixo o texto³⁵ do *blog B*, fragmentado quanto à sua estrutura argumentativa:

Tabela 9: Estrutura argumentativa do locutor-jornalista Reinaldo Azevedo

ESTRUTURA ARGUMENTATIVA DO TEXTO DO LOCUTOR-JORNALISTA	
BLOG B	
PROBLEMA	Dilma é competente para assumir a presidência do Brasil?
QUADRO DE QUESTIONAMENTO	Por ser despreparada, a ministra não está apta para governar o país.
POSICIONAMENTO	Não. Dilma mostra, através de sua fala, que é despreparada para assumir a presidência.
PROVAS	A prova maior gira em torno do discurso feito pela então ministra, que serve aqui como justificativa para que o locutor elabore sua argumentação.

Fonte: elaborada pela autora

³⁵ Cf. Pp. 121 e 122.

Em relação ao texto do *blog* B, entendemos que o jornalista propõe uma discussão acerca da pré-candidata Dilma Rousseff quanto à sua competência para administrar o país. Ele dá início à argumentação estabelecendo um quadro de questionamento que é, inicialmente, baseado no discurso da ministra realizado no Encontro Nacional de Prefeitos do PT, horas antes da publicação deste *post*, em que critica a gestão do governo FHC:

O que dizer sobre a fala³⁶ da pré-candidata Dilma Rousseff? Mistura a mistificação costumeira com uma boa parcela de irresponsabilidade, especialmente se considerarmos que o país terá um 2009 bastante difícil. E o momento estaria mais para pedir união do que para baixo proselitismo partidário.

A estratégia da problematização utilizada pelo Locutor coloca em questão um quadro de questionamento imposto pelo próprio jornalista, levando seus interlocutores a debater esse quadro dentro de seu campo de competência. Ou seja, Reinaldo constrói seu texto logo após a publicação da reportagem na *Folha de São Paulo*, que, por sua vez, também é publicada em seu *blog*, em que é mostrado o discurso da ministra da casa-civil e interpretada, no *post* seguinte, pelo jornalista, como um prenúncio de um discurso de pré-candidata à presidência

36 12/12/2008 às 18h12min: Dilma adota discurso de candidata ao Planalto e critica gestão FHC
 Por Gabriela Guerreiro, na Folha. Comentário no *post* seguinte: Ao abrir nesta sexta-feira o encontro nacional de prefeitos do PT, a ministra Dilma Rousseff (Casa Civil) adotou discurso de candidata ao Palácio do Planalto ao criticar a gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Dilma disse aos prefeitos que o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva promoveu uma diferença “radical” entre gestões passadas, deixando de lado o discurso neoliberal porque tem como foco as políticas sociais. “A nossa visão de Estado não é neoliberal. É uma visão comprometida com projeto de desenvolvimento. Somos governo com responsabilidade fiscal, mas também social”, afirmou. Segundo Dilma, o governo petista conseguiu reverter a “tendência de concentração de riquezas nas mãos da União” ao realizar programas como o Bolsa Família e o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). A ministra disse que o governo tem “posição firme” porque optou pelo caminho do social, ao contrário de gestões anteriores. “Quando um governo tem posição e escolhe entre fazer ou não o Bolsa Família, ele escolhe fazer a política legítima”, afirmou. Dilma disse que os governos petistas são uma “força do bem” que vai impulsionar o uso do dinheiro público. Dilma também criticou a gestão FHC ao mencionar a atual crise econômica internacional. “Nós hoje temos uma situação completamente diferente do que existia antes de 2003 [quando Lula foi empossado]. Uma situação que construímos e a capacidade do governo de reagir perante a crise.” Na opinião da ministra, o governo Lula acabou com o “ciclo ocioso” que existia no país. “Nas crises até 2001, 2002, a crise começava lá fora, contaminava o Brasil pelo câmbio, éramos frágeis e quebrávamos. Aí íamos ao Fundo Monetário e ele mandava cortar investimentos sociais. A diferença é radical, temos todos os investimentos para reagir”, afirmou. As críticas da ministra ocorrem depois da pesquisa Datafolha, divulgada esta semana, apontar vantagens dos governadores tucanos José Serra (PSDB-SP) e Aécio Neves (PSDB-MG) na corrida pelo Palácio do Planalto na disputa direta com a ministra. Dilma também sai em desvantagem sobre o deputado Ciro Gomes (PSB). O presidente do PT, Ricardo Berzoini (SP), disse que Dilma fez uma “comparação entre projetos” de governo –que será o mote do candidato petista em 2010. “Teremos em 2010 a disputa de projetos, a comparação entre o governo Lula e o anterior. E também as características pessoais dos candidatos”, afirmou. Por Reinaldo Azevedo. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/dilma-adota-discurso-candidata-ao-planalto-critica-gestao-fhc/>> Acesso em: 12 mar. 2010.

da república. Essa estratégia de trazer à tona o discurso anterior para depois destrinchá-lo sob seu ponto de vista, leva o interlocutor a se interrogar sobre o problema/tese em questão, como mostra o seguinte trecho:

Observem que a velha tática do PT, ressuscitada numa reunião do comando partidário há alguns dias, está de volta: “culpar o governo anterior” pelas dificuldades. Mas esperem: o governo anterior não é o do próprio Lula? Não! Para eles, “governo anterior” será sempre o de FHC, ainda que ficassem mais cem anos no poder. Eles precisam inventar o mal para que possam se apresentar como o bem.

O texto do jornalista deixa claro seu posicionamento contra Dilma e o PT, demonstrando explicitamente seu ponto de vista em relação ao que ele acredita ser a verdade, defendendo sua posição e, conseqüentemente, revelando ser contra outra. Em vista desse posicionamento, o Locutor revela-se de maneira engajada em relação a sua própria argumentação:

Mas entendo! Em termos históricos, a conversão de Dilma Rousseff à democracia ainda é relativamente recente. Já que eles gostam tanto de encruar o passado, não custa lembrar que suas utopias libertárias estavam com Carlos Marighella, aquele autor de um manual para práticas terroristas. Isso, como se sabe, é fato comprovado, não ficção.

Isto é, ele se assume inteiramente como responsável de seus dizeres, defendendo um ideal, o que pode provocar uma argumentação polemizada pelo fato de seu questionamento tornar-se divergente de seus interlocutores, colocando em causa julgamentos de valores por tomadas de posição. Por exemplo, a tomada de posição assumida pelo jornalista no último trecho de seu texto mostra, de maneira irônica, que ele opta por se implicar pessoalmente no questionamento com o intuito de reforçar sua defesa:

O discurso feito pela ministra indica que ela, em matéria de alternância de poder, ainda não passou do estágio Massinha I. Até chegar à universidade democrática, ainda leva tempo. Se é

que ela consegue passar de ano e não vai levar pau em redação...

Sabemos que a tomada de posição do sujeito é uma declaração de sua própria tese. Para tanto, a fim de ganhar credibilidade perante seu leitorado, é necessário que o jornalista faça uso de provas para justificar a escolha de seu posicionamento e fortalecer sua argumentação. No caso do texto do *blog B*, verificamos que a maior prova utilizada pelo jornalista trata-se do discurso da ministra, o que permite que o Locutor assegure seu posicionamento se apoiando em suas falas, salientando, assim, os pontos fracos do discurso da então ministra e ao mesmo tempo sua própria credibilidade, como no momento em que chama seu leitorado a prestar atenção em seus dizeres:

Vejam lá a fala da ministra. Das medidas macroeconômicas adotadas por FHC ao programa social depois batizado Bolsa Família, Lula seguiu os passos do antecessor onde acertou, conseguiu repetir alguns erros e, evidentemente, cometeu outros de sua própria lavra. Convenham: até a equipe do Banco Central ele teve de colher no ninho tucano. E foi com ela que conseguiu construir a tal credibilidade.

Em seguida, parte para uma estratégia argumentativa com base na certeza, cujo argumento pertence a um campo de saber do jornalista, e, por esse motivo, aumentam as chances de ser assim interpretado por seus leitores. Ou seja, é como se o que o Locutor dissesse, mesmo sendo uma previsão dos fatos, fosse uma verdade absoluta:

Já sabemos qual será a peça de resistência da campanha petista, seja Dilma candidata ou não: a demonização do passado, o discurso do medo vencendo a esperança. Vai colar menos ou mais a depender de como esteja a economia em 2010. E como estará a economia em 2010? O ritmo da recuperação dos EUA é que vai dizer.

O mesmo ocorre com o trecho a seguir, porém aqui o jornalista emprega o modo de raciocínio baseado na *explicação hipotética*, no qual coloca duas situações em que a causa é o objeto de duas suposições:

Se a crise for mais ou menos abreviada, cenário menos provável, e o segundo semestre do último ano de Lula já apontar a retomada de um crescimento mais robusto, ele vai, mais uma vez, chamar para si os louros por “vitórias” que não são suas.

E outra:

Se o cenário não for lá muito confortável, insistirá na retórica de uma espécie de conspiração internacional contra os países emergentes. Por razões óbvias, o primeiro discurso cola com facilidade; o segundo è mais complicado.

O jornalista, enquanto sujeito argumentante, propõe que o interlocutor interprete tanto uma quanto outra situação de maneira negativa, buscando entender o valor de cada uma delas e assim ter uma noção maior do que será o PT dando continuidade no comando da presidência. Resumindo, as situações hipotéticas acima trazem em si uma força argumentativa, a fim de produzir um efeito de adesão por parte dos interlocutores do *blog*.

Já o próximo argumento procura dar conta do questionamento, isto é, trata-se mais uma vez do saber que o jornalista detém sobre a proposta em questão e da maneira que ele busca validar sua veracidade:

Seja como for, há no ar um cheiro estranho. O PT começa a se mover tentando criar um caldo que oporia, de um lado, os “interesses do povo” e, de outro, os interesses de conspiradores. Mas quem são os “conspiradores”? As oposições, ora essa. Eis o entendimento que essa gente tem de democracia, de alternância de poder. Mais um pouco, e Dilma dirá que só um resultado eleitoral será legítimo em 2010: a vitória do PT.

O modo de raciocínio no qual se insere esse argumento é o que o fortalece, uma vez que ele é pautado pelo tipo de saber que carrega, ou seja, sua força se baseia na credibilidade e confiança estabelecidas entre jornalista e seus leitores.

Síntese

Observamos que o texto do *blog* B é marcado pelo posicionamento do jornalista. Entretanto, verificamos também que o jornalista não constrói sua argumentação em função das provas. Por esse motivo, sua argumentação perde força em relação ao discurso da justificação, uma vez que, sem a presença de provas é difícil para o jornalista assegurar a validade de sua posição. Por sua vez, a consistência da opinião do Locutor-jornalista nesse tipo de argumentação é determinante para a persuasão do leitor, visto que a quantidade de provas utilizadas pelo jornalista é muito pequena no que tange à intensificação da justificativa de seu posicionamento.

Portanto, vimos que não há reações que possam surpreender o Locutor-jornalista, já que ele não se depara, ou melhor, não seleciona e mostra os recados³⁷ que denotem uma contrariedade de suas ideias, ou seja, não há uma polêmica em relação aos seus interlocutores. Porém, sua argumentação é marcada, principalmente, pelo discurso que mostra sua tomada de posição, apesar de basear-se na prova produzida pela fala da própria ministra para justificar sua tese.

Desse modo, veremos mais adiante que a comunidade discursiva desse *blog* encontra-se, quase que majoritariamente, a favor da tese colocada pelo jornalista, o que explica, mais uma vez, a homogeneidade de reações favoráveis por parte de seu selecionado leitorado, mesmo sem provas mais concretas que pudessem fundamentar melhor sua argumentação. Esse aspecto torna essa interação bastante diferente da que vimos no *blog* A. No *Blog* A, o que mobilizou a participação e as trocas interlocutivas foi justamente o caráter polêmico da tese do jornalista no interior da comunidade, instaurando a controvérsia e as interações discordantes. No *blog* B, o que motiva a participação não é a controvérsia em torno da tese defendida pelo jornalista, mas justamente a concordância em torno dela, o que caracteriza essa interação como consensual. No *Blog* B é o desejo comum de oposição externa que funciona como elemento motivador da troca. Sendo os interlocutores majoritariamente opostos ao PT, eles coenunciam no *blog* os mesmos pontos de vista.

37 Sobre a concordância ou discordância desses recados, veremos no capítulo 3.

Blog C

Dando continuidade à análise da argumentação, segue a estrutura argumentativa da situação de comunicação proporcionada pelo texto³⁸ do jornalista do *blog C*:

Tabela 10: Estrutura argumentativa do texto do Locutor-jornalista Luís Nassif

ESTRUTURA ARGUMENTATIVA DO TEXTO DO LOCUTOR-JORNALISTA	
BLOG C	
PROBLEMA	Tanto Serra quanto Dilma estão igualmente preparados para suceder Lula na presidência?
QUADRO DE QUESTIONAMENTO	Os pré-candidatos Serra e Dilma possuem pontos positivos e negativos em seus currículos.
POSICIONAMENTO	Sim. “De qualquer modo, entre os dois o país estará bem servido”.
PROVAS	As provas utilizadas pelo Locutor para justificar seu posicionamento não condizem com o quadro de questionamento formulado, o que, conseqüentemente, interfere na tese debatida pelo leitorado de seu <i>blog</i> .

Fonte: elaborada pela autora

Em vista do exposto, vimos que o quadro de questionamento colocado pelo Locutor-jornalista é o desencadeador de um problema/tese que se baseia, a princípio, a partir dos pontos positivos e negativos dos pré-candidatos Serra e Lula. O texto dá início à comparação entre eles, partindo da descrição da experiência profissional de cada um:

Ponto central é a questão do currículo, da competência administrativa. Ele parte do pressuposto que Serra tem e Dilma não tem.

Portanto, dessa proposição surge a seguinte tese a ser debatida por seus interlocutores: “Tanto Serra quanto Dilma estão igualmente preparados para suceder Lula na presidência?”. Ou seja, o problema/tese construído com base nesse quadro é o provocador de reações por parte dos interlocutores do *blog* a partir da declaração, de modo conclusivo, quando o jornalista afirma:

38 Cf. pp. 124 e 125.

De qualquer modo, entre os dois o país estará bem servido.

Embora a declaração acima revele e denote uma tomada de posição do jornalista, notamos que esse posicionamento mostra uma atitude, enquanto sujeito argumentante, que se distancia da sua responsabilidade. Primeiro porque o jornalista não deixa claro até que ponto termina a fala do presidente do IBOPE e começa a sua. Segundo porque a forma escolhida para demonstrar seu posicionamento em relação a sua própria argumentação encontra-se de modo não-engajado, isto é, o Locutor-jornalista não se implica pessoalmente para tomar partido entre um ou outro, já que, segundo sua última frase, para ele, os dois teriam condições de governar o país. Trata-se aqui de uma argumentação demonstrativa, nos moldes de Charaudeau (2008), no que concerne ao emprego do predomínio de frases impessoais com o objetivo de apagar a presença do sujeito que está argumentando.

Vimos que o texto do jornalista gera um quadro de questionamento, com o intuito de mostrar aos leitores quais são os prós e os contras dos dois pré-candidatos à presidência. Contudo, ao desenvolver sua argumentação, Nassif demonstra pontos contraditórios em relação à polêmica frase que vai desencadear reações adversas por parte de seus interlocutores, já que desconstrói todos seus argumentos utilizados no corpo do texto ao concluir que tanto faz, uma vez que afirma que um ou outro estaria apto para suceder Lula na presidência. Quer dizer, diferentemente da proposição que “parte do pressuposto que Serra tem e Dilma não tem” e da finalização aparentemente neutra – já que ele não defende qual é de fato o seu ponto de vista – notamos que seus argumentos vão de encontro a toda essa explícita imparcialidade, uma vez que são todos a favor de Dilma e contrários ao Serra, o que revela sim uma defesa, embora de forma implícita, como podemos verificar, seguindo a sequência das frases, através do quadro a seguir:

Tabela 11 - Argumentos pós e contras do texto do jornalista Luís Nassif

Serra		Dilma	
Prós	Contra	Prós	Contra
<i>Serra fez seu nome em poucos anos como Ministro da Saúde.</i>		<i>Dilma está à frente do maior programa de obras das últimas décadas.</i>	

<i>Antes, montou nome em cima de atuação eminentemente legislativa.</i>			
		<i>1. Dilma tem uma vitrine ampla para demonstrar o pique gerencial: o PAC e o ritmo que ajudou a dar ao governo Lula.</i>	
	<i>2. Serra ainda não demonstrou, na prefeitura e no estado, o mesmo pique gerencial que na Saúde.</i>		
	<i>Serra colocou quadros melhores que Alckmin mas não conseguiu ainda dizer a que veio. Não conseguiu articular as forças de São Paulo em torno de um projeto de desenvolvimento, não conseguiu montar ações inter-setoriais.</i>		
	<i>Em termos gerenciais, é uma gestão mais competente que a de Alckmin, mas ainda à moda antiga.</i>		
<i>3. Ambos – Serra e Dilma – são considerados intransigentes na defesa de alguns princípios administrativos. Isso é virtude, mas também provoca resistências.</i>			
		<i>Mas Dilma está comandando o processo de recuperação do investimento nacional, articulando atores que,</i>	

		<i>até pouco tempo atrás, estavam em segundo plano.</i>	
	<i>Serra sempre foi o contraponto ao neoliberalismo exacerbado de FHC; mas nunca conseguiu impor suas idéias.</i>	<i>Já Dilma é a pessoa que conseguiu livrar o governo Lula da inércia produzida pelo estilo Palocci.</i>	
	<i>4. Serra tardiamente esqueceu suas raízes e passou a cultivar um público classe média conservador [...] Hoje em dia se percebe nitidamente um político com o discurso manietado por essa ambiguidade.</i>		
<i>5. De qualquer modo, entre os dois o país estará bem servido.</i>			

Fonte: elaborada pela autora

Isso posto, observamos que a neutralidade aparente do jornalista, contida na polêmica frase conclusiva, pode significar uma estratégia em colocar seu ponto de vista, de maneira implícita, e assim tentar promover um debate de modo mais democrático, preservando uma imparcialidade que faria jus a um *blog* jornalístico. Salientamos para o fato de que o sujeito que argumenta pode sim optar por não tomar partido, fazendo de seu objetivo a investigação das características de cada candidato para mostrar a seu leitorado os pontos positivos e negativos, evidenciando assim as vantagens e desvantagens de cada um na presidência.

Entretanto, o problema encontra-se justamente na tomada de posição do jornalista, que ora revela-se a partir de uma imparcialidade dos fatos – como no início e no fim de sua argumentação – ora revela-se a partir de uma opinião clara e sustentada – como na comparação de ambos no desenvolvimento de sua argumentação. Reformulando, essa imparcialidade transforma-se em partidária e parcial no momento em que o jornalista resolve

destacar o currículo e o comportamento profissional dos pré-candidatos a partir de provas que corroboram a justificativa do aparecimento de um real e implícito posicionamento do Locutor. Tais provas são percebidas principalmente através de elementos da configuração linguística, como os advérbios,³⁹ por exemplo.

A primeira justificativa para provar seu posicionamento neutro, que vai desencadear a conclusão da última frase, diz respeito à introdução dos dois pré-candidatos de forma positiva:

*Serra fez seu nome em poucos anos como Ministro da Saúde
[...] Dilma está à frente do maior programa de obras das
últimas décadas.*

Contudo, a partir daí o esquema comparativo muda de figura e o jornalista passa a ressaltar os prós de Dilma – como mostra o **item 1** de sua argumentação:

*Dilma tem uma vitrine ampla para demonstrar o pique
gerencial: o PAC e o ritmo que ajudou a dar ao governo Lula*

E, de modo um pouco mais perspicaz, os contra de José Serra, relatados no **item 2**:

*Serra **ainda** não demonstrou, na prefeitura e no estado, o
mesmo pique gerencial que na Saúde.*

Ainda referente à argumentação presente no 2º ponto, o Locutor dá indícios de que vai relatar uma vantagem de Serra:

Serra colocou quadros melhores que Alckmin.

Porém, logo em seguida, recorre a termos que caracterizam um caráter adversativo, como o emprego da conjunção “mas”, e desconstrói o argumento anterior, enfatizando, por meio da negação, atitudes que denotam uma certa insegurança e imaturidade do pré-candidato em questão:

39 Grifados por nós em negrito, a fim de destacarmos sua função argumentativa no discurso.

mas não conseguiu ainda dizer a que veio. Não conseguiu articular as forças de São Paulo em torno de um projeto de desenvolvimento, não conseguiu montar ações inter-setoriais.

O mesmo ocorre com o argumento seguinte, em que novamente é destacado um lado positivo desconstruído pelo lado negativo:

Em termos gerenciais, é uma gestão mais competente que a de Alckmin, mas ainda à moda antiga.

A estratégia da desconstrução é baseada no modo de raciocínio da *concessão restritiva*, no qual consiste em aceitar a primeira asserção como verdadeira e em seguida retificar essa relação argumentativa. Esse modo de raciocínio é encontrado em situações como essas, em que primeiro vem a concordância, ou o fingimento em concordar, e quase que ao mesmo tempo vem a negação dessa concordância, o que permite ao sujeito argumentar com moderação para tentar justificar sua tese sem criar muitas polêmicas, o que, como analisado, pode surtir um efeito contrário do esperado.

Essa constatação parte do pressuposto de que o papel do Locutor aqui não é de advertir seu leitorado, apoiando e defendendo um ou outro candidato, já que no argumento seguinte, concernente ao **item 3**, Nassif revela mais uma vez sua neutralidade enquanto sujeito argumentante:

Ambos – Serra e Dilma – são considerados intransigentes na defesa de alguns princípios administrativos. Isso é virtude, mas também provoca resistências.

Pois, se assim fosse, o ponto de vista do jornalista seria explicitamente destacado, e não mascarado por uma estratégia com o intuito de fortalecer a parcialidade do jornalista. É interessante observar que, após a declaração imparcial da frase acima, o jornalista mais uma vez recorre à estratégia da *concessão restritiva*, com o intuito de fortalecer sua argumentação, revelando nas entrelinhas um favoritismo pela Dilma:

Mas Dilma está comandando o processo de recuperação do investimento nacional, articulando atores que, até pouco tempo atrás, estavam em segundo plano.

A argumentação do jornalista segue a mesma linha nas comparações a seguir, em que os elementos coesivos encontram-se como peça-chave na constatação da estratégia referida acima:

Serra sempre foi o contraponto ao neoliberalismo exacerbado de FHC; mas nunca conseguiu impor suas idéias.

Isto é, primeiro lança o lado positivo para depois negá-lo. Através dessa negação abre-se, estrategicamente, um espaço para uma declaração positiva, também em caráter adversativo, de Dilma Rousseff:

Já Dilma é a pessoa que conseguiu livrar o governo Lula da inércia produzida pelo estilo Palocci.

Já o **item 4** é reservado não mais à comparação entre os pré-candidatos, mas exclusivamente ao Serra:

Serra tardiamente esqueceu suas raízes e passou a cultivar um público classe média conservador [...] Hoje em dia se percebe nitidamente um político com o discurso manietado por essa ambiguidade.

Aqui encontramos também um argumento que se fortalece a partir da modalização enunciativa construída pelo jornalista, uma vez que ele assume a responsabilidade direta de seus dizeres no momento em que afirma:

Tenho a impressão de que, em algum momento do futuro, o discurso de Serra se tornará mais ambíguo.

Contudo, essa estratégia da modalização, além de deixar transparecer um certo repúdio em relação ao pré-candidato do PSDB, também corrobora para a constatação da imparcialidade aparente encontrada no texto de Nassif.

Para finalizar, retomamos o ponto polêmico dessa argumentação:

De qualquer modo, entre os dois o país estará bem servido.

Vimos que essa declaração, fora do contexto textual, realmente pode ser encarada como uma não tomada de posição, isto é, o jornalista não toma partido por um ou por outro. Todavia, analisando o texto como um todo, notamos uma argumentação pró Dilma, o que torna essa frase incompatível diante dos fatos expostos em seu texto. Quanto à reação dos interlocutores do *blog*, trata-se de uma quebra de expectativa, pois Luís Nassif é comumente visto pelo seu leitorado como uma figura jornalística adepto das ideias esquerdistas. Ao pronunciar tal frase, ele desconstrói uma imagem pré-determinada por seu leitorado, o que desencadeia toda a polêmica em seu *blog*.

Síntese

A análise da argumentação do texto do *blog* C nos revela uma peculiaridade em relação aos outros dois *blogs*: o não-engajamento explícito do Locutor-jornalista enquanto sujeito que quer argumentar. A não implicação do jornalista e sua aparente neutralidade diante de um posicionamento que marque uma defesa de Serra ou Dilma é o provocador das diversas reações dos interlocutores contra essa postura de Nassif. A atitude dos interlocutores, como observaremos mais adiante, parece colocar em evidência a peculiaridade desse tipo de *blog* como espaço de polêmica interna ou externa, a neutralidade sendo uma atitude menos desejável.

Contudo, através da inserção de elementos textuais e linguísticos o jornalista constrói, mesmo que implicitamente – o que, provavelmente e estrategicamente, ocultou seu real posicionamento – uma argumentação pautada pelo discurso da justificação, a fim de revelar provas que denotem um favorecimento à Dilma. Ou seja, a tese em questão foi debatida por seu leitorado, assim como no *blog* A, como uma tese controversa, uma vez que partiu do *blog* de uma figura conhecida por seus ideais políticos. Em suma, trata-se de uma argumentação

marcada por posicionamentos controversos, com apresentações de provas subentendidas que justificam uma tomada de posição favorável a somente um candidato, Dilma Rousseff.

1.2 SOB A PERSPECTIVA DA NOVA RETÓRICA

A segunda etapa deste capítulo refere-se ainda à argumentação, porém, sob a perspectiva da Nova Retórica, de Perelman e Tyteca. Sendo assim, nosso objetivo aqui é de encontrar elementos que nos informem, sobre o ponto de vista do discurso argumentativo, as técnicas e estratégias empregadas pelos jornalistas, a fim de persuadirem ou convencerem seu auditório. Portanto, cabe a esta etapa analisar as categorias do Real, representada pelos fatos, verdades e presunções; do Preferível, como valores, hierarquias e lugares, bem como o direcionamento do texto do orador para um certo auditório, se particular ou universal. Com base nessas categorias, pretendemos também investigar a escolha dos argumentos por eles empregados, verificando a relação dessa escolha com a construção de um discurso ora mais convincente ora mais persuasivo.

Sabemos que é necessário estabelecer um acordo entre orador e auditório para que se possa ter uma argumentação. Porém, vale ressaltar que esse acordo não significa concordância. Quer dizer, existem elementos a serem discutidos. No caso dos *blogs* jornalísticos selecionados, o elemento de acordo central da argumentação gira em torno da sucessão presidencial, mais especificamente, como já dissemos, entre os pré-candidatos José Serra, do PSDB e Dilma Rousseff, do PT.

O Locutor-jornalista do *blog*, representado nesta etapa de análise por orador, embora produza textos escritos, não está construindo um monólogo, uma vez que produz textos destinados àqueles que ele pretende convencer ou persuadir e, sobretudo, motivar a reagir no *blog*. Nesse caso, seus leitores e interlocutores fazem parte de um auditório. Entretanto, vale ressaltar que quanto mais se conhece seu auditório melhor será sua argumentação. No caso dos *blogs* não é diferente. Os jornalistas imaginam que quem participa de seu *blog* são leitores que, *a priori*, possuem, além de uma admiração, um compartilhamento de ideias. Porém, vimos que, para Perelman (1997), a noção de auditório nada mais é do que uma criação do próprio orador, e, portanto, sua criação pode não corresponder à realidade de fato, e que, conseqüentemente, poderá não ocorrer a adesão por todos.

Os jornalistas dos *blogs* buscam fazer com que suas opiniões percam o estatuto de mera opinião e entrem no campo da verdade e, com isso, tentam persuadir seu auditório dessa verossimilhança. Ou seja, o orador jornalista que, a princípio, imagina o seu auditório e entra em conflito com ele tenta, ao mesmo tempo, se adaptar a ele para tentar convencê-lo, como veremos mais adiante. Já que, como bem afirmaram Perelman e Tyteca (2005), o papel do auditório é o de controlar a qualidade de argumentação e a conduta do orador.

Contudo, no processo argumentativo, cada tipo de acordo desempenha uma função diferente. Assim, o orador-jornalista, quando destina seu texto imaginando um auditório, ele o faz por meio das categorias do Real, representadas por uma lógica dos juízos de valor. Isto é, os objetos dessa categoria apresentam um estatuto de proximidade com a objetividade da realidade, o que descartaria a produção de provas pelo orador para obter a adesão de seu auditório. Por outro lado, quando o texto é destinado a um auditório particular, o mesmo o faz por meio das categorias do preferível, que se faz a partir da intervenção de valores como base do processo argumentativo.

A escolha de uma ou outra estratégia é o que vai resultar na adesão do auditório, seja ele universal ou particular. Assim, diferentemente da abordagem argumentativa anterior, aqui recorreremos também às intervenções construídas pelos próprios jornalistas dos *blogs* em resposta aos seus interlocutores, para que possamos entender melhor o processo da dinâmica argumentativa. Portanto, a partir das categorias supracitadas, observaremos a força que cada argumento apresenta na estrutura argumentativa de cada um dos *blogs*, tendo como base a identificação de Perelman e Tyteca (2005) segundo a classificação por tipo de argumentos com base nas técnicas argumentativas, a fim de aumentar a adesão do auditório à tese do orador. São eles: argumentos quase-lógicos, argumentos baseados na estrutura do real e argumentos que fundam a estrutura do real.

Blog A

O texto do jornalista Mino Carta caracteriza-se, a princípio, por tratar de uma argumentação para esclarecer outra. Quer dizer, trata-se de um texto que possui um único viés: tentar convencer, ou persuadir, seu auditório a partir de uma argumentação baseada em objetos que passam tanto pela categoria do Real quanto do Preferível. Nesse sentido, o orador dá início ao

seu texto remetendo-se ao *post*⁴⁰ construído no dia anterior ao *post* selecionado para esta pesquisa:

Que Lula já mire em 2014 não ofende a democracia. A Constituição, todos sabem, não permite duas reeleições mão não nega a eleição de um ex-presidente, decorrido pelo menos um mandato de quem lhe sucedeu. Resta ver quem será o sucessor de Lula e como se portará no governo. Caso tenha sucesso, talvez a mira tenha que ser deslocada para 2018. Sei de boa fonte que Lula simpatiza com Serra. É, pelo menos, o que tem dito a amigos. E até afirma que algumas idéias do governador de São Paulo coincidem com as suas.

A polêmica é gerada exatamente a partir da declaração *Sei de boa fonte que Lula simpatiza com Serra*, o que provoca diversas reações⁴¹ desfavoráveis por parte dos interlocutores. No texto acima, observamos que Mino Carta dirige seu discurso a um auditório heterogêneo, apesar de tratar-se de um texto produzido em um campo de domínio do próprio. Ou seja, imagina-se, *a priori*, um leitorado que compartilha de suas ideias. Porém, uma parcela considerada desse auditório ideal, imaginado pelo orador jornalista, demonstra-se insatisfeita justamente por conhecerem e apoiarem suas ideias. Por essa razão, as técnicas utilizadas pelo orador para produzir sua argumentação não obtiveram o sucesso esperado, isto é, não atingiram a todos, ou seja, podemos constatar, grosso modo, pertencer a um discurso do convencimento, o que o levou à construção de um novo *post* no dia seguinte, que será por nós aqui analisado:

Ao considerar a repercussão do meu post sobre a simpatia que Lula subitamente nutria por José Serra, sinto a necessidade de alguns esclarecimentos.

Devido a não aceitação da maioria de seus leitores acerca da declaração feita acima, o orador, que antes havia destinado o texto a um auditório ideal, por se tratar de um auditório

40 Idem 29.

41 As reações dos interlocutores desse primeiro *post*, embora verificadas por nós, não serão aqui analisadas, uma vez que esse texto não faz parte de nosso *corpus*. Porém, não podemos negar que sua observação é indispensável para a análise do *post* selecionado.

heterogêneo, aplica uma nova técnica com o intuito de se defender, de se fazer compreensivo e assim obter o assentimento de uma só pessoa, denominada, agora, de auditório particular. Nesse campo, o orador tenta trabalhar melhor e fundamentar sua argumentação dentro de um domínio da verdade e não mais da opinião.

Observamos, portanto, que a argumentação é estabelecida entre o orador-jornalista e o seu auditório a partir do acordo: Lula pode sim simpatizar-se com Serra. A fim de que seu auditório seja por ele não mais convencido e sim persuadido, o orador joga com os objetos referentes às categorias do Real, principalmente com os fatos e as verdades e às categorias do Preferível, destacando-se os valores e as hierarquias de valores, a fim de obter a adesão desse auditório. Portanto, a primeira proposição em defesa desse acordo trata-se da seguinte declaração:

sou amigo de Lula, tenho por ele admiração, respeito e simpatia.

Com essa declaração, o orador revela um *fato*, isto é: sou amigo de Lula, isso é fato, então se estou dizendo algo é porque tenho propriedade para tal. Ou seja, sua amizade é incontestável e usada como artifício para obter adesão de seu auditório. O orador emprega uma técnica pertencente à categoria do Real, fazendo uso de um argumento de *autoridade*, baseado na técnica argumentativa da estrutura do Real e, por essa razão, destinado ao convencimento de seu auditório. Por outro lado, o orador também apela para os valores, pertencentes à categoria do Preferível, assim, ao revelar sua amizade e admiração por Lula, o jornalista emite um valor de lealdade ao presidente. Porém, na frase seguinte:

Nem por isso deixo de perceber que o Lula presidente difere bastante do Lula sindicalista e do Lula fundador do PT.

Observamos que o orador faz uso em sua argumentação remetendo-se à noção de valores ao demonstrar acima uma superioridade do valor de honestidade sobre o valor de lealdade. Quer dizer, ao afirmar que nem a amizade entre eles interfere no modo como ele enxerga o Presidente Lula no poder, revela uma hierarquização de valores, sendo primordial a sua honestidade. Com essa técnica argumentativa baseada no argumento da *justiça*, o orador pretende passar ao seu leitorado uma credibilidade em relação ao seu proferimento, uma vez que perdeu forças na argumentação do *post* anterior. Em seguida, dá vazão a sua opinião com

base na sua *verdade* para justificar a polêmica frase de que Lula poderia simpatizar-se com Serra, mas sem deixar de lado um valor baseado em sua sinceridade e honestidade para com seus leitores:

o PT pintou como partido autêntico, mas no poder igualou-se aos demais. É a minha opinião,

A fim de fortalecer sua argumentação, já que o orador percebeu que só sua verdade não é suficiente para conseguir o assentimento de seu auditório, ele emprega em seguida um *fato* para mostrar que esse pensamento não pertence somente a ele, já que, como vimos anteriormente, a confirmação de uma verdade pode se tornar um fato incontestável. Logo, o orador-jornalista utiliza um fato para validar o que, para ele, é uma verdade, embora não informe quais são essas verdades factuais:

corroborada de resto por algumas verdades factuais.

No trecho seguinte, o orador mais uma vez “joga” com os objetos do Real ao enunciar uma *verdade* com estatuto de *fato*. Ou seja, a partir do momento em que ele afirma com base em uma certeza – certeza essa devido à sua amizade com Lula – isto é, a informação de que Dilma seria sim a candidata do PT para concorrer às eleições em 2010, ele transforma sua verdade em um fato com base no argumento de *autoridade* que ele tem sobre o assunto. Portanto, aqui não caberia uma contestação:

tenho certeza de que Lula gostaria de colocar Dilma Rouseff na presidência e como já disse aqui neste espaço excluo a possibilidade de qualquer tentativa de lançar a candidatura com antecedência para queimá-la rápida e fatalmente,

Além do emprego dos objetos concernentes ao Real, vimos que mais uma vez o orador faz uso dos valores de lealdade e fidelidade ao Presidente por não divulgar mais informações que pudessem a vir comprometer a candidatura de Dilma no futuro.

Voltando ao ponto de partida da argumentação, o orador toca na questão do acordo estabelecido entre ele e seu auditório e defende a frase construída com o estatuto de

presunção, uma vez que sua adesão por parte do auditório não foi total, levando à indignação de muitos de seus leitores. Por esse motivo, o orador busca outros elementos, a fim de reforçar a adesão perdida anteriormente. Sendo assim, ele reproduz a polêmica frase reforçando o que existe por detrás dela, isto é, através de um argumento de *autoridade* o orador revela um *fato* em questão: eu sei que Lula realmente simpatiza-se com Serra, apesar de esse argumento ser enfraquecido no momento da não revelação da fonte:

ao falar da simpatia que Lula experimenta por Serra refiro-me a certa fonte por ser boa, embora não possa citá-la.

Entretanto, para justificar a referida frase e assim estabelecer novamente um elo de crédito e confiança entre o orador e seu auditório, o orador apela para o argumento de *incompatibilidade* baseado na técnica argumentativa dos argumentos quase lógicos, ao dizer que o fato de Lula simpatizar-se com Serra nada tem a ver com um eventual apoio a sua candidatura. Porém, após empregar um argumento, sem revelar de onde ele veio, recuperar a adesão de seu auditório torna-se uma tarefa mais difícil. Além do mais, o argumento utilizado para justificar sua declaração se baseia em um argumento considerado o mais fraco dentre as três técnicas argumentativas propostas por Perelman e Tyteca (2005):

Nada disso significa que Lula estaria disposto a apoiar a candidatura à presidência do governador de São Paulo e muito menos descartaria a perspectiva de uma aliança entre petistas e tucanos.

Em contrapartida, no trecho abaixo o orador recorre a argumentos que fundamentam a estrutura do real, como o emprego de um argumento baseado em *exemplos*, em que é retratado um diálogo do orador com o próprio Lula a respeito do conceito de esquerda. Trazendo à tona a reprodução de um *fato* ocorrido em 2005, o orador fortalece seu argumento inicial:

em uma longa entrevista que fiz com Lula em 2005, lá pelas tantas ele disse textualmente: “Você sabe que eu nunca fui de esquerda”.

Com essa técnica argumentativa, o orador angaria subsídios que justificam o fato de Lula estar mudado e em razão disso poder até simpatizar-se com o então governador de São Paulo. O fato acima não deixa de ser uma estratégia argumentativa a fim de validar a verdade do orador, isto é, do que ele acredita ser o conceito de “esquerda”, demonstrando mais uma vez seus valores de fidelidade e lealdade ao partido dos trabalhadores. Assim, o orador lança primeiramente um fato para consolidar em seguida sua verdade e, desse modo, mostrar ao seu auditório que o presidente estava equivocado a não se declarar ser de esquerda. Quer dizer, por achar que não é de esquerda, logo, pode ou justifica-se nutrir uma certa simpatia por Serra. Porém, cabe ao trecho seguinte a presença dos valores de credibilidade e confiabilidade que o orador pretende reconstruir para persuadir o seu auditório:

Retruquei de imediato: não concordo, como líder operário e como fundador do PT, você foi de esquerda sim, e para ser de esquerda não é preciso ler Marx e ter passado uma temporada em Moscou. Citei Norberto Bobbio, para quem, depois da queda do Muro de Berlim, a ideologia de esquerda ficou por conta de quem não se contenta com a afirmação da liberdade e se empenha e favor da igualdade.

Observamos que o orador tenta recuperar seu crédito com o auditório ao relatar trechos de uma conversa com Lula para, estrategicamente, demonstrar seu ponto de vista, com base na sua verdade, a respeito da concepção de esquerda. Dessa forma, através de um argumento de *comparação*, ele quer mostrar ao seu auditório que o que ele afirmara antes tem uma fundamentação, daí o diálogo para provar. O autor do *blog* utiliza esse tipo de argumento para chegar ao ponto que buscava desde o início: mostrar que Lula estava equivocado quanto ao conceito da posição partidária de seu partido. E assim validar sua verdade através da constatação do fato abaixo:

Aí Lula disse: “Se for assim, claro que sou de esquerda”.

Notamos, então, que toda a reprodução da fala de Lula reconstruída sobre argumentos de *exemplo*, *comparação* e *analogia* vão estrategicamente desencadear na constatação de que o próprio Lula assume ser de esquerda. Com isso, o orador tenta alcançar seu objetivo: provar

ao seu auditório que pode existir sim uma simpatia de Lula pelo ex-prefeito do PSDB de São Paulo:

De verdade, a personagem é controversa.

Após a constatação acima, o orador novamente recorre ao argumento de *exemplo* ao reproduzir um fato ocorrido em 1978, a fim de salientar que Lula, desde essa época, era visto por muitos como uma figura polêmica:

Recordo um dia de 1978, casamento de Bárbara, uma das duas filhas de Cláudio Abramo. Compareceram intelectuais e artistas e a liderança nascente do metalúrgico presidente do sindicato de São Bernardo e Diadema de repente virou assunto. Havia ali gente do peso de Mario Pedrosa e Flavio Rangel. Estava também um jovem Eduardo Suplicy. As opiniões a respeito de Lula eram discordantes. Não faltou quem afirmasse que ele era agente duplo, trabalhava para a CIA.

Para finalizar sua argumentação, Mino Carta volta ao ponto central dessa discussão ao afirmar que Lula fez concessões à esquerda. Com isso, o orador quer provar que a tese enunciada por ele no *post* anterior é válida, ou seja, ele apresenta justificativas, muitas a partir de um fato constatado, a fim de comprovar a sua verdade: Lula simpatiza-se com Serra:

No fundo, o debate continua. Para mim, está claro que Lula gostou muito do poder e fez concessões profundas à direita. No entanto, no Brasil de hoje, está à esquerda do tucanato e da mídia nativa.

O excerto acima não deixa de ressaltar também o fato de que o partido de Lula está sim à esquerda do PSDB de Serra. E conclui seu esclarecimento declarando seu voto a favor de Lula, reforçando mais uma vez o valor de lealdade e fidelidade em prol de sua amizade com o Presidente da República:

E eu continuaria a votar nele.

E ao mesmo tempo reafirmando os valores de credibilidade e confiança com sua comunidade discursiva do *blog*, deixando claro que seus ideais não foram corrompidos devido à sua declaração.

Contudo, a argumentação do orador não acaba aqui. Como sabemos, o *blog* abre espaço para as manifestações do auditório,⁴² logo, o orador também pode rebater, quando achar necessário, os argumentos de seu leitorado. É o que acontece quando o interlocutor, denominado Locutor R, se dirige ao Locutor Q referindo-se ao jornalista de modo pejorativo, construído a partir de um argumento irônico:

Galvão,⁴³ É que eles, depois da mãozinha _ não sei explicar por que - do Mino, devem se achar em tamanho estado de êxtase, que agora pregam aos quatro ventos a tal proximidade entre Lula e Serra como a descoberta da maior das verdades!!
(Locutor R⁴⁴)

O jornalista Mino Carta, enquanto autor e orador de seu *blog*, rebate a argumentação de seu leitor demonstrando uma certa indignação por ter sido mais uma vez mal interpretado:

Respondo a Edison Carvalho.⁴⁵ Não dei mãozinha alguma a quem quer que seja ao revelar que Lula simpatiza com Serra. Não disse que apoiaria sua candidatura, mesmo porque não tenho qualquer informação a respeito e, sublinho, não acredito na possibilidade.

Em seguida volta a mencionar a questão polêmica que gerou todo esse debate ao se referir à simpatia de Lula por Serra. Sendo assim, faz uso de um argumento de *autoridade* fundamentado em sua verdade enquanto amigo do Presidente, e por isso, detentor de informações não divulgadas. Portanto, o orador busca apresentar essas informações como um

42 Ressaltamos para o fato de que as intervenções dos leitores serão analisadas quanto a sua concordância, discordância, formas de tratamento empregadas, etc., no capítulo 3, destinado ao quadro interacional.

43 Refere-se ao Locutor Q.

44 Recado postado às 22h32min do dia 04 de dezembro de 2008.

45 Referente ao Locutor R.

fato – embora novamente não revele a fonte – a fim de torná-lo incontestável, e, assim, fortalecer a justificativa de sua declaração:

Do apoio, está claro. Não perca de vista, meu caro Edison, que Serra e Lula já estiveram mais próximos em outros tempos e que têm muitos amigos em comum. (Orador-jornalista⁴⁶)

O diálogo entre orador e auditório – agora visto como um auditório particular, uma vez que o discurso do orador transformou-se em um diálogo entre eles – dá continuidade a partir da construção da contra-argumentação do Locutor R em relação ao comentário do jornalista acima:

Prezado Mino, Eu também não acredito na possibilidade....., nem em pensamento. Pois diante da falta desse referencial à esquerda, que é o Operário, poderíamos muito bem mergulharmos num vácuo de desesperança com tudo de pior que isto poderia nos trazer. Portanto preservemos o Metalúrgico, porque se o desconstruirmos - como a Mídia faz sistematicamente com várias lideranças do PT - "sabe Deus o que nos espera depois"!! (Locutor R⁴⁷)

Observamos então que o Locutor R muda sua forma de argumentar, já que agora a mensagem é destinada ao próprio orador-jornalista, e emprega um argumento de *autoridade* baseado em sua verdade, isto é, sua descrença em relação ao apoio de Lula por Serra.

Síntese

Vimos que a estrutura argumentativa do *blog A*, segundo a abordagem de Perelman, apresenta aspectos pertencentes tanto à categoria do Real quanto à do Preferível. Ou seja, há argumentos em seu texto que ora revelam tratar-se de um discurso convincente ora mais persuasivo. Assim, o autor busca, ao mesmo tempo, fundamentar sua argumentação em uma lógica dos juízos de valor, o que, *a priori*, evitaria a necessidade de produzir provas para intensificar a adesão e desse modo convencer seu leitorado. Em contrapartida, o orador não

46 Postado às 13h16min do dia 08 de dezembro de 2008.

47 Postado às 19h05min do dia 08 de dezembro de 2008.

abre mão dos valores que constituem os argumentos, o que sairia do campo do convencimento e atingiria de fato a persuasão de seu auditório.

Portanto, observamos que o orador faz uso em sua argumentação recorrendo principalmente a fatos, verdades e valores, pois vimos que a adesão do auditório está diretamente ligada à escolha dos argumentos pelo orador. Desse modo, como explicitado acima, constatamos que o orador jornalista busca essa adesão ora por meio de um discurso convincente, baseado em fatos para validar a sua verdade, ora em valores, tais como lealdade, fidelidade e honestidade, construídos a partir de um discurso persuasivo. Isto é, o emprego desses valores na argumentação funciona como um meio de persuadir o auditório através do compartilhamento de valores comuns entre o orador e o auditório.

Entretanto, para chegarmos a uma conclusão definitiva se se trata de um discurso mais persuasivo ou convincente, precisamos analisar o funcionamento interacional do *blog* como um todo, com o auxílio das análises das intervenções, isto é, da recepção de fato. Ou seja, as estratégias argumentativas presentes no *blog* A vistas até agora podem até fazer com que os leitores concordem com o jornalista, porém, será difícil fazer com que mudem sua convicção a respeito da simpatia e apoio entre Serra e Lula, o que não significa dizer que seus interlocutores não foram persuadidos pelo discurso do jornalista no que tange sua justificativa para tal declaração.

Blog B

Em se tratando da estrutura argumentativa do *blog* B, na perspectiva de Perelman, observamos que o texto do jornalista Reinaldo Azevedo apresenta uma argumentação marcada principalmente pela desconstrução do discurso⁴⁸ proferido pela então ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, publicado no *post* anterior ao selecionado para esta pesquisa. O orador constrói seu texto em função do seguinte acordo: o discurso da ministra proferido com tom de candidata à sucessão presidencial. A partir daí, Reinaldo tenta desconstruir esse discurso, a fim de provar que ela não possui competência e experiência para governar o Brasil.

Essa constatação é observada já no início do texto, quando o orador-jornalista inicia seu *post* dizendo:

48 Idem 36.

O que dizer sobre a fala da pré-candidata Dilma Rousseff? Mistura a mistificação costumeira com uma boa parcela de irresponsabilidade, especialmente se considerarmos que o país terá um 2009 bastante difícil. E o momento estaria mais para pedir união do que para baixo proselitismo partidário.

No excerto acima, notamos que a estratégia argumentativa escolhida pelo orador-jornalista é a de lançar uma questão com o intuito de abrir espaço para a sua própria argumentação. Isto é, a sua resposta: *Mistura a mistificação costumeira com uma boa parcela de irresponsabilidade* ganha um estatuto de presunção na medida em que, sendo o ponto de partida dessa argumentação, possui um poder de ser admitida de imediato pelo auditório. Pois, como afirmam Perelman e Tyteca (2005), a presunção faz com que o auditório acolha como verdadeiro aquilo que ainda não tem motivo para desconfiar.

Assim, o próximo passo do orador é “manipular” dados do próprio texto da ministra, com o objetivo principal de acumular provas que justifiquem sua postura parcial e assim tentar convencer seu auditório de que Dilma Rousseff realmente não está preparada para se candidatar a Presidente da República. Por exemplo, o orador utiliza um fato: a ministra justifica as dificuldades existentes no atual governo transferindo a culpa para o governo anterior, se referindo ao de FHC. Desse modo, Reinaldo aproveita essa fala e a coloca em seu texto como uma estratégia argumentativa usual do PT para validar a sua verdade: o PT sempre utiliza essa tática de culpar o governo anterior:

Observem que a velha tática do PT, ressuscitada numa reunião do comando partidário há alguns dias, está de volta: “culpar o governo anterior” pelas dificuldades. Mas esperem: o governo anterior não é o do próprio Lula? Não! Para eles, “governo anterior” será sempre o de FHC, ainda que ficassem mais cem anos no poder.

Nesse sentido, no trecho seguinte o orador constrói, a partir da constatação dos fatos acima, sua crença em relação à estratégia utilizada pelo PT:

Eles precisam inventar o mal para que possam se apresentar como o bem.

A técnica argumentativa seguinte novamente trata de chamar a atenção de seu auditório para o discurso da ministra, destacando sua verdade caracterizada assim como uma presunção, uma vez que utiliza argumentos fundamentados em seu conhecimento de causa, o que diminui a desconfiança do auditório em contestar o orador: o governo Lula aproveitou medidas importantes tomadas no governo PSDB e hoje culpa esse mesmo governo pelas dificuldades que enfrentam:

Vejam lá a fala da ministra. Das medidas macroeconômicas adotadas por FHC ao programa social depois batizado Bolsa Família, Lula seguiu os passos do antecessor onde acertou, conseguiu repetir alguns erros e, evidentemente, cometeu outros de sua própria lavra. Convenham: até a equipe do Banco Central ele teve de colher no ninho tucano. E foi com ela que conseguiu construir a tal credibilidade.

Já a técnica presente no excerto a seguir apresenta um argumento baseado na estrutura do real, a fim de estabelecer uma relação entre a opinião do orador e outra que busca convencer o auditório. Dessa maneira, o orador emprega um argumento de *autoridade* para demonstrar, segundo a sua verdade, como será constituída a campanha presidencial do PT:

Já sabemos qual será a peça de resistência da campanha petista, seja Dilma candidata ou não: a demonização do passado, o discurso do medo vencendo a esperança. Vai colar menos ou mais a depender de como esteja a economia em 2010.

Para dar continuidade à argumentação acima, o orador-jornalista recorre à técnica argumentativa dos argumentos baseados na estrutura do real ao fazer uso de argumentos com base em *probabilidade*, a partir da crise econômica ocorrida nos EUA. Ou seja, o orador estabelece duas consequências possíveis a partir de uma causa para chegar a uma proposição de forma mais generalizada: o governo Lula de uma forma ou de outra não terá como escapar das críticas de seus adversários políticos:

E como estará a economia em 2010? O ritmo da recuperação dos EUA é que vai dizer. Se a crise for mais ou menos abreviada, cenário menos provável, e o segundo semestre do último ano de Lula já apontar a retomada de um crescimento mais robusto, ele vai, mais uma vez, chamar para si os louros por “vitórias” que não são suas. Se o cenário não for lá muito confortável, insistirá na retórica de uma espécie de conspiração internacional contra os países emergentes. Por razões óbvias, o primeiro discurso cola com facilidade; o segundo é mais complicado.

Assim, uma suposição pode ganhar um estatuto de verdade no momento em que o auditório acredita na relação de credibilidade construída pelo orador. Ou seja, a crença no discurso do jornalista está diretamente ligada em como seu auditório o percebe. Nesse sentido, a opinião do orador transforma-se em verdade e assim adquire uma força como tal, como podemos observar no trecho abaixo:

Seja como for, há no ar um cheiro estranho. O PT começa a se mover tentando criar um caldo que oporia, de um lado, os “interesses do povo” e, de outro, os interesses de conspiradores. Mas quem são os “conspiradores”? As oposições, ora essa.

O mesmo ocorre no excerto a seguir, no qual Reinaldo trabalha mais uma vez sob uma suposição: *Mais um pouco, e Dilma dirá que só um resultado eleitoral será legítimo em 2010: a vitória do PT*, transformando uma possibilidade em verdade absoluta a partir de um argumento de *autoridade*:

Eis o entendimento que essa gente tem de democracia, de alternância de poder. Mais um pouco, e Dilma dirá que só um resultado eleitoral será legítimo em 2010: a vitória do PT.

Em contrapartida, o argumento seguinte pertence ao campo dos argumentos quase-lógicos, mais especificamente, o que tem como base a *ironia*. Essa técnica argumentativa funciona como um suporte para persuadir o auditório, daí o enfraquecimento de sua força:

Mas entendo! Em termos históricos, a conversão de Dilma Rousseff à democracia ainda é relativamente recente.

Entretanto, o próximo argumento busca recuperar essa força ao citar dados de um fato ligado ao passado de Dilma, relacionando-a ao terrorismo:

Já que eles gostam tanto de encruar o passado, não custa lembrar que suas utopias libertárias estavam com Carlos Marighella, aquele autor de um manual para práticas terroristas. Isso, como se sabe, é fato comprovado, não ficção.

Em meio a esse fato, o orador quer provar para o seu auditório, por meio de um argumento de *exemplo*, uma das possibilidades enunciadas no título deste *post*: *Uma vez autoritária...* Ou seja, devido a sua história política, Dilma carrega consigo um autoritarismo prejudicial aos moldes democráticos conquistados.

Contudo, a constatação da segunda possibilidade descrita no título: *Ou: ela ainda está no estágio Massinha I* tem como base a verdade e a crença do orador, construídas por meio do argumento *irônico* abaixo, que, por sua vez, também são validadas a partir do fato explicitado acima. Assim, diferentemente do título que, a princípio, consta de um elemento de escolha entre uma proposição ou outra, no texto, o orador constrói uma argumentação em favor das duas possibilidades:

O discurso feito pela ministra indica que ela, em matéria de alternância de poder, ainda não passou do estágio Massinha I.

Portanto, o orador mais uma vez recorre à técnica dos argumentos quase-lógicos ao concluir sua argumentação empregando novamente um argumento ligado à *ironia*, a fim de destacar um retrocesso da ministra no que tange à democracia:

Até chegar à universidade democrática, ainda leva tempo. Se é que ela consegue passar de ano e não vai levar pau em redação...

Em relação ao auditório determinado pelo orador, observamos uma particularidade presente nesse *blog*: o orador, como explicitaremos mais adiante, é declaradamente contra a publicação de recados que vão de encontro com seus ideais partidários. Por esse viés, ressaltamos que a imagem que o orador constrói de um auditório ideal corresponde ao auditório empírico (real) de seu *blog*, já que não há contestações em relação ao *post* selecionado. Ou melhor, explica o fato de não haver reações divergentes às suas, como se o objetivo em obter a adesão de seu auditório fosse por completo conquistado.

Síntese

O orador constrói uma argumentação voltada para o convencimento do auditório, uma vez que trabalha com os objetos constituintes da categoria do Real, como fatos, verdade e presunção. Por outro lado, vimos que os valores, hierarquias e lugares perdem espaço nessa produção. As técnicas argumentativas mais recorrentes pelo orador fazem parte dos argumentos baseados na estrutura do real, seguidos dos argumentos quase-lógicos, com o destaque para a *ironia*. Por sua vez, o uso dessa última técnica argumentativa acaba por enfraquecer a adesão do auditório a sua tese, já que a ausência de elementos que comprovem seus dizeres pode abrir caminho para a contestação por parte de sua comunidade discursiva.

Sabemos que a manipulação da subtração de intervenções é um recurso permitido nesse meio de comunicação. Porém, nosso intuito aqui é analisar as técnicas argumentativas utilizadas pelo orador a fim de convencer ou persuadir seu auditório. Por essa razão, observamos o orador recorrer muitas vezes aos argumentos baseados na estrutura do real, produzindo uma argumentação mais voltada para o convencimento, o que, a princípio, pode provocar uma aceitação de suas ideias, mas não o suficiente para fazer com que seu auditório mude de opinião.

Blog C

No que tange à estrutura argumentativa do *blog C*, o acordo estabelecido entre o orador, o jornalista Luís Nassif, e o auditório, gira em torno da sucessão presidencial. Em destaque, a comparação entre Serra e Dilma, o que vai desembocar na polêmica constatação declarada por

Nassif: *De qualquer modo, entre os dois o país estará bem servido.* Nesse sentido, em linhas gerais, notamos uma argumentação construída a partir de uma técnica que fundamenta a estrutura do real, como o emprego de um tipo de argumento baseado na *comparação*.

O orador-jornalista dá início à comparação entre Serra e Dilma dizendo tratar-se de uma análise feita pelo presidente do IBOPE, no qual o mesmo afirma partir do pressuposto que o Serra tem e a Dilma não tem ao falar do currículo e da competência administrativa. Desse modo, o orador utiliza um fato relacionado aos dois pré-candidatos à presidência como ponto inicial da sua argumentação:

Serra fez seu nome em poucos anos como Ministro da Saúde. Antes, montou nome em cima de atuação eminentemente legislativa. Dilma está à frente do maior programa de obras das últimas décadas. Há as seguintes incógnitas pelo caminho:

A partir desse fato constatado, o orador desenvolve sua argumentação com base em verdades e presunções a respeito de sua opinião sobre cada um. Assim, o primeiro ponto abordado concerne a então ministra da casa civil:

1. Dilma tem uma vitrine ampla para demonstrar o pique gerencial: o PAC e o ritmo que ajudou a dar ao governo Lula. Não é pouca coisa. Se o PAC for bem sucedido e a crise não pegar o Brasil tão intensamente, faz o nome.

O excerto acima revela um ponto a favor de Dilma: o PAC. A fim de reforçar esse ponto positivo, o orador utiliza um argumento *pragmático* para trabalhar com uma probabilidade mais otimista, e, assim, demonstrar que Dilma tem chances de emplacar.

Em contrapartida, ao falar de Serra, o orador revela-se de modo mais pessimista, destacando uma desvantagem concernente ao seu estilo de governar, considerado insuficiente em estruturas mais complexas de governo, embora constatado um bom trabalho enquanto ministro da saúde:

2. Serra **ainda**⁴⁹ não demonstrou, na prefeitura e no estado, o mesmo pique gerencial que na Saúde. Aí se entra em uma particularidade da sua formação: ele não acredita nos modernos modelos de gestão. Acha que, pelo fato de conseguir fazer, não necessita das ferramentas gerenciais.

Esse estilo funciona em realidades mais simples, como o próprio Ministério da Saúde. Lá, as estruturas estavam ao alcance dos seus olhos. Bastava colocar uma pessoa de confiança em cada perna do Ministério e cobrar resultados. Quando passou para realidades mais complexas (como a prefeitura de São Paulo e, mais ainda, com o governo do Estado) esse estilo revelou-se obviamente insuficiente.

Porém, há momentos em que o orador ressalta um ou outro aspecto positivo: *Serra colocou quadros melhores que Alckmin*, mas em seguida abre espaço para uma contra-argumentação negativa:

mas não conseguiu ainda dizer a que veio. Não conseguiu articular as forças de São Paulo em torno de um projeto de desenvolvimento, não conseguiu montar ações inter-setoriais. Tem dois pilares – os Secretários da Fazenda e do Planejamento – que respondem pela coordenação entre as áreas, mas é muito pouco. Em termos gerenciais, é uma gestão mais competente que a de Alckmin, mas ainda à moda antiga.

Quer dizer, em face de uma técnica argumentativa que tem como base a estrutura do real, o orador emprega um argumento de *sucessão* para revelar um conjunto de ações não realizadas ou insuficientes ocorridas pelo pré-candidato do PSDB à presidência.

Já o trecho seguinte é destinado aos dois, Serra e Dilma. No entanto, ao relatar sobre as alianças partidárias, o orador os coloca em um mesmo plano. Ou seja, aqui não se destaca um

49 Grifo nosso, assim como todas as expressões em negrito da “fala” dos interlocutores a seguir.

favorecimento a um ou a outro, uma vez que o ponto positivo e/ou negativo foram/foi direcionado igualmente a ambos:

3.Outras incógnitas residem no plano das grandes alianças. Ambos – Serra e Dilma – são considerados intransigentes na defesa de alguns princípios administrativos. Isso é virtude, mas também provoca resistências.

Em contrapartida, no excerto seguinte o orador recorre mais uma vez à conjunção adversativa, a fim de salientar e favorecer a atitude de Dilma Rousseff frente a José Serra, referindo-se novamente ao PAC sob um ponto de vista positivo em relação à crise econômica. Para tanto, o orador faz uso de um argumento também de *sucessão*, apesar de, diferentemente do mesmo argumento empregado anteriormente, aqui o destaque fica para as ações positivas de Dilma:

Mas Dilma está comandando o processo de recuperação do investimento nacional, articulando atores que, até pouco tempo atrás, estavam em segundo plano – como a ABDIB, as grandes empresas industriais, os novos atores, como estaleiros e tudo o mais. Dependendo da crise, poderá abraçar a bandeira desenvolvimentista com uma folha de serviços maior que a de Serra – em parte devido à conjuntura mais favorável que herdou, em parte devido ao modelo de gerenciamento do PAC.

Os elementos de restrição também estão presentes no momento em que o orador coloca em confronto os pré-candidatos do PSDB e do PT, com o propósito de mostrar ao seu auditório a capacidade administrativa de Serra e Dilma, respectivamente:

*Há outra diferença importante entre ambos. Serra sempre foi o contraponto ao neoliberalismo exacerbado de FHC; **mas** nunca conseguiu impor suas idéias.*

***Já** Dilma é a pessoa que conseguiu livrar o governo Lula da inércia produzida pelo estilo Palocci.*

Isso posto, observamos que, no caso acima, embora a técnica argumentativa escolhida pelo orador esteja baseada na estrutura do real, e mais ainda, desenvolvida a partir do mesmo tipo de argumento, o de *finalidade*, essa finalidade se diferencia, porém, quanto a sua estratégia. Quer dizer, no primeiro trecho trata-se de um argumento de *desperdício*, no caso em que é retratado o fato de Serra não ter conseguido impor suas ideias. Já o segundo trata-se de *direção*, ao mostrar que Dilma deu um novo direcionamento ao governo de Lula.

Comparando as experiências e atitudes profissionais de ambos, o orador novamente demonstra certo descontentamento acerca do discurso e da figura de Serra, o que, ao mesmo tempo, revela uma parcialidade favorável à Dilma. Nesse sentido, Nassif utiliza um argumento para desqualificar o provável candidato do PSDB, uma vez que, relacioná-lo à classe média torna-se uma maneira pejorativa de dizer que não apoia o “povão”:

4.No campo das alianças políticas, o caminho é para a centro-esquerda. Serra tardiamente esqueceu suas raízes e passou a cultivar um público classe média conservador. Seu aliado preferencial, hoje em dia, é Roberto Civita.

O argumento acima também produz um efeito negativo no momento em que revela, estrategicamente e mais uma vez pejorativamente, como aliado preferencial de Serra o Roberto Civita, o então presidente da *Editora Abril*, editora responsável pela *Revista Veja*, comumente vista como uma revista partidária e simpatizante do PSDB. No excerto seguinte, o orador-jornalista emite explicitamente sua opinião sobre a ambiguidade presente no discurso de Serra. Ele o faz através de sua crença, com base em uma presunção, isto é, uma suposição que ele espera ser tomada como verdadeira pelo seu auditório:

Tenho a impressão de que, em algum momento do futuro, o discurso de Serra se tornará mais ambíguo. Hoje em dia se percebe nitidamente um político com o discurso manietado por essa ambiguidade.

A fim de concluir sua argumentação, Nassif sai do campo das comparações e propõe que ambos se dediquem a explicitar melhor seus programas políticos:

5. Seja qual for o vitorioso, entra em um momento em que o ciclo de financeirização de esgota. A partir de agora, ambos terão que explicitar melhor seus projetos para o país, cercar-se de think tanks, recuperar a capacidade de pensar o futuro.

Entretanto, sua parcialidade observada durante o desenvolvimento do texto é ocultada no momento em que declara estar ambos bem preparados para assumir o governo em 2011, quebrando assim toda uma expectativa construída ao longo de sua argumentação:

De qualquer modo, entre os dois o país estará bem servido.

Ou seja, através da técnica argumentativa baseada em um argumento quase-lógico, em especial o da *contradição*, o orador, através dessa declaração, finaliza seu texto desconstruindo toda uma argumentação voltada para o favorecimento de Dilma, uma vez que conclui nivelando no mesmo patamar a competência de ambos.

Como explicitado no início desta análise, o acordo estabelecido entre o orador e seu auditório diz respeito à comparação entre Serra e Dilma, com destaque para a constatação inesperada do jornalista. Sendo assim, uma parcela do auditório universal apresenta uma indignação acerca dessa declaração – pois, como vimos, o acordo não significa necessariamente concordância – o que resulta em uma polêmica discussão entre ambos, isto é, orador e seu auditório. Portanto, o Locutor O rebate essa afirmação da seguinte maneira:

Nassif

Voce diz que estaremos bem servidos com o Serra por espirito de corpo. Afinal seria a Republica dos Jornalistas. Da para formar um timaço. Civita – Eminencia Parda. Tavinho (enciumadissimo) – Ministro da Cultura. Clovis Rossi – Porta Voz. Eliane Febrão – Sucen e Anac. Brad – Abin (inteligência e com ele mesmo) e tantos outros. Quadros abundam! (Locutor O⁵⁰)

50 Postado às 20h36min do dia 01 de outubro de 2008.

Portanto, vimos que o Locutor acima constrói sua argumentação discordando do jornalista acerca de sua última declaração. A fim de demonstrar seu descontentamento com a opinião do orador em relação a José Serra, o Locutor recorre a um argumento *irônico*. Por sua vez, o orador-jornalista entra em jogo para rebater a réplica de seu interlocutor, utilizando para tal atitude a mesma técnica argumentativa. Ou seja, o orador responde ao Locutor O no mesmo nível, recorrendo também ao argumento *irônico*. O uso dessa estratégia é válida na medida em que o orador procura evitar mais polêmicas em seu *blog*. Porém, pode também surtir um efeito contrário, uma vez que o auditório tem uma expectativa por parte do autor do *blog*, para que ele dê explicações para suas perguntas e respostas.

Hehehehehehehe... Essa do Brad Pitt da inteligência foi campeã. (Orador-jornalista⁵¹)

Em contrapartida, o Locutor P vai além e contra-argumenta a declaração de Nassif de forma direta, explícita, acusando-o por ter iniciado sua argumentação a partir das análises de Montenegro, presidente e, segundo o próprio Locutor, manipulador dos números do IBOPE. Quer dizer, o Locutor P produz uma argumentação com base em fatos construídos a partir de erros ocorridos na divulgação do IBOPE nas últimas eleições da Bahia, com o objetivo de validar a sua verdade, no qual revela haver, nesse caso, uma manipulação dos dados do IBOPE:

Onde chegou Nassif? Critica tanto a Imprensa e todos. E quem é Carlos Montenegro? Vende pesquisas a rodo. Nas quatro últimas eleições errou e feio aqui na Bahia. Ganhou um titulo para o Botafogo roubado em cima do Santos, classificando Marcio Resende de Freitas em pesquisas fajutas em Minas. Classifica os programas da Rede Globo todos em primeiro lugar, mesmo que a mesma esteja fora do ar. Está dizendo aqui em Salvador que ACM Neto ganha de qualquer um no segundo turno, mostrando em pesquisa divulgada hoje que o neto de ACM com 28% e os demais com 20%.

51 Postado às 20h52min do dia 01 de outubro de 2008.

Vou fazer uma afirmação: Acredito que ele nem irá para o segundo turno, e se isto acontecer será o segundo, tanto agora, quanto no segundo turno. Antes do senhor responder com sua prepotência peculiar, olhe as previsões na última pesquisa para prefeitura de Salvador (divulgadas no mesmo dia da Datafolha), e para o Governo do estado (Paulo Souto ganharia no primeiro turno e todos sabemos quem é o governador). Já tem 15 dias Gabeira reclamando do Ibope no Rio. (Locutor P⁵²)

Assim, vimos que a bronca maior do Locutor P refere-se aos dados estatísticos mostrados na pesquisa do IBOPE, influenciados e controlados por pessoas ligadas ao poder. Desse modo, o Locutor mostra-se indignado com o jornalista por compactuar com esse tipo de pesquisa, que, para ele, favorece o pré-candidato do PSDB.

Utilizando a mesma estratégia argumentativa dada na resposta anterior, o orador rebate as acusações de seu interlocutor de forma *irônica*, buscando não entrar em um jogo provocativo maior:

Limpa o nariz, Ranhildo. (Orador-jornalista⁵³)

O Locutor R também questiona o orador acerca de sua última frase, acusando-o de inocente e mal informado. Para tanto, recorre ao argumento quase-lógico de *incompatibilidade* ao demonstrar-se indignado com o fato de Nassif ter sugerido que Serra estaria preparado para assumir a presidência do Brasil:

bem servido com serra? não brinca. para de brincar de inocente. serra o golpista da mídia. tem alguém mal informado. nassif, não decepciona! (Locutor R⁵⁴)

52 Postado às 21h58min do dia 01 de outubro de 2008.

53 Postado à 00h24min do dia 02 de outubro de 2008.

54 Postado às 12h47min do dia 02 de outubro de 2008.

Nassif, por sua vez, responde à contra-argumentação acima recorrendo a uma outra estratégia. Estratégia essa caracterizada pela presença do argumento de *autoridade* enquanto autor de seu *blog* e dono de seus dizeres:

Francisco: não patrulhe. (Orador-jornalista⁵⁵)

Em resposta ao comentário de Nassif, o Locutor R – aqui denominado de R₂ – mais uma vez entra no jogo da interação e constrói sua defesa pautada em um argumento *a fortiori*, isto é, mostra um argumento com maior razão a fim de validar a sua verdade:

*ô querido,
não é patrulha. ignorar os fatos sobre josé serra e comentar apenas o discurso de serra é má informação. as ligações de serra com a mídia esgotada. íntimas. serra concorre em são paulo com tres candidatos: kassab, ciro moura e a incrível soninha. controla a prefeitura com andrea matarazzo. josé serra é josé serra. centralizador. sabetudo. calou pra malan de olho na candidatura. zé serra é um trator. não dá pra ignorar.
(Locutor R₂⁵⁶)*

Entretanto, diferentemente das acusações realizadas por parte de seu auditório, observamos que o Locutor A constrói um texto no qual elogia o pré-candidato Serra. Mas, por outro lado, demonstra um descontentamento por ele ter como aliado preferencial Roberto Civita, denominado aqui de o “dono do bueiro”. No entanto, direciona a pergunta para Nassif:

Sempre tive uma excelente avaliação do Serra e uma igualmente excelente expectativa do que ele poderia fazer quando chegasse à Presidência da República. A imagem que ele transmite é realmente do quadro mais competente que temos para governar o país. Até aí tudo lindo. Mas, Nassif, o que acontecerá o dia que tivermos no poder alguém que tem como aliado preferencial o dono do bueiro? Já pensou nisso? O bueiro e a quadrilha que

55 Postado às 13h15min do dia 02 de outubro de 2008.

56 Postado às 14h52min do dia 02 de outubro de 2008.

*o acompanha vão se tornar modelo para a imprensa nativa?
Cruz Credo!!! (Locutor A⁵⁷)*

Nassif, portanto, responde ao questionamento de forma direta e novamente recorre ao argumento *irônico*, característico de suas respostas:

*Roberto Civita se tornará o sujeito mais poderoso do país.
(Orador-jornalista⁵⁸)*

Por meio dessa constatação irônica podemos perceber uma argumentação construída contra José Serra, uma vez que o emprego de tal argumento por parte do orador, juntamente com a argumentação desenvolvida ao longo de seu texto, pode revelar uma não aceitação do quadro imposto por uma eventual vitória de Serra à presidência.

Síntese

Em relação ao texto argumentativo do *blog C*, observamos que o orador-jornalista aplica, de um modo geral, uma técnica argumentativa com base em argumentos que fundamentam a estrutura do real, como por exemplo, os argumentos de *comparação*. Ou seja, o orador recorre a esse tipo de argumento para fazer um paralelo entre os pré-candidatos à presidência da república, Serra e Dilma, representantes dos partidos PSDB e PT, respectivamente.

Por trabalhar com um auditório universal, em que há uma heterogeneidade de opiniões, o jornalista joga com as categorias do Real, como os fatos, verdades e presunções. Desse modo, e a partir das observações do teor das intervenções em seu *blog*, pudemos notar que Nassif constrói um discurso do convencimento. Contudo, suas trélicas, ou melhor, suas contra-argumentações revelam uma ausência de preocupação em tentar fazer com que seu leitorado mude de ideia, já que é repleta de ironia e deboche. Ou seja, o jornalista não se empenha muito em convencer o outro de sua verdade, o que dificulta ainda mais a persuasão de seu auditório em aceitar sua tese.

No que tange às réplicas construídas por uma parte do auditório universal, vimos tratar-se de argumentações recheadas de acusações, provocações e indignações devido a uma

57 Postado às 10h31min do dia 01 de outubro de 2008.

58 Postado às 10h47min do dia 01 de outubro de 2008.

interpretação de apoio a José Serra por parte de Nassif. O que, por outro lado, constatamos que o orador refuta essas acusações com base em argumentos *irônicos*.

Conclusão

Ao entrecruzarmos as considerações das análises argumentativas sob dois pontos de vista teóricos diferentes, pudemos observar que: em relação à teoria desenvolvida por Charaudeau, investigamos o discurso dos jornalistas e a maneira que ele se posiciona nesse discurso, ora de forma mais engajada ora menos. E ainda, o modo de raciocínio empregado pelo Locutor no momento de construir sua argumentação.

Por sua vez, levando em consideração os estudos da Nova Retórica, de Perelman e Tyteca, pudemos notar outros traços do discurso dos jornalistas, traços esses não revelados através da abordagem semiolinguística. Por exemplo, aspectos argumentativos que denotem tratar de um discurso mais convincente ou mais persuasivo, com a utilização de determinados tipos de argumentos que revelam essa especificidade, por meio da constatação de fatos, verdades e valores. Outro ponto importante destacado por meio desta análise diz respeito à observação e à investigação da continuidade da “fala” do orador, no momento em que o próprio responde ao seu interlocutor quando sente necessidade para tal.

Desse modo, concluímos que as abordagens argumentativas sob as perspectivas teóricas dos autores supracitados, apesar de seguirem raciocínio e estratégias diferenciadas, elas se complementam entre si, visto que pudemos reunir mais dados com o intuito de fundamentarmos nossas análises.

CAPÍTULO 2 A MODALIZAÇÃO ENUNCIATIVA

A análise da organização enunciativa dos *blogs* consiste em colocar em evidência comportamentos enunciativos predominantes na construção da Opinião⁵⁹ emitida pelo Locutor-jornalista. Esses procedimentos especificam as atitudes modais no interior dos três grandes atos locutivos propostos por Charaudeau (1992): elocutivos, delocutivos e alocutivos.

Nossa proposta de análise parte do pressuposto de que em um *blog* jornalístico a demanda genérica é de Opinião, o que o diferencia de um discurso clássico de informação objetiva ou neutra, ou seja, puramente delocutiva. É nesse sentido que resolvemos, para fins metodológicos, considerar que a grande visada discursiva nesse tipo de *blog* é a visada incitativa e a visada factitiva, ou seja, sua finalidade é construir Opinião, e também provocar reações dentro do *blog*, estimulando a interação. Para isso, o locutor-jornalista colocará em cena diferentes modalidades enunciativas (asserções, discurso relatado, avaliações, julgamentos, etc.).

Por exemplo, a classificação da modalidade *opinião*⁶⁰ cabe somente aos enunciados em que o Locutor diz expressamente coisas seguidas como em: *eu acho que [...]* ou *na minha opinião é que [...]*, etc. Quer dizer, todas as modalidades locutivas, inclusive as asserções de evidência e os discursos relatados são consideradas estratégias discursivas de construção da Opinião colocadas em cena pelo Locutor-jornalista do *blog*, cada uma, é claro, produzindo, potencialmente, seus efeitos próprios.

O objetivo dessa organização enunciativa consiste em analisar como se dá a construção da Opinião nos *blogs* jornalísticos selecionados, analisando os modos de investimento dos locutores em seu plano de enunciação, visto que um locutor pode construir um plano enunciativo composto de outros locutores que ele convoca para participar de seu discurso (discurso relatado), e seu modo de expressão modal. Ou seja, o importante nesta etapa é procurar analisar o modo como o Locutor-jornalista constrói suas Opiniões, já que vimos que

⁵⁹ Marcamos a “Opinião” do jornalista com letra maiúscula para diferenciá-la da *opinião* enquanto classificação da modalidade enunciativa.

⁶⁰ Para critério de classificação, as modalidades enunciativas serão consideradas aquelas em que marcam a presença efetiva da Opinião do locutor, isto é, a simples presença da marca da 1ª pessoa para considerar uma modalidade enunciativa não valeu como critério maior para essa segmentação.

o objetivo central de um *blog* jornalístico é Opinar e fazer o outro reagir às opiniões com outras opiniões.

Blog A

A fim de analisarmos como o Locutor-jornalista do *blog* A constrói sua Opinião, criamos um quadro com o intuito de organizar enunciativamente o texto dos jornalistas. Para tanto, segmentamos o texto do jornalista Mino Carta em atos locutivos e suas respectivas modalidades:

Tabela 12 - Modalidades enunciativas do texto do Locutor-jornalista Mino Carta

Atos locutivos/ Modalidades	Elocutivo	Alocutivo	Delocutivo
Apreciação afetiva	Ao considerar a repercussão do meu <i>post</i> sobre a simpatia que Lula subitamente nutria por José Serra, sinto a necessidade de alguns esclarecimentos:		
Declaração/ Revelação	sou amigo de Lula, tenho por ele admiração, respeito e simpatia.		
Constatação	Nem por isso deixo de perceber que o Lula presidente difere bastante do Lula sindicalista e do Lula fundador do PT.		
Opinião	o PT pintou como partido autêntico, mas no poder igualou-se aos demais. É a minha opinião, corroborada de resto por algumas verdades factuais.		

<p>Asserção de evidência⁶¹ (certeza)</p>			<p>tenho certeza de que Lula gostaria de colocar Dilma Rousseff na presidência e como já disse aqui neste espaço excludo a possibilidade de qualquer tentativa de lançar a candidatura com antecedência para queimá-la rápida e fatalmente,</p>
<p>Discurso relatado</p>			<p>ao falar da simpatia que Lula experimenta por Serra refiro-me a certa fonte por ser boa, embora não possa citá-la.</p>
<p>Asserção de probabilidade (negada pelo enunciador)</p>			<p>Nada disso significa que Lula estaria disposto a apoiar a candidatura à presidência do governador de São Paulo e muito menos descortinaria a perspectiva de uma aliança entre petistas e tucanos</p>
<p>Discurso relatado</p>			<p>em uma longa entrevista que fiz com Lula em 2005, lá pelas tantas ele disse textualmente: “Você sabe que eu nunca fui de esquerda”.</p>

⁶¹ A classificação dessa segmentação em ato delocutivo, e não elocutivo, deve-se ao fato explicitado no item 60, no qual informamos que, apesar de existir a 1ª pessoa do locutor, a classificação em *asserção de evidência* se justifica por interpretarmos esse trecho do jornalista como uma “certeza” de modo impessoal, isto é, uma afirmação que não configura de fato um saber próprio do locutor.

Discordância	Retruquei de imediato: não concordo, como líder operário e como fundador do PT, você foi de esquerda sim, e para ser de esquerda não é preciso ler Marx e ter passado uma temporada em Moscou.		
Discurso relatado			Citei Norberto Bobbio, para quem, depois da queda do Muro de Berlim, a ideologia de esquerda ficou por conta de quem não se contenta com a afirmação da liberdade e se empenha e favor da igualdade. Aí Lula disse: “Se for assim, claro que sou de esquerda”.
Asserção de evidência			De verdade, a personagem é controversa.
Asserção de evidência (descrição narrativa) com Discurso relatado			Recordo um dia de 1978, casamento de Bárbara, uma das duas filhas de Cláudio Abramo. Compareceram intelectuais e artistas e a liderança nascente do metalúrgico presidente do sindicato de São Bernardo e Diadema de repente virou assunto.
Discurso relatado			Havia ali gente do peso de Mario Pedrosa e

			Flavio Rangel. Estava também um jovem Eduardo Suplicy. As opiniões a respeito de Lula eram discordantes. Não faltou quem afirmasse que ele era agente duplo, trabalhava para a CIA.
Avaliação/ julgamento	No fundo, o debate continua. Para mim, está claro que Lula gostou muito do poder e fez concessões profundas à direita. No entanto, no Brasil de hoje, está à esquerda do tucanato e da mídia nativa.		
Declaração/Revelação	E eu continuaria a votar nele		.

Fonte: elaborada pela autora

Como podemos notar no quadro acima, o jornalista organiza seu discurso tomando como base sua Opinião para prestar conta a seus leitores. Entretanto, alterna momentos em que apela ora para a afetividade ora para a racionalidade. Assim, recorre à *apreciação afetiva* quando investe na afetividade para expressar sua subjetividade a partir de um valor sentimental, como no trecho:

sinto a necessidade de alguns esclarecimento.

Esse procedimento se revela no momento em que o locutor percebe que seus leitores sentem a necessidade desses esclarecimentos e parecem pressioná-lo a prestar conta, o que dá, inclusive, a dinâmica do *blog*, já que se ninguém polemizasse, os *blogs* seriam estáticos e monótonos.

Nesse sentido, o locutor enumera seus enunciados para endossar seu esclarecimento, chamando a responsabilidade da proposição para si, reforçando, assim, sua opinião pautada na convicção que ele tem sobre o assunto, estratégia adotada em grande parte de seu texto.

O jornalista declara sua amizade e simpatia por Lula:

sou amigo de Lula, tenho por ele admiração, respeito e simpatia.

Procedimento da *declaração*, baseado na *revelação* que ele faz sobre sua amizade que tem com o Presidente, embora deixe claro seu ponto de vista a respeito do governo Lula:

Nem por isso deixo de perceber que o Lula presidente difere bastante do Lula sindicalista e do Lula fundador do PT,

Observamos que o Locutor assume um procedimento pautado na *constatação*, uma vez que afirma que o fato de ser amigo de Lula não impede de observar e mostrar aos seus interlocutores sua opinião acerca do Presidente.

Por outro lado, no 2º ponto, o jornalista prioriza a construção de sua Opinião com base na razão quando busca impor uma verdade sob seu ponto de vista, empregando a estratégia elocutiva da *opinião* para tais situações, fatos pressupostos ou expressões, como:

o PT pintou como partido autêntico, mas no poder igualou-se aos demais. É a minha opinião, corroborada de resto por algumas verdades factuais.

No 3º enunciado, o jornalista emite sua Opinião pautada na convicção que ele tem sobre o assunto, empregando a estratégia da *asserção de evidência* para fortalecer ainda mais sua afirmação:

tenho certeza de que Lula gostaria de colocar Dilma Rousseff na presidência e como já disse aqui neste espaço excludo a possibilidade de qualquer tentativa de lançar a candidatura com antecedência para queimá-la rápida e fatalmente.

Em relação ao 4º ponto de esclarecimento, notamos ser um reforço do anterior. Assim, em relação à estratégia, consideramos que o jornalista assume um procedimento pautado no conhecimento de causa que ele possui sobre o assunto, pressupondo mais uma vez uma informação. O jornalista avalia a verdade da proposição, relatando ao seu discurso anterior para reforçar o seu ponto de vista, empregando, para tal estratégia, o *discurso relatado*:

ao falar da simpatia que Lula experimenta por Serra refiro-me a certa fonte por ser boa, embora não possa citá-la.

O fato de o jornalista não citar a fonte implica em uma estratégia que pode ser positiva ou negativa. Positiva no sentido de que não revelando também não há contestações, já que ninguém pode averiguar de fato a veracidade da informação, e negativa pelo motivo de que a falta de informações concretas pode gerar dúvidas em relação à verdade de sua tese.

Entretanto, para finalizar este 4º item, o jornalista reformula a “polêmica” frase dita no *post* anterior, com o objetivo novamente de prestar contas e tentar desfazer qualquer mal entendido, se resguardando de eventuais ataques a respeito do assunto em questão. Por esse motivo, ele faz uso da *asserção de probabilidade*, negada pelo próprio enunciador:

Nada disso significa que Lula estaria disposto a apoiar a candidatura à presidência do governador de São Paulo e muito menos descortinaria a perspectiva de uma aliança entre petistas e tucanos.

No 5º enunciado há uma particularidade em relação aos outros quatro, pois o locutor se apropria de frases ditas por ele e pelo presidente Lula para reforçar seu argumento, utilizando assim novamente a estratégia do *discurso relatado*:

em uma longa entrevista que fiz com Lula em 2005, lá pelas tantas ele disse textualmente: “Você sabe que eu nunca fui de esquerda”.

Como também em:

Aí Lula disse: “Se for assim, claro que sou de esquerda”..

Isto é, o jornalista relata um discurso já enunciado, reforçando, assim, sua tese com base em argumentos formulados pelo próprio Presidente.

Mais adiante, o Locutor assume novamente sua própria voz e sua estratégia enunciativa em relação à afirmação do Presidente é, dessa vez, baseada na *discordância*:

Retruquei de imediato: não concordo, como líder operário e como fundador do PT, você foi de esquerda sim, e para ser de esquerda não é preciso ler Marx e ter passado uma temporada em Moscou.

O Locutor volta a ter um comportamento elocutivo ao dar continuidade as suas análises, assumindo um procedimento estratégico que se apoia em fatos e informações, com o objetivo de fundamentar seu ponto de vista. Como exemplo, o trecho em que se apropria de uma ideia conceitual de esquerda construída por um terceiro locutor, a partir da modalidade baseada no *discurso relatado* narrativizado, pois, dessa vez, trata-se de uma reprodução que se integra ao dizer do jornalista, tornando-se, assim, o agente da proposição:

Citei Norberto Bobbio, para quem, depois da queda do Muro de Berlim, a ideologia de esquerda ficou por conta de quem não se contenta com a afirmação da liberdade e se empenha a favor da igualdade.

Em seguida, o jornalista emite seu ponto de vista a respeito da figura do Presidente, embora sua opinião tenha sido expressada tomando como base a *asserção de evidência*, uma vez que o Locutor omite a primeira pessoa em seu modo de enunciação:

De verdade, a personagem é controversa.

Dando continuidade ao emprego dos atos delocutivos, o Locutor novamente recorre à *asserção de evidência*, perpassando também pelo *discurso relatado*, ao descrever narrativamente um fato ocorrido no passado, resgatando a história política sob seu ponto de

vista, a fim de produzir um efeito de verdade em sua proposição, proporcionada pelo emprego dessa modalidade delocutiva:

Recordo um dia de 1978, casamento de Bárbara, uma das duas filhas de Cláudio Abramo [...].

Embora o Locutor dê continuidade a sua enunciação priorizando os atos delocutivos, dando preferência à impessoalidade no discurso, dessa vez ele assume o procedimento de modalização do *discurso relatado*, uma vez que reproduz o ponto de vista de outros locutores, o que sabemos, não acarreta no apagamento da subjetividade do jornalista:

Havia ali gente do peso de Mario Pedrosa e Flavio Rangel. [...] Não faltou quem afirmasse que ele era agente duplo, trabalhava para a CIA.

Por fim, o Locutor toma a posição mais uma vez de sujeito enunciador e assume a 1ª pessoa, deixando claro sua Opinião, pautada mais uma vez na *avaliação/julgamento* que ele faz/tem sobre o assunto:

No fundo, o debate continua. Para mim, está claro que Lula gostou muito do poder e fez concessões profundas à direita.[...]

E da mesma forma que iniciou seu relato, o jornalista encerra seu discurso a partir da *declaração/revelação* em dizer que, apesar de não concordar com certas atitudes do governo Lula, ainda assim é favorável ao Presidente:

E eu continuaria a votar nele.

No que concerne à relação do Locutor com seus interlocutores, observamos que o jornalista se sentiu pressionado por seus leitores a construir um novo *post*, com o propósito de prestar conta sobre sua Opinião. Ou seja, foi a reação de alguns leitores que fez com que ele voltasse ao assunto para esclarecer certos pontos, reagindo de forma indignada a certos comentários. Entretanto, seu texto não apresenta em sua configuração linguística marcas da alocação. Quer dizer, o jornalista não direciona seu comentário para um interlocutor específico, mas sim para

todos os participantes de seu *blog*, pelo menos nesta primeira etapa de análise, já que observaremos, mais adiante, a interlocução promovida entre Locutor-jornalista e seus interlocutores.

Síntese

O Locutor do *blog* A faz uso predominantemente em sua enunciação das modalidades elocutivas, em especial da *avaliação/julgamento* e *declaração/revelação*. Por sua vez, notamos que o Locutor, enquanto enunciador do seu próprio *blog*, embora escreva para seus leitores, não faz uso em momento algum dos procedimentos alocutivos, não interpelando seu interlocutor em seu primeiro *post*. Quer dizer, o mais importante para o Locutor-enunciador é transmitir informação com base em seu ponto de vista, empregando sua subjetividade no discurso, deixando a interpelação para os momentos em que sente que suas palavras não alcançam o que propunha de fato, o que, no caso, só foi revelado a partir da construção de um novo *post* para esclarecer “pessoalmente” a quem lhe interpretou mal.

Pudemos observar, portanto, que a construção da Opinião pelo Locutor-jornalista desse *blog* se distribui entre modalidades elocutivas e delocutivas. Pelas modalidades elocutivas, o Locutor constrói o seu investimento subjetivo, mostrando-se ao outro, no nível dos afetos e no nível dos engajamentos e das avaliações e julgamentos que faz. Pelas modalidades delocutivas, ele se desinveste, construindo a encenação da objetividade, necessária à apresentação de uma argumentação racional, baseada em fatos e em discursos de outros.

Blog B

A análise enunciativa do *blog* B consiste em averiguar como o jornalista Reinaldo Azevedo comporta-se enunciativamente e como esse comportamento atua na construção de sua Opinião. Assim, como no *blog* A, o ponto de partida da análise enunciativa parte do pressuposto de que em um *blog* jornalístico a demanda é de Opinião. Logo, consideramos todas as modalidades enunciativas dos participantes do *blog* B pautadas na Opinião, que, por sua vez, serão classificadas de acordo com a modalização enunciativa do Locutor-jornalista.

Em se tratando da análise enunciativa do texto produzido por Reinaldo Azevedo, daremos início a nossa análise pelo título do *post* do jornalista:

Uma vez autoritária... Ou: ela ainda está no estágio Massinha I.

Podemos perceber que o ponto de vista do jornalista vai de encontro às atitudes da pré-candidata do PT, uma vez que emite sua Opinião em relação à Dilma Rousseff, porém, sem se revelar sob a forma linguística da 1ª pessoa no texto. Esse mecanismo de apagamento do sujeito que fala não impede o jornalista de demonstrar sua subjetividade, já que o uso dessa estratégia produz um efeito aparente de verdade evidente. Estratégia utilizada em boa parte do seu texto como podemos verificar por meio do quadro a seguir:

Tabela 13 - Modalidades enunciativas do texto do Locutor-jornalista Reinaldo Azevedo

Atos locutivos/ Modalidades	Elocutivo	Alocutivo	Delocutivo
Interrogação		O que dizer sobre a fala da pré-candidata Dilma Rousseff?	
Asserção de evidência			Mistura a mistificação costumeira com uma boa parcela de irresponsabilidade, especialmente se considerarmos que o país terá um 2009 bastante difícil. E o momento estaria mais para pedir união do que para baixo proselitismo partidário.
Advertência		Observem que a velha tática do PT, ressuscitada numa reunião do comando partidário há alguns dias, está de volta: “culpar o governo anterior” pelas dificuldades.	
Interrogação		Mas esperem: o governo anterior não é o do próprio Lula?	
Discurso relatado			Não! Para eles, “governo

			anterior” será sempre o de FHC, ainda que ficassem mais cem anos no poder. Eles precisam inventar o mal para que possam se apresentar como o bem.
Advertência		Vejam lá a fala da ministra. Das medidas macroeconômicas adotadas por FHC ao programa social depois batizado Bolsa Família, Lula seguiu os passos do antecessor onde acertou, conseguiu repetir alguns erros e, evidentemente, cometeu outros de sua própria lavra.	
Advertência		Convenham: até a equipe do Banco Central ele teve de colher no ninho tucano. E foi com ela que conseguiu construir a tal credibilidade.	
Saber	Já sabemos qual será a peça de resistência da campanha petista, seja Dilma candidata ou não: a demonização do passado, o discurso do medo vencendo a esperança.		
Asserção de probabilidade			Vai colar menos ou mais a depender de como esteja a economia em 2010.
Interrogação		E como estará a economia em 2010?	

Asserção de probabilidade			O ritmo da recuperação dos EUA é que vai dizer. Se a crise for mais ou menos abreviada, cenário menos provável, e o segundo semestre do último ano de Lula já apontar a retomada de um crescimento mais robusto, ele vai, mais uma vez, chamar para si os louros por “vitórias” que não são suas.
Asserção de probabilidade			Se o cenário não for lá muito confortável, insistirá na retórica de uma espécie de conspiração internacional contra os países emergentes. Por razões óbvias, o primeiro discurso cola com facilidade; o segundo é mais complicado.
Asserção de evidência			Seja como for, há no ar um cheiro estranho. O PT começa a se mover tentando criar um caldo que oporia, de um lado, os “interesses do povo” e, de outro, os interesses de conspiradores.
Interrogação		Mas quem são os “conspiradores”?	
Asserção de evidência			As oposições, ora essa.
Discurso relatado			Eis o entendimento que essa gente tem de democracia, de

			alternância de poder. Mais um pouco, e Dilma dirá que só um resultado eleitoral será legítimo em 2010: a vitória do PT.
Constatação (irônica)	Mas entendo! Em termos históricos, a conversão de Dilma Rousseff à democracia ainda é relativamente recente.		
Discurso relatado			Já que eles gostam tanto de encruar o passado, não custa lembrar que suas utopias libertárias estavam com Carlos Marighella, aquele autor de um manual para práticas terroristas.
Asserção de evidência			Isso, como se sabe, é fato comprovado, não ficção.
Asserção de evidência			O discurso feito pela ministra indica que ela, em matéria de alternância de poder, ainda não passou do estágio Massinha I. Até chegar à universidade democrática, ainda leva tempo.
Asserção de evidência			Se é que ela consegue passar de ano e não vai levar pau em redação...

Fonte: elaborada pela autora

Partindo para a segmentação do texto em atos, o Locutor dá início a sua enunciação com uma pergunta estratégica, em que o próprio jornalista responde, aproveitando o espaço para pontuar as atitudes da ex-ministra da casa civil:

O que dizer sobre a fala da pré-candidata Dilma Rousseff?

Agindo assim, o Locutor emprega a modalidade alocutiva da *interrogação*, com o intuito de abrir espaço para sua própria avaliação, embora seja construída de modo que a enunciação oculte seu julgamento, através da *asserção de evidência*:

Mistura a mistificação costumeira com uma boa parcela de irresponsabilidade, especialmente se considerarmos que o país terá um 2009 bastante difícil. E o momento estaria mais para pedir união do que para baixo proselitismo partidário.

A partir daí, o jornalista lança mão da estratégia da alocução, a partir da *advertência*, resgatando informações com o objetivo de dar mais credibilidade a sua locução, prevenindo, assim, o interlocutor contra os riscos de um governo comandado pelo PT:

Observem que a velha tática do PT, ressuscitada numa reunião do comando partidário há alguns dias, está de volta: “culpar o governo anterior” pelas dificuldades.

Logo em seguida, entra no jogo da interlocução com seus leitores na medida em que os interpela a observarem as atitudes do PT, empregando novamente a alocução, a partir da *interrogação*:

Mas esperem: o governo anterior não é o do próprio Lula?

Assim, o jornalista constrói seu discurso dando a si mesmo a oportunidade de mostrar sua Opinião sobre o assunto, abrindo espaço para sua própria enunciação.

Da alocução volta a assumir uma postura delocutiva, baseada no *discurso relatado*, no sentido de trazer à tona o discurso do outro, estratégia utilizada para colocar em evidência um modo de pensar que não condiz com fatos reais:

Não! Para eles, “governo anterior” será sempre o de FHC, ainda que ficassem mais cem anos no poder. Eles precisam inventar o mal para que possam se apresentar como o bem.

Em seguida, volta a introduzir a estratégia da *advertência*, tentando novamente alertar seus interlocutores, como no trecho seguinte:

Vejam lá a fala da ministra. Das medidas macroeconômicas adotadas por FHC ao programa social depois batizado Bolsa Família, Lula seguiu os passos do antecessor onde acertou, conseguiu repetir alguns erros e, evidentemente, cometeu outros de sua própria lavra.

Desse modo, chama os interlocutores a prestarem atenção em sua proposição. Proposição que é construída pela demonstração de pontos negativos de Lula e da então ministra da casa civil.

Privilegiando ainda os atos alocutivos, o jornalista prossegue sua explanação com o intuito de prevenir seu leitorado, recorrendo mais uma vez à modalidade da *advertência*, sem, por isso, deixar de transparecer sua subjetividade e sua parcialidade:

Convenham: até a equipe do Banco Central ele teve de colher no ninho tucano. E foi com ela que conseguiu construir a tal credibilidade.

O fato de o Locutor empregar formas impessoais em seu texto e recorrer em alguns momentos à alocução não deixa de ser uma estratégia para afastar-lhe do momento da enunciação, distanciando, dessa forma, seu comprometimento direto com o texto.

Entretanto, em seguida, muda sua estratégia e assume pela primeira vez, de forma explícita, a responsabilidade de sua enunciação, porém, de maneira mais afastada, já que engloba em seu

enunciado a marca da pluralidade, eximindo-se assim de qualquer ataque pessoal a sua figura enquanto jornalista:

Já sabemos qual será a peça de resistência da campanha petista, seja Dilma candidata ou não: a demonização do passado, o discurso do medo vencendo a esperança.

Nesse sentido, emite sua Opinião pautada na modalização elocutiva do *saber*, uma vez que revela, de maneira convicta, seu conhecimento acerca do discurso da oposição. E finaliza essa proposição recorrendo à *asserção de probabilidade*, pelo fato de deixar sua certeza de lado, assumindo uma postura de proteção em relação ao que acabara de afirmar acima, já que, não havendo a confirmação de sua “profecia”, ele pode se justificar através da situação econômica:

Vai colar menos ou mais a depender de como esteja a economia em 2010.

Entretanto, emprega novamente a estratégia enunciativa de usar a modalidade *interrogativa* para abrir oportunidade para expor seus comentários:

E como estará a economia em 2010?

E assim sua resposta é construída do mesmo modo ocorrido acima, ou seja, com base na *asserção de probabilidade*, no momento em que neutraliza seu ponto de vista escondido sob as formas impessoais ao construir seu discurso em cima de um futuro e possível cenário político sobre a crise:

O ritmo da recuperação dos EUA é que vai dizer. Se a crise for mais ou menos abreviada, cenário menos provável, e o segundo semestre do último ano de Lula já apontar a retomada de um crescimento mais robusto, ele vai, mais uma vez, chamar para si os louros por “vitórias” que não são suas.

Dando continuidade a uma estratégia construída para sua preservação sob uma situação hipotética:

Se o cenário não for lá muito confortável, insistirá na retórica de uma espécie de conspiração internacional contra os países emergentes. Por razões óbvias, o primeiro discurso cola com facilidade; o segundo è mais complicado.

O jornalista emite mais uma vez sua avaliação sobre o cenário brasileiro aproveitando o quadro pintado por ele da provável futura situação do país. Entretanto, faz uso da estratégia da *asserção de evidência* ao emitir seu comentário:

Seja como for, há no ar um cheiro estranho. O PT começa a se mover tentando criar um caldo que oporia, de um lado, os “interesses do povo” e, de outro, os interesses de conspiradores.

Vale ressaltar que, apesar de a afirmação acima não conter uma marca explícita da 1ª pessoa, consideramos uma forte presença elocutiva contida em sua Opinião.

Seguindo a estratégia alocutiva da *interrogação*, mais uma vez o Locutor-jornalista recorre a esse tipo de modalização ao lançar a pergunta:

Mas quem são os “conspiradores”?

O que abre espaço para seu próprio julgamento, implícito por meio de um comportamento *assertivo*:

As oposições, ora essa.

Alternando entre atos alocutivos e delocutivos, o Locutor assume agora o delocutivo, a fim de reforçar a estratégia da proposição com aparência de verdade evidente, fazendo uso do *discurso relatado*:

Eis o entendimento que essa gente tem de democracia, de alternância de poder. Mais um pouco, e Dilma dirá que só um resultado eleitoral será legítimo em 2010: a vitória do PT.

Reinaldo então aproveita para emitir seu parecer, porém, de maneira irônica, assumindo um comportamento elocutivo, com base na *constatação*:

Mas entendo! Em termos históricos, a conversão de Dilma Rousseff à democracia ainda é relativamente recente.

Ou seja, o jornalista dialoga consigo próprio, com o propósito de abrir espaço para sua própria Opinião pautada no *discurso relatado*:

Já que eles gostam tanto de encruar o passado, não custa lembrar que suas utopias libertárias estavam com Carlos Marighella, aquele autor de um manual para práticas terroristas.

Para fortalecer seu ponto de vista, o jornalista emite mais uma vez sua Opinião empregando a estratégia da *asserção de evidência*, caracterizando sua proposição como verdade absoluta:

Isso, como se sabe, é fato comprovado, não ficção.

O que abre caminho para que ele emita seu julgamento sobre a pré-candidata Dilma Rousseff, porém, sem explicitar mais uma vez a 1ª pessoa do discurso, fazendo uso da *Asserção de evidência*, estratégia muito utilizada para tentar se preservar de possíveis retaliações:

O discurso feito pela ministra indica que ela, em matéria de alternância de poder, ainda não passou do estágio Massinha I. Até chegar à universidade democrática, ainda leva tempo.

Por fim, do mesmo modo termina seu discurso de maneira delocutiva, apoiando-se na mesma estratégia utilizada acima, enfatizando negativamente a incapacidade intelectual da ministra:

Se é que ela consegue passar de ano e não vai levar pau em redação...

Como sabemos, o jornalista Reinaldo Azevedo não esconde sua opção partidária, revelando sua total discordância em relação ao PT, ao presidente Lula e a sua candidata às próximas eleições, Dilma Rousseff. Desse modo, o Locutor constrói seu texto pautado na parcialidade proposital demonstrada sobre o seu ponto de vista frente ao governo atual, cujas acusações são relatadas de maneira grosseira e irônica.

Síntese

A Opinião do Locutor-jornalista do *blog* B é construída com base nas modalidades delocutivas, mas sem deixar de lado também sua elocução. Porém, diferentemente do *blog* A, há também marcas da modalidade alocutiva, o que demonstra uma abertura de espaço para interagir com seus interlocutores, mesmo que o Locutor aproveite esse espaço para desenvolver sua enunciação. Ou seja, através da modalidade alocutiva da *interrogação* e da *advertência*, o Locutor carrega em seu enunciado uma afirmação a adquirir, impondo ao seu interlocutor um papel que o faz entrar no jogo da interação, bem como os previne contra os riscos da continuidade de um possível governo de Dilma Rousseff.

Por meio da modalidade delocutiva, o jornalista constrói sua enunciação priorizando uma objetividade em seu texto, seja ela positiva ou negativa, recorrendo à estratégia do discurso do outro para fundamentar o seu. Outro ponto importante da encenação delocutiva é o fato de o Locutor construir sua Opinião com base na estratégia do *discurso relatado* e da *asserção*, todavia, apresentada na maior parte das vezes a partir de uma *probabilidade* e não de uma *evidência*, o que, como vimos no capítulo da argumentação, acaba por enfraquecer toda a característica racional desse tipo de ato. Entretanto, como afirmamos anteriormente, é a marca delocutiva da objetividade que é privilegiada como um todo em sua enunciação.

Através das modalidades elocutivas, o Locutor-jornalista constrói sua Opinião através de um comportamento subjetivo, principalmente a partir de sua *avaliação* e de sua *constatação* do assunto apresentado, o que representa um certo nível de afetividade que o Locutor revela ao enunciar seu propósito a partir do seu próprio ponto de vista.

Blog C

Seguindo o esquema de análise proposta, o ponto chave desse *blog* vai girar exatamente em torno da Opinião emitida pelo jornalista Luís Nassif. Em relação ao quadro enunciativo, a análise que segue diz respeito ao próprio *post* do jornalista, revelando os aspectos de sua enunciação, com o propósito de nos auxiliar na verificação de como seu ponto de vista pode influenciar na reação de seus leitores. Sendo assim, no que diz respeito ao *post* publicado pelo jornalista, observamos que ele faz menção às análises sobre Serra e Dilma realizadas pelo presidente do IBOPE, Carlos Augusto Montenegro.

Desse modo, podemos constatar sua enunciação por meio da segmentação dos atos locutivos e suas modalidades, conforme o quadro abaixo:

Tabela 14 - Modalidades enunciativas do texto do Locutor-jornalista Luís Nassif

Atos locutivos/ Modalidades	Elocutivo	Alocutivo	Delocutivo
Discurso relatado			Dizia o velho Magalhães Pinto que a política é como as nuvens do céu. A cada olhada, ela se move.
Afirmação	Digo isso a respeito das análises do Carlos Augusto Montenegro sobre as eleições de 2010. Elas foram feitas em um almoço no iG, muito interessante, com avaliações do maior especialista em pesquisas sobre as eleições de hoje.		
Asserção de probabilidade			Mas daqui a 2010, mesmo para um especialista é quase impossível prever com exatidão o que irá

			ocorrer.
Discurso relatado			Ponto central é a questão do currículo, da competência administrativa. Ele parte do pressuposto que Serra tem e Dilma não tem.
Asserção de evidência			Serra fez seu nome em poucos anos como Ministro da Saúde. Antes, montou nome em cima de atuação eminentemente legislativa. Dilma está à frente do maior programa de obras das últimas décadas.
Asserção de evidência			Há as seguintes incógnitas pelo caminho: Dilma tem uma vitrine ampla para demonstrar o pique gerencial: o PAC e o ritmo que ajudou a dar ao governo Lula.
Asserção de probabilidade			Não é pouca coisa. Se o PAC for bem sucedido e a crise não pegar o Brasil tão intensamente, faz o nome.
Asserção de evidência			Serra ainda não demonstrou, na prefeitura e no estado, o mesmo pique

			gerencial que na Saúde.
Discurso relatado			Aí se entra em uma particularidade da sua formação: ele não acredita nos modernos modelos de gestão. Acha que, pelo fato de conseguir fazer, não necessita das ferramentas gerenciais.
Asserção de evidência			Esse estilo funciona em realidades mais simples, como o próprio Ministério da Saúde. Lá, as estruturas estavam ao alcance dos seus olhos. Bastava colocar uma pessoa de confiança em cada perna do Ministério e cobrar resultados.
Asserção de evidência			Quando passou para realidades mais complexas (como a prefeitura de São Paulo e, mais ainda, com o governo do Estado) esse estilo revelou-se obviamente insuficiente.
Asserção de evidência			Serra colocou quadros melhores que Alckmin mas não conseguiu ainda dizer a que veio. Não conseguiu articular as forças de São Paulo em torno de um projeto

			de desenvolvimento, não conseguiu montar ações inter-setoriais.
Asserção de evidência			Tem dois pilares – os Secretários da Fazenda e do Planejamento – que respondem pela coordenação entre as áreas, mas é muito pouco.
Asserção de evidência			Em termos gerenciais, é uma gestão mais competente que a de Alckmin, mas ainda à moda antiga.
Asserção de evidência			Outras incógnitas residem no plano das grandes alianças. Ambos – Serra e Dilma – são considerados intransigentes na defesa de alguns princípios administrativos. Isso é virtude, mas também provoca resistências.
Asserção de evidência			Mas Dilma está comandando o processo de recuperação do investimento nacional, articulando atores que, até pouco tempo atrás, estavam em segundo plano – como a ABDIB, as grandes empresas industriais, os

			novos atores, como estaleiros e tudo o mais.
Asserção de probabilidade			Dependendo da crise, poderá abraçar a bandeira desenvolvimentista com uma folha de serviços maior que a de Serra – em parte devido à conjuntura mais favorável que herdou, em parte devido ao modelo de gerenciamento do PAC.
Asserção de evidência			Há outra diferença importante entre ambos. Serra sempre foi o contraponto ao neoliberalismo exacerbado de FHC; mas nunca conseguiu impor suas idéias.
Asserção de evidência			Já Dilma é a pessoa que conseguiu livrar o governo Lula da inércia produzida pelo estilo Palocci. No campo das alianças políticas, o caminho é para a centro-esquerda.
Asserção de evidência			Serra tardiamente esqueceu suas raízes e passou a cultivar um

			público classe média conservador. Seu aliado preferencial, hoje em dia, é Roberto Civita.
Avaliação	Tenho a impressão de que, em algum momento do futuro, o discurso de Serra se tornará mais ambíguo. Hoje em dia se percebe nitidamente um político com o discurso manietado por essa ambiguidade.		
Asserção de evidência			Seja qual for o vitorioso, entra em um momento em que o ciclo de financeirização de esgota. A partir de agora, ambos terão que explicitar melhor seus projetos para o país, cercar-se de think tanks, recuperar a capacidade de pensar o futuro.
Opinião-convicção	De qualquer modo, entre os dois o país estará bem servido.		

Fonte: elaborada pela autora

Como veremos mais adiante, a Opinião emitida por Nassif é interpretada pela maioria de seus leitores (APÊNDICE IIIc) de modo imparcial ante as previsões de Montenegro, não demonstrando publicamente sua simpatia por um dos dois protagonistas da notícia, o que o coloca, por esse motivo, no centro da discussão de seu *blog*. Com isso, Nassif coleciona por um lado admiradores, e por outro, a revolta de alguns leitores, principalmente os opositores de Serra, diante de seu ponto de vista.

Nassif inicia então seu comentário empregando a estratégia enunciativa do *discurso relatado*, reportando uma frase dita por um terceiro:

Dizia o velho Magalhães Pinto que a política é como as nuvens do céu. A cada olhada, ela se move.

Logo em seguida, o jornalista incorpora explicitamente o enunciador do discurso, aproveitando, em 1ª pessoa, a frase dita acima para confirmar sua *afirmação* favorável em relação à análise comparativa de Montenegro:

Digo isso a respeito das análises do Carlos Augusto Montenegro sobre as eleições de 2010. Elas foram feitas em um almoço no iG, muito interessante, com avaliações do maior especialista em pesquisas sobre as eleições de hoje.

Mais adiante, assume novamente um comportamento impessoal a partir da estratégia da *asserção de evidência*:

Mas daqui a 2010, mesmo para um especialista é quase impossível prever com exatidão o que irá ocorrer.

Quer dizer, a partir de uma enunciação caracterizada delocutiva, o jornalista emite sua Opinião e ao mesmo tempo se exime de qualquer eventualidade que ocorra diferentemente das previsões que, de certa maneira, vão ao encontro de seu pensamento, uma vez que ele as publica em seu *blog* como se também a ele pertencessem:

A partir daí, Nassif segue com seu comentário parafraseando Montenegro, quando diz:

Ponto central é a questão do currículo, da competência administrativa. Ele parte do pressuposto que Serra tem e Dilma não tem,

Adquirindo um comportamento enunciativo que tem como base o *discurso relatado* indireto, uma vez que o enunciador, ao reproduzi-lo, o integra parcialmente em sua fala. Logo em

seguida altera sua atitude enunciativa para a *asserção de evidência*, embora permaneça se expressando de modo delocutivo:

Serra fez seu nome em poucos anos como Ministro da Saúde. Antes, montou nome em cima de atuação eminentemente legislativa. Dilma está à frente do maior programa de obras das últimas décadas.

Como também em:

Há as seguintes incógnitas pelo caminho: Dilma tem uma vitrine ampla para demonstrar o pique gerencial: o PAC e o ritmo que ajudou a dar ao governo Lula.

Já a frase:

Não é pouca coisa. Se o PAC for bem sucedido e a crise não pegar o Brasil tão intensamente, faz o nome,

Apesar de empregar ainda a estratégia da *asserção*, nesse momento ele altera para a *probabilidade*, uma vez que faz uso de uma situação hipotética, sem demonstrar uma total certeza sobre o que diz. Priorizando a maneira delocutiva de falar, o jornalista volta a assumir uma atitude enunciativa da *asserção de evidência*, quando diz:

Serra ainda não demonstrou, na prefeitura e no estado, o mesmo pique gerencial que na Saúde.

E, novamente faz uso do *discurso relatado* ao trazer à tona o modo de pensar do pré-candidato José Serra, a fim de caracterizar negativamente seu ponto de vista, o que acaba por fortalecer a enunciação do próprio Locutor-jornalista:

Aí se entra em uma particularidade da sua formação: ele não acredita nos modernos modelos de gestão. Acha que, pelo fato de conseguir fazer, não necessita das ferramentas gerenciais.

Dando continuidade às estratégias enunciativas utilizadas por Nassif, vale notar que ele emprega, em uma boa parte de seu texto, e de forma contínua, a *asserção de evidência*, estratégia essa que marca explicitamente uma impessoalidade do Locutor, embora não esconda sua subjetividade:

Esse estilo funciona em realidades mais simples, como o próprio Ministério da Saúde. Lá, as estruturas estavam ao alcance dos seus olhos. Bastava colocar uma pessoa de confiança em cada perna do Ministério e cobrar resultados. [...] Mas Dilma está comandando o processo de recuperação do investimento nacional, articulando atores que, até pouco tempo atrás, estavam em segundo plano – como a ABDIB, as grandes empresas industriais, os novos atores, como estaleiros e tudo o mais.

Permanecendo com o uso da *asserção* e após um longo trecho empregando a estratégia da *evidência*, o jornalista faz uso da *probabilidade* ao demonstrar incerteza ante a situação do momento:

Dependendo da crise, poderá abraçar a bandeira desenvolvimentista com uma folha de serviços maior que a de Serra – em parte devido à conjuntura mais favorável que herdou, em parte devido ao modelo de gerenciamento do PAC,

embora logo em seguida volte a assumir o comportamento de *evidência*:

Há outra diferença importante entre ambos. Serra sempre foi o contraponto ao neoliberalismo exacerbado de FHC; [...] Serra tardiamente esqueceu suas raízes e passou a cultivar um público classe média conservador. Seu aliado preferencial, hoje em dia, é Roberto Civita.

Assumindo uma atitude elocutiva, o Locutor emprega a estratégia da *avaliação* ao emitir sua Opinião sobre o discurso do pré-candidato do PSDB:

Tenho a impressão de que, em algum momento do futuro, o discurso de Serra se tornará mais ambíguo. Hoje em dia se percebe nitidamente um político com o discurso manietado por essa ambiguidade.

Contudo, incorpora mais uma vez a enunciação delocutiva, sob a óptica da *asserção de evidência*:

Seja qual for o vitorioso, entra em um momento em que o ciclo de financeirização de esgota. A partir de agora, ambos terão que explicitar melhor seus projetos para o país, cercar-se de think tanks, recuperar a capacidade de pensar o futuro.

Para finalizar, o Locutor conclui, assumindo a atitude enunciativa da *opinião-convicção*, proferindo a frase que acaba por gerar toda a polêmica discussão entre seus leitores:

De qualquer modo, entre os dois o país estará bem servido.

Ou seja, tal frase foi interpretada por seus leitores como a própria Opinião do jornalista.

Síntese

Nesse *blog*, pudemos constatar que a Opinião do Locutor é construída, em sua maioria, por modalidades delocutivas, principalmente a *asserção de evidência*. Nesse sentido, observamos que o jornalista se desinveste de uma encenação marcada pela afetividade e constrói sua Opinião com base em uma apresentação do discurso do outro, e principalmente, recorrendo à objetividade de um discurso impessoal, desinvestido de sua subjetividade, estratégia utilizada a fim de que a responsabilidade do locutor se apague, deixando sua proposição avançar, produzindo um efeito de verdade objetiva, efeito característico dos atos delocutivos. Entretanto, apesar de o Locutor construir um discurso investindo na razão, é possível perceber toda uma subjetividade escondida por detrás dessas modalidades.

Conclusão

Voltando ao ponto inicial da análise enunciativa, cujo objetivo principal é constatarmos até que ponto a escolha desses comportamentos enunciativos influencia na imagem que o

Locutor-jornalista constrói de si mesmo. Uma vez analisada a relação dialogal do Locutor no que tange a sua atitude frente ao seu próprio enunciado, podemos observar se o discurso é construído com mais ou menos subjetividade, objetividade ou impessoalidade.

Portanto, vimos que a construção da Opinião do jornalista do *blog* A alterna entre modalidades elocutivas e delocutivas, o que se trata, como constatamos acima, de uma alternância de estratégia que passa ora por um investimento subjetivo, ora objetivo. Assim, através da primeira pessoa, o Locutor marca seu investimento pessoal enquanto enunciador e mostra sua proposição com clareza, enquanto através da terceira pessoa ele se desinveste e se apaga, ou seja, não se mostra. O mesmo pudemos constatar em relação à enunciação do jornalista do *blog* B, porém, com uma pequena margem que prioriza as modalidades delocutivas, o que também marca uma alternância de estratégias proporcionadas pela construção de uma Opinião que varia entre a razão e a emoção, sem se esquecer ainda da interação.

Já o Locutor-jornalista do *blog* C se desinveste de sua afetividade e subjetividade explícita ao dar preferência por construir sua enunciação com base nas modalidades delocutivas, o que caracteriza um discurso voltado quase que inteiramente para a impessoalidade e objetividade, eximindo-se de qualquer eventual responsabilidade de seus dizeres.

Essa constatação acima nos permite observar que o Locutor se serve desses comportamentos enunciativos para construir uma certa imagem de si (*ethos*). Com efeito, as modalidades elocutivas o apresentam como um ser de convicções íntimas, de afetos e de posicionamentos subjetivos claros. Já as modalidades delocutivas o apresentam como um ser de razão, fundamentado em dados e, portanto, racional.

CAPÍTULO 3 O QUADRO INTERACIONAL

O capítulo que segue trata da descrição da interação entre os locutores: jornalista/comunidade de locutores; locutor/jornalista e locutor/locutor. Nossa proposta de análise desse quadro interacional é dividida em três categorias: funcionamento interacional, utilizando o esquema das interações discordantes e concordantes; formas de tratamento interacionais e expressivas, em que é apresentada, respectivamente, a maneira que o locutor-leitor interage e o modo como ele se expressa verbalmente pela escrita com o jornalista e outros interlocutores; e o anonimato desses locutores-leitores, analisando até que ponto a ocultação de sua identidade interfere no modo de interagir no *blog*.

Vale ressaltar, entretanto, que a constatação do *ethos* do jornalista se dará somente com base nas enunciações do próprio jornalista, porém, as réplicas dos locutores-leitores dos *blogs* contribuirão para a avaliação do *ethos* do jornalista quando analisarmos as tréplicas, isto é, as respostas e reações do jornalista aos comentários de seus leitores, uma vez que são fundamentais para a dinâmica interativa dos *blogs*.

3.1 FUNCIONAMENTO INTERACIONAL

Nesse sentido, com o propósito de investigar a regularidade das intervenções que estão em acordo ou desacordo com os jornalistas, decidimos exemplificá-las dentro do contexto interacional dos *blogs*. Desse modo, nosso objetivo é avaliar essas intervenções de uma maneira mais geral, juntando essas informações com as formas de tratamento e a identidade/anonimato dos interlocutores, para, assim, chegar a uma conclusão acerca da contribuição desse quadro interacional para uma análise maior dos jornalistas.

Para demonstrar o funcionamento interacional dos *blogs*, optamos por inverter a ordem dos recados dos comentadores, haja vista que no *blog* ela é mostrada em ordem decrescente, ou seja, o último a escrever é o primeiro recado a aparecer logo abaixo do *post* do jornalista. Portanto, respeitando o critério de ordem cronológica das intervenções, identificamos cada

Locutor⁶² por uma letra maiúscula em ordem alfabética, porém, vale lembrar, que essa ordem é considerada pela data da postagem, com o intuito de facilitar a compreensão da dinâmica das relações dialogais do *blog*.

Portanto, a primeira etapa é dividir as intervenções dos leitores em concordantes e discordantes (APÊNDICE I). E ainda, no interior de cada uma dessas intervenções, subdividi-las em concordância parcial/total ou discordância parcial/total, a fim de permitir uma primeira visão da dinâmica global das interações no *blog*.

Tendo em vista as interações ocorridas nos *blogs*, optamos por explicar seu funcionamento a partir de fragmentos dos textos dos Locutores-leitores. Assim, no que tange à interação em cada *blog* estudado, temos:

Blog A

A interação analisada desse *blog* ocorre a partir do *post* do jornalista Mino Carta, no dia 02 de dezembro de 2008. Iniciam-se então inúmeras intervenções a favor e contra o comentário do jornalista (APÊNDICE Ia). A fim de descrever a dinâmica interacional desse *blog*, destacaremos alguns exemplos de fragmentos dos textos dos Locutores-leitores, dando ênfase às interações que ocorrem entre eles próprios, bem como as respostas emitidas pelo Locutor-jornalista ao participar da interação proporcionada em seu *blog*.

Selecionamos, portanto, 20 intervenções (APÊNDICE IIIa) geradas a partir do momento em que o jornalista postou seu comentário, incluindo sua própria tréplica construída em forma de um novo *post*, com o objetivo de responder diretamente a um de seus interlocutores. Essas intervenções compreendem um intervalo de tempo que varia do dia 02 de dezembro de 2008, data da primeira postagem de um interlocutor a partir do *post* do jornalista, ao dia 08 de dezembro de 2008, data referente ao último recado postado sobre esse assunto.

62 Apesar de os recados serem construídos pelos leitores dos blogs, isto é, os interlocutores do Locutor Mino Carta, não os denominaremos dessa forma, visto que a partir do momento que os leitores assumem uma voz dentro do blog, os consideramos também Locutores. Portanto, para não confundir esses locutores com o locutor jornalista do blog, que é quem gera o post para o debate, denominaremos o jornalista também de Locutor, sem nenhuma identificação por letra, ou representado por Locutor-jornalista.

Seguindo a ordem cronológica dos recados citada acima, o primeiro recado do leitor, denominado de Locutor A, revela-se em total concordância com o comentário emitido pelo jornalista, como podemos observar no trecho abaixo:

Locutor A: *Mino Concordo em número, gênero e grau. o governo Lula é muito melhor que o governo FHC. (postado às 14h20min do dia 02 de dezembro de 2008)*

Como podemos perceber, o recado acima interage com o Locutor-jornalista, assim como, por exemplo, o Locutor G. Porém, diferentemente do Locutor A, ele interage discordando totalmente do jornalista:

Locutor G: *Para surpresa e decepção de muitos, não há como negar que o Serra está à esquerda de Lula. E nem um pasticha da tese bobbianana, como este servido pelo dono do blog, pode servir para desmentir isso. (postado às 15h31min do dia 02 de dezembro de 2008)*

Seguindo a dinâmica das interações, encontra-se o Locutor E, que também discorda do Locutor-jornalista, entretanto, em sua parcialidade.

Locutor E: *Não me considero uma pessoa tão exigente com o governo Lula. Mas vejo que os caminhos foram outros: José Dirceu, depois de tudo, com poder na Polícia Federal, Daniel Dantas, Gilmar Mendes e tantos outros que nos dão motivo de sobra para tanta vergonha, aliados de Lula, pessoa que tanto sonhei no Poder. (postado às 15h01min do dia 02 de dezembro de 2008)*

E ainda, há o Locutor J, que concorda parcialmente com o jornalista, como demonstra o seu comentário:

Locutor J: *Mino, concordo com você sobre o perfil do Lula, por isto, não voto no rapaz mais.* (postado às 19h41min do dia 02 de dezembro de 2008)

Podemos notar que as intervenções relatadas acima pertencem a uma interação do Locutor J com o Locutor-jornalista a partir do *post* deixado por ele em seu *blog*. Todavia, esse mesmo *post* que gerou essas intervenções, provoca interações paralelas entre os próprios interlocutores, ou seja, entre esses Locutores-leitores, como é o caso do Locutor R. Esse Locutor interage agora não com o jornalista, mas com o Locutor Q – cuja identidade é *Galvão* – em relação aos dizeres do locutor P, denominado de *Osni*, como podemos compreender melhor por meio dos exemplos abaixo:

Locutor P: *Mesmo o Lula sindicalista já era um conciliador. Há mais de lenda e fantasia no Lula guerreiro, lutador, radical, do que verdade histórica. O Lula não quis sequer ser sindicalista, o foi por insistência dos metalúrgicos e do seu irmão, Frei Chico, este sim comunista convicto, do partido. O Lula não gostava de política, mas soube aproveitar a oportunidade quando se elegeu pres. do sindicato dos metalúrgicos; tomou gosto pela coisa e não saiu mais. Politicamente, o líder combativo era um conciliador, um negociador. Para a platéia (companheiros) desafiava os patrões, mas nos bastidores negociava. É fato, está na história. Como fundador do partido, foi "usado" pela esquerda guerilheira, que precisava de alguém como ele para chegar ao poder. O Lula realmente nunca foi de esquerda. Tem muito medo de contrariar a minoria branca e poderosa do Brasil, sempre teve. É e foi amigo dos tucanos, FHC, Serra..., fizeram várias campanhas juntos durante as Diretas-já. A briga entre tucanos e petistas só existe na militância, já nos bastidores eles se entendem. Não duvido que o Serra seja o candidato do Lula para 2010. Nunca vi o governador atacar o Lula e a recíproca é verdadeira.* (postado às 22h33min do dia 03 de dezembro de 2008)

Locutor Q: *Parece que o comentarista osni, baixou aqui num ovni. (postado às 16h22min do dia 04 de dezembro de 2008)*

Locutor R: *Galvão, É que eles, depois da mãozinha _ não sei explicar por que - do Mino, devem se achar em tamanho estado de êxtase, que agora pregam aos quatro ventos a tal proximidade entre Lula e Serra como a descoberta da maior das verdades!! (postado às 22h32min do dia 04 de dezembro de 2008)*

Entretanto, não é o Locutor Q que responde ao comentário acima e sim o próprio jornalista Mino Carta, uma vez que sente necessidade de defesa e esclarecimentos a seus interlocutores, devido às reações de indignação geradas por parte deles.

Locutor-jornalista: *Não dei mãozinha alguma a quem quer que seja ao revelar que Lula simpatiza com Serra. Não disse que apoiaria sua candidatura, mesmo porque não tenho qualquer informação a respeito e, sublinho, não acredito na possibilidade. Do apoio, está claro. Não perca de vista, meu caro Edison, que Serra e Lula já estiveram mais próximos em outros tempos e que têm muitos amigos em comum. (postado às 13h16min do dia 08 de dezembro de 2008)*

Observando a data e horário das intervenções, verificamos que o Locutor-jornalista intervém na interação após quatro dias do último recado postado, o que não impediu o Locutor R de voltar ao jogo e rebater a tréplica construída pelo jornalista. Porém, ameniza sua acusação aparentando concordar totalmente com seus dizeres, acarretando em mais um desmembramento da interação, ou seja, a construção de outra intervenção por parte do Locutor R, representado agora por R2:

Locutor R2: *Prezado Mino, Eu também não acredito na possibilidade....., nem em pensamento. Pois diante da falta desse referencial à esquerda, que é o Operário, poderíamos muito bem mergulharmos num vácuo de desesperança com tudo*

de pior que isto poderia nos trazer. Portanto preservemos o Metalúrgico, porque se o desconstruirmos - como a Mídia faz sistematicamente com várias lideranças do PT - "sabe Deus o que nos espera depois"!! (postado às 19h05min do dia 08 de dezembro de 2008)

Tendo como base alguns exemplos do funcionamento da dinâmica interacional dos *blogs*, optamos por sintetizar este subitem através da representação de esquemas, como podemos verificar mais adiante.

Síntese

Como observado, o funcionamento das interações selecionadas do *blog A* conta com 20 intervenções. Dessas 20, 19 são dos interlocutores e uma do jornalista, representada pela construção de sua intervenção em forma de tréplica. Essa dinâmica interacional provocou a construção de diversos pontos de vista, que perpassaram pelo acordo ao desacordo do leitor em face do autor do *blog*.

Porém, para a investigação das intervenções concordantes e discordantes, consideramos apenas as dos interlocutores do *blog*. Portanto, em 19 intervenções, notamos que apenas 3 Locutores concordam parcialmente e 9 concordam totalmente com o jornalista. Em se tratando das intervenções discordantes, permanece a seguinte proporção: das 7 intervenções restantes, somente 1 discorda parcialmente do jornalista, enquanto 6 discordam totalmente. Além das intervenções dos interlocutores, como dito anteriormente, há a tréplica do próprio jornalista em relação à réplica do Locutor R, o que não entra, obviamente, na contagem das intervenções contra ou a favor do jornalista, embora não deixe de ser uma maneira de o jornalista interagir mais de perto com seus leitores.

Quer dizer, o *blog A* compreende um total de 12 intervenções concordantes e 7 intervenções discordantes no que tange ao comentário realizado por Mino Carta. A fim de facilitar a compreensão do funcionamento das interações do *blog A*, construímos o seguinte esquema⁶³ representativo das interações a favor e contra o jornalista:

63 As letras representadas no esquema referem-se a cada uma das intervenções dos leitores.

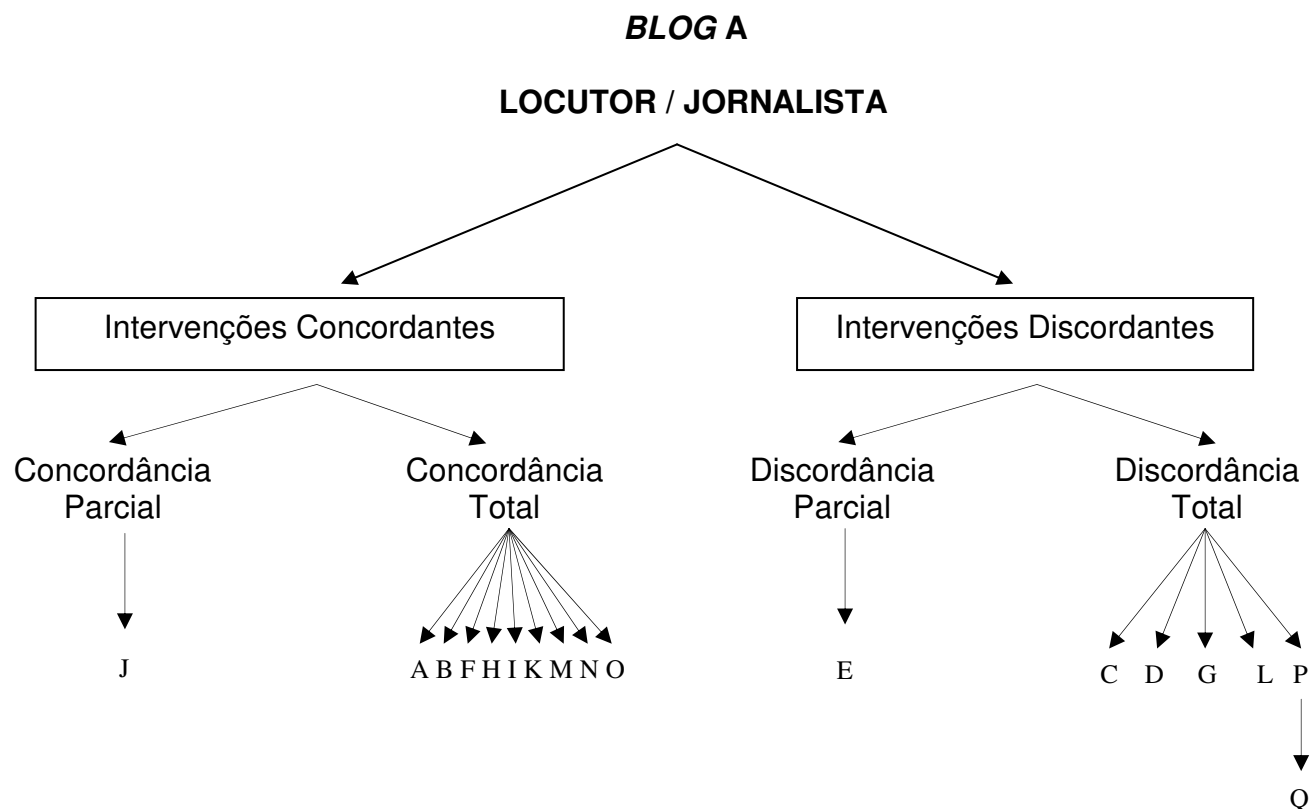
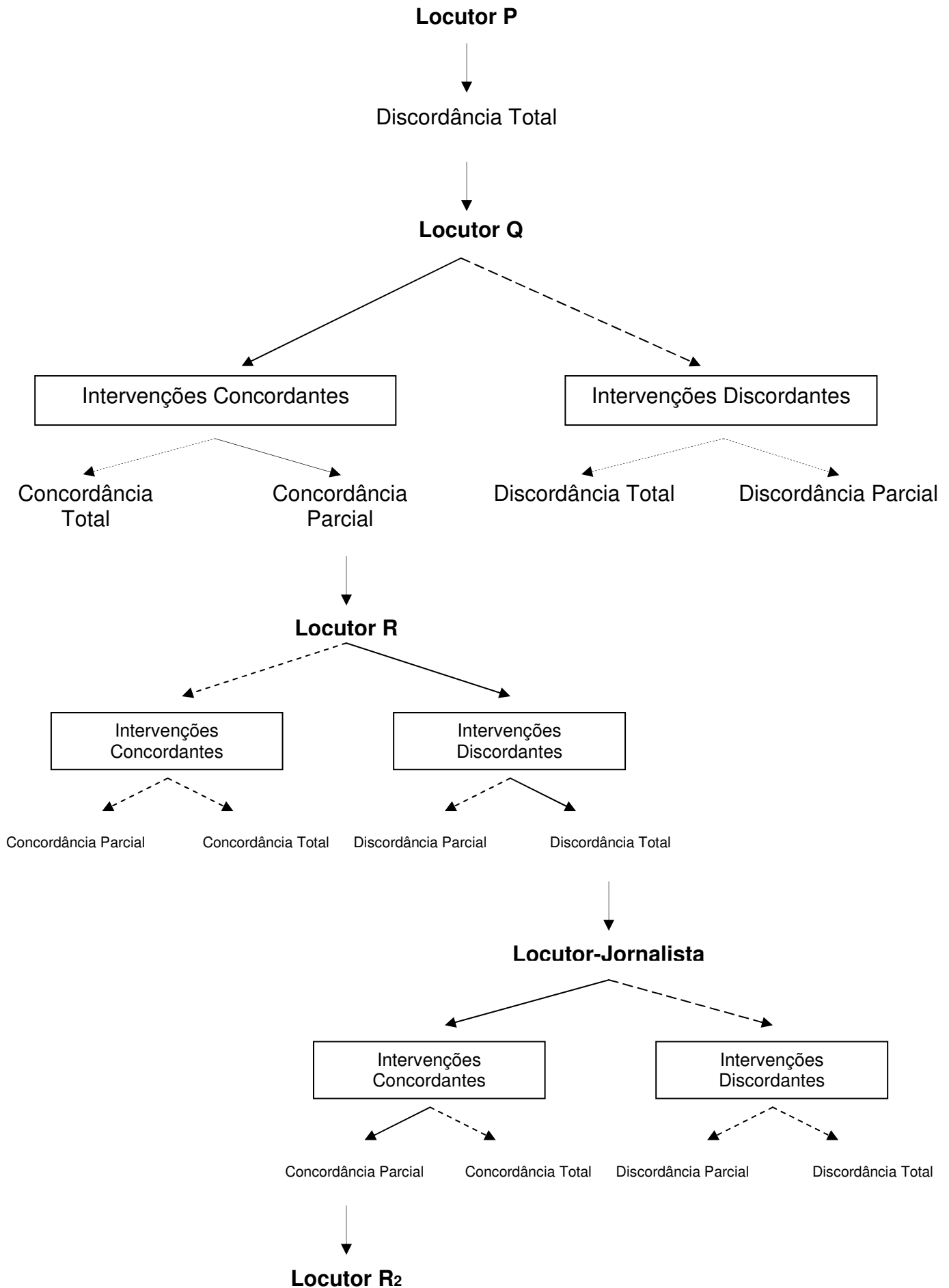


Ilustração 2 - Interações concordantes e discordantes do *Blog A* (Fonte: elaborada pela autora)

Entretanto, como exemplificado acima, além da relação jornalista/locutor, há também uma interação protagonizada pelos próprios locutores, como citamos o caso do Locutor Q ao interagir com o Locutor P, bem como a tréplica do Locutor R2 em relação à réplica do Locutor-jornalista. Nesse sentido, podemos representar a continuação do esquema da dinâmica do *blog*, a partir da intervenção do Locutor P, da seguinte forma:

Ilustração 3 - Interações concordantes e discordantes das réplicas e trélicas do *Blog A* (Fonte: elaborada pela autora)



Blog B

Em relação ao *blog B*, selecionamos 19 comentários (APÊNDICE IIIb) dos leitores entre às 20h10min do dia 12 de dezembro, às 17h03min do dia 13 de dezembro, seguindo o mesmo esquema referente ao *blog A*, no qual dividimos as intervenções concordantes das discordantes (APÊNDICE Ib).

Nesse sentido, notamos que há uma regularidade no *blog B*, uma vez que das 19 intervenções analisadas, 18 estão em total concordância com o jornalista, sendo apenas 1 discordância, porém, em sua parcialidade. No fragmento abaixo, podemos observar um dos vários exemplos acerca de uma intervenção em total acordo com as ideias do jornalista, visto que o jornalista é notoriamente autodeclarado como antipetista:

Locutor F: *Mas olha que bicha safada! Não é que ela “expropriou” o Bolsa Familia do FHC?! PÔ, mas essa dona não deixa NADA? Onde passa, leva alguma coisa? hahahahaha Sabe como é, a força do hábito, Rei.* (postado às 10h17min do dia 12 de dezembro de 2008)

Entretanto, assim como no *blog A*, o *blog B* possui uma interação entre os próprios interlocutores, isto é, paralelamente à interação locutor/jornalista. É o que ocorre com o locutor P, que produz um comentário a partir da enunciação construída pelo locutor H – identificado por *Bazzarov* – e voltado diretamente para ele:

Locutor H: *DILMA VANA ROUSSEFF LINHARES
Terrorista, homicida e assaltante
01/08/68 – assalto ao banco Mercantil de São Paulo
06/10/68 – assalto ao Banespa; 12/10/68 – planejamento do assassinato do Cap. Charles Chandler; 11/12/68 – assalto a uma casa de armas (48 armas roubadas); 24/01/69 – assalto ao 4º RI, Quitaúna, SP (63 fuzis e munições); 19/07/69 – assalto à casa do governador Ademar de Barros; 20/09/69 – assalto ao quartel da Força Pública....* (postado às 10h36min do dia 12 de dezembro de 2008)

Locutor P: *[Bazzarov][10:36 PM] Aquela relação é a que consta somente na primeira pagina do curriculum! Faltam outras páginas - que espero apareçam. Mas, mesmo esta, já seria suficiente para prisão perpétua.....* (postado às 10h41min do dia 13 de dezembro de 2008)

Os exemplos acima fazem parte do grande grupo que estão em total acordo com o Locutor-jornalista, ou seja, os que são contra o Partido dos Trabalhadores e de todos os membros que dele fazem parte. Já a seguinte intervenção representa a única concordância que difere em seu teor das outras, haja vista que em algum momento o Locutor R revela uma insatisfação em relação à conduta do jornalista em censurar seu recado:

Locutor R: *Acho que discutir idéias sem partidariá-las eleva o debate político. Você tem todo direito de me censurar, mas escrevo novamente caso não tenha me expressado bem.* (postado às 02h34min do dia 13 de dezembro de 2008)

Síntese

De acordo com o *blog* B, pudemos observar que a grande maioria - quase sua totalidade - dos leitores selecionados concorda totalmente com o jornalista Reinaldo Azevedo. Ou seja, das 19 intervenções analisadas, 18 concordam totalmente com o jornalista e uma discorda parcialmente do mesmo, como demonstrado no esquema logo a seguir, que apresenta um resumo do funcionamento das interações.

Uma das prováveis explicações para que isso ocorra é a política de seleção adotada⁶⁴ e exposta de maneira explícita pelo próprio jornalista para “mostrar” em seu *blog* somente os comentários dos leitores que estiverem na mesma linha de pensamento que o seu. Ou seja, quando há comentários que vão de encontro ao seu ou que porventura elogiem o atual presidente Lula ou o governo PT, o jornalista não “publica”, criando, assim, uma comunidade

64 “Continuo um democrata como sempre, ora essa. Por isso, petralha aqui só entra por engano. Divergir pode. Petralhar não pode. A razão é simples: petralha, quando não tenta roubar a nossa carteira, tenta roubar a nossa decência. Petralha vem cobrar democracia aqui para defender ditaduras mundo afora e, claro, sonhar com uma ditadura petista no Brasil. O dever de uma democrata é lhes chutar o traseiro. E eu chuto.” Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/po-petralhas-nao-me-entendam-mal-foi-sem-querer/>> Acesso em: 3 jun. 2010.

fechada, em que só aparecem os que não comprometem a sua ideologia partidária. Esse procedimento, quando existe, diminui substancialmente o grau de interatividade do *blog* e aumenta a sua monolotividade, já que dá à instância de produção o poder quase total sobre o seu funcionamento.

Talvez esse seja o motivo da ausência de algum tipo de interferência do próprio jornalista às intervenções de seus leitores, uma vez que é o próprio quem coordena, de fato, as interações. Quer dizer, nesse caso não há a necessidade de defesa ou explicações por parte do jornalista para prestar conta a seus leitores, já que os comentários escolhidos por ele para comporem sua comunidade são majoritariamente a seu favor.

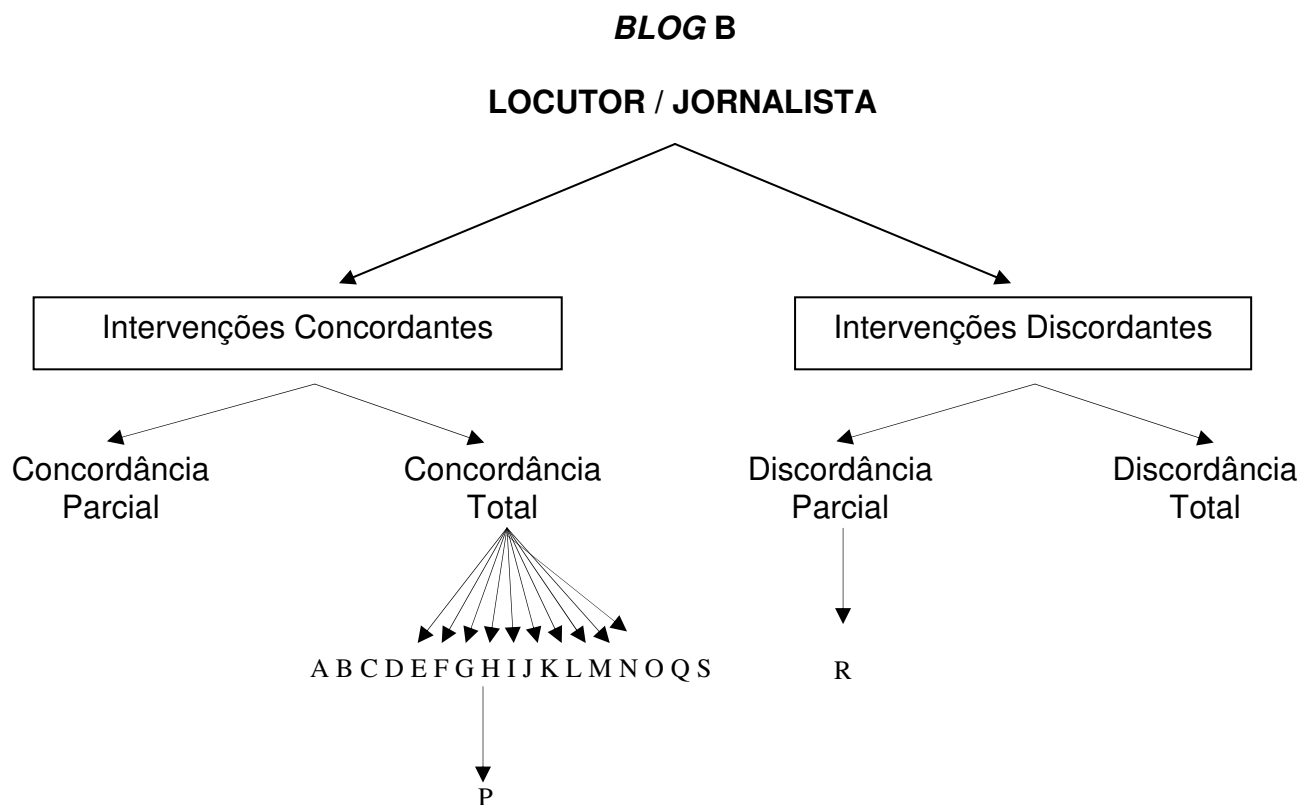


Ilustração 4 - Interações concordantes e discordantes do *Blog B* (Fonte: elaborada pela autora)

Blog C

Por outro lado, o funcionamento das interações dos leitores selecionados do *blog C* (APÊNDICE IIIc) – compreendidas entre às 10h47min do dia 01 de outubro de 2008, às 14h52min do dia 02 de outubro de 2008 – se difere bastante do *blog B* e se aproxima mais do

blog A no que concerne a um equilíbrio das intervenções contra e a favor do jornalista (APÊNDICE Ic).

Desse modo, o primeiro leitor a se manifestar no *blog* do jornalista Luís Nassif foi denominado de Locutor A. Em sua intervenção, o Locutor se coloca, em um primeiro instante, a favor de José Serra, porém, mais adiante ele afirma que o Serra tem como aliado Roberto Civita – até então presidente da *Editora Abril* – no qual ele o identifica como o “dono do bueiro”, alegando ser um ponto negativo para a candidatura de Serra. Por essa razão, o teor de seu comentário muda de figura, o que nos leva a considerá-lo em discordância com o do jornalista, contudo, em nível parcial:

Locutor A: *Sempre tive uma excelente avaliação do Serra e uma igualmente excelente expectativa do que ele poderia fazer quando chegasse à Presidência da República. [...] Mas, Nassif, o que acontecerá o dia que tivermos no poder alguém que tem como aliado preferencial o dono do bueiro? Já pensou nisso? O bueiro e a quadrilha que o acompanha vão se tornar modelo para a imprensa nativa? Cruz Credo!!!* (postado às 10h31min do dia 1 de outubro de 2008)

Em menos de 20 minutos da postagem do recado acima, o jornalista entra no jogo da interação e retruca o comentário do Locutor A, respondendo assim seu questionamento:

Locutor-jornalista: *Roberto Civita se tornará o sujeito mais poderoso do país.* (postado às 10h47min do dia 1 de outubro de 2008)

Dando continuidade à interação proporcionada nesse *blog*, o Locutor C – identificado por *Flávio* – posta seu recado revelando estar em discordância total com os comentários de Nassif, em especial, contra as afirmações positivas acerca de José Serra:

Locutor C: *Serra não tem "um projeto de desenvolvimento". Tem um projeto de Presidencia. [...] Já a Dilma tem ideias e pessoas com mentalidades mais arejadas. É a turma do Sec. XXI.*

Aposto na Dilma. Evidente!!! (postado às 11h20min do dia 1 de outubro de 2008)

Contudo, tendo em vista o comentário acima, o locutor N, às 19h30min do mesmo dia, intervém na interação a fim de demonstrar sua total concordância com o Locutor C, o que, conseqüentemente, significa, para eles, discordar também do jornalista:

Locutor N: *Flavio, matou a pau em seu comentário: "Serra não tem um "projeto de desenvolvimento". Tem um projeto de Presidencia."* (postado às 19h30min do dia 1 de outubro de 2008)

Apesar de possuírem pontos de vista contrários dos Locutores acima, o Locutor E também está em total desacordo com Nassif:

Locutor E: *Nassif, acho que estás superestimando o cacife do Serra. Fora de SPaulo ninguém conhece o Serra, até porque ele não quer que o conheçam, é blindado pela mídia para o Brasil não saber como ele é "fraquinho". [...] Pelo visto não sou só eu que penso assim, pelos comentários publicados tu tá igual o futsal do Japão, perdendo de 12X1.* (postado às 12h13min do dia 1 de outubro de 2008)

Em contrapartida, diferentemente ao Locutor E, e apenas 10 minutos após sua postagem, o Locutor F demonstra abertamente sua total concordância com o jornalista, principalmente com a última frase dita por ele:

Locutor F: *Concordo, Nassif, qualquer um dos dois candidatos desempenharia um bom papel, sob a ótica da "eliti crasse média" deste país.* (postado às 12h22min do dia 1 de outubro de 2008)

Já o Locutor R introduz um questionamento direcionado ao jornalista, com o intuito de demonstrar sua total discordância com o mesmo:

Locutor R: *bem servido com serra? não brinca. para de brincar de inocente. serra o golpista da mídia. tem alguém mal informado. nassif, não decepciona!* (postado às 12h47min do dia 02 de outubro de 2008)

No entanto, em menos de meia hora o Locutor-jornalista intervém na réplica do locutor R – identificado por Francisco – e constrói mais uma vez seu comentário em uma espécie de tréplica da interação:

Locutor-jornalista: Francisco: *não patrulhe.* (postado às 13h15min do dia 02 de outubro de 2008)

Contudo, o Locutor R, agora denominado R2, dá continuidade ao jogo da interação e responde mais uma vez ao Locutor-jornalista:

Locutor R2: *ô querido, não é patrulha. ignorar os fatos sobre josé serra e comentar apenas o discurso de serra é má informação. as ligações de serra com a mídia esgotada. íntimas. serra concorre em são paulo com tres candidatos: kassab, ciro moura e a incrível soninha [...]* (postado às 14h52min do dia 02 de outubro de 2008)

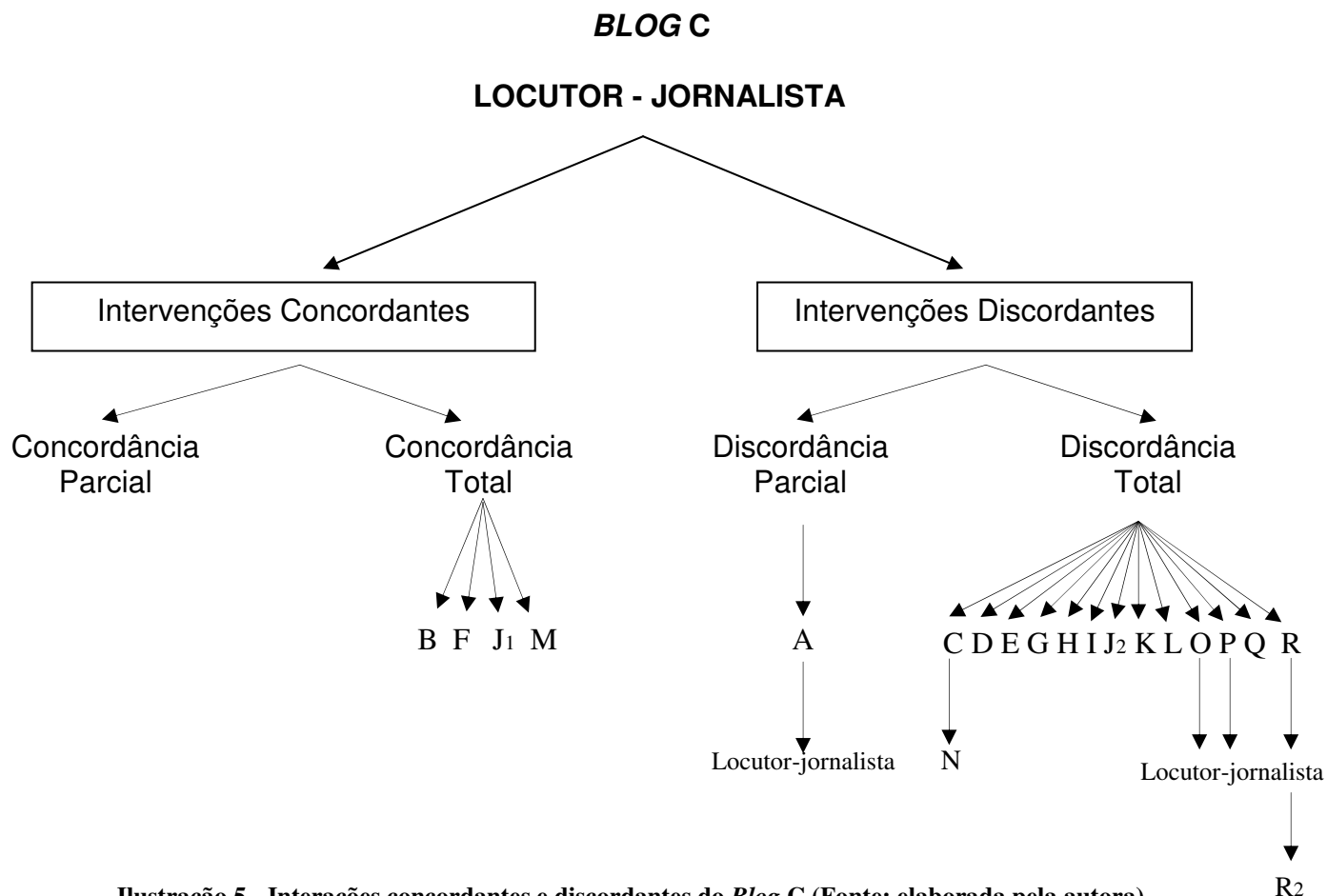
Síntese

Em relação ao *blog* C, observamos que há uma grande maioria de comentários discordando totalmente das análises reproduzidas por Nassif, principalmente no que concerne aos elogios referidos ao Serra.

Desse modo, em 20 intervenções de leitores do *blog* C, 4 locutores concordam em sua totalidade com o jornalista. Já no campo das intervenções discordantes, observamos um grande número compreendido pela discordância total, isto é, 15 locutores que não concordam em momento algum com Luís Nassif, sendo apenas um em sua parcialidade.

Portanto, a divisão geral das intervenções conta com 4 concordâncias de um lado e, por outro, a grande maioria. Assim como o jornalista do *blog* A participa da interação proporcionada em

seu *blog*, o jornalista do *blog C* também interfere nas respostas de alguns locutores, como podemos verificar em quatro momentos da interação, representado pelo esquema abaixo:



3.2 FORMAS DE TRATAMENTO INTERACIONAIS E EXPRESSIVAS

Nesta etapa, caracterizaremos as formas de tratamento dos interlocutores dos *blogs*. Observamos que o interlocutor, ao assumir a função de locutor, pode selecionar ou não seu interlocutor, dirigindo-se diretamente, ou indiretamente, a um deles, de duas maneiras: direcionando seu recado para um interlocutor específico, interagindo diretamente com ele, como se ele estivesse presente no momento da enunciação - tal marcação se dá através do vocativo; ou referindo-se à intervenção de um locutor do *blog* através de formas linguísticas da 3ª pessoa. A esses modos de endereçamento nós chamamos de *formas de tratamento interacionais*.

De modo diferente, o interlocutor pode se referir a um outro interlocutor ou a um objeto externo (um político, uma situação externa ao *blog*) através de um comentário qualificante ou

desqualificante (positivo ou negativo) da intervenção do outro, optando por formas mais polidas, como o *elogio*, ou mais agressivas, como a *crítica* e a *difamação*, caracterizando, assim, um estilo de escrita subjetiva e intersubjetiva, o que nos levou a classificá-las como *formas de tratamento expressivas*.

1º) Formas de tratamento interacionais:

- positiva (amigável)
- negativa (irônica, desqualificante)

2º) Formas de tratamento expressivas:

- positiva (qualificante, elogiosa)
- negativa (desqualificante, crítica, irônica)

Tendo em vista a interação realizada nos *blogs*, construímos um quadro (APÊNDICE II), no qual listamos os principais aspectos representativos encontrados nas duas classificações: formas de tratamento interacionais e expressivas. No que tange à descrição desse quadro, chegamos às seguintes considerações:

Blog A

No que se refere ao *blog A*, pudemos notar que nas 20 intervenções selecionadas (19 dos interlocutores e 1 do próprio jornalista), os locutores interagem diretamente com outros interlocutores de maneira positiva na grande maioria das vezes, tratando-os pelo nome e de maneira educada, como na intervenção do Locutor R2:

Prezado Mino, Eu também não acredito na possibilidade.

Encontramos um total de 7 locutores que não direcionaram sua enunciação a um outro interlocutor específico, ou seja, não faz uso de nenhuma forma de tratamento para chamar o outro, indo direto ao assunto, o que nos levou a considerar essa forma como neutra nos quesitos positivo e negativo.

A fim de ilustração, podemos verificar o quadro com alguns exemplos das formas de tratamento interacionais do *blog A*, lembrando que o quadro completo encontra-se anexado (APÊNDICE IIa):

Tabela 15 - Exemplos Formas de tratamentos interacionais - Blog A

Interlocutores do Blog A	Formas de tratamento interacionais	Positiva	Negativa
Locutor A	Mino Concordo em número, gênero e grau.	X	
Locutor B	Mino , Suas análises a respeito do PT são brilhantes.	X	
Locutor L	Esse papo que a fonte é boa, mas não posso citar, o iguala com todos os demais jornalistas.		X

Fonte: elaborada pela autora

Em se tratando das formas de tratamento expressivas (APÊNDICE IIa), notamos também uma predominância da forma positiva de acordo com a maneira que o interlocutor constrói sua enunciação. Ou seja, os interlocutores do *blog A* privilegiam o modo de escrever com base na polidez, como é o caso do Locutor H:

O quinto item enriquece a história e as últimas orações são perfeitas.

Porém, há, em menor quantidade, os locutores que se expressam de maneira agressiva, depreciando, de algum modo o outro. Isto é, o locutor faz uso, em pelo menos um momento, da ironia ou de palavras chulas ao descrever um interlocutor do *blog* ou, de maneira externa, um político ou uma dada situação. Por exemplo, na intervenção do Locutor G quando cita o jornalista Mino Carta:

E nem um pasticha da tese bobbiana, como este servido pelo dono do blog, pode servir para desmentir isso.

E na seguinte, do Locutor L, ao se referir igualmente ao Locutor-jornalista:

Esse papo que a fonte é boa, mas não posso citar, o iguala com todos os demais jornalistas.

Vale lembrar que, embora a maneira de expressar do Locutor seja classificada como negativa, tal atitude não se revela apenas quando o Locutor não está de acordo com a opinião do jornalista, mas também quando está do lado dele e contra as ideias de um determinado político, como no caso do Locutor A, que afirma concordar com o locutor-jornalista, porém, não poupa palavras deselegantes à conduta ou ao tipo físico dos políticos. Por exemplo, ao citar:

Daniel Dantas, o banqueiro orelhudo.

Como podemos verificar também os seguintes fragmentos dos textos de determinados locutores-leitores:

Tabela 16 – Exemplos Formas de tratamento expressivas - Blog A

Interlocutores do Blog A	Forma de tratamento expressiva	Positiva	Negativa
Locutor H	O quinto item enriquece a história e as últimas orações são perfeitas.	X	
Locutor L	Sinceramente lendo o que disse, senti aquele característico enjôo de estômago que sentia no tempo em que lia a "Folha" e assistia o JN.		X
Locutor M	Concordo totalmente com cada linha deste texto!	X	
Locutor Q	Parece que o comentarista osni, baixou aqui num ovni.		X

Fonte: elaborada pela autora

Mas cabe aqui uma ressalva sobre a política adotada pelo *blog* de Mino: ele deixa claro que todos os comentários são moderados, além de uma lista⁶⁵ de proibições, mostrada por meio de um *link* em seu *blog*, relatando os itens que não serão aceitos para publicação, como, por exemplo, os que:

⁶⁵ Disponível em: <<http://blogdomino.blog.ig.com.br/>> Acesso em: 02 abril 2010.

- contêm insultos, baixarias, ofensas ou agressões;
- configurem crime;
- reproduzam na íntegra notícias de outros meios de comunicação;
- estejam repetidos em diferentes *posts*;
- sugiram quaisquer *links*;
- tenham informações pessoais ou de terceiros (como endereço eletrônico ou telefone);
- Pede-se também que os comentários não sejam usados para conversas pessoais ou estranhas ao *blog*.

Portanto, as observações mostradas acima podem evidenciar o porquê de um número relativamente pequeno de formas de tratamentos expressivas negativas, embora essa política não exclua as opiniões dos interlocutores discordantes, o que revela, apesar da seleção dos recados, uma certa democracia existente no *blog A*.

Blog B

Em relação ao *blog B*, observamos, em um total de 19 intervenções (APÊNDICE IIB), pertencentes a 19 Locutores diferentes, uma característica não encontrada no *blog A*. Dessas 19 intervenções acerca das formas de tratamento interacionais, verificamos que não há nenhuma forma negativa no que concerne ao tratamento direto com o Locutor-jornalista ou com outros interlocutores. Porém, há 8 formas positivas, a grande maioria direcionada ao jornalista, como, por exemplo, o pedido do Locutor C:

Dá traço, Reinaldão!

E ainda, como podemos observar nos exemplos a seguir:

Tabela 17 – Exemplos Formas de tratamento interacionais – *Blog B*

Interlocutores do <i>Blog B</i>	Formas de tratamento interacionais	Positiva	Negativa
<i>Blog J</i>	Rei, autoritária como a Dilma é, você não acha que ela vai acabar metendo os pés pelas mãos já já?	X	

<i>Blog Q</i>	Rei sem querer fazer ofensa pessoal à Dilma, que afinal seus filhos merecem nosso respeito.	X	
<i>Blog R</i>	Reinaldo, [...]Você tem todo direito de me censurar, mas escrevo novamente caso não tenha me expressado bem.	X	

Fonte: elaborada pela autora

Em relação aos que não interagiram interpelando de forma direta o interlocutor, foi observado um número de 11 intervenções.

Em contrapartida, no que diz respeito ao tratamento expressivo, observamos que todas as 19 intervenções (APÊNDICE IIb), fazem uso, em algum momento, em sua maneira de expressar, de palavrões, insultos ou expressões grosseiras, direcionadas principalmente à Dilma e ao Lula, bem como ao PT de uma maneira geral, como, por exemplo:

Tabela 18 – Exemplos Formas de tratamento expressivas - *Blog B*

Interlocutores do <i>Blog B</i>	Forma de tratamento expressiva	Positiva	Negativa
<i>Blog A</i>	Guerrilheira terrorista!		X
<i>Blog B</i>	Esse PT é pura tolice!!! Gente mal caráter!!!		X
<i>Blog E</i>	É claro que ela passa de ano...de 2008 pra 2009 e assim por diante!!!!K K K K!!O “apedeuta ” tmb não passou???		X
<i>Blog F</i>	Mas olha que bicha safada!		X
<i>Blog H</i>	Terrorista, homicida e assaltante.		X
<i>Blog I</i>	Como é que a gente faz pra se ver livre dos “petralhas”?		X

<i>Blog L</i>	Que mulher brega, chata, pedante, cafona e insuportável, mas, faz coro com a chatura das mulheres do PT, que raça mais insuportável. [...]Que pena que essas mulheres petistas são tão retardadas.		X
<i>Blog N</i>	Ele é um boçal, ignorante, um palanqueiro metido a estadista, mas cretino, não é.		X
<i>Blog O</i>	O que se pode esperar de uma Senhora que com vinte anos (e em menos de um ano) praticou seis assaltos a mão armada (com a finalidade de roubar) e participou do planejamento de assassinato?		X
<i>Blog Q</i>	Com este discurso rastaquera, o que será que ela tem para oferecer ao Brasil, além de maus exemplos?		X
<i>Blog S</i>	Dilma levar pau, só pode ser mesmo em redação pq no outro particular, nem com Viagra.		X

Fonte: elaborada pela autora

Do mesmo modo que existe uma política aplicada pelo *blog A*, o *blog B* também recorre a sua, como citado anteriormente. Porém, a diferença entre uma e outra fica no plano da expressão da opinião, uma vez que no *blog* de Reinaldo Azevedo não é permitido, mesmo de maneira polida, discordar do jornalista.

Blog C

Em se tratando das formas de tratamento interacional (APÊNDICE IIc) do *blog C*, temos um total de 24 intervenções, dentre elas 20 construídas pelos interlocutores e 4 pelo próprio Locutor-jornalista. Sendo assim, houve uma distribuição relativamente equilibrada entre as formas positivas (9 intervenções), negativas (8 intervenções) e os que não interagiram diretamente com um terceiro (7 intervenções). Vejamos abaixo:

Tabela 19 – Exemplos Formas de tratamento interacionais - Blog C

Interlocutores do Blog C	Formas de tratamento interacionais	Positiva	Negativa
<i>Blog E</i>	Nassif, acho que estás superestimando o cacife do Serra [...] Pelo visto não sou só eu que penso assim, pelos comentários publicados tu tá igual o futsal do Japão, perdendo de 12X1.		X
<i>Blog I</i>	Nassif, Lendo os comentários acima animei-me em questionar a boa avaliação que voce volta e meia faz do Serra.	X	
<i>Blog P</i>	Antes do senhor responder com sua prepotência peculiar, olhe as previsões na última pesquisa para prefeitura de Salvador.		X
Locutor/jornalista	Limpa o nariz, Ranhildo.		X

Fonte: elaborada pela autora

Já em relação às formas de tratamento expressivas (APÊNDICE IIc), verificamos que a maior parte dos interlocutores prioriza uma maneira mais depreciativa ao falar de um terceiro ou de uma dada situação. Quer dizer, de 24 intervenções analisadas, 6 se encaixam na categoria positiva do modo expressivo de se expressar e 18 na categoria negativa. Registramos abaixo alguns trechos para exemplificar:

Tabela 20 – Exemplos Formas de tratamento expressivas - Blog C

Interlocutores do Blog C	Forma de tratamento expressiva	Positiva	Negativa
Blog J1	Quer mais competência administrativa do que esta que está sendo adquirida por Dilma no gerenciamento do PAC?	X	
Blog K	A Dilma é um zero à esquerda. Abaixo da crítica. Tem o pavio curto, uma burocrata sem nenhum cacoete político. Vai incendiar o país.		X
Locutor/ jornalista	Limpa o nariz.		X

Fonte: elaborada pela autora

Examinando a correlação entre as formas de tratamento expressiva e interacional, observamos que os interlocutores que conservam um estilo menos agressivo de se expressar acabam por interagir com outro interlocutor agindo do mesmo modo. Ou seja, as 6 intervenções expressivas positivas desse *blog* mantiveram uma forma positiva de interagir com o seu interlocutor na metade delas, sendo a outra metade não direcionando a sua fala a um sujeito específico, introduzindo direto o assunto. Quer dizer, nenhum interlocutor que se expressou de forma positiva se dirigiu a um outro sujeito de maneira negativa. Por outro lado, as formas expressivas negativas correspondem a 8 formas também negativas de interagir com o interlocutor: O restante das intervenções ficam divididas entre as interações positivas (6 casos) e os que não interagiram diretamente com um interlocutor (4 casos).

Síntese

Tendo em vista a descrição dos quadros interacionais dos *blogs* A, B e C, notamos que no *blog* A, do jornalista Mino Carta, há, em sua grande maioria, formas positivas de tratamento interacionais, uma vez que há apenas uma negativa, sendo que dessas 12 formas interacionais positivas, todas representam um modo de se expressar também positivo. O mesmo acontece com a forma de tratamento interacional negativa, já que, o interlocutor que se expressa dessa maneira, ao interpelar o outro mantém o mesmo nível no seu tratamento expressivo. Já os

locutores que não interpelam seus interlocutores de maneira direta encontram-se divididos entre o tratamento expressivo positivo e negativo.

Na contramão da ideologia política dominante do *blog* acima, está o *blog* B, de Reinaldo Azevedo. Nesse *blog* encontramos uma característica peculiar: as 8 formas de tratamento interacionais positivas correspondem exatamente as 8 formas do modo de se expressar negativas. Quer dizer, os 8 locutores que interpelaram o outro interlocutor positivamente, alteraram radicalmente a maneira de expressar suas opiniões.

Tal situação revela a simpatia e o respeito desses leitores frente ao jornalista Reinaldo Azevedo, além de uma concordância com suas ideias. Porém, demonstrada contra a oposição, uma vez que todos eles se expressam de modo negativo, depreciando tudo e todos que não estejam de acordo com a filosofia do PSDB, o que foi constatado, como vimos, pela política adotada nesse *blog*.

Uma vez que todas as intervenções dos interlocutores do *blog* B apresentam, em um dado momento, um modo negativo de o locutor expressar seu ponto de vista, verificamos também que as 11 formas de tratamento interacionais restantes pertencem aos que não interpelaram diretamente o outro sujeito na interlocução.

Por fim, ao considerar as formas de tratamento interacionais do *blog* C, percebemos que o *blog* de Luís Nassif é o que se mantém mais regular no que concerne às opiniões de seus interlocutores. Das 9 formas interacionais positivas de interpelar o outro, 3 correspondem a um modo de se expressar positivo e 6 de maneira negativa. Isto é, a maioria dos que iniciam sua enunciação de forma educada e respeitosa passam a ter um comportamento contraditório ao desenvolver seu texto. Por outro lado, das 8 formas negativas de interpelar o interlocutor, todos mantiveram a mesma maneira depreciativa no momento em que o locutor discorre sobre seu modo de pensar.

Considerando esses dados interacionais para nossa análise, chegamos à conclusão que tanto no *blog* A quanto no *blog* C, a maioria dos locutores (incluindo aqui o locutor-jornalista no momento em que entra no jogo da interação de seu próprio *blog*) interpela o outro interlocutor de modo positivo. Entretanto, se diferenciam no modo de expressar, visto que o *blog* A mantém a maioria dos comentários do lado positivo, enquanto que no *blog* C isso se inverte e

apresenta justamente o contrário, tendo sua maioria voltada para o modo de se expressar negativo. Dessa mesma forma encontra-se o *blog B*, uma vez que não possui sequer uma intervenção positiva na categoria do tratamento expressivo porém, na forma de interpelar seu interlocutor, esse *blog* tem em sua maioria os locutores que não interagiram diretamente com seu interlocutor.

3.3 ANONIMATO DOS INTERLOCUTORES E AS FORMAS DE AUTORREFERÊNCIA

Esta última categoria está diretamente ligada à categoria das formas de autorreferência, ou seja, como o interlocutor do *blog* se nomeia e se identifica. Por exemplo, alguns não se identificam, aparecendo como “anônimos”. Nosso intuito é verificar até que ponto o anonimato do interlocutor interfere no modo que ele interpela ou se expressa diante dos outros interlocutores. Assim, classificamos as intervenções em “sim” e “não” quanto a esta categoria, representadas pelo mesmo quadro referido anteriormente. (APÊNDICE II).

Blog A

Não encontramos nenhum caso classificado como anônimo nesse *blog*, o que nos leva a crer que não é permitida a ausência de identidade nessa interação específica. Porém, não há nada referente especificamente a essa conduta na sua política de postagem de comentários.

Blog B

Quanto ao *blog B*, um dado curioso fica por conta do anonimato dos interlocutores, uma vez que 10 dos 19 interlocutores autodenominam-se de anônimos. Ou seja, das 19 intervenções negativas encontradas nesse *blog*, 10 delas não são identificadas por nenhum nome ou pseudônimo.

Blog C

No que tange ao anonimato dos interlocutores, da mesma forma que ocorreu no *blog A*, em 20 intervenções não há nenhum registro de interlocutor anônimo. Como já citado, tal fato se explica pela política adotada por esse *blog*, que deixa claro a proibição de comentários anônimos.

Síntese

Relacionando os dados obtidos nas três últimas categorias apresentadas, observamos que o *blog* B, por ser o único que apresenta interlocutores anônimos, apresenta, em sua maioria, interlocutores que não interpelaram o outro em sua interação. Isto é, 70% do total de anônimos desse *blog*, ficando os outros 30% dos anônimos em relação aos que interpelaram o Locutor-jornalista ou a outros interlocutores de maneira positiva. E ainda, vale ressaltar mais uma vez que, dentre os anônimos, foi unânime o modo de expressar a opinião negativamente.

No entanto, devemos destacar que o fato de o Locutor fazer uso de um certo apelido – ou para ter a “chance” de postar seu comentário em um *blog* que não aceita a não-identidade do sujeito, seja ela verdadeira ou falsa, ou simplesmente para esconder sua verdadeira face – não deixa de ser também um modo de estar anônimo no momento em que o Locutor expõe sua opinião publicamente. Por exemplo, o Locutor P do *blog* A que se autodenomina de *Osni*, ou o Locutor R que se identifica como *Cefeiro* no *Blog* B, ou ainda o *Manojo*, apelido do Locutor G do *blog* C, são formas de autorreferências que denotam que a questão da opinião pública parece representar um problema para que alguns locutores revelem sua verdadeira identidade.

Contudo, o fato de participarem de um *blog* utilizando sempre o mesmo apelido fornece, de alguma maneira, uma identidade ao sujeito, mesmo sendo uma personagem criada e construída para essa finalidade, o que nos leva a considerar tais apelidos, contrapondo simplesmente à forma pura de *anônimo*, como formas não-anônimas de se expressar.

Conclusão

Constatamos que o jornalista, enquanto autor e chefe de seu próprio *blog*, tem o “poder” de decisão para aceitar ou recusar o comentário de cada leitor, o que não deixa de ser uma estratégia para moldar seu *blog* a sua maneira e a “sua imagem”. Sendo assim, a contribuição deste capítulo torna-se importante na medida em que a análise e observação do funcionamento interacional, das formas de tratamento e do modo como os leitores se expõem auxiliam na constatação do *ethos* dos jornalistas.

Portanto, fazendo um cruzamento dos dados obtidos nas três categorias descritas acima, compreendemos, no que tange ao funcionamento interacional, que os *blogs* A e C, embora existam algumas restrições para a postagem dos comentários, como, por exemplo, o registro

da identidade dos interlocutores ou a proibição de insultos, são considerados mais democráticos e de escrita e leitura mais “polidas”. Quer dizer, o locutor que não concorda com o jornalista também tem o direito de expressar sua opinião, desde que seja de uma maneira mais educada, sem agressões verbais e baixarias.

Em contrapartida, o *blog* B foi considerado o mais manipulador por parte de seu autor em relação às intervenções de seus interlocutores, no qual constatamos a construção de uma comunidade totalmente fechada, em que só é permitido se expressar de acordo com a ideologia do *blog*, que, por sua vez, configura a ideologia do jornalista.

Com base em um panorama geral das formas de tratamento interacional e expressiva, bem como do anonimato dos interlocutores, chegamos à conclusão, perante o *blog* B, de que a identidade e o anonimato do locutor interferem na maneira de ele se expressar, já que cabe a ele a decisão de apresentar ou não a sua verdadeira face. Ou seja, diferentemente dos *blogs* A e C, em que todos os interlocutores estão identificados, o *blog* B apresenta, em maior número, um anonimato de seus interlocutores. Tal observação demonstra que esses locutores não se identificam por priorizarem um modo depreciativo de se expressarem, com uso de palavrões e termos “negativos”, voltados totalmente à oposição, deixando para um segundo plano o destaque dos pontos positivos do seu partido político. Quer dizer, o fato de poderem estar anônimos acaba por dar maior liberdade a esses tratamentos pejorativos, o que se justifica com base nesse tipo de situação de comunicação.

Verificamos ainda que, dentre esses locutores anônimos, a maioria não interpela seu interlocutor, isto é, o locutor inicia sua enunciação aproveitando o espaço concedido, sem direcionar seu recado para um interlocutor específico. Esse fato se justifica por serem todos escritos de maneira negativa à oposição e favorável ao Locutor-jornalista, já que, sendo a favor deste, não há necessidade de uma interação maior. Pelo mesmo motivo chegamos à conclusão que o Locutor-jornalista do *blog* B não responde a nenhum de seus interlocutores, mesmo os que o interpelaram positivamente, haja vista que, pelo teor do conteúdo dessas interlocuções não haveria necessidade de dar alguma explicação para se defender ou defender a ideologia de seu partido.

Em vista do exposto, é nesse sentido também que a análise deste capítulo apresenta sua importância para a constatação do *ethos* do jornalista, já que permite avaliarmos o modo como

esses leitores se colocam em cena na interação e se expressam sobre determinado assunto. E ainda, de que maneira a relação deles com o jornalista (ou entre eles) é percebida e estabelecida, o que contribui para enriquecer o estudo da dinâmica do *blog* jornalístico como um todo.

CAPÍTULO 4 O *ETHOS* DOS JORNALISTAS

O presente capítulo busca reunir as regularidades encontradas nas análises dos aspectos argumentativos, enunciativos e interativos, com o intuito de auxiliar na definição do *ethos* de cada um dos três jornalistas pesquisados:

Blog A – Mino Carta

O jornalista-blogueiro Mino Carta deixa transparecer em seu discurso a sua defesa em relação à tese lançada por ele “Lula simpatiza-se com Serra”. Para tanto, ele faz uso de certas técnicas argumentativas a fim de justificar sua “fala”, construindo, assim, um discurso da justificação. Com essa atitude reguladora, o jornalista tenta a todo tempo construir uma imagem de que tem uma opinião formada sobre os assuntos de que trata e que possui conhecimento suficiente para afirmá-los.

É nesse sentido que os aspectos argumentativos sob a perspectiva de Charaudeau contribuíram para constatarmos que, ao mesmo tempo em que o Locutor-jornalista buscou justificar-se, apresentando as razões que lhe permitiam enunciar a referida tese, ele buscou também regular junto a sua comunidade do *blog* o seu *ethos* de aliado do PT e da esquerda, *ethos* importante para regular positivamente sua relação com a própria comunidade discursiva do *blog*, que, como pudemos perceber, não está disposta a aceitar a opinião do blogueiro sem provas.

A constituição do *ethos* de aliado ao Lula e ao seu partido revelam que Mino privilegia em seu discurso os procedimentos semânticos com base em valores éticos, como a lealdade e a fidelidade, demonstradas em relação a sua amizade com o então Presidente da República. Entretanto, o jornalista busca também resgatar os valores de confiabilidade e credibilidade com sua comunidade, uma vez que ele sentiu que esses valores foram estremecidos devido à reação polêmica manifestada por seus interlocutores. E é justamente pela apresentação direta de si, isto é, pelo *ethos* dito que Mino o fará, ao dizer-se explicitamente aliado de Lula e do PT.

A análise dos aspectos argumentativos, portanto, nos permitiu observar como o Locutor-jornalista regula o seu próprio dizer, ou seja, justifica a sua própria argumentação e por meio dela a sua imagem junto aos seus interlocutores, isto é, junto a comunidade do *blog*.

Em se tratando dos procedimentos argumentativos sob a óptica de Perelman, sua colaboração para a constatação do *ethos* encontra-se na observação da construção de um discurso persuasivo. Ou seja, na ênfase dada pelo Locutor-jornalista às categorias do Preferível, como os valores e hierarquias de valores, embora tenha jogado também com fatos e verdades, ligados ao Real.

Verificamos, então, como já afirmado, que os valores de lealdade e fidelidade sobressaíram em seu discurso. Contudo, o valor de honestidade foi revelado, em algumas passagens, em superioridade ao de lealdade, o que só vem contribuir para o que havíamos dito anteriormente: Mino se mostra aliado, leal e fiel ao seu amigo Lula, embora queira demonstrar que o que disse no *post* anterior é verdadeiro, isto é, sua honestidade em dizer o que pensa a sua comunidade, mesmo que vá de encontro às atitudes de Lula, é tão importante quanto seus laços amistosos. É como se o jornalista estivesse dizendo aos seus interlocutores para que continuem confiando nele, pois ele tem propriedade para tal, mesmo nem sempre podendo revelar suas fontes.

Já a contribuição das análises das modalidades enunciativas surge no momento em que pudemos observar uma certa predominância de atos elocutivos em seu discurso, o que nos revela um comportamento imbuído de subjetividade, revelada por um discurso pautado na justificação. Tal atitude denota também a imagem que Mino constrói de si mesmo, já que, por meio de modalidades como a declaração-revelação e avaliação-julgamento, por exemplo, corroboram também para o *ethos* de aliado ao PT, o que, conseqüentemente, vai desconstruindo a imagem de “traíra” e opositor desses ideais.

Em contrapartida, a análise do funcionamento interacional nos permitiu verificar “o outro lado da moeda”, isto é, a recepção da notícia. Essa importância se deve justamente ao acesso a esse outro lado, proporcionado pela interação dos *blogs*, que, por se tratar de textos escritos, dificilmente seria possível. Dessa forma, pudemos observar também o papel desempenhado pelos outros protagonistas, isto é, os interlocutores.

A dinâmica das relações entre locutor-interlocutor e interlocutor-interlocutor tem sua importância na medida em que observamos as minúcias do comportamento dessas interações, o que contribuiu para reforçar algumas considerações: o fato de encontrarmos uma maioria de intervenções concordantes, em um total de 19 interlocutores, seja em sua totalidade ou parcialidade, revela que o discurso construído pelo jornalista, de alguma maneira, alcançou o seu propósito, isto é, o *ethos* constituído, como dissemos acima, pelos valores de fidelidade e lealdade ao Partido dos Trabalhadores e principalmente ao Lula foram decisivos para resgatar a confiança de sua comunidade discursiva.

Em relação às formas de tratamento presentes nas intervenções, sejam elas classificadas como interacionais ou expressivas, só vieram agregar às conclusões supracitadas. Quer dizer, a predominância de um desejo de interagir e de se expressar positivamente confirmam o “clima” de cordialidade e compreensão entre os dizeres de Mino e o entendimento de seu “público”. Já a interdição do anonimato dos interlocutores revela, por um lado, uma intenção de exigir transparência e responsabilidade aos que têm algo a dizer, demonstrando, com isso, um compromisso do jornalista firmado com a verdade em si, uma vez que, teoricamente, a face dos interlocutores não foram ocultadas. Por outro lado, essa interdição exige dos participantes uma certa contenção de si movida pela preocupação natural de se proteger a face em uma interação.

Portanto, ao entrecruzarmos as informações obtidas acima, verificamos que:

1º) Mino defende sua tese de que Lula pode sim simpatizar-se com Serra por meio de argumentos pautados nos valores de lealdade e fidelidade ao Lula e ao PT, bem como na construção de um discurso da justificação, a fim de resgatar a credibilidade e confiança com sua comunidade discursiva;

2º) A mudança de um discurso mais convincente para um discurso persuasivo nesse novo *post* revela uma necessidade do jornalista em fazer com que seu auditório acredite em suas palavras, com o objetivo de obter sua adesão;

3º) O fato de a maioria de seus leitores concordar com seu discurso e interagir e/ou se expressar de modo positivo, além de reforçar a persuasão acima, denota um clima de respeito e compreensão às palavras proferidas pelo jornalista;

4º) Isso posto, constatamos, enfim, que o *ethos* construído pelo jornalista-blogueiro Mino Carta é o *ethos* de “credibilidade”.

Blog B – Reinaldo Azevedo

Ao contrário do discurso da justificação construído pelo jornalista do *blog A*, o discurso de Reinaldo é marcado pelo posicionamento diante da questão: “Dilma é competente para assumir a presidência do Brasil?”, na qual ele deixa claro sua posição contra a ex-ministra e sua tese correspondente. Conforme a perspectiva de Charaudeau, tal comportamento é enfraquecido devido à falta de provas e justificativas que comprovem e corroboram para demonstrar sua opinião, o que, por outro lado, há a necessidade de se construir essa opinião com bases sólidas, a fim de não haver contestações.

Entretanto, pudemos observar que há uma certa homogeneidade presente em sua comunidade discursiva, ou melhor, o fato de não existirem intervenções que vão de encontro às ideias do jornalista revela uma ausência de polêmica por parte de seu leitorado do *blog*.

No que tange à contribuição da análise argumentativa segundo Perelman, compreendemos que Reinaldo privilegia em seu discurso o uso das categorias do Real, como os fatos e as verdades, deixando de lado os valores e hierarquias que pudessem reforçar sua argumentação. E é justamente esse um dos fatores que nos levou a considerar seu discurso pautado no convencimento, e não na persuasão, uma vez que, a homogeneidade revelada acima não é suficiente para chegarmos à conclusão de que seus interlocutores aderiram a sua tese, já que sua política de seleção dos recados foi explicitamente divulgada em seu *blog*. Quer dizer, por não haver uma reação mais polemizada entre os interlocutores, não é possível percebermos se um ou outro mantinha uma opinião e foi modificada após a argumentação do jornalista.

Reforçando a constatação acima, a análise dos atos e modalidades enunciativas nos mostra que o jornalista-blogueiro recorre, em maior parte de sua enunciação, às modalidades delocutivas, em especial ao discurso relatado e à asserção de probabilidade, o que denota uma maior objetividade em seu discurso, demonstrando uma racionalidade argumentativa, embora a probabilidade, ao contrário da evidência, enfraqueça um pouco essa característica, além da presença das modalidades elocutivas e alocutivas.

Em se tratando do funcionamento interacional do *blog* B, como citado inicialmente, as intervenções dos leitores encontram-se em concordância total em quase sua unanimidade, sendo apenas uma em discordância parcial do jornalista. Essa constatação vem reforçar a tese dita anteriormente, de que a política de seleção dos recados feita por Reinaldo pode influenciar diretamente no teor verdadeiro dos recados como um todo, o que não nos impede de averiguarmos o *ethos* dito do jornalista. Ou seja, das 19 intervenções manifestadas pelos leitores, oito delas possuem uma maneira positiva de interagir com o jornalista ou outros interlocutores, porém, a maioria não interage diretamente com o outro, o que demonstra uma não necessidade de contestação, uma vez que, como observado, o interlocutor faz uso de vocativos, na maioria das vezes, quando pretende evocar um sujeito para o confronto direto.

Em contrapartida, observamos que dessas 8 intervenções que interagem de modo positivo com o outro são exatamente relacionadas com as 8 formas de se expressar negativamente, isto é, em todos os momentos em que o interlocutor “vestiu” o papel de locutor para interagir interpelando o jornalista ou o interlocutor, ele o fez de forma positiva, contudo, utilizando, para se expressar, palavrões, ironia ou outras formas pejorativas de se referir à pré-candidata Dilma Rousseff.

Quer dizer, esse tipo de análise foi fundamental para percebermos, dentre os recados selecionados pelo próprio autor do *blog*, que seu leitorado o respeita e tem grande admiração por sua pessoa e pelas suas ideias. Por sua vez, a identidade desses leitores foi revelada em 9 dentre as 19 intervenções selecionadas, o que significa dizer que a maioria se manteve no anonimato ao declarar sua opinião no *blog* de Reinaldo. A permissão da não identificação dos leitores pode revelar um não compromisso do sujeito que opina com seus dizeres, o que contribui para o *ethos* do jornalista, uma vez que ele não está preocupado com quem escreve, mas e somente no conteúdo da escrita, que, como bem salienta o jornalista, em seu *blog* não é permitido a invasão de “petralhas”.

Em vista do exposto, chegamos às seguintes conclusões:

1ª) Discurso marcado pelo posicionamento negativo do jornalista no que concerne à tese “Dilma é competente para assumir a presidência do Brasil?”.

2ª) Há uma homogeneidade discursiva em relação à opinião de seu leitorado;

3ª) Discurso do convencimento construído através de argumentos com base nos fatos e verdades;

4ª) Enunciação mais objetiva, racional;

5ª) Quase a totalidade das intervenções vão ao encontro dos ideais de Reinaldo;

6ª) A política de seleção de publicação dos recados pode influenciar no *ethos* do jornalista;

7ª) A maioria dos interlocutores não busca o confronto direto com o outro, porém, por outro lado, a também maioria se expressa de forma negativa ao discorrer sobre Dilma, Lula e o PT, já a não-proibição do anonimato se distancia da responsabilidade dos sujeitos envolvidos na interação do *blog*.

8ª) Respeito e admiração da comunidade discursiva no que tange ao jornalista e as suas ideias declaradamente “antipetistas”;

9ª) Assim sendo, chegamos a seguinte constatação: o *ethos* do jornalista-blogueiro Reinaldo Azevedo trata-se do *ethos* de “identificação”.

Blog C – Luís Nassif

O autor do *blog C*, Luís Nassif, constrói em seu discurso o seguinte problema/tese: “Tanto Serra quanto Dilma estão igualmente preparados para suceder Lula na presidência?”. Entretanto, a partir da análise da argumentação sob os parâmetros de Charaudeau, o jornalista se posiciona implicitamente a favor de Dilma, embora queira transparecer para a sua comunidade discursiva um *ethos* de imparcial, ou seja, uma imagem de que tanto um quanto outro farão o bem para o país, o que o faz através de um não-engajamento efetivo. Tal comportamento contraditório revela um discurso pautado na justificação, uma vez que ele tenta a todo tempo dar razões válidas ao defender ou atacar um ou outro.

É nesse sentido que a análise argumentativa com base em Perelman contribui para avaliarmos o discurso de Nassif também como um discurso do convencimento, pois, por meio da

observação de suas contra-argumentações em relação a alguns de seus interlocutores, ele se mostra de maneira irônica, ou seja, não se preocupando em de fato fazer com que seu leitor mude de ideia ao seu respeito, mas somente deixar claro que não concorda com o que dizem. Quer dizer, analisando a dinâmica do *blog C* como um todo, isto é, a intervenção tanto dos interlocutores quanto à do próprio locutor, podemos averiguar que o jornalista não busca a persuasão em si, e sim o convencimento.

Outro fator que vem corroborar com a imagem de parcialidade que o jornalista constrói de si mesmo é a constatação de um predomínio de modalidades delocutivas, com ênfase nas asserções de evidência, caracterizando, assim, um discurso mais objetivo, sem muito envolvimento aparentemente de sua afetividade, o que contribui para uma Opinião mais impessoal. O que não significa dizer que essa impessoalidade seja apenas aparente, uma vez que observamos tratar de uma pseudoimparcialidade do jornalista.

No que concerne à adesão de seu leitorado, pudemos perceber que a grande maioria não está disposta a aceitar essa imparcialidade aparente, discordando completamente de Nassif. Contudo, de todas as intervenções observadas, incluindo as trélicas do locutor-jornalista, pudemos verificar que a maioria que interpela diretamente o jornalista ou outros interlocutores o faz de maneira positiva, entretanto, por outro lado, uma grande maioria se expressa negativamente, sendo que, dentre essa maioria, encontram-se todos os interlocutores que interpelaram negativamente o outro. Isso também inclui as intervenções de respostas do jornalista, o que corrobora mais uma vez para a análise de que Nassif pouco está se importando com a persuasão de seu auditório, pois se assim o fosse, tentaria mudar sua imagem de despreocupado, irônico, debochado para um *ethos* de verdade, sério e confiável.

Do mesmo modo que ocorre no *blog A*, aqui também não é permitido a não-identificação do leitor, declaradamente explicitada por Nassif em seu *blog*. Essa atitude fortalece a ideia de transparência e responsabilidade transmitida em seu *blog*, visto que a presença de anônimos pode acarretar na formulação desenfreada de intervenções que contenham conteúdo inadequado em relação à notícia, aos interlocutores ou ao próprio jornalista.

Considerando as observações constatadas acima, concluímos que:

1º) Há explicitamente um não-engajamento do jornalista em relação ao seu discurso. Entretanto, constatamos tratar-se de um discurso sim de posicionamento favorável à Dilma Rousseff, sendo que seu posicionamento é pautado por uma argumentação baseada na justificação;

2º) Trata-se também de um discurso construído para o convencimento e não para persuasão, uma vez que Nassif contra-argumenta com seu leitorado por meio de um *ethos* de ironia e deboche;

3º) Predominância de modalidades delocutivas, com destaque para a asserção de evidência, o que denota um caráter de objetividade e impessoalidade da enunciação do jornalista, reforçando o *ethos* de parcial que o locutor tenta transparecer a sua comunidade;

4º) Revolta e indignação dos interlocutores em relação ao *ethos* de imparcialidade construído por Nassif;

5º) Reunindo todas as observações supracitadas, chegamos ao acordo de que o *ethos* que o jornalista-blogueiro Nassif tenta passar a sua comunidade é o *ethos* de “ponderado”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As regularidades presentes nas análises dos três jornalistas-blogueiros selecionados para esta pesquisa permitiu-nos alcançar algumas conclusões a respeito de determinados questionamentos formulados a partir da introdução deste trabalho.

Assim, em posse de uma fundamentação teórica desenvolvida principalmente por Charaudeau, Amossy, Perelman e Tyteca, voltemos ao início da pesquisa com o intuito de revelarmos as respostas que nos prontificamos a investigar:

1^a) *Como o autor do blog organiza e estrutura, em termos argumentativos, o texto de seu blog e quais as técnicas argumentativas mais recorrentes?*

Em relação ao questionamento acima, percebemos que Mino Carta recorre a um discurso da justificação para tentar provar a seu leitorado que sua tese é válida. Para tanto, ele lança mão de argumentos baseados no modo de raciocínio da concessão restritiva. Ao fazer uso desse tipo de discurso e de tais argumentos, Mino revela a intenção de recuperar uma credibilidade e confiabilidade estremecidas perante sua comunidade, uma vez que ele se deparou com uma reação polêmica após revelar uma tese em meio a uma comunidade que não estava disposta ideologicamente a aceitá-la e apoiá-lo sem provas contundentes.

E é justamente para tentar resgatar seu público alvo que Mino recorre a tais valores de credibilidade, confiabilidade, bem como os valores de lealdade e fidelidade para com o Presidente Lula, o que lhe confere um discurso pautado na persuasão. No entanto, o jornalista não abre mão dos fatos e verdades, o que levaria seu auditório ao convencimento e não a adesão de sua tese de fato. Entretanto, reunindo dados obtidos a partir de um quadro do funcionamento interacional de seu *blog*, constatamos tratar sim de um discurso persuasivo, haja vista o teor e a concordância das intervenções construídas por seus interlocutores.

Em contrapartida, Reinaldo Azevedo constrói uma argumentação marcada por um discurso do posicionamento, o que, sem uma presença maior de provas que justifiquem sua posição, dificulta a ação de concordância de sua comunidade discursiva. Tal comportamento leva o

jornalista a construir uma opinião mais convincente, que leve seus interlocutores a creem no que ele diz, porém, sem alcançar a persuasão de fato, já que quase não há provas que possam validar sua argumentação.

Também diferentemente de Mino, Reinaldo não manifesta uma preferência por valores ou hierarquias de valores, o que também contribui para um discurso com vista apenas em seu convencimento. Observamos ainda que o jornalista emprega argumentos baseados na estrutura do real e argumentos quase-lógicos, manifestando, por vezes, um teor irônico em seu discurso, o que, em tese, provocaria uma reação contestadora de sua comunidade discursiva. Porém, buscando auxílio mais uma vez na análise do funcionamento interativo desse *blog*, pudemos perceber que a política adotada por Reinaldo pode “mascarar” o comportamento real de seu auditório.

Luís Nassif, por sua vez, não se mostra engajado em seu discurso. Ao contrário de seus colegas de profissão, Nassif não se revela de modo explícito a sua comunidade discursiva, o que lhe confere dois tipos de reação divergentes: a primeira relacionada ao público que aceitou essa imparcialidade aparente e “abraçou” sua causa. Já uma segunda e maior parcela de seu leitorado esbravejou quanto as suas declarações de imparcialidade.

Contudo, um real posicionamento foi sim revelado às entrelinhas de seu discurso, o que lhe conferiu, juntamente com a análise da dinâmica da interação de seu *blog*, um discurso pautado no convencimento, visto que a grande maioria de sua comunidade discursiva não compreendeu tal parcialidade demonstrada a favor de Dilma. Isso o levou a adotar um comportamento baseado na ironia e no deboche no momento de responder a determinados recados de seus interlocutores, o que reforça a presença de um discurso não persuasivo, o que revela que Nassif não está preocupado em fazer com que seu auditório mude de ideia em relação a sua opinião.

Nesse aspecto argumentativo, observamos também que o jornalista faz uso de argumentos que fundamentam a estrutura do real, bem como os fatos, as verdades e as presunções, conferindo, assim, a sua fala um menor poder de persuasão.

2^a) *Como se organiza e se constrói a Opinião nos blogs selecionados, analisando os modos de investimento dos locutores em seus planos de enunciação e seu modo de expressão modal? E quais as estratégias para a construção dessa Opinião a partir das escolhas das modalidades enunciativas?*

A verificação da construção da Opinião dos jornalistas, a partir da seleção de determinadas modalidades enunciativas, permitiu-nos concluir que, na enunciação de Mino Carta predominam as modalidades presentes nos atos elocutivos, em especial a avaliação/julgamento e declaração/revelação. Isso significa dizer que o jornalista discursa de modo a expressar sua posição em relação ao que diz, marcando seu discurso subjetivamente. Essa estratégia confere ao seu discurso um teor mais afetivo, uma vez que a marca da primeira pessoa revela seu ponto de vista de forma pessoal e individual, denotando honestidade e sinceridade em relação ao que expressa.

Reinaldo Azevedo, por outro lado, privilegia um pouco mais as modalidades delocutivas em seu discurso, porém, não abre mão da estratégia da elocução e alocação. Ao priorizar o emprego das modalidades do discurso relatado e da asserção, principalmente a de probabilidade, Reinaldo tenta produzir um efeito de objetividade e impessoalidade no momento da sua enunciação, como se ele omitisse sua opinião e seu discurso falasse por si só, embora a incidência também das modalidades elocutivas acabe por “desmascarar” essa ocultação, o que também corrobora, juntamente com a interpelação dos atos alocutivos, para que convoque seu auditório a aderir sua tese, de que Dilma não tem competência para assumir a presidência do Brasil.

Do mesmo modo que Reinaldo, Luís Nassif também dá preferência em sua enunciação para as modalidades delocutivas, porém, diferentemente do jornalista do *blog* B, Nassif recorre, na maior parte das vezes, à modalidade da asserção de evidência. Tal estratégia confere ao jornalista uma opinião construída a partir de uma maior objetividade e racionalidade em seu discurso, demonstradas principalmente pela imparcialidade aparente que Nassif tenta passar a sua comunidade discursiva. Isso faz com que ele se afaste de sua responsabilidade, fortalecendo sua tese de que o Brasil estará bem servido com Serra ou Dilma na presidência, conferindo a sua opinião um estatuto de verdade e imparcialidade.

3ª) *Como se constrói a relação Locutor-Interlocutor nesse tipo de blog? De que modo o funcionamento interativo pode interferir e influenciar na imagem que o jornalista constrói de si mesmo?*

A relação do Locutor Mino Carta com seus interlocutores é marcada por uma reação polêmica, apresentada pela sua comunidade do *blog* em relação ao *post* anterior ao que foi analisado em nossa pesquisa. A partir dessa reação, o jornalista constrói um novo *post*, a fim de manter uma atitude reguladora, isto é, fazendo com que a maioria de seu leitorado reveja o porquê dele ter defendido a tese de que Lula pode simpatizar-se com Serra e assim entre em concordância com suas ideias, uma vez que ele percebeu uma queda da credibilidade de sua imagem enquanto jornalista e formador de opinião.

Já o modo de interagir e se expressar contam com um predomínio de formas positivas em ambas as situações, o que demonstra uma relação de harmonia mais presente nesse *post* do que no anterior, no qual houve o início da polêmica. Salientando ainda para a proibição de anônimos no momento da identificação dos recados, conferindo a Mino uma política mais transparente no que tange a sua relação com a comunidade do *blog*.

No que concerne à relação configurada entre Reinaldo e seus interlocutores pudemos ver que se trata de uma total afinidade e harmonia entre eles, demonstrando um respeito e simpatia de seu auditório para com o jornalista, embora não podemos deixar de ressaltar novamente que a política adotada, de modo pejorativo, para selecionar somente os recados que estejam de acordo com sua ideologia política seja um forte fator de autoritarismo e antidemocracia.

Porém, quanto à forma de interagir e expressar dos interlocutores, por outro lado, representaram um número maior de neutralidade e modo negativo, respectivamente, nos levando a crer que seu leitorado se expressa de maneira menos polida, com uso de xingamentos e agressões verbais, o que pode ser justificado em parte pela permissão de anônimos para interagir em seu *blog*.

Em Nassif, em contrapartida, há uma maior discordância de opiniões em relação ao seu discurso, o que nos revela a dificuldade de seu auditório em concordar com sua aparente imparcialidade diante da proposição de sua tese. Tal atitude vem interferir também na maneira que o interlocutor busca ao interpelar o jornalista, uma vez que há um certo equilíbrio entre as

formas positivas, negativas e neutras nas intervenções analisadas. Por sua vez, o modo de se expressar desses mesmos interlocutores se enquadra, em sua maioria, no modo negativo. O que corrobora também para a reação de discordância imediata apresentada por seu leitorado e manifestada de modo negativo.

Ao mesmo tempo em que sua comunidade apresenta tal comportamento, Nassif também responde à altura, estando a maior parte de suas tréplicas incluídas na forma negativa de se expressar. E como explicitado em sua política de seleção das intervenções, anônimos não têm vez. A atitude tomada por Nassif em restringir os anônimos, mas ao mesmo tempo permitir a divulgação de uma maioria contra seus preceitos revela um *blog* mais democrático em relação aos outros dois e principalmente ao *blog* B, já que aqui foi permitido discordar do jornalista se expressando de maneira mais livre.

4^a) *Quais são os valores mobilizados na argumentação em torno da temática da sucessão presidencial? E, enfim, como se constitui o ethos do jornalista em cada texto do blog pesquisado?*

No *blog* do Mino Carta constatamos que, ao longo de seu discurso, o jornalista privilegia os valores de lealdade e fidelidade em relação a sua amizade com o Presidente Lula e, ao mesmo tempo, marca sua aliança com o PT. Entretanto, com o intuito de resgatar a aceitação de seu leitorado, que se mostra estremecida devido à tese de uma possível simpatia de Lula por Serra, Mino opta por valores pautados pelo domínio do Ético, constituindo, assim, um *ethos* de *credibilidade* com sua comunidade discursiva.

Em relação ao jornalista Reinaldo Azevedo, os valores por ele manifestados giram em torno do domínio da Verdade, uma vez que ele dá preferência explícita aos fatos e verdades, colocando-os de maneira absoluta em seu discurso, contrapondo-os ao falso. Com isso, Reinaldo passa uma imagem de radicalismo extremo, fortalecendo e estreitando ainda mais o laço existente entre ele e seu auditório “escolhido a dedo”, o que lhe confere um *ethos* de *identificação*.

Já Nassif, por outro lado, aplica em seu discurso os valores concernentes ao domínio do Pragmático e do Ético, demonstrando uma imparcialidade perante uma declaração de que tanto Serra quanto Dilma farão um bom governo, configurando toda uma discordância entre

seus interlocutores, que não estão dispostos a aceitar tal tese vinda do jornalista em questão. Por esse motivo, por tentar deixar transparecer uma imagem diferente da sua real forma de pensar, é que constatamos que seu *ethos* é o de *ponderado*.

Essas foram, portanto, as constatações a que chegamos por meio de uma análise argumentativa, enunciativa e interacional, com base em uma fundamentação teórica consistente para concluir o *ethos* dos jornalistas-blogueiros Mino Carta, Reinaldo Azevedo e Luís Nassif a partir de uma discussão, ocorrida em 2008, em discursos proferidos em seus respectivos *blogs*, sobre a temática da sucessão presidencial entre Serra (PSDB) e Dilma (PT).

Acreditamos que nossa opção em fundamentar as análises tomando como base teórica principalmente os estudos de Charaudeau, Amossy, Perelman e Tyteca, tornou-se uma ferramenta válida para sustentar nossa proposta inicial de pesquisa: a de constatar o *ethos* de três jornalistas-blogueiros a partir da investigação dos procedimentos argumentativos, enunciativos e interacionais.

Desse modo, pudemos constatar também que a interação de um *blog* jornalístico se configura de uma maneira particular em relação à informação jornalística corrente, como, por exemplo, a liberdade de expressão conquistada nesse espaço e a interatividade, uma vez que o que se escreve em um *blog* pode ser rapidamente difundido para o mundo todo, o que, se por um lado perde pelo excesso de informação inverídica, por outro lado confere uma maior credibilidade a esse tipo de jornalismo, já que o número de “fiscais” que estão ali para corrigirem eventuais “erros” da notícia também aumenta.

É nesse sentido que os resultados obtidos em nossa pesquisa buscam auxiliar a futuros pesquisadores que, porventura, quiserem se aventurar nessa área, a compreender de modo mais geral o funcionamento e o dinamismo de um *blog* jornalístico como um tipo de contrato de comunicação específico, cujos autores locutores – jornalistas e leitores – interpretam o papel principal nesse jogo interacional, já que ambos possuem o “poder” de construir juntos a informação e a interação nesse tipo de comunicação, pois, como vimos, os *blogs* possuem um caráter dialogal diferenciado, construindo uma situação mista, entre a situação monolocutiva e a interlocutiva, o que o distingue, por sua vez, do jornalismo tradicional.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. **A arte de argumentar: Gerenciando Razão e Emoção**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, 5ª edição.

ALZAMORA, G. Para além do jornalismo de massa: a diversidade da informação cultural na Internet. p. 153 a 167. In: PINTO, J.; SERELLE, M. **Interações Midiáticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 232p.

AMORIM, R.; VIEIRA, E. *Blogs*. Os novos campeões de audiência. **Revista Época**. nº 428. 31 de julho de 2006. p. 96 a 105.

AMOSSY, R. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso, p.9-28. In: AMOSSY, R. (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução: Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008a.

AMOSSY, R. O *ethos* na interação das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. p.119-144. In: AMOSSY, R. (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução: Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008b.

AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. p. 231-254. In: MUNIZ, G; MACHADO, I., EMEDIATO, W. (orgs.) **Análise do Discurso Hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008c.

AUCHLIN, A. *Ethos* e experiência do discurso: algumas observações p. 201-255. In: MARI, H. MACHADO, I., MELLO, R. (Orgs.) **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2001, 360 p.

BRANDÃO, H. **Introdução à análise do discurso**. 2ª edição. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2004. 122p.

CARMAGNANI, A. M. G. Impacto das novas tecnologias nas identidades: o caso de cursos de línguas online. In: MAGALHÃES, I. CORACINI, M., GRIGOLETTO, M. (Orgs.). **Práticas identitárias: língua e discurso**. São Carlos: Claraluz, 2006, v. 1, p. 157-170. 288 p.

CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação de tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, P. **Grammaire du Sens et de l'Expression**. Paris: Hachette, 1992. 927p.

CHARAUDEAU, P. **Discurso Político**. Tradução: Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006. 328p.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Coordenação de tradução: Ângela M. S. Corrêa e Ida Lucia Machado. São Paulo: Contexto, 2008a. 256p.

CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. p.11-30. In: MUNIZ, G; MACHADO, I., EMEDIATO, W. (orgs.) **Análises do Discurso Hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008b.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. Tradução Ângela M. S. Corrêa. 1ª edição. São Paulo: Contexto, 2009. 283p.

CORACINI, M. J. Identidades múltiplas e sociedade do espetáculo: impacto das novas tecnologias. p. 133-156. In: MAGALHÃES, I. CORACINI, M., GRIGOLETTO, M. (orgs.). **Práticas identitárias: língua e discurso**. São Carlos: Claraluz, 2006. 288 p.

DIAS, D., GOMES, M. A Teoria Semiolinguística na Análise da Publicidade. P. 117-131. In: MACHADO, I., SANTOS, J., MENEZES, W. (orgs). **Movimentos de um percurso em análise do discurso: memória acadêmica do Núcleo de Análise do Discurso (NAD) da FALE/UFMG**. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE/UFMG, 2005, 194p.

EMEDIATO, W. **Análise contrastiva da configuração linguístico-discursiva de títulos de jornais brasileiros: (o jornal de referência e o jornal popular)**. Dissertação de Mestrado, POSLIN/FALE/UFMG, 1996.

EMEDIATO, W. **Analyse des configurations linguistiques et discursives des titres de journaux français et brésiliens**. Thèse de doctorat. Paris: Université de Paris XIII, 2000.

EMEDIATO, W. Retórica, argumentação e discurso p. 157-177. In: MARI, H. MACHADO, I., MELLO, R. (Orgs.) **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso (NAD), POSLIN/FALE/UFMG, 2001, 360 p.

EMEDIATO, W. O Problema da Informação Midiática entre as Ciências da Comunicação e a Análise do Discurso. p. 99-115. In: MACHADO, I., SANTOS, J., MENEZES, W. (orgs). **Movimentos de um percurso em análise do discurso: memória acadêmica do Núcleo de Análise do Discurso da FALE**. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE/UFMG, 2005, 194p.

EMEDIATO, W. **A fórmula do texto: redação, argumentação e leitura**. São Paulo: Geração Editorial, 2006. v1, 300p.

EMEDIATO, W. Contrato de leitura, parâmetros e figuras do leitor. In: MARI, H; Walty, I. e FONSECA, M. (orgs.). **Ensaio sobre leitura 2**. Ed. PUCMINAS: Belo Horizonte, 2007. p. 83-98.

EMEDIATO, W. Os lugares sociais do discurso e o problema da influência, da regulação e do poder nas práticas discursivas. p. 71-91. In: MUNIZ, G; MACHADO, I., EMEDIATO, W. (orgs.) **Análise do Discurso Hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

EMEDIATO, W. Diálogos regulares e interações discordantes. In: **Revista Glauks**. Volume 11, n. 1. Viçosa: Editora da UFV, [2011]. No prelo.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. L'analyse des interactions verbales: la notion de "négociation conversationnelle". In: **Actes de Lalies**. Paris: Éditions Rue d'Ulm, 2000.

KLEIMAN, A.; VIEIRA, J. O impacto identitário das novas tecnologias da informação e comunicação (Internet). p.119-132. In: MAGALHÃES, I. CORACINI, M., GRIGOLETTO, M. (orgs.). **Práticas identitárias: língua e discurso**. São Carlos: Claraluz, 2006. 288 p.

KOCH, I. **Argumentação e linguagem**. 3ª edição, São Paulo: Cortez, 1993.

KOMESU, F. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet*. p. 110-119. In: MARCUSCHI, L., XAVIER, A. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, 196p.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. 208p.

LÉVY, P. **O que é o virtual**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. 264p.

LIMA, M. **O “contrato de diversão” do jornal impresso: cruzadas, horóscopo e quadrinhos**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: POSLIN/FALE/UFMG, 2008. 189p.

MACHADO, I., MENEZES, W., MENDES, E. (orgs.) **As emoções no discurso**. Tradução: Emília Mendes, Ida Lucia Machado, Renata Aiala e Renato de Mello. v1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, 336p.

MAINGUENEAU, D. *Ethos*, cenografia, incorporação. p. 69-92. In: AMOSSY, R. (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, L. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. 2005, p.13-67. In: MARCUSCHI, L., XAVIER, A. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, 196p.

MENEZES, W. Faces e usos da argumentação p. 179-199. In: MARI, H. MACHADO, I & MELLO, R. (Orgs.) **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso (NAD), POSLIN/FALE/UFMG, 2001, 360 p.

MENEZES, W. **Evento, jogo e virtude nas eleições para a Presidência no Brasil: 1994 e 1998**. Tese de Doutorado. POSLIN/FALE/UFMG, 2004.

MENEZES, W. Semiologia e Política. P. 149-175. In: MACHADO, I.; SANTOS, J.; MENEZES, W. (orgs). **Movimentos de um percurso em análise do discurso: memória acadêmica do Núcleo de Análise do Discurso da FALE/UFMG**. Belo Horizonte: NAD, POSLIN, FALE, UFMG, 2005, 194p.

ORDUÑA, O. *Blogs e relações públicas*. p. 139 a 188. In: ORDUÑA, O [et al.]. **Blogs: revolucionando os meios de comunicação**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

ORIHUELA, J. L. *Blog e blogosfera: o meio e a comunidade*. P. 01 a 20. In: ORDUÑA, O [et al.]. **Blogs: revolucionando os meios de comunicação**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

ORLANDI, E. Análise de Discurso. p. 11-31. In: ORLANDI, E. & LAGAZZI-RODRIGUES (orgs.) **Introdução às ciências da linguagem – Discurso e Textualidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PAULIUKONIS, M; MONNERAT, R. Operações discursivas na enunciação. P. 45 a 69. In: LARA, G., MACHADO, I., e EMEDIATO, W. (org). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação: a Nova Retórica**. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERELMAN, C. **Retóricas**. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 417p.

PINHO, M. **Retórica e argumentação no discurso dos quatro principais candidatos à presidência da república nas eleições brasileiras de 2002**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: POSLIN/FALE/UFMG, 2005. 179p.

ROLIM, W. Semiologia e Análise do Discurso Filosófico. p. 177-192. In: MACHADO, I., SANTOS, J., MENEZES, W. (orgs). **Movimentos de um percurso em análise do**

discurso: memória acadêmica do Núcleo de Análise do Discurso da FALE/UFMG. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE/UFMG, 2005, 194p.

TEIXEIRA, M. **A retórica do desarmamento: uma análise de proferimentos de parlamentares sobre o comércio de armas de fogo e munição no Brasil.** Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. POSLIN/FALE/UFMG. Belo Horizonte, 2006, 119p.

VARELA, J. **Jornalismo participativo: o Jornalismo 3.0.** p. 41 a 98. In: ORDUÑA, O [et al.]. **Blogs: revolucionando os meios de comunicação.** São Paulo: Thomson Learning, 2007.

ZOPPI FONTANA, M. **Retórica e Argumentação.** p.177-210. In: ORLANDI, E. & LAGAZZI-RODRIGUES (orgs.) **Introdução às ciências da linguagem – Discurso e Textualidade.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

AVELLAR; DUARTE. **Internet no Brasil 2010.** 2010. Disponível em: <http://www.avellareduarte.com.br/projeto/conceituacao/conceituacao1/conceituacao14_internetBrasil2010.htm> Acesso em: 17 dez. 2010.

AZEVEDO, R. **Blog do Reinaldo Azevedo.** Disponível em <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo>> Acesso em: 16 jan. 2009.

AZEVEDO, R. **Uma vez autoritária... Ou: ela ainda está no estágio Massinha I.** 2008. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/uma-vez-autoritaria-ou-ela-ainda-esta-no-estagio-massinha-i/> Acesso em: 16 jan. 2010.

AZEVEDO, R. **Dilma adota discurso de candidata ao Planalto e critica gestão FHC.** 2008. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/dilma-adota-discurso-candidata-ao-planalto-critica-gestao-fhc/>> Acesso em: 12 mar. 2010.

AZEVEDO, R. **Pô, petralhas, não me entendam mal. Foi sem querer.** 2008. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/po-petralhas-nao-me-entendam-mal-foi-sem-querer/>> Acesso em: 3 jun. 2010.

Biografia de Dilma Rousseff. 2010. Disponível em: <<http://ihaa.com.br/biografia-de-dilma-rousseff/>> Acesso em: 09 nov. 2010.

Biografia de Dilma Rousseff. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Dilma_Rousseff> Acesso em: 09 nov. 2010.

Biografia de José Serra. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Serra>
Acesso em: 09 nov. 2010.

Biografia de José Serra. 2010. Disponível em: <<http://ihaa.com.br/biografia-de-jose-serra>>
Acesso em: 09 nov. 2010.

Biografia de Luís Nassif. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Nassif> Acesso em: 15 nov. 2010.

Biografia de Mino Carta. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mino_Carta> Acesso em: 09 nov. 2010.

Biografia de Mino Carta. Disponível em:
<<http://www-mendhell.blogspot.com/2008/02/mino-carta.html>> Acesso em: 09 nov. 2010.

Biografia de Reinaldo Azevedo. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Reinaldo_Azevedo> Acesso em: 10 fev. 2010.

Biografia de Reinaldo Azevedo. Disponível em:
<http://www.123people.com.br/ext/frm?ti=personensuche%20telefonbuch&search_term=reinaldo%20azevedo&search_country=BR&st=suche%20nach%20personen&targeturl=http%3A%2F%2Ffamosos.culturamix.com%2Fjornalistas%2Freinaldo-azevedo§ion=weblink&wrt_id=683> Acesso em: 09 nov. 2010.

CARTA, M. Lula e a eleição. 2008. Disponível em:
<<http://www.blogdomino.com.br/blog/lula-e-a-eleicao-208>> Acesso em: 10 fev. 2010.

CARTA, M. Lula e as eleições. 2008 Disponível em:

<<http://www.blogdomino.com.br/blog/lula-e-as-eleicoes-216>> Acesso em: 10 fev. 2010.

CARTA, M. **Blog do Mino Carta**. Disponível em <<http://blogdomino.blig.ig.com.br>> Acesso em: 13 jan. 2009.

CARTA, M. **Blog do Mino Carta**. Disponível em <<http://www.blogdomino.com.br>> Acesso em: 14 jan. 2009.

CARTAXO, T. L. C. **A empresa na palma da mão: os novos meios de comunicação como ferramenta das Relações Públicas**. 2008. Disponível em: <<http://www.insite.pro.br/2008/10.pdf>> Acesso em 22 jan. 2009.

CHARAUDEAU, P. L'argumentation dans une problématique d'influence. In: **Argumentation et Analyse du Discours**. Número 1, 2008c. Disponível em <<http://aad.revues.org/index193.html>> Acesso em: 20 jul. 2010.

LIMA, L. C. **Informática Básica**. Disponível em: <<http://acak.com.br/paulinho/apostilando/WindowsXP.pdf>> Acesso em 22 janeiro 2009.

NASSIF, L. **Luís Nassif Online**. Disponível em: <<http://luisnassifonline.blog.uol.com.br/>> Acesso em: 15 nov. 2010.

NASSIF, L. **Luís Nassif Online**. Disponível em: <<http://www.advivo.com.br/luisnassif/>> Acesso em: 15 nov. 2010.

NASSIF, L. **Sobre Serra e Lula**. 2008. Disponível em: <<http://www.projeto.br.com.br/web/blog?entryId>> Acesso em: 22 jan. 2009.

NASSIF, L. **Blog do Luís Nassif**. Disponível em: <<http://www.advivo.com.br/luisnassif>> Acesso em: 22 jan. 2009

Você na Internet. Disponível em: <http://www.industriavirtual.com.br/default.aspx?pagegrid=pages&pagecode=18> Acesso em: 20 set. 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE I – Quadro Interacional

APÊNDICE Ia: Intervenções Concordantes e Discordantes do *Blog A*

Tabela 21 – Intervenções concordantes e discordantes *Blog A*

Locutores	Concordância Parcial	Concordância Total	Discordância Parcial	Discordância Total
Locutor A		X		
Locutor B		X		
Locutor C				X
Locutor D				X
Locutor E			X	
Locutor F		X		
Locutor G				X
Locutor H		X		
Locutor I		X		
Locutor J	X			
Locutor K		X		
Locutor L				X
Locutor M		X		
Locutor N		X		
Locutor O		X		
Locutor P				X
Locutor Q		X ⁶⁶		
Locutor R				X ⁶⁷
Locutor R2	X			
Locutor -jornalista				X

Fonte: elaborada pela autora

66 A classificação da concordância ou discordância dos Locutores Q (Concordância total) e R (Discordância total) é considerada de acordo com a opinião do jornalista. Isso explica o motivo de esses Locutores, embora concordarem ou discordarem de um determinado interlocutor na interação, o que vale para esta classificação específica é o fato de eles concordarem ou não com o Locutor-jornalista.

67 Idem 66.

APÊNDICE Ib: Intervenções Concordantes e Discordantes do *Blog B*

Tabela 22 – Intervenções concordantes e discordantes *Blog B*

Locutores	Concordância Parcial	Concordância Total	Discordância Parcial	Discordância Total
Locutor A		X		
Locutor B		X		
Locutor C		X		
Locutor D		X		
Locutor E		X		
Locutor F		X		
Locutor G		X		
Locutor H		X		
Locutor I		X		
Locutor J		X		
Locutor K		X		
Locutor L		X		
Locutor M		X		
Locutor N		X		
Locutor O		X		
Locutor P		X ⁶⁸		
Locutor Q		X		
Locutor R			X	
Locutor S		X		

Fonte: elaborada pela autora

68 O Locutor P concorda totalmente com o Locutor H. Este, por sua vez, também concorda em sua totalidade com o Locutor-jornalista, daí sua classificação em CT.

APÊNDICE Ic: Intervenções Concordantes e Discordantes do *Blog C*

Tabela 23 – Intervenções concordantes e discordantes *Blog C*

Locutores	Concordância Parcial	Concordância Total	Discordância Parcial	Discordância Total
Locutor A			X	
Locutor B		X		
Locutor C				X
Locutor D				X
Locutor E				X
Locutor F		X		
Locutor G				X
Locutor H				X
Locutor I				X
Locutor J1		X		
Locutor J2				X
Locutor K				X
Locutor L				X
Locutor M		X		
Locutor N				X ⁶⁹
Locutor O				X
Locutor P				X
Locutor Q				X
Locutor R				X
Locutor R2				X

Fonte: elaborada pela autora

⁶⁹ A classificação em discordância total do Locutor N, embora concorde totalmente com o Locutor C, é assim considerada por este estar em total discordância com o Locutor-jornalista.

APÊNDICE II: Formas de tratamento interacionais e expressivas / Anonimato dos interlocutores

APÊNDICE IIa: Formas de tratamento interacionais e expressivas / Anonimato dos interlocutores do *blog A*

Tabela 24 - Formas de tratamento interacionais e expressivas / Anonimato dos interlocutores *Blog A*

Interlocutores do <i>Blog A</i>	Formas de tratamento interacionais	Positiva	Negativa	Forma de tratamento expressiva	Positiva	Negativa	Anonimato dos interlocutores	
							SIM	NÃO
Locutor A	Mino Concordo em número, gênero e grau.	X		Daniel Dantas, o banqueiro orelhudo.		X		X
Locutor B	Mino, Suas análises a respeito do PT são brilhantes.	X		O que será do PT? Tem jeito de criar boas lideranças ou estará fadado a mesmice?		X		X
Locutor C	Mino, respeito muito sua opinião.	X		Sinto-me vilipendiado e vítima de um estelionato eleitoral.		X		X
Locutor D	Mino, continuaria a votar nele mesmo depois dessas demonstrações de fraqueza ao aceitar ser chamado as falas, afastar Lacerda, deixar PF e Min da Justiça serem	X		Esse episódio nem os mais tolerantes engolem.		X		X

	manipulados.							
Locutor E	-			José Dirceu, depois de tudo, com poder na Polícia Federal, Daniel Dantas, Gilmar Mendes e tantos outros que nos dão motivo de sobra para tanta vergonha, aliados de Lula, pessoa que tanto sonhei no Poder.		X		X
Locutor F	Um belo registro Mino.	X		O segundo voto é meu.	X			X
Locutor G	-			E nem um pasticha da tese bobbiana, como este servido pelo dono do <i>blog</i> , pode servir para desmentir isso.		X		X
Locutor H	Que o Divino continue espargindo luz sobre suas câs.	X		O quinto item enriquece a história e as últimas orações são perfeitas.	X			X
Locutor I	-			Concordo plenamente com os comentários de Mimo.	X			X
Locutor J	Mino, concordo com você sobre o perfil do Lula.	X		A provável opção de Lula será o psdb de Minas. Por cá, o cheiro é de que o Aécio seja arremessado para o pmdb, portanto, este e o pt cairiam um nos braços do outro.	X			X
Locutor K	Tô contigo e não abro!	X		Tô contigo e não abro!	X			X

Locutor L	Esse papo que a fonte é boa, mas não posso citar, o iguala com todos os demais jornalistas.		X	Sinceramente lendo o que disse, senti aquele característico enjôo de estômago que sentia no tempo em que lia a "Folha" e assistia o JN.		X		X
Locutor M	-			Concordo totalmente com cada linha deste texto!	X			X
Locutor N	A cada dia minha admiração e repeito por você crescem.	X		Partilho suas percepções sobre o nosso presidente.	X			X
Locutor O	-			Texto brilhante.	X			X
Locutor P	-			O Lula realmente nunca foi de esquerda. Tem muito medo de contrariar a minoria branca e poderosa do Brasil, sempre teve.	X			X
Locutor Q	-			Parece que o comentarista osni, baixou aqui num ovni.		X		X
Locutor R	Galvão, É que eles, depois da mãozinha _ não sei explicar por que - do Mino.	X		Devem se achar em tamanho estado de êxtase, que agora pregam aos quatro ventos a tal proximidade entre Lula e Serra como a descoberta da maior das verdades!!	X			X
Locutor R2	Prezado Mino, Eu	X		Portanto preservemos o Metalúrgico,	X			X

	também não acredito na possibilidade.			porque se o desconstruirmos - como a Mídia faz sistematicamente com várias lideranças do PT - "sabe Deus o que nos espera depois"!!				
Locutor / jornalista	Não perca de vista, meu caro Edison.	X		Não dei mãozinha alguma a quem quer que seja ao revelar que Lula simpatiza com Serra.	X			X

Fonte: elaborada pela autora

APÊNDICE IIb: Formas de tratamento interacionais e expressivas / Anonimato dos interlocutores do *blog B*

Tabela 25 - Formas de tratamento interacionais e expressivas *versus* Anonimato dos interlocutores *Blog B*

Interlocutores do <i>Blog B</i>	Formas de tratamento interacionais	Positiva	Negativa	Forma de tratamento expressiva	Positiva	Negativa	Anonimato dos interlocutores	
							SIM	NÃO
<i>Blog A</i>	-			Guerrilheira terrorista!		X	X	
<i>Blog B</i>	-			Esse PT é pura tolice!!! Gente mal caráter!!!		X	X	
<i>Blog C</i>	Dá traço, Reinaldão!	X		Duvido que Dilmitrova, com crise ou sem crise, com Lula ou sem Lula, consiga emplacar.		X		X
<i>Blog D</i>	-			Só caem nesse discurso os ignorantes que recebem do governo. E os próprios petistas, é claro.		X		X
<i>Blog E</i>	-			É claro que ela passa de ano...de 2008 pra 2009 e assim por diante!!!!KKKK!!O “apedeuta ” tmb não passou????		X		X
<i>Blog F</i>	Sabe como é, a força do hábito, Rei.	X		Mas olha que bicha safada!		X		X
<i>Blog G</i>	-			Ainda acho que Dilma é um boi de		X		X

				piranha.				
<i>Blog H</i>	-			Terrorista, homicida e assaltante.		X		X
<i>Blog I</i>	Como é que a gente faz pra se ver livre dos “petralhas”?	X		Como é que a gente faz pra se ver livre dos “petralhas”?		X		X
<i>Blog J</i>	Rei, autoritária como a Dilma é, você não acha que ela vai acabar metendo os pés pelas mãos já já?	X		Autoritária como a Dilma é.		X	X	
<i>Blog K</i>	-			ONDE É QUE ESTÁ A OPOSIÇÃO QUE NÃO RESPONDE PRONTAMENTE A ESTAS ASNEIRAS QUE OS PETRALHAS VIVEM APREGOANDO?		X	X	
<i>Blog L</i>	-			Que mulher brega, chata, pedante, cafona e insuportável, mas, faz coro com a chatura das mulheres do PT, que raça mais insuportável. [...]Que pena que essas mulheres petistas são tão retardadas.		X	X	
<i>Blog M</i>	-			Que mulher é essa gente?		X	X	

<i>Blog N</i>	-			Ele é um boçal, ignorante, um palanqueiro metido a estadista, mas cretino, não é.		X	X	
<i>Blog O</i>	-			O que se pode esperar de uma Senhora que com vinte anos (e em menos de um ano) praticou seis assaltos a mão armada (com a finalidade de roubar) e participou do planejamento de assassinato?		X	X	
<i>Blog P</i>	[Bazzarov][10:36 PM] Aquela relação é a que consta somente na primeira pagina do curriculum!	X		Faltam outras páginas - que espero apareçam. Mas, mesmo esta, já seria suficiente para prisão perpétua.....		X		X ⁷⁰
<i>Blog Q</i>	Rei sem querer fazer ofensa pessoal à Dilma, que afinal seus filhos merecem nosso respeito.	X		Com este discurso rastaquera, o que será que ela tem para oferecer ao Brasil, além de maus exemplos?		X	X	
<i>Blog R</i>	Reinaldo, [...]Você tem	X		No comentário que fiz aqui ontem		X		X

70 Apesar do comentário do Locutor P mostrar-se como Anônimo, ele assina seu nome próprio no fim de sua intervenção.

	todo direito de me censurar, mas escrevo novamente caso não tenha me expressado bem.			observei que métodos aliciatórios empreendidos através de mecanismos de propaganda enganosa sutil com o objetivo de enganar as massas não são exclusivos das esquerdas políticas.				
<i>Blog S</i>	Tio Rei!	X		Dilma levar pau, só pode ser mesmo em redação pq no outro particular, nem com viagra.		X	X	

Fonte: elaborada pela autora

APÊNDICE IIc: Formas de tratamento interacionais e expressivas / Anonimato dos interlocutores do *blog C*

Tabela 26 - Formas de tratamento interacionais e expressivas / Anonimato dos interlocutores *Blog C*

Interlocutores do <i>Blog C</i>	Formas de tratamento interacionais	Positiva	Negativa	Forma de tratamento expressiva	Positiva	Negativa	Anonimato dos interlocutores	
							SIM	NÃO
<i>Blog A</i>	Mas, Nassif, o que acontecerá o dia que tivermos no poder alguém que tem como aliado preferencial o dono do bueiro? Já pensou nisso?	X		O bueiro e a quadrilha que o acompanha vão se tornar modelo para a imprensa nativa? Cruz Credo!!!		X		X
<i>Blog B</i>	agora eu posso começar a frequentar o seu <i>blog</i> sem peso na consciência ..sem medo de ser feliz		X	Bem, já que agora você caiu na real de que Serra é só mais um Denorex		X		X
<i>Blog C</i>	-			E a turma do Serra é pesada/defasada/velha e com ideias dos anos 70 ou mais velhas ainda. (Vide seu atual vice: totalmente esclerosado).		X		X
<i>Blog D</i>	-			Certamente a Casa Civil deve ser mais complexa do que o ministério	X			X

				da Saúde, mesmo assim não pode ser comparada ao governo do maior estado da nação que é SP.				
<i>Blog E</i>	Nassif, acho que estás superestimando o cacife do Serra [...] Pelo visto não sou só eu que penso assim, pelos comentários publicados tu tá igual o futsal do Japão, perdendo de 12X1.		X	Fora de SPaulo ninguém conhece o Serra, até porque ele não quer que o conheçam, é blindado pela mídia para o Brasil não saber como ele é "fraquinho".		X		X
<i>Blog F</i>	Concordo, Nassif, qualquer um dos dois candidatos desempenharia um bom papel.	X		Mas, tanto um quanto outro tem uma dificuldade enorme de penetração nas classes mais baixas, que decidem a eleição.	X			X
<i>Blog G</i>	Nassif, gostaria de saber como o Serra serve para governar o país?	X		Serra ainda não demonstrou, na prefeitura e no estado, o mesmo pique gerencial que na Saúde...	X			X
<i>Blog H</i>	-			Como estrategista do governo Lula, ela nao teve competencia ou sagacidade para impedir, ou pelo menos diminuir, a permanente queda do valor do dolar.		X		X

<i>Blog I</i>	Nassif, Lendo os comentários acima animei-me em questionar a boa avaliação que voce volta e meia faz do Serra.	X		Nestes quase 2 anos como governador sua atuação também é ruim. A saúde tá péssima. A polícia em greve, com salários baixos. A educação é um desastre.		X		X
<i>Blog J1</i>	Concordo com você Nassif, entre os dois o Brasil, estará bem servido.	X		Quer mais competência administrativa do que esta que está sendo adquirida por Dilma no gerenciamento do PAC?	X			X
<i>Blog J2</i>	Você diz, ao final, que: "De qualquer modo, entre os dois o país estará bem servido."	X		Na governança se mostrou incompetente e oportunista. Perdeu, está perdendo uma oportunidade de ouro.		X		X
<i>Blog K</i>	-			A Dilma é um zero à esquerda. Abaixo da crítica. Tem o pavio curto, uma burocrata sem nenhum cacoete político. Vai incendiar o país.		X		X
<i>Blog L</i>	Sei que vc. adora a questão gerencial e de controle de		X	Ignorar que o PAC tem anos de incompetencia chega a ser cegueira		X		X

	qualidade mas ignorar que o PAC tem anos de incompetencia chega a ser cegueira irresponsavel.			irresponsavel.				
<i>Blog M</i>	-			Tem restrições a ambos, põe os pontos positivos e negativos de ambos. Não diz em nenhum momento, quero o Serra como presidente, como muitos interpretaram.	X			X
<i>Blog N</i>	Flavio, matou a pau em seu comentário.	X		Uma aberração, que consegue esconder que crepita uma delicada greve da polícia civil em São Paulo.		X		X
<i>Blog O</i>	Nassif Voce diz que estaremos bem servidos com o Serra por espirito de corpo.	X		Da para formar um timaço. Civita – Eminencia Parda. Tavinho (enciumadissimo) – Ministro da Cultura. Clovis Rossi – Porta Voz. Eliane Febrão – Sucen e Anac. Brad – Abin (inteligência e com ele mesmo) e tantos outros.		X		X
<i>Blog P</i>	Antes do senhor responder		X	Onde chegou Nassif?		X		X

	com sua prepotência peculiar, olhe as previsões na última pesquisa para prefeitura de Salvador.			Critica tanto a Imprensa e todos. E quem é Carlos Montenegro?				
<i>Blog Q</i>	Serra, Nassif !?!? Jura que vc acredita que ele não traria consigo um pouco do atraso do PSDB, do jeito FHC de governar?	X		Não depõe contra o caráter do Serra essa ambição que atropela até a ética pessoal, ao juntar-se à mídia do esgoto?		X		X
Locutor R1	Nassif, não decepciona!		X	Serra o golpista da mídia. tem alguém mal informado.		X		X
<i>Blog R2</i>	Ô querido, não é patrulha.		X ⁷¹	Ignorar os fatos sobre José Serra e comentar apenas o discurso de Serra é má informação.		X		X
Locutor/jornalista	-			Roberto Civita se tornará o sujeito mais poderoso do país.	X			X
Locutor/jornalista	-			Hehehehehehe... Essa do Brad Pitt da inteligência foi campeã.		X ⁷²		X

71 Apesar do emprego da expressão positiva “Ô querido” ao interpelar o Locutor-jornalista, entendemos que o Locutor faz uso da ironia, sendo, portanto, classificada como negativa em nossa tabela.

72 Do mesmo modo que o item 71, percebemos um tom irônico do Locutor-jornalista em sua contrarresposta ao Locutor O.

Locutor/ jornalista	Limpa o nariz, Ranhildo.		X	Limpa o nariz.		X		X
Locutor/ jornalista	Francisco: não patrulhe.		X	Não patrulhe.		X		X

Fonte: elaborada pela autora

APÊNDICE III - As intervenções⁷³ dos interlocutores dos *blogs*

APÊNDICE IIIa: Intervenções *Blog A* – Mino Carta

Locutor A: *jairo batista dos santos escreveu em terça, 02 de dezembro de 2008 às 14:20:*

Mino Concordo em número, gênero e grau. o governo Lula é muito melhor que o governo FHC, mas poderia ter feito muito mais. P.S.: Daniel Dantas, o banqueiro orelhudo, acabou de ser condenado pelo juiz Fausto Martin de Sanctis. Que tal um *post* sobre o assunto.

Locutor B: *Luiz Henrique Mendes, estudante de jornalismo escreveu em terça, 02 de dezembro de 2008 às 14:24:*

Mino, Suas análises a respeito do PT são brilhantes. Concordo com o que disse sobre Lula. Um pergunta: você acha que com Dilma presidente o Brasil estaria à esquerda ou à direita de Lula? Aproveitando de seu fino conhecimento, o que será do PT? Tem jeito de criar boas lideranças ou estará fadado a mesmice?

Locutor C: *CARLOS GRAÇA ARANHA escreveu em terça, 02 de dezembro de 2008 às 14:29:*

Mino, respeito muito sua opinião. Como você, admiro Lula. Votei nele. Há claros sinais de diferenças entre este governo e os anteriores. A temática social exsurge de cada ato governamental. O insofismável sacerdócio presidencial requisita, como presunção, disponibilidade para conceder, ceder, exigir, solicitar, por, contrapor, mas, sinceramente, tem sido demais. Tergiversar com a dignidade é inconcebível. Andaram guinando à direita demais, e o pior, essa direita que nem sabe o que é ser direita na acepção ideológica da palavra, posto que simplesmente, não há ideologias em disputa, mas tetas, muitas, todas da "viúva". Embora seja mesmo sacerdócio a presidência, quando se está com a moral à frente dos atos, quando o caráter não permite a

⁷³ Como explicitado no capítulo 3.1, invertemos a ordem dos recados dos comentadores, ou seja, os recados aqui apresentados se encontram em ordem crescente, mostrados a partir do primeiro recado postado pelo leitor.

defenestração do bom senso de justiça, quando se age em desfavor do indivíduo, sublimando e trazendo pujança ao interesse coletivo, não há que se falar que os fins justificam os meios e, assim, menos elástica a moldura do caráter. Sinto uma profunda decepção, às raias da desilusão quanto a este governo, principalmente em razão da pífia reação diante da Satiagraha. Não pensemos que Lula guarde na manga cartas que explodirão os canalhas e os escrotos logo a seguir. Perdeu as cartas e as mangas. Perdeu um momento histórico de se livrar dos visgos, mas escolheu um lado. O errado! Sinto-me vilipendiado e vítima de um estelionato eleitoral, ainda que seja um governo melhor que os anteriores. Não voto mais, conscientemente. Compareço, a lei me obriga.

Locutor D: *Fernando escreveu em terça, 02 de dezembro de 2008 às 14:47:*

Mino, continuaria a votar nele mesmo depois dessas demonstracoes de fraqueza ao aceitar ser chamado as falas, afastar Lacerda, deixar PF e Min da Justica serem manipulados. Esse episodio nem os mais tolerantes engolem.

Locutor E: *Ricardo Lemos escreveu em terça, 02 de dezembro de 2008 às 15:01:*

Passei mais da metade de minha vida sonhando com o PT no poder. Lula eleito, logo ficou claro nossas diferenças. Acreditava na construção de uma midia democrática, numa reforma agrária direcionada para outra politica agricola, voltada para a diversidade produtiva e para o mercado interno, com respeito ao meio ambiente, uma politica de direitos humanos, investimento em educação, moradia, transporte público e planejamento urbano adequado para, principalmente, as grandes cidades. Não me considero uma pessoa tão exigente com o governo Lula. Mas vejo que os caminhos foram outros: José Dirceu, depois de tudo, com poder na Policia Federal, Daniel Dantas, Gilmar Mendes e tantos outros que nos dão motivo de sobra para tanta vergonha, aliados de Lula, pessoa que tanto sonhei no Poder. Não para isto, é claro. Vivendo e aprendendo.

Locutor F: *carlos pereira escreveu em terça, 02 de dezembro de 2008 às 15:31:*

Um belo registro Mino, como sempre! O segundo voto é meu.

Locutor G: *Dante Pessoa escreveu em terça, 02 de dezembro de 2008 às 15:31:*

Para surpresa e decepção de muitos, não há como negar que o Serra está à esquerda de Lula. E nem um pasticha da tese bobbiana, como este servido pelo dono do *blog*, pode servir para desmentir isso. Aliás, o refinamento do pensador italiano o afastava peremptoriamente de qualquer maniqueísmo equemático ou esquematismo maniqueísta. Quem leu o livro "Qual Socialismo?", sabe sua verdadeira opinião sobre o tema e que esta não se resume a uma boutade reducionista. Aliás, no emblemático conflito entre os valores LIBERDADE e IGUALDADE, o Bobbio sempre defendeu como condição para a garantia de uma RELATIVA igualdade a defesa da liberdade. Esse tipo de mandracaria teórica com o intuito de satanizar oponentes parece ser uma especialidade do *blog*, que já chegou ao paroxismo de dizer que Stálin foi de direita. Na verdade, considero o atual presidente uma sopa ideológica com ingredientes de pragmatismo no campo macroeconômico e na política de alianças, esquerdismo na esfera das políticas sociais e de populismo direitista no discurso, que nada mais passa que uma emulação do paternalismo salvacionista do varguismo, com as inevitáveis pitadas de cooptação do sindicalismo, bem ao estilo facista. O resto é lorota e de quem se refere ao presidente como "Nosso Lula". Poupe-me.

Locutor H: *Geraldo Hasse escreveu em terça, 02 de dezembro de 2008 às 15:37:*

Um voto de louvor ao redator pela clareza e objetividade sobre assunto tão controverso. O quinto item enriquece a história e as últimas orações são perfeitas. Que o Divino continue espargindo luz sobre suas cãs

Locutor I: *Marcos Leonel escreveu em terça, 02 de dezembro de 2008 às 18:52:*

Também votaria, pois sempre votei, mas concordo plenamente com os comentários de Mimo, pode melhorar muito ainda tem tempo e precisa ser rápido.

Locutor J: *Maria escreveu em terça, 02 de dezembro de 2008 às 19:41:*

Mino, concordo com você sobre o perfil do Lula, por isto, não voto no rapaz mais. Algo ainda está por vir. Exemplo disto é o fato do Dirceu, mesmo com todos os indícios de que a Dilma tem o apoio do Lula, não 'bater' na mesma, como

reiteradamente faz com os possíveis companheiros de partido. Portanto, algo passa por este triângulo que ainda não está claro. Quanto à proximidade de Lula com Serra e outros tucanos? Pública e notória comunhão de interesses e projetos. Acho que está muito cedo para afirmar se haverá ou não aliança entre pt e psdb, mas, saindo do eixo SP, as vitrines apontam sim para uma congregação de partidos. A provável opção de Lula será o psdb de Minas. Por cá, o cheiro é de que o Aécio seja arremessado para o pmdb, portanto, este e o pt cairiam um nos braços do outro. É questão de amor eterno: amor ao projeto pessoal dos caciques de cá com o grande amor que Lula aperfeiçoou pelo 'puder'! Por vezes, os pobres mortais de cá mencionam o Dirceu no convívio direto com 'os grandes nomes das Gerais'. Com certeza o moço não está em busca de suas raízes. Você já pescou na sua fonte alguma referência sobre tais fatos??? Conta, vai...rsrsrsrs

Locutor K: *Felipe B Dieguez escreveu em terça, 02 de dezembro de 2008 às 19:54:*

Tô contigo e não abro!

Locutor L: *Sylvia Manzano escreveu em terça, 02 de dezembro de 2008 às 21:09:*

Melhorou bastante, mas esse papo que a fonte é boa, mas não posso citar, o iguala com todos os demais jornalistas e sinceramente lendo o que disse, senti aquele característico enjôo de estômago que sentia no tempo em que lia a "Folha" e assistia o JN. Do nada, eles vão lançando suspeitas e mais suspeitas, envenenando o governo Lula e o PT. Vocês fariam melhor? Acham que foi fácil fazer tudo que Lula e o PT fizeram até agora pelo Brasil?

Locutor M: *Tereza escreveu em quarta, 03 de dezembro de 2008 às 01:53:*

Concordo totalmente com cada linha deste texto!

Locutor N: *Jussara escreveu em quarta, 03 de dezembro de 2008 às 02:38:*

A cada dia minha admiração e respeito por você crescem. Suas análises claras e objetivas, fazem bem à nossa alma. Partilho suas percepções sobre o nosso presidente. Obrigado por manter este *blog*.

Locutor O: *Juliana Teixeira escreveu em quarta, 03 de dezembro de 2008 às 16:25:*

Texto brilhante. Simples assim.

Locutor P: *osni escreveu em quarta, 03 de dezembro de 2008 às 22:33:*

Mesmo o Lula sindicalista já era um conciliador. Há mais de lenda e fantasia no Lula guerreiro, lutador, radical, do que verdade histórica. O Lula não quis sequer ser sindicalista, o foi por insistência dos metalúrgicos e do seu irmão, Frei Chico, este sim comunista convicto, do partido. O Lula não gostava de política, mas soube aproveitar a oportunidade quando se elegeu pres. do sindicato dos metalúrgicos; tomou gosto pela coisa e não saiu mais. Politicamente, o líder combativo era um conciliador, um negociador. Para a platéia (companheiros) desafiava os patrões, mas nos bastidores negociava. É fato, está na história. Como fundador do partido, foi "usado" pela esquerda guerrilheira, que precisava de alguém como ele para chegar ao poder. O Lula realmente nunca foi de esquerda. Tem muito medo de contrariar a minoria branca e poderosa do Brasil, sempre teve. É e foi amigo dos tucanos, FHC, Serra..., fizeram várias campanhas juntos durante as Diretas-já. A briga entre tucanos e petistas só existe na militância, já nos bastidores eles se entendem. Não duvido que o Serra seja o candidato do Lula para 2010. Nunca vi o governador atacar o Lula e a recíproca é verdadeira.

Locutor Q: *Galvão escreveu em quinta, 04 de dezembro de 2008 às 16:22:*

Parece que o comentarista osni, baixou aqui num ovni.

Locutor R: *Edison Carvalho escreveu em quinta, 04 de dezembro de 2008 às 22:32:*

Galvão, É que eles, depois da mãozinha _ não sei explicar por que - do Mino, devem se achar em tamanho estado de êxtase, que agora pregam aos quatro ventos a tal proximidade entre Lula e Serra como a descoberta da maior das verdades!!

Locutor-enunciador: *Jornalista Mino Carta*

segunda, 08 de dezembro de 2008 às 13:16


Serra e Lula

Respondo a Edison Carvalho. Não dei mãozinha alguma a quem quer que seja ao revelar que Lula simpatiza com Serra. Não disse que apoiaria sua candidatura, mesmo porque não tenho qualquer informação a respeito e, sublinho, não acredito na possibilidade. Do apoio, está claro. Não perca de vista, meu caro Edison, que Serra e Lula já estiveram mais próximos em outros tempos e que têm muitos amigos em comum.


Locutor R2: *Edison Carvalho escreveu em segunda, 08 de dezembro de 2008 às 19:05:*


Prezado Mino, Eu também não acredito na possibilidade....., nem em pensamento. Pois diante da falta desse referencial à esquerda, que é o Operário, poderíamos muito bem mergulharmos num vácuo de desesperança com tudo de pior que isto poderia nos trazer. Portanto preservemos o Metalúrgico, porque se o desconstruirmos - como a Mídia faz sistematicamente com várias lideranças do PT - "sabe Deus o que nos espera depois"!!

APÊNDICE IIIb: Intervenções Blog B – Reinaldo Azevedo

Locutor A:  <i>Anônimo disse:</i>
dezembro 12, 2008 às 8:10 pm
<p>Esta senhora deveria preocupar-se com a ficha-currículo que já está circulando na internet.</p> <p>Guerrilheira terrorista!</p> <p>E digo mais, quando se é bom naquilo que se faz, a última coisa deveria ser tentar desmerecer outros. Essa gente é tão problemática no complexo de inferioridade e no coitadismo, que não faz um nó, sem se comparar com outros, colocando-se, pretensamente, acima.</p> <p>Pelo tempo, já deveriam ter aprendido a ser melhores, não é?</p> <p>Ô cambada de gente falsa, mentirosa, hipócrita e CORRUPTA!</p> <p>Essa gente gosta de subverter o que é legal, discurso “chinfrim” e TETAS DO ESTADO!</p> <p>Isso é a especialidade da canalha!</p> <p>Fora, ESQUERDOPATAS!!!</p> <p>O Brasil precisa de saúde democrática!</p>

Locutor B: <i>Anônimo disse:</i>
dezembro 12, 2008 às 8:14 pm
<p>Essa gente é tão rala, que não sabe inovar nem o discurso, já que se diz protagonista em realizar um “brasil” tão maravilhoso e perfeito...</p> <p>Onde está esse País? Cara pálida??</p> <p>Esse PT é pura tolice!!!</p> <p>Gente mal caráter!!!</p>

Locutor C:  <i>Luis Antonio disse:</i>
dezembro 12, 2008 às 9:58 pm
<p>Reinaldão,</p> <p>olha, duvido que Dilmitrova, com crise ou sem crise, com Lula ou sem Lula, consiga emplacar. A sutileza no trato político da ministra está mais para dirigente de aparelho.</p> <p>Dá traço, Reinaldão!</p>

Locutor D:  <i>Daniel Oliveira disse:</i>
dezembro 12, 2008 às 10:13 pm
<p>Só caem nesse discurso os ignorantes que recebem do governo. E os próprios petistas, é claro.</p>

Locutor E:  *ida disse:*

dezembro 12, 2008 às 10:14 pm

Que coisa feia, é claro que ela passa de ano...de 2008 pra 2009 e assim por diante!!!!KKKK!!O “apedeuta ” tmb não passou???

Locutor F:  *Cris disse:*

dezembro 12, 2008 às 10:17 pm

Mas olha que bicha safada! Não é que ela “expropriou” o Bolsa Família do FHC?! PÔ, mas essa dona não deixa NADA? Onde passa, leva alguma coisa? hahahahaha Sabe como é, a força do hábito, Rei.

Duro vai ser botar alguma simpatia naquilo. Coisinha triste. TUDO nela é prá baixo. Olhos virados prá baixo. Boca virada prá baixo. Astral baixíssimo! E, como boa petralha, GESTICULA DEMAIS. Detesto gente que “bota dedo” ao falar. Dilmona adooooooooora sacudir dedo. tsc tsc

Bem, aliás, a Idelouca também discursa e lê até bula de remédio balançando o dedinho na cara da gente. Reparei que a Meméia (ops!), a Serys não sei o que, também usa e abusa do recurso “dedo na cara”. Alguém PRECISA avisar ao treinador delas que isso É FALTA DE EDUCAÇÃO.

No mais, a própria Dilma já disse: ela nao fala a verdade neeeeeem sob tortura!

Locutor G:  *Petrus Paulus disse:*

dezembro 12, 2008 às 10:23 pm

Ainda acho que a Dilma é um boi de piranha, que na última hora aparece outro candidato.

Locutor H:  *Bazarov disse:*

dezembro 12, 2008 às 10:36 pm

DILMA VANA ROUSSEFF LINHARES

Terrorista, homicida e assaltante

01/08/68 – assalto ao banco Mercantil de São Paulo;
 06/10/68 – assalto ao Banespa;
 12/10/68 – planejamento do assassinato do Cap. Charles Chandler;
 11/12/68 – assalto a uma casa de armas (48 armas roubadas);
 24/01/69 – assalto ao 4º RI, Quitaúna, SP (63 fuzis e munições);
 19/07/69 – assalto à casa do governador Ademar de Barros;
 20/09/69 – assalto ao quartel da Força Pública....

Veja aqui sua ficha criminal:

<http://www.flickr.com/photos/21696523@N07/3103754674>

Essa senhora ainda tem a cara-pau de falar em revisão da lei anistia para punir os militares. É um disparate inominável!

Locutor I:  *sousajluiz disse:*

dezembro 12, 2008 às 10:44 pm

Como é que a gente faz pra se ver livre dos “petralhas”?

Locutor J:  *Anônimo disse:*

dezembro 12, 2008 às 11:20 pm

Rei,

autoritária como a Dilma é, você não acha que ela vai acabar metendo os pés pelas mãos já já?

Não adianta, as pessoas se entregam.

Lembra do Ciro?

Morreu pela boca quantas vezes?

A meu ver, diante do longo percurso, o gênio da Dilma não a levará até lá... a não ser, é claro, que a imprensa colabore com ela ...

Locutor K:  *Anônimo disse:*

dezembro 12, 2008 às 11:36 pm

ONDE É QUE ESTÁ A OPOSIÇÃO QUE NÃO RESPONDE PRONTAMENTE A ESTAS ASNEIRAS QUE OS PETRALHAS VIVEM APREGOANDO? SE LULALÁ E MÃE DILMA FAZEM PELO MENOS UM DISCURSO ELEITORAL POR DIA, A OPOSIÇÃO DEVERIA DAR O TROCO NA MESMA MOEDA, DESMASCARANDO A MEDIOCRIDADE DO RACIOCÍNIO PETISTÓIDE. OU ELES PRETENDEM ESPERAR 2010 PARA COMEÇAR A SE MANIFESTAR?

Locutor L:  *Anônimo disse:*

dezembro 12, 2008 às 11:41 pm

Essa Dilma vai ser uma ótima candidata, (candidatura a fórceps do pré sal, ou peça de marketing do Duda Mendonça via mensalão 2, ou será somente um vírus Cavalão de Tróia?), ótima vidraça.

Que mulher brega, chata, pedante, cafona e insuportável, mas, faz coro com a chatura das mulheres do PT, que raça mais insuportável: a Suplicy, a Genro, no momento no Psol junto com a gralha HH, a Carepa (essa é sem comparação a chefe da picaretagem parelha da ex diretora da ANAC, lembram? a charuteira) a Biu, deslumbrada em Buenos Aires, a Ministra da Negritude Júnior e seus cartões corporativos, a Ideli e sua cabeleira mutante, e lembram da deputada gorducha? que dançou no plenário e nas urnas. E olha que a Rosane Collor era só uma matuta deslumbrada.

Que pena que essas mulheres petistas são tão retardadas. Será um prazer sra PAC, ver a raça petista perder feio, mas, infelizmente vão deixar uma lama podre de herança: corrupção, Ong's, vigaristagem institucionalizada, Bate-lata, Bolsa-tudo, cotas raciais, Chavez e similares, Marco Aurélio Garcia, Dirceu, Paulinho da Maior Força, ufa... 2010, como demora a chegar!

Detefon e Fumacê nesse povo patético.

Locutor M:  *Anônimo disse:*

dezembro 13, 2008 às 1:02 am

Diz lá uma antiga propaganda: "O mundo gira e a Lusitana roda", será que dá para parar de rodar e girar? Estou nauseada, quero descer dessa nave louca, que mulher é essa gente? Ai que mal estar...

Locutor N:  *Anônimo disse:*

dezembro 13, 2008 às 8:12 am

Não é possível que o Lula pense mesmo em emplacar a Dilma. Ele é um boçal, ignorante, um palanqueiro metido a estadista, mas cretino, não é. Portanto, tudo leva a crer que sabe que Dilmona não tem vez. Conclusão: debaixo desse angu, tem truta!

Locutor O:  *Anônimo disse:*

dezembro 13, 2008 às 10:30 am

Parece que o passar do tempo e os mestrados e doutorados nada serviram á formação da estatura moral indispensável á quem pretende ser o presidente de um País. De resto: o que se pode esperar de uma Senhora que com vinte anos (e em menos de um ano) praticou seis assaltos a mão armada (com a finalidade de roubar) e participou do planejamento de assassinato?
Triste: estamos caminhando para o “NOSFU”....

Locutor P:  *Anônimo disse:*

dezembro 13, 2008 às 10:41 am

[Bazzarov][10:36 PM] Aquela relação é a que consta somente na primeira pagina do curriculum! Faltam outras páginas - que espero apareçam. Mas, mesmo esta, já seria suficiente para prisão perpétua.....
Fernando

Locutor Q:  *Anônimo disse:*

dezembro 13, 2008 às 10:42 am

Rei

sem querer fazer ofensa pessoal à Dilma, que afinal seus filhos merecem nosso respeito, se ela é o que o PT tem de melhor, o Brasil está mais comprometido do que poderíamos imaginar!
Com este passado, com este perfil, com este Governo, com este dossiê, com esta declaração de que não fala a verdade, com este discurso rastaquera, o que será que ela tem para oferecer ao Brasil, além de maus exemplos?

Locutor R:  *Cefeiro disse:*

dezembro 13, 2008 às 2:34 pm

Reinaldo, no comentário que fiz aqui ontem observei que métodos aliciatórios empreendidos através de mecanismos de propaganda enganosa sutil com o objetivo de enganar as massas não são exclusivos das esquerdas políticas, apesar de que nelas, eles estão presentes de maneira intrínseca. Revendo a história isso chega a ser ridículo de tão óbvio. Acho que discutir idéias sem partidariá-las eleva o debate político. Você tem todo direito de me censurar, mas escrevo novamente caso não tenha me expressado bem.

Locutor S:  **Anônimo disse:**

dezembro 13, 2008 às 5:03 pm

Tio Rei! Dilma levar pau, só pode ser mesmo em redação pq no outro particular, nem com viagra.

APÊNDICE IIIc: Intervenções *Blog C*

Locutor A⁷⁴: <i>Enviado por: Gilberto Cruvinel</i>
Comentar Fechar [x]
<p>Sempre tive uma excelente avaliação do Serra e uma igualmente excelente expectativa do que ele poderia fazer quando chegasse à Presidência da República. A imagem que ele transmite é realmente do quadro mais competente que temos para governar o país.</p> <p style="text-align: center;">Até aí tudo lindo.</p> <p>Mas, Nassif, o que acontecerá o dia que tivermos no poder alguém que tem como aliado preferencial o dono do bueiro? Já pensou nisso? O bueiro e a quadrilha que o acompanha vão se tornar modelo para a imprensa nativa? Cruz Credo!!!</p>
01/10/2008 10:31
Locutor-enunciador: <i>Respondido por: Luis Nassif</i>
Roberto Civita se tornará o sujeito mais poderoso do país.
01/10/2008 10:47

Locutor B: <i>Enviado por: Romanelli</i>
Comentar Fechar [x]
<p style="text-align: center;">O nascer de uma nova era</p> <p style="text-align: center;">Bem, já que agora você caiu na real de que Serra é só mais um Denorex ...agora ...agora eu posso começar a frequentar o seu <i>blog</i> sem peso na consciência ..sem medo de ser feliz</p>
01/10/2008 10:57

74 Há uma incompatibilidade de horários acerca da notícia postada pelo jornalista em relação ao locutor A, uma vez que no post de Nassif consta o horário das 11.05 da manhã do dia 01 de Outubro, sendo que o primeiro comentário deixado pelo locutor A ocorreu às 10.31 da manhã do mesmo dia, o que constatamos tratar de duas possibilidades: um equívoco operacional do computador ou uma intervenção do jornalista para alterar algo em sua própria postagem original. Porém, sem prejuízo algum em nossas análises.

Locutor C: <i>Enviado por: Flavio</i>
Comentar Fechar [x]
1) Serra não tem "um projeto de desenvolvimento". Tem um projeto de Presidencia. 2) Conjuntura! Conjuntura! Não adiante ter uma conjuntura favorável se o administrador é inerte ou tipo espertalhão - no sentido astuto/malicioso -, isto é, querer resolver todos os problemas dos OUTROS (como o Serra sempre faz) e esquecer os seus próprios problemas. 3) O politico, o administrador nunca é só. E a turma do Serra é pesada/defasada/velha e com ideias dos anos 70 ou mais velhas ainda. (Vide seu atual vice: totalmente esclerosado) Já a Dilma tem ideias e pessoas com mentalidades mais arejadas. É a turma do Sec. XXI. Aposto na Dilma. Evidente!!!
01/10/2008 11:20

Locutor D: <i>Enviado por: Sérgio</i>
Comentar Fechar [x]
Hummmm... Parece-me um comentário de quem já decidiu o seu apoio. Engraçado é o comentarista dizer que o Serra não conseguiu, no governo de SP, a mesma performance de quando estava no ministério da Saúde, por causa da maior complexidade do governo Paulista e esquecer de usar o mesmo argumento no caso da Dilma. Certamente a Casa Civil deve ser mais complexa do que o ministério da Saúde, mesmo assim não pode ser comparada ao governo do maior estado da nação que é SP. Talvez falte a Dilma uma experiência desse tipo. Acho que o Nassif não entendeu direito o que o Botafoguense disse... ou entendeu perfeitamente e já mostrou o seu voto.
01/10/2008 11:24

Locutor E: <i>Enviado por: Selma</i>
Comentar Fechar [x]
<p>Nassif, acho que estás superestimando o cacife do Serra. Fora de SPaulo ninguém conhece o Serra, até porque ele não quer que o conheçam, é blindado pela mídia para o Brasil não saber como ele é "fraquinho". A cada "denúncia" contra o governo federal, com fundamento ou sem, a mídia enfia um microfone na cara do Lula, não importa onde esteja; do Serra não tem nada na mídia, como já disse alguém que comentou aqui, nem a favor nem contra. Se vaza algo por impossível de esconder (buraco do metrô, Alston e outros), ninguém chega perto do Serra para fazer qualquer quetionamento. Pelo visto não sou só eu que penso assim, pelos comentários publicados tu tá igual o futsal do Japão, perdendo de 12X1.</p>
01/10/2008 12:13

Locutor F: <i>Enviado por: .Pascoal</i>
Comentar Fechar [x]
<p>Concordo, Nassif, qualquer um dos dois candidatos desempenharia um bom papel, sob a ótica da "eliti crasse média" deste país. Os mercados estariam seguros, o parque industrial contaria com um bom investimento e a assistência social se manteria nas mesmas bases.</p> <p>Serra tem uma característica gerencial baseada em resultados, o que garante celeridade na implantação da infraestrutura necessário ao crescimento econômico. Sabe reunir bons nomes em torno de seu governo e costura alianças muito bem.</p> <p>Dilma também se baseia em resultados para gerenciar, conhece os atalhos para agilizar a instalação de um parque industrial mais inteligente e seu trabalho na casa civil tem mostrado que as costuras políticas são boas.</p> <p>Mas, tanto um quanto outro tem uma dificuldade enorme de penetração nas classes mais baixas, que decidem a eleição. Serra porque não compreende bem o conceito de gente pobre e Dilma porque seria uma novidade que desafiaria o conservadorismo das classes mais baixas.</p>
01/10/2008 12:22

Locutor G: <i>Enviado por: Manojó</i>
Comentar Fechar [x]
<p>Serra ainda não demonstrou, na prefeitura e no estado, o mesmo pique gerencial que na Saúde....Esse estilo funciona em realidades mais simples, como o próprio Ministério da Saúde. Lá, as estruturas estavam ao alcance dos seus olhos. Bastava colocar uma pessoa de confiança em cada perna do Ministério e cobrar resultados.</p> <p>Nassif, gostaria de saber como o Serra serve para governar o país?</p> <p>Governar o Brasil é mais simples do que governar um município, ainda que o da Cidade de São Paulo, ou governar um estado, Ainda que o Estado de São Paulo? O Brasil é equivalente ao Ministério da Saúde?. Não entendi. Juro!</p>
01/10/2008 13:39

Locutor H: <i>Enviado por: caio</i>
Comentar Fechar [x]
<p>Mas o que é que a Dilma fez?</p> <p>Faz 6 anos que ela manda e desmanda na área de energia, da qual ela se diz "grande especialista" e qual é o resultado até agora? Nenhum. Se houvesse seca no início de 2008 teríamos tido racionamento de energia. Isto é competência?</p> <p>No PAC a maior parte do investimento vem de estatais, especialmente a Petrobras, que já tem estrutura própria para analisar e fazer os investimentos. Ela influencia muito pouco na maior ou menor rapidez desses investimentos.</p> <p>Como estrategista do governo Lula, ela não teve competência ou sagacidade para impedir, ou pelo menos diminuir, a permanente queda do valor do dólar, jogando fora o presente que o mundo deu ao Brasil.</p>
01/10/2008 14:21

Locutor I: <i>Enviado por: Francisco Ernesto Guerra</i>
Comentar Fechar [x]
<p>Nassif,</p> <p>Lendo os comentários acima animei-me em questionar a boa avaliação que você volta e meia faz do Serra.</p>

Os dois anos dele a frente da PMSP foram ruins. Nestes quase 2 anos como governador sua atuação também é ruim. A saúde tá péssima. A polícia em greve, com salários baixos. A educação é um desastre. Estamos praticamente eletrocutados, com estes 16 anos de "choques de gestão".

Então, no que Serra se destaca?

01/10/2008 14:30

Locutor J1: *Enviado por: luzete*

Comentar | Fechar [x]

Concordo com você Nassif, entre os dois o Brasil, estará bem servido, só que com ela estará muito mais bem servido...

Detalhes. pequenos detalhes...

E acho que Montenegro, quando diz que Dilma não tem competência administrativa tanto quanto Serra, ele alega que "Serra fez seu nome em poucos anos como Ministro da Saúde. Antes, montou nome em cima de atuação eminentemente legislativa. Dilma está à frente do maior programa de obras das últimas décadas."

Quer mais competência administrativa do que esta que está sendo adquirida por Dilma no gerenciamento do PAC? Eu acho é que, na imprensa, as coisas foram e são sempre mais favoráveis ao Serra.

01/10/2008 14:45

Locutor K: *Enviado por: Gerson Alves*

Comentar | Fechar [x]

Dilma é igual ao Pitta.

Uma candidata sem nenhuma experiência eleitoral, sem nenhum cacoete de política governando um país só pelo capricho do presidente atual, tal como foi com o Maluf quando indicou o Celso Pita.

Aqui em São Paulo vimos muito bem no que isso acaba. Vamos ter um governo absolutamente inexpressivo, sem substância, um vazio. Quatro anos esperando Lula?

Será que podemos esperar 4 anos? Queremos um presidente ou uma marionete?

Pior é se ela se meter a mandar, aí sai de baixo.

A Dilma é um zero à esquerda. Abaixo da crítica. Tem o pavio curto, uma burocrata sem nenhum cacoete político. Vai incendiar o país.

Qual é a experiência eleitoral da Dilma? Zero?

E o Lula? O que esperam os petistas se a Dilma se eleger? Ela vai nomear o Lula primeiro ministro? Então casa de uma vez com o Lula oras! Aí ele nem teria de pensar em sair do palácio do Planalto e poderia aparecer em todas as fotos, solenidades e viagens.

Acho as críticas ao Serra extremamente injustas.

Em todas as crises políticas que passamos o Serra se manteve calmo, sereno e não se envolveu, ficou na sua. E ainda o acusam.

Serra governa sem pirotecnia, sem estardalhaço. Está na hora do país viver com alguma tranquilidade, sem frases de efeito, sem televisão, sem mídia. Só com competência.

01/10/2008 16:18

Locutor L: *Enviado por: dsanilo Teixeira*

Comentar | Fechar [x]

Não entendo como comparar Serra com dilma. O PAC faz agua faz tempo. Veja a decisão do tcu. Sei que vc. adora a questão gerencial e de controle de qualidade mas ignorar que o PAC tem anos de incompetencia chega a ser cegueira irresponsavel. Já o Serra tem experiencia e gerencia responsavel para dar e vender. Comparar os dois beira a humilhação.

01/10/2008 16:47

Locutor J2: *Enviado por: luzete*

Comentar | Fechar [x]

Me permita uma leve discordância:

Você diz, ao final, que: "De qualquer modo, entre os dois o país estará bem servido."

Mas eu driria: com Dilma estará muiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiito mais bem servido. Aliás, eu quero Serra bem longe do poder. Na governança se mostrou incompetente e oportunista. Perdeu, está perdendo uma oportunidade de ouro. E São Paulo perde junto,

O episódio das eleições na cidade de São Paulo mostra um Serra desleal. oportunista.

01/10/2008 17:14

Locutor M: *Enviado por: RODRIGO*

Comentar | Fechar [x]

Engraçada são as interpretações.

Serra não é um sonho do Nassif, pode ter sido um dia, mas hj não é...

O que está explicitado é que, sim o Serra é um politico de gabarito. Trabalhou em diversos órgãos do governo, tem experiencia como prefeito e governador. Porém , está claro tb que o Nassif, diz que seus aliados hj são ruins e que ele não está mostrando o que se esperava.

Da mesma maneira o Nassif tb diz que a Dilma é uma excelente gerente, que fez o governo atual andar, sair da inércia.

Tem restrições a ambos, põe os pontos positivos e negativos de ambos. Não diz em nenhum momento, quero o serra como presidente, como muitos interpretaram...

Acho q hj o Nassif votava na Dilma, mas essa é uma opinião minha...

01/10/2008 17:56

Locutor N: *Enviado por: Francisco*

Comentar | Fechar [x]

Flavio, matou a pau em seu comentário:

"Serra não tem um "projeto de desenvolvimento". Tem um projeto de Presidencia."

Acrescentaria, desde o ministério da saúde com o conluio incondicional e irrestrito do partido da mídia.

Uma aberração, que consegue esconder que crepita uma delicada greve da polícia cível em São Paulo, enquanto o candidato faz-se ausente, cabulando dias normais de trabalho, para passear pelos estados do nordeste, em campanha.

01/10/2008 19:30

Locutor O: <i>Enviado por: Casagrande</i>
Comentar Fechar [x]
Nassif
<p>Voce diz que estaremos bem servidos com o Serra por espirito de corpo. Afinal seria a Republica dos Jornalistas. Da para formar um timaço. Civita – Eminencia Parda. Tavinho (enciumadissimo) – Ministro da Cultura. Clovis Rossi – Porta Voz. Eliane Febrão – Sucen e Anac. Brad – Abin (inteligência e com ele mesmo) e tantos outros.</p> <p>Quadros abundam!</p>
01/10/2008 20:36
Locutor-enunciador: <i>Respondido por: Luis Nassif</i>
Hehehehehehehe... Essa do Brad Pitt da inteligência foi campeã.
01/10/2008 20:52

Locutor P: <i>Enviado por: Raildo Almeida</i>
Comentar Fechar [x]
Onde chegou Nassif?
Critica tanto a Imprensa e todos.
E quem é Carlos Montenegro?
<p>Vende pesquisas a rodo. Nas quatro últimas eleições errou e feio aqui na Bahia. Ganhou um titulo para o Botafogo roubado em cima do Santos, classificando Marcio Resende de Freitas em pesquisas fajutas em Minas.</p> <p>Classifica os programas da Rede Globo todos em primeiro lugar, mesmo que a mesma esteja fora do ar.</p> <p>Está dizendo aqui em Salvador que ACM Neto ganha de qualquer um no segundo turno, mostrando em pesquisa divulgada hoje que o neto de ACM com 28% e os demais com 20%. Vou fazer uma afirmação: Acredito que ele nem irá para o segundo turno, e se isto acontecer será o segundo, tanto agora, quanto no segundo turno.</p> <p>Antes do senhor responder com sua prepotência peculiar, olhe as previsões na última pesquisa para prefeitura de Salvador(divulgadas no mesmo dia da Datafolha), e para o</p>

Governo do estado(Paulo Souto ganharia no primeiro turno e todos sabemos quem é o governador). Já tem 15 dias Gabeira reclamando do Ibope no Rio.
01/10/2008 21:58
Locutor-enunciador: <i>Respondido por: Luis Nassif</i>
Limpa o nariz, Ranhildo.
02/10/2008 0:24

Locutor Q: <i>Enviado por: Eduardo Ramos</i>
Comentar Fechar [x]
<p>Nem Dilma, nem Serra...</p> <p>CIRO ! CIRO ! CIRO !</p> <p>Entre esses três, o Brasil ficará bem mais servido, é com Ciro Gomes!</p> <p>Mas, se Ciro estiver fora, Dilma, Dilma, Dilma! - rs.</p> <p>Serra, Nassif !?!</p> <p>Jura que vc acredita que ele não traria consigo um pouco do atraso do PSDB, do jeito FHC de governar?</p> <p>Mas, o mais grave: Não depõe contra o caráter do Serra essa ambição que atropela até a ética pessoal, ao juntar-se à mídia do esgoto?</p> <p>Caraca!! Não é ele que apoia o Reinaldão...?</p> <p>Obviamente que Dilma traria o PT e seus defeitos a reboque, é claro! Mas que ela tem imposto ao Governo Lula modernidades administrativas, que me parecem mais relevantes do que o que Serra tem realizado, você não acha?</p> <p>Abço.</p>
02/10/2008 4:27

Locutor R1: <i>Enviado por: francisco.latorre</i>
Comentar Fechar [x]
<p>bem servido com serra?</p> <p>não brinca.</p> <p>para de brincar de inocente.</p> <p>serra o golpista da mídia.</p>

tem alguém mal informado. nassif, não decepciona!
02/10/2008 12:47
Respondido por: Luis Nassif
Francisco: não patrulhe.
02/10/2008 13:15

Locutor R2: <i>Enviado por: francisco.latorre</i>
Comentar Fechar [x]
<p>ô querido, não é patrulha. ignorar os fatos sobre josé serra e comentar apenas o discurso de serra é má informação. as ligações de serra com a mídia esgotada. íntimas. serra concorre em são paulo com tres candidatos: kassab, ciro moura e a incrível soninha. controla a prefeitura com andrea matarazzo. josé serra é josé serra. centralizador. sabetudo. calou pra malan de olho na candidatura. zé serra é um trator. não dá pra ignorar.</p>
02/10/2008 14:52